

COMISSÃO ESTADUAL DE LITERATURA

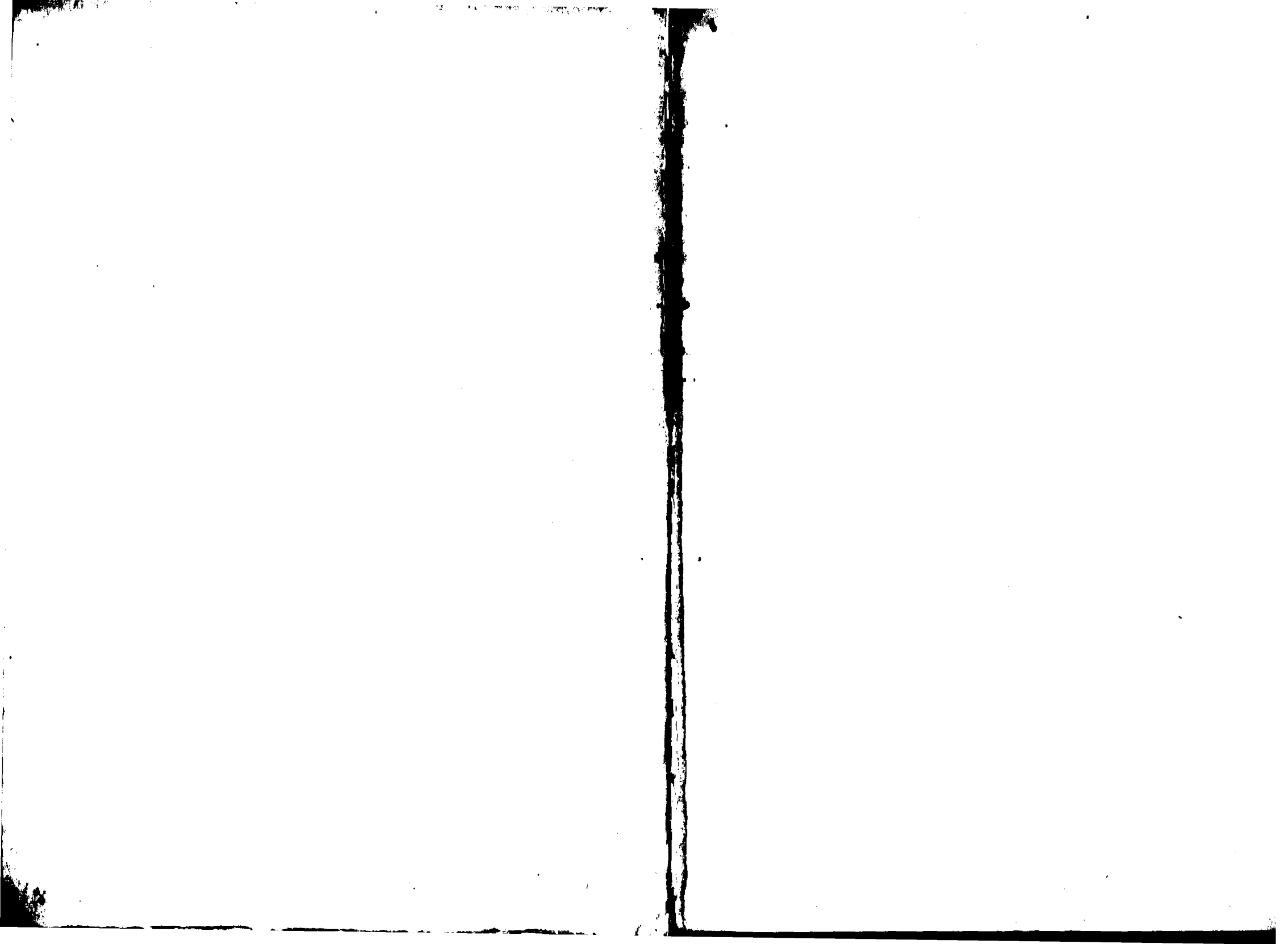
COLEÇÃO TEXTOS E DOCUMENTOS

JOSÉ ADERALDO CASTELLO

**O MOVIMENTO
ACADEMICISTA
NO BRASIL
1641 - 1820/22**

VOL. I TOMO 3

SECRETARIA DA CULTURA
ESPORTES E TURISMO



VOLUMES JÁ EDITADOS NESTA COLEÇÃO:

- N.º 1 — *João Pacheco*
ANTOLOGIA DO CONTO PAULISTA
- N.º 2 — *Domingos Carvalho da Silva, Oliveira Ribeiro Neto e Péricles Eugênio da Silva Ramos*
ANTOLOGIA DO CONTO PAULISTA, I VOL.
- N.º 3 — *José Aderaldo Castello*
ANTOLOGIA DO ENSAIO LITERÁRIO PAULISTA
- N.º 4 — *José Aderaldo Castello*
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO, I VOL.
- N.º 5 — *Pires de Almeida*
A ESCOLA BYRONIANA NO BRASIL
- N.º 6 — *José Aderaldo Castello*
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO, II VOL.
- N.º 7 — *Pessanha Póvoa*
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO, III VOL. — ANOS ACADÊMICOS
- N.º 8 — *Dante Moreira Leite*
PSICOLOGIA E LITERATURA
- N.º 9 — *Péricles Eugênio da Silva Ramos*
DO BARROCO AO MODERNISMO
- N.º 10 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADÊMICISTA NO BRASIL — 1641-1820/22 — VOL. I — TOMO 1.
- N.º 11 — *Francisco de Assis Barbosa*
BRITO BROCA — LETRAS FRANCESAS
- N.º 12 — *Vicente de Paulo Vicente de Azevedo*
FAGUNDES VARELLA — DISPERSOS
- N.º 13 — *Péricles Eugênio da Silva Ramos*
POETAS DA INGLATERRA
- N.º 14 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADÊMICISTA NO BRASIL — 1641-1820/22 — VOL. I — TOMO 2.

Castello, José Aderaldo

O movimento academicista no Brasil; 1641-1820/22. São Paulo [1969-

v. (Conselho Estadual de Cultura. Comissão de Literatura. Coleção textos e documentos, 10, 14, 15,

1. Literatura brasileira - Sociedades, etc.
I. Conselho Estadual de Cultura. Comissão de Literatura. II. t III.série

DC-869.9062



José Aderaldo Castello

Pesquisa, planejamento e supervisão:

— JOSÉ ADERALDO CASTELLO

Fixação do texto:

— ISAAC NICOLAU SALUM

— YEDDA DIAS LIMA

Auxiliares:

— CLAUDETTE P. OLIVEIRA ROSA

— MIRIAM SINISCALCO

**O MOVIMENTO
ACADEMICISTA
NO BRASIL
1641-1820/22**

VOL. I — TOMO 3



**CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA
SÃO PAULO**



ACADEMIA BRASÍLICA DOS
ESQUECIDOS - 1724

CONTINUAÇÃO

10.a CONFERÊNCIA
DE 10 DE SETEMBRO

Oração que disse na Academia dos Esquecidos no dia dez de setembro de 1724 o Doutor João Borges de Barros, Cura confirmado da Sé da Bahia, e Chanceler da Relação Eclesiástica.

Subir ao honorífico dêste lugar, e aparecer em um teatro tão ilustre, e de tão sábios ouvintes com o caráter de orador, foi sempre coisa tão fora dos meus pensamentos, como alheia da minha profissão: depois que pela escola troquei a murça, e tomei sôbre os ombros o encargo de cura de almas, ainda quando ponho os olhos na livraria, como é para tratar com mortos, julgo sempre por desacêrto lançar mão de outros corpos fora daqueles, em que só se aprende a doutrinar os vivos; como nestes me não encontram erudições profanas, esquecido delas, e lembrado só de aplicar-me aos cuidados da minha Igreja, no sagrado dela, me julgava gozando de tôda aquela imunidade, que a meu parecer, me isentava desta presente obrigação, da qual enfim não pude eximir-me, por não atropelar as Leis da minha obediência a um Príncipe, cuja presença se bem alenta por uma parte com o seu favor a minha curta retórica, de sorte me acovarda por outra com a sua grandeza, e profundo entendimento, que não é fácil exprimir a língua o grande temor, que traz em mim a reverência depositado no coração.

É êste tão de casa, e tão familiar a todos os oradores, que dizer algum que o não sente, ou deve passar por graça, ou por milagre da natureza, Marco Túlio mestre da oratória até de si chegou a confessar: **in principiis dicendi tota mente, atque omnibus artubus contremisses.** Esta confissão, que de si fazia o Príncipe dos Oradores, ainda que foi sem culpa, não foi sem causa: orava em um senado tão douto, como nobre, e o que mais é, diante de um César, cuja presença sômente, tanto aterrava aos mais valentes inimigos na campanha, como nas aulas aos mais insignes oradores.

Tenho dito o que basta: para que Vossa Excelência também tenha entendido, que o meu rendimento ao menor aceno da vontade de Vossa Excelência é aquêle, que aqui me traz a seus

pés, meramente por dar gôsto a Vossa Excelência, fazendo o que está na minha possibilidade; por conta de Vossa Excelência corra não só dar-me a costumada vênia para começar, e prosseguir o meu discurso, mas também o animar-me com algum sinal de sua natural benevolência, para que não pareça esta oração corpo sem alma, e porisso digna de sepultar-se em silêncio perpétuo, sem mais sufrágios, do que aquêles, que sirvam só de condenar-me a desistir do officio.

São os discursos, meu senhor, semelhantes aos Rios, que para se formarem no baixo, e humilde dos vales, se precipitam do alto, e eminente dos montes, levando as águas prêsas nas suas correntes, té lançá-las aos pés do mar nas suas praias: esta breve oração, assim como se concebeu, e nasceu entre montes de dificuldades, assim também se formou no rasteiro do meu fraco engenho, do qual confesso ser tão limitada a corrente da eloquência, que me envergonho de a pôr aos pés de Vossa Excelência; e certamente a não poria, se me não trouxera prêso aquêle favor, e graça, com que Vossa Excelência tanto se digna honrar-me.

O Mar é Vossa Excelência, quando não por outros títulos, que sem número concorrem na esclarecida pessoa de Vossa Excelência, por seu vasto, e profundo entendimento; se a maré fôr tão boa, que mereça as enchentes da graça de Vossa Excelência, navegará o discurso com menos risco a mercê da aula, que sem dúvida conseguirei senão à fôrça de merecimento próprio, a favor da lisonja alheia, que fingindo pôr a mira no tôsko dêstes borrões, fará realmente o alvo no agrado de Vossa Excelência, que tanto procuram todos merecer.

Considerando em a matéria, que havia de eleger para argumento desta oração, julguei convinha ser tal, que nem fôsse alheia do auditório, nem desdissesse do orador, que por eclesiástico não é bem que se afaste, ainda os mesmos pensamentos, do que é próprio do seu estado. No conhecimento desta verdade me acolhi ao sagrado, e assentei comigo tratar dos templos, mostrando serem as fortalezas, que melhor defendem as praças da injusta invasão dos inimigos. É pensamento de Mascolo no engenhoso elogio de São Leopoldo, Marquês de Áustria. Está proposto o argumento, comecemos a discursá-lo.

A primeira lei dos que militam, é fazerem-se respeitados, introduzindo nos ânimos dos seus contrários o temor do vencimento com a certeza da morte; para êste fim parece que se fabricaram os templos, aonde se não ganha palmo de terra, que não seja para sepultura própria, perdendo primeiro a vida. Os

troféus, que nêles se levantam, são campas, que se assentam sobre a memória dos mortos, despachando-se os mais altos mercenários com direito reservado somente para o outro mundo.

Se tem tribunas, tem juntamente tribunais, aonde confessam, ainda os mais valentes, suas fraquezas com protestos de arrependidos, nem se consegue o perdão sem pena, dando-se a cada qual a sentença conforme a gravidade dos seus delitos, sem outro mais partido, que o que traz consigo a inteireza da confissão.

Se passamos do pavimento aos altares, que são os baluartes dos templos, debaixo de ricas cortinas se ocultam preciosas peças, fora aquelas, que a beneficio de uma corda, publicamente ardem em perpétuo fogo. Se subirmos ao teto, fazem-lhe sempre lado as tórres, e os sinos lhe servem de morteiros, com que o tempo, que é a duração das vidas, se despedaça em quartos a qualquer hora. No cume destas tórres, ou torreões por estandartes se collocam grimpas, que só têm de firmes, o que os ventos têm de constantes, seguindo sempre o rumo do que reina: claro documento da variedade da fortuna nos sucessos da guerra, e de que hoje pode ser vencido, quem ontem se considerava vencedor.

Com tantos motivos para o medo quem há de ser tão destemido, que ataque uma praça fortificada com templos, sem receios de malograr a vitória? Duas vezes entraram os Franceses antigamente à cidade de Roma, chegando atrevidos em uma delas a cercar o Capitólio, que era o templo de Júpiter, não se dando por seguros, senão depois da sujeição do templo; e quem lhes dissera que ali os aguardava a sua ruína?

Aplicados à conquista do Capitólio, e a seu parecer já vencedores, bem descuidados estavam do que logo succedeu, quando, com fatalidade nunca vista, foram repentinamente acometidos por aquêl famoso Romano chamado Camilo, que com limitado número de companheiros, e êstes mal disciplinados, tão felizmente os desbaratou, como diz Plutarco, que grande parte pagou com as vidas o atrevimento; e aquêles melhor livraram das mãos dos Romanos, que se entregaram à ligeireza dos pés, com temor tão sem freio, que à espora ficta fugiram, e ainda depois de se fazerem à vela, lhes parecia levar por proa ao Capitólio, e à pópa em seguimento seu ao irmão de Remo: *Gallos ingenti coede fudit, fugauitque*; diz o referido Autor.

E para que não ficassem alguns escrúpulos, e viesse ao pensamento de alguém, que a vitória se devia ao valor dos combatentes, e não ao favor do templo, advertidamente acrescenta logo abaixo, que assim como foi milagre entrar o inimigo a uma ci-

dade presidiada (sic) com aquêlo templo, assim foi a vitória prodigiosa, e alcançada com poder oculto, e por benefício seu: **itaque Roma magno miraculo capta, maiore est recuperata.**

Para que a fé desta verdade não fique à discrição, e cortesia dos ouvintes, apuremos mais êste ponto com outro sucesso totalmente alheio da intervenção dos homens. Um templo tinha em Roma o Deus Jano, a que vulgarmente chamavam porta de Marte; antes de passar adiante, não posso deixar de reparar, que sendo o templo de Jano, lhe chamassem porta de Marte? o Deus Marte era o Deus da Guerra, e o autor das vitórias; Jano não; pois como era porta de Marte, o mesmo templo que era de Jano? como os templos dão, e seguram as vitórias, parece que sai dêles a conseguí-las o Deus da Guerra, quando assim o pede a ocasião; porque a maior guerra, com que se vencem os inimigos, os templos a fazem: esta foi a razão, porque sendo templo de Jano, se chamava porta de Marte.

Só resta acudir a uma dúvida, que se pode oferecer contra o que disse, e vem a ser, que militando esta razão em todos os templos, porque só se chamou assim o templo de Jano? Esta dúvida tem várias respostas, darei uma só, por poupar tempo: chamou-se porta de Marte o templo de Jano; porque foi o primeiro, que pelejou por Roma, depois que nela se fabricaram templos: por ser também aquela a primeira ocasião, em que a desgraça, ou a covardia dos Romanos necessitou do seu socorro, e patrocínio: tanto às públicas, e declaradas foi o sucesso, que é o que atrás íamos a referir.

Andavam os Sabinos em guerra, e resolutos em certa ocasião a pôr fim à intentada emprêsa, talando com os próprios pés a mesma cabeça daquele grande império. Invadiram a cidade de Roma, levando ao belicoso Tácio por General; principiado o assalto, acudiram os Romanos a defender-lhes o passo, embarcando-lhes a porta da cidade, a qual ainda que três vêzes fecharam a muita custa, sem saberem quem lho estorvava, de tôdas três imediatamente se tornou a abrir logo por si mesma, com superior impulso. Disputada a entrada com as armas na mão de parte a parte, fraquearam os Romanos, e franqueando a porta a seus contrários, se retiraram.

A borbotões começaram a entrar logo os inimigos atrás dos fugitivos com as espadas nuas a gozar do fruto que supunham parto daquelas fôlhas. Tinha-se avançado já grande parte pela porta dentro, seguindo as pisadas dos primeiros o resto do exército, que ficava atrás com pouca, ou nenhuma contradição; quando brotou prodigiosamente do templo de Jano um caudaloso Rio de água fervendo, que arrojando-se aos inimigos, afogou a maior

parte d'elles, e aos poucos, que escaparam, deixou tão maltratado, que a memória de Roma foi para elles um perpétuo esquecimento das armas. Daqui nasceu entre os Romanos aquêllec costume de fecharem as portas do sobredito templo no tempo da paz, e de as terem sempre abertas no tempo da guerra; certos que do templo lhes havia de sair todo o subsídio necessário para a defesa da cidade.

O Autor do templo foi Numa, Numa aquêllec tão grande, como Sábio Rei, que em 43 anos de seu govêrno, com a coroa, que trazia sobre a cabeça, trouxe a fortuna sempre por baixo dos pés, reinando com tanta paz, que não houve quem se lhe atrevesse a fazer-lhe guerra, que o perturbasse; mas como não havia de ser assim, se todo o seu cuidado applicava não só à reparação dos antigos, mas à fábrica de muitos templos, que de nôvo levantou: n'estas descansava o cetro, e com êstes se fazia temida a sua coroa, dormindo seguramente a soldadesca no ócio da paz, sem lhe vir à memória, nem sequer por sonhos, o trabalho da guerra.

Já se houvermos de passar do material ao formal dos templos, tudo quanto se encontra são razões ainda mais relevantes, que fortemente nos persuadem esta verdade. O formal dos templos consiste nos sacerdotes, e nos sacrificios: vamos por partes, para procedermos com mais clareza. São de tanto emolumento para a segurança de uma cidade, os sacerdotes, que parece trazerem à suas ordens a fortuna da guerra, e defesa incontrolável das praças.

Os Reis, que melhor defenderam seus Estados entre os antigos, foram juntamente sacerdotes, um d'elles foi Numa, outro foi Anio: **Rex Annius, Rex idem hominum, Phoebique Sacerdos**. E se olharmos para o nosso Reino, temos a prova na saudosa memória daquele feliz Monarca o Sereníssimo Rei o Senhor Dom Henrique, no qual tão ditosamente se uniram para bem do Reino as duas coroas, e as duas púrpuras.

Nunca entraram ao exercício das suas ordens os antigos sacerdotes, que não fôsem coroados; é advertência do Príncipe dos Poetas: **Populeis adsunt, euincti tempora ramis**. O mesmo confirma Apolônio: **Flauaque sunt uiridi redimiti tempora Lauro**. Quando chegavam ao pé do altar, já era com a coroa na cabeça, como em sinal da vitória. Daqui teve sem dúvida a sua origem aquêllec uso de terem até as fortalezas sacerdotes próprios: **Panthus othriades arcis, Phoebique Sacerdos**; que nem estas se davam por seguras sem a proteção dos sacerdotes.

Não duvido que a muitos pareça isto superstição gentilica; o que eu julgo é, que foi uma figura daquele privilégio, que logram os sacerdotes do verdadeiro Deus. A Arão seu verda-

deiro sacerdote pôs Deus Nosso Senhor êste preceito, quando lhe ordenou a forma do vestido: fareis escudos de ouro puro, e os trareis na veste que é insígnia do vosso sacerdócio; assim comenta êste lugar Santo Agostinho, São Gregório Nisceno: **ex lapidibus ad interiorem partem scuta quaedam pendebant.** E para que fim? ou para que motivo? porque os sacerdotes são os que defendem dos inimigos: é resposta do mesmo Santo Doutor — **qui duobus his scutis aduersariorum tela repulerit.** E mais claramente o disse Castilho explicando o mesmo texto: **scutis ornabatur Pontifex, ut ostenderet eum, qui sacerdotali puritate fulget, in se habere protectionem.** Mandou Deus que trouxesse Arão escudos na veste sacerdotal, para nos dar a entender que nos sacerdotes tínhamos a nossa proteção: isto pouco mais, ou menos foi o que disse Plutarco. Sucedeu a Numa Pompílio, depois de ordenado sacerdote, cair-lhe do Céu entre as mãos um escudo, que o mesmo Rei afirmou ser-lhe enviado pelos Deuses, para defesa de Roma: **esse ea arma ad salutem urbis missa.**

A repetida experiência dos continuados sucessos faz tão pública entre os antigos esta certeza, que em muitas nações por lei comum não podia ser Rei, quem não era juntamente sacerdote. Dos Egípcios o afirma claramente Santo Ambrósio alegando a Platão: o mesmo refere Xenofonte de todos os Reis Lacedemônios: o mesmo Santo Isidoro dos Romanos, e consta dos Sagrados Cânones expressamente no Cap. **Claros. distinct.** 21.

Tão elevada é a dignidade sacerdotal como isto; porque nos ombros dos Reis carrega a obrigação de defender o Reino; no sagrado do sacerdócio queriam os povos segurar a sua defesa; mas de que armas, ou de que meios usam os sacerdotes para enfraquecer a potência contrária, e domar os orgulhos do inimigo? As armas, e os meios mais eficazes, de que usam, são os sacrificios; a hóstia, que se consagra a Deus, é a que atalha, e refreia as hostilidades da guerra; sacrificá-la é vencer, e da mesma vitória traz deduzido o seu nome; ouçamo-lo da bôca de um gentio: **uictima, quae dextra cecidit uictrice uocatur;** — **Hostibus admisis hostia nomen habet;** disse religiosamente Ovídio.

Porisso Numa Pompílio, depois que se lhe deu a vestidura de Sacerdote, fundou tanto no exercício daquele caráter a segurança do seu império, que quando se lhe dizia que alguns outros Príncipes intentavam mover-lhe guerra, com todo o sossêgo, e rindo-se respondia, e eu faço sacrificios: **Arridens dicebat, ego uero sacra facio.** Tinha o Religioso Príncipe penetrado tanto êste mistério, que na sua fé descansava, rindo-se, e zombando daqueles accidentes da fortuna, que põem a outros em mortais angústias, e os faz derramar muitas lágrimas.

Das máquinas da guerra, com que os antigos batiam, e conquistavam as muralhas, e fortalezas contrárias, as mais principais eram duas, uma, a que chamavam vinha, outra, a que chamavam carneiro; falo com ouvintes sábios, e versados nas letras humanas, porisso não me demoro em explicar a figura, e préstimo de cada qual; ouçamos a Porpécio, e basta: Dumque aries murum cornu pulsabat aleno — Vineaque inductum longa tegebat opus.

Ita é o que supponho sabem todos, mas não sei, se todos advertem no mistério daqueles instrumentos, Carneiro, e Vinha. Que mais claro jeroglífico do sacrossanto mistério da Eucaristia? Este é o sacrificio incruento da lei da graça: na hóstia debaixo das espécies de pão se sacrifica o Cordeiro de Deus; no cálice seu precioso sangue debaixo das espécies de vinho: applicamos o referido ao nosso intento. Para derrubar muros, e conquistar praças contrárias entre os antigos, bastavam as vinhas, e os Carneiros: para defendermos hoje as cidades próprias nobejam os sacrificios do altar: a incruenta vítima do Cordeiro de Deus, que nos templos lhe oferecem os sacerdotes em patena, e cálice de prata, sem necessidade de recorrer ao uso do ferro, nem do bronze: foi o que disse agudamente Marcial, como peitado para o nosso intento.

Quae litat argento prote, non sanguine, Caesar/Victima, iam ferro non opus esse docet. Depois do Santissimo seguem-se os Santos, a quem os templos se dedicam, e consagram os altares: o seu patrocínio não falha, como obram interessados nesta causa, portam-se como necessitados, por defenderem os seus templos, militam pelas cidades em que se acham, empenhando o resto do seu poder. Assim militou, pelejou, e venceu São Martinho Bispo Toronense, defendendo a cidade de Leão de França, aonde tinha um seu templo. Assim pelejaram, e venceram aos Cartagineses os grande Apóstolos São Pedro, e São Paulo, defendendo a Roma, donde têm o principal, e mais suntuoso templo daquela Cúria. Assim pelejou, e venceu muitas vèzes aos Sarracenos o Apóstolo São Tiago, defendendo várias cidades, em que tinha alguns templos debaixo do seu nome, e patrocínio. O mesmo fêz, e pela mesma causa o grande Precursor de Cristo em Malta, e Rodes. O mesmo em Escócia Santo André contra os Ingleses. O mesmo contra os Romanos São Sabino Bispo, e Mártir em Espeleto. O mesmo em várias partes de Itália São Teodoro contra Búlgaros, Turcos, Citas, e Aussianos.

E deixando vários outros exemplos, baste por todos, o que publica a tradição comum do nosso Glorioso Português Santo António nesta mesma cidade em o maior apêrto da guerra, que

últimamente sustentou contra os Holandeses inimigos então da Coroa Portuguesa: é fama constante, que visivelmente pelejara em defesa desta praça, querendo-a entrar por aquêle arrabalde, donde tem o seu templo: confessando os mesmos contrários, depois de conseguida por nós a vitória, que quem mais nos conflitos os aterrara fôra um frade, que sòmente com o seu cordão parecia sustentar todo o pêso dos assaltos, que repetidas vêzes nos deram na trincheira, que defende a cidade por aquela parte.

Ainda não disse tudo: são os templos de tanto agrado dos santos, que não só tomam armas para defendê-los, mas ainda os lugares, em que se lhes hão de fabricar alguns de nôvo, só com êste interêsse de os conseguir. Estes são os hábitos, estas são as comendas, a que aspiram, não para serem titulares das Côrtes, sim para serem titulares das praças. O grande Bispo de Milão Santo Ambrósio, cuja campanha foi sempre a sua livraria, e que não empunhou em vida mais outras armas, que a sua pena: depois de morto se viu montado a cavalo com a espada na mão fazendo proezas, e maravilhas em defesa daquela nobilíssima cidade, que em um famoso templo o venerava como seu padroeiro contra Retos, Helvícios, e Alemães; e não contente com vencer ao inimigo dentro dos muros, saiu a recebê-lo em campo raso, no qual ao depois se lhe fundou um templo em reconhecimento da vitória.

E se êste é o timbre, ou capricho dos Santos, qual será o daquela, que entre os santos é também Santíssima, Rainha, e Senhora de todos, a Mãe de Deus: não saíamos da Bahia, e vejamos nela o que nos podem testemunhar outras muitas cidades do mundo católico.

O primeiro templo, que se fundou neste continente, foi o de Nossa Senhora da Vitória, feliz auspício de tôdas, e principalmente daquelas, que ao depois alcançou contra as armas Holandesas. O segundo, e primeiro nesta cidade, foi o de Nossa Senhora da Ajuda; e que vitórias se não prometeria, uma cidade com a ajuda da Senhora tanto de casa?

Cem anos porém fazem agora, que governando êste Estado o Senhor Diogo de Mendonça, não só entrou João de Vandort General Holandês com uma grossa, e poderosa armada de 35 naus, senão que saltando em terra os inimigos, sem haver quem lhes impedisse o desembarque, se alojaram nas nossas mesmas campanhas, aquartelando consigo um grande número de gente de guerra, para com ela sitiar, e conquistar a cidade, como conquistou, e rendeu.

Isto, que a muitos parecerá menoscabo da proteção da Senhora, e argumento forte contra todo o deduzido neste discurso,

foi altíssima providência de Deus para sua maior confirmação. Se o romper muros, e entrar cidades fóra o mesmo, que cantar vitórias, fóra também a Bahia desgraçada; mas quantos cabos lamigerados entraram nela para ficarem, uns mortos, e outros prisioneiros.

Aquartelados os inimigos, trataram de fortificar-se com Diques, e Trincheiras. Próspera parecia correr-lhes a fortuna; quando saindo um dia o General Vandort montado a cavalo, com quinhentos mosqueteiros de sua guarda, a examinar a campanha de Nossa Senhora do Monserrate, bastou somente um Português, chamado João de Padilha, para lhe cortar a cabeça em uma escaramuça, que com êle travou, levando-a ao nosso Arraial, donde a apresentou a Francisco Nunes Marinho Governador das nossas armas; começando logo o corpo daquele exército a sentir na cabeça do General o castigo de seus loucos pensamentos.

Antes de completar-se o ano surgiram neste pôrto em dia de Sexta-feira Santa de 1625 as duas armas de Portugal, e Castela, trazendo esta por General a Dom Fradique de Toledo, e constava de 40 naus, e aquela a Dom Manoel de Meneses, ramo de esclarecido tronco dos Marialvas, e constava de 26 naus. Assim que desembarcou o General Castelhana, ficando o Português embarcado com o govêrno das duas armadas, se fêz logo senhor da campanha, escolhendo para alojamento dos exércitos os lugares, que entendeu serem mais cômodos para a defesa própria, e ruína dos seus contrários, acampando ao Castelhana no sítio, em que se acha hoje o hospício de Nossa Senhora da Piedade, e ao Português no outro, em que hoje vemos o Religioso Convento de Santa Clara do Destêrro: fatais vaticínios do successo futuro; lugares, em que se haviam de fundar templos à Senhora do Destêrro, e à Senhora da Piedade; que outra coisa prognosticavam as nossas armas, senão chegar-se o tempo de usar conosco a Senhora da sua costumada piedade, desterrando da terra aos inimigos.

Assestadas aqui as baterias, começaram a intimar-lhes os últimos desenganos por bôcas de fogo, línguas de chamas, gargantas de bronze, e vozes de ferro; mas como as primeiras cargas não mostrava abalar-se o inimigo, assestou o General nova bateria no sítio, que já estava decretado por Deus, para nêle se levantar o templo à Senhora da Palma. Não sofreu a Mãe de Deus mais dilações para nos pôr a vitória nas mãos, como empenhada já então com o título do futuro templo, que naquele monte, chamado das Palmas, lhe havia de levantar a devoção Portuguêsa. Governada por sua poderosa mão, começou logo a

descarregar a artilharia sôbre a cidade com tão formidável estrago, e tanto fogo, que bastara para reduzir em cinzas ao inimigo, se logo se não rendera como rendeu.

Escandalizados os Holandeses despacharam uma poderosa armada de 40 naus com o conde de Nassau por General, empenhado a restaurar não tanto a praça, como a honra da nação, e crédito das armas, que julgava perdido às nossas mãos. Chegados a êste pôrto em 14 de abril de 1638, governando o Estado o Senhor Pedro da Silva. Desembarcados os inimigos se acamparam naquele monte, a que hoje chamamos da Soledade.

Assestaram nêle uma forte bateria contra a cidade, e começaram a jogá-la com tanto estrondo, que a puseram em grande consternação. Ó quem então nos dissera a nós, e a êles, a nós, para nossa consolação, e a êles, para desengano da sua fatalidade, que tinha Deus determinado aquêlê sítio, para levantar nêle a piedade vindoura um templo à Senhora da Soledade.

Depois de passados 40 dias, em que muito à sua custa sustentaram o pôsto, fêz finalmente que o desertassem a desesperação de vencerem, e o mêdo de ficarem vencidos, desenganados ambos, êles da sua desgraça, e nós da nossa felicidade. Assim sabe, e costuma a Mãe de Deus defender não sòmente os lugares, em que já logra templos de presente, senão também aquêles, em que espera logrâ-los de futuro.

Não é êste ainda o maior beneficio, que a sua liberal mão nos comunica; livrar dos inimigos da terra, é coisa que fizeram muitos outros tantos; a maior graça, que da Senhora recebemos, é livrar-nos dos castigos do Céu. São sem número as provas desta verdade; mas só quero aproveitar-me daquela, de que são testemunhas os nossos olhos.

Ameaçada por Deus esta cidade com um medonho cometa, e um terremoto nunca visto, nem sentido nela, se começaram a fechar os céus, e mostrar-se todos de bronze, negando-nos o necessário concurso das águas para a conservação da vida humana. Foi tão cruel a sêca, e chegaram a correr tão escassamente as fontes, que mais pareciam lançar lágrimas chorando a nossa desgraça, do que água para remédio da nossa necessidade.

Recorremos ao templo de Nossa Senhora da Ajuda, rogan-do-lhe nos tomasse debaixo da sua proteção, para livrar-nos daquele açoite, com que já começava Deus a vingar suas ofensas, castigando as nossas culpas: com solene procissão, que Vossa Excelência pessoalmente acompanhou, a levamos do seu templo para o da nossa Metrôpole, aonde com maior excesso empenhamos o seu patrocínio em defesa nossa.

Mostrou-se por então a Senhora dificultosa, e como surda às nossas rogativas; depois de outras muitas diligências, e demonstrações da nossa piedade, recorreremos por último ao nosso Santo, e milagroso Padroeiro São Francisco Xavier, aviventando mais a nossa fé a continuação da nossa calamidade. Em solene procissão também o trouxemos pelas ruas mais públicas desta cidade; sendo Vossa Excelência o Atlante daquele Sol desde o seu templo até o da Sé, com notável edificação de todos: Raro exemplo da Cristandade de Vossa Excelência, e notável prova da sua esclarecida fidalguia! Que o esmalte do sangue, Meu Senhor, é a virtude, e os Príncipes quando mais Cristãos, então mais Príncipes!

Levado assim o Santo com inúmeravel concurso, ao passar pelo templo da Senhora da Ajuda, caso misterioso! solta o Sol, que levava, insignia, e jeroglífico de si mesmo, deixando-o cair das mãos, como quem o punha aos pés da Senhora naquele seu templo, e como dando-nos a entender também, que dali se devia sollicitar o nosso amparo.

Chama-se, São Francisco Xavier por antonomásia Sol do Oriente, e lançar em terra o seu retrato defronte daquele templo, que outra coisa foi, senão prostrar-se lançando-se aos pés daquela Senhora do melhor modo que pôde, para empenhá-la no livramento das nossas vidas: Assim como o Santo se figura no Sol, assim a Senhora se representa na Lua, e do Sol é próprio não dar vitórias, em que a Lua não intervenha, como autora, e causa principal. Quando Josué quis livrar aos Gabaonitas da opressão dos Amoreus, diz o Texto sagrado, que se valeu do Sol, e mais da Lua; a ambos empenhou na vitória, e fizeram ambos o que Josué pediu: *Steteruntque Sol, et Luna*. Se Josué queria socorro de luzes, peça luzes ao Sol, que é o autor do dia, e pare o Sol embora a sua petição; mas pedi-las à Lua, e parar esta, como Josué pedia; porque causa, ou com que mistério? com o que direi.

O Sol é semelhante aos Santos, a Senhora retrata-se na Lua; para os Santos concederem vitórias, há de concorrer a Lua com sua ajuda, ou para dizer melhor, hão de ajudar-se da Lua. Como o Santo Xavier é Sol, não só por razão comum de Santo; mas por título, e merecimento especial, para dar-nos a vitória, que desejávamos na guerra, que o Céu nos fazia, lá foi buscar a intervenção da Lua, isto é, a de Nossa Senhora da Ajuda no meu templo.

Fêz a Senhora pelo Santo, o que não tinha feito por nós, porque enfim o não mereciam nossos delitos, e sobravam para consegui-lo seus altos merecimentos; a ambos devemos viver

reconhecidos; à Senhora, e ao Santo Padroeiro, mas com duas advertências. Primeira, que daquele templo teve o favor a sua origem; segunda, que moverem-se a impetrá-lo de Deus, assim a Senhora, como o Santo, se deve em muita parte à grande devoção, com que Vossa Excelência venera assim ao Santo, como à Senhora.

A primeira verdade é tão notória, que não necessita de que eu a inculque. Desde a Índia começaram a publicá-la os correios da fama. Diga-o aquela preciosa lâmina inseparável da vista, o coração de Vossa Excelência, na qual está gravado o nome do mesmo Santo, e escrito por sua própria mão. Digam-no aquelas duas inestimáveis Relíquias, que Vossa Excelência trouxe, não só para enriquecer, e eternizar a sua Ilustre Casa, mas também ao mesmo Império; pois ofertando Vossa Excelência uma à sereníssima Rainha nossa Senhora, a enviou logo ao Imperador seu Irmão com aquela atestação, que Vossa Excelência passou, e certamente foi mais bem aceita do mesmo Imperador, e de toda a sua Côrte, do que se lhe entrassem nela todos os tesouros do Oriente.

A segunda tem tanto de mais secreta, quanto de mais reconcentrada no peito, e coração de Vossa Excelência. Diga-o aquela rica imagem da Mãe de Deus, a quem Vossa Excelência com tão cordial afeto fez santuário do seu mais íntimo gabinete. É sem dúvida, meu Senhor, que deve estar a Mãe de Deus muito obrigada a Vossa Excelência, quando não fôra por outra causa, por deixar-lhe Vossa Excelência enriquecida esta cidade com mais quatro templos, que são o da Senhora da Barroquinha; o da Senhora da Lapa; o da Senhora da Saúde; e o da Senhora de Nazaré, que no discurso do feliz, e sempre memorando Vice-Reinado de Vossa Excelência se lhe tem levantado, para mais honra sua, e mais firme segurança nossa.

Nas fundações, e fundamentos dêstes lançou Vossa Excelência por sua própria mão as primeiras pedras, que parece foram imãs do afeto, que assaz tem mostrado o zêlo de Vossa Excelência em promover eficazmente às futuras obras, assistindo sempre a tôdas as festividades, que se fazem nêles à mesma Senhora.

Mas ainda que Pároco, nem porisso quero, nem posso desobrigar a Vossa Excelência do muito, que também deve à Mãe de Deus, e se Vossa Excelência lançar os olhos por todo o mapa da sua vida, sem dúvida encontrará com tantos mimos recebidos da mão desta Senhora, que seria como impossível o referi-los; mas seja-me licito dizê-los em suma com aquela brevidade, que pede a ocasião presente.

Lembre-se Vossa Excelência, que sendo o primogênito da sua Ilustre Casa, e trocando os regalos dela, e os passatempos da Corte logo na primavera dos seus anos pelos riscos, e trabalhos da guerra por mar, e terra em serviço do Príncipe, e também da pátria, parece que nunca moveu Vossa Excelência o pé, nem que a Senhora lhe não segurasse o passo, nas armadas, em que Vossa Excelência repetidas vêzes embarcou no maior rigor dos Invernos a cruzar os mares de Portugal, Castela, e Gibraltar: e a Senhora sempre livrou a Vossa Excelência não só daquela fatal batalha, mas também da grande fúria dos ventos, abatendo as ondas, e serenando os mares nas maiores tempestades.

Nos conflitos da guerra, em que Vossa Excelência exercendo aquêles postos dignos da sua pessoa, sempre se achou com tanto crédito do seu valor, sendo para outros a fortuna tão avara, para Vossa Excelência lhe tinha a Senhora cravado a roda, tirando-o sempre a salvo dos mais arriscados choques, e das mais sanguinolentas batalhas com inveja de muitos, e imitação de poucos.

Debaixo do mesmo amparo da Senhora três vêzes tem Vossa Excelência passado a Linha, e duas o Cabo da Boa Esperança, com o pano cheio, fixa a agulha naquele ponto, que dirigido todo a ter mão no cetro português entre as bárbaras nações da Ásia bastara para coser a púrpura a Vossa Excelência, se na balança da justiça se pesassem com retidão os seus grandes merecimentos.

Com especial cuidado conservou a mesma Senhora a vida a Vossa Excelência no Estado da Índia, aonde o excessivo calor do clima só serviu de acender no belicoso peito de Vossa Excelência aquêlo fogo, com que não somente fêz arder no pôrto de Surrate, e por outros mares aos Galeões Arábicos, mas também as armadas do Angariá à vista das suas mesmas praças, fazendo abrasar as terras dos Régulos, e inimigos da Coroa Lusitana, até com efeito os subjugar, e fazê-los a ela tributários; e o que mais é, obrigando ao poderoso Rei da Pérsia a satisfazer o feudo, que havia muitos anos não pagava.

O que tudo sendo muito, ainda parece pouco, em comparação daquele successo, na minha opinião, e na de todos milagroso, e como tal digno de se gravar em lâminas de bronze; quando a Mãe de Deus livrou a Vossa Excelência nesta cidade daquele evidente, e horroroso perigo, o qual cometeu a generosidade do valor de Vossa Excelência, eximindo-o dêle as regalias do pôsto, que Vossa Excelência tão dignamente ocupa: fatal noite! em que na Luz daquele principado, e medonho incêndio vimos a vida de Vossa Excelência tão arriscada entre as chamas, que tinham

desgraçadamente feito prêsa da fábrica, e oficina da mesma pólvora, com tão vizinho estrago, que ateando-se já pelas paredes, e tetos da Casa, em que se achavam mais de quatrocentos barris de pólvora; os que acudiam a pôr-lhe freio, pelo pavimento a pisavam solta, da que continuamente se fabricavam.

Esta iminente calamidade de se abrasar, e arder a Bahia, preveniu Vossa Excelência desprezando a vida, por aplicar-lhe oportuno remédio. Não disse bem: essa comum fatalidade atalhou a Senhora por conservar particularmente a vida a Vossa Excelência, e poupar-lhe as cinzas para injúria dos anos, e tardio depósito do mais nobre mausoléu; e porventura que todos êstes favores sejam ainda a menor parte a respeito daqueles, que da sua liberal mão receberá Vossa Excelência para o tempo futuro; porque é próprio da Soberana Virgem fazê-los continuos, e cada vez maiores a quem lhos sabe merecer; pois por muito que dê, tem sempre muito mais que dar.

Para o termos assim por certo, sòmente baste advertirmos na misteriosa analogia do seu Santíssimo Nome, cuja grandeza também com algum mistério soleniza hoje a Igreja, dia em que tanto a caso trago à memória de Vossa Excelência os maiores benefícios, que lhe tem comunicado.

Disse Santo Antonino, que assim como a êsse vasto, e líquido elemento chamou Deus mar, por ser uma congregação de tôdas as águas, assim pôs à Senhora o nome de Maria, por ser um mar de tôdas as graças: **Congregationes aquarum appellavit maria: congregatis omnibus gratiis in animam uirginis, appellavit eam Mariam, quasi mare gratiarum.** Êste mar para os mais tem marés, se umas cheias, outras vazias; porque nem sempre se aproveitam dêle, quando, e como se podem aproveitar: para Vossa Excelência parece que só tem braços, nos quais o traz a Senhora continuamente, como a mais amante Mãe ao mais querido filho: os Rios, que de si lança, são daqueles perenes favores, que sucessivamente está fazendo à Vossa Excelência, os quais serão novas, e multiplicadas torrentes, que devam ter a Vossa Excelência em prisão perpétua, para nunca faltarlhe com aquêl amor, e honra, com que Vossa Excelência tanto costuma venerá-la, seguro que na continuação do culto dos seus templos terá Vossa Excelência o mais eficaz meio para conseguir quanto pode desejar em aumento da sua esclarecida casa, e da mesma Ilustre pessoa de Vossa Excelência.

João Borges de Barros.

[Assinatura com letra diferente]

Ao Presidente

Em louvor do Presidente que foi o Reverendo
Doutor João Borges de Barros Desembargador
da Relação Eclesiástica e Cura da Sé desta cidade

Ao muito Reverendo Senhor Desembargador João
Borges de Barros

DÉCIMA

Meu Doutor, quem tão fecundo
Orando sabe ensinar,
Pode ignorâncias curar,
De que está enfêrmo o mundo.
Neste meu discurso fundo
(Se alguém doente se vê)
que a melhor mesinha é
Tomar na Sé lições vossas,
Pois para ignorâncias nossas
Já temos cura na Sé.

Secretário.

[José da Cunha Cardoso]

Ao muito Reverendo Padre o Doutor João Borges
de Barros, Cura Meritíssimo da Santa Sé, na
ocasião em que presidiu, e orou na Academia
Bahense.

EPIGRAMA

Quase a ponto de expirar,
corrupta a Eloquência estava;
mas do Estado, em que se achava,
hoje a vi ressuscitar.
Vai muito no receitar

do remédio: e porventura,
 que com tanta sangradura,
 que levou, nada montasse,
 se do vício a não purgasse
 o mui douto Padre Cura.

*Salvador Pizarro de Carvalho e
 Albuquerque.*

Ao muito Reverendo Padre Doutor, e
 Desembargador Eclesiástico João Borges de
 Barros, presidindo, e orando na Academia
 Bahiense.

EPIGRAMA

Mui Reverendo Senhor,
 se a verdade hei de falar,
 só em vós se pode achar
 tão consumado Orador.
 Merece eterno louvor
 Vossa Oração: se coubera
 no curto da minha esfera
 com laurel de verde rama
 no templo da mesma Fama
 uma estátua vos pusera.

*Salvador Pizarro de Carvalho e
 Albuquerque.*

Ao muito Reverendo Padre Doutor, e
 Desembargador Eclesiástico, João Borges de
 Barros presidindo, e orando na Academia
 Bahiense, acêrca do sobrenome de *Barros*

EPIGRAMA

Se como a seu Consultor
 Lisipo me perguntara,
 de que a Imagem fabricara
 de um engenhoso Orador;
 dissera-lhe hoje, senhor,

que se perfeita a queria,
nem controvérsia devia
mandar ao Brasil por ela,
e em todo o caso fazê-la
dêstes Barros da Bahia.

*Salvador Pizarro de Carvalho e
Albuquerque.*

Ao muito Reverendo Senhor Doutor o Padre João
Borges de Barros, Chanceler da Relação
Eclesiástica, presidindo, e orando na Academia
Bahiense.

EPIGRAMA

Quando para esta função
Vos ouvimos eleger,
sai, disse eu, o Chanceler?
pois temos nobre Oração.
Fora tôda adulação,
eu não vi coisa melhor:
tratai logo de lhe pôr
o sêlo, e corra na fé
de que dirão todos, que é
coisa de marca maior.

*Salvador Pizarro de Carvalho e
Albuquerque.*

Reuerendissimo, ac ingeniosissimo Praesidi.

EPIGRAMMA

Tullius hic perstas, astanti Caesare, praeses,
Non minus ac illo, sed magis ipse sciens:
Cernitur hic tantos sapienter dicere; prorsus
Cuntorum es primus, nemo secundus erit.
Hinc iam laurigeros poteris spectare triumphos,
Exornetque tuum uitta decora caput.

De João Borges de Barros.

Assunto

Em louvor do Muito Reverendo Presidente o
 Senhor Doutor João Borges de Barros
 Meritíssimo Cura da Santa Sé da Bahia,
 Desembargador da Relação Eclesiástica, e
 Chanceler dela, e Protonotário Apostólico de
 Sua Santidade.

SONETO

João quer dizer graça; e bem mostrastes
 a graça com que nesta Academia
 sábiamente ilustrastes; pois se via
 que não foi graça, a graça com que orastes:

Na Ciência também com que admirastes
 cada um dos ouvintes se revia,
 que a todos contentar é regalia
 da graça da qual Vós participastes:

Como tão douto sois, como é notório,
 campeais grandioso ao descoberto
 sem temor de nenhum contraditório:

Eu me atrevo a afirmar por muito certo,
 que na grande atenção dêste auditorio
 não clamou vossa voz hoje em deserto.

De Antônio Ribeiro da Costa.

Ao mesmo Presidente pelo mesmo autor.

SONETO

Só uma bôca de ouro poderia
 êste Barros louvar perfeitamente,
 porque sendo dos Barros o excelente,
 uma excelente bôca requeria:

Mas como nesta grande Academia
 assistem tantos doutos de presente,
 por bôcas de ouro ao nosso Presidente
 andaram seus louvores à porfia.

Bem é que seja assim, pois mereceis
encômios grandiosos no que obrais,
que pela fama, eterno vos fazeis;

Por douto, com o mais douto emparelhais;
por não ser nunca barro o que dizeis,
a barra muito além sempre botais.

[*Antônio Ribeiro da Costa*]

Ao muito Reverendo Senhor João Borges de Barros
Desembargador, e Chanceler da Relação
Eclesiástica e Cura da Santa Sé Metropolitana;
Presidindo na Academia Brasílica dos
Esquecidos.

SONETO

Católico ao Parnaso considero,
quando vejo que um Pároco lhe assiste;
Pároco ilustre, e sábio, em quem consiste
de Cícero a eloquência, o Ar de Homero.

Paralelos gentílicos não quero,
porque a Musa ortodoxa lhes resiste;
de Crisólogo ostenta o Auro chiste,
é João, por Crisóstomo o venero.

De Grécia, e Roma elegantes palmas
coroam Poetas ao airoso invento
com que suaviza do Parnaso as calmas.

Com discreto, e católico argumento
dá na doutrina instrução às almas
Cultos dedica à fé no entendimento.

D.O.C.

O Acadêmico Nubiloso.

[*Caetano de Brito Figueiredo*]

Reuerendo admodum Doctori Ioanni Borges de Barros, Ecclesiastici Tribunalis Cancellario integerrimo, necnon Vigilantissimo sedis huius Ciuitatis Parocho, nunc tandem dignissimo huius Academiae Praesidi,

EPIGRAMMA

Tanta tuis sapiens dictis facundia, Borges,
 Enituit, quantam dicere lingua nequit.
 Inter adornatos Academia docta coronis
 Quos tenet, hic Aquilae nomine surgit ouans.
 Huic si pennigeros tribuit natura uolatus;
 Hos tibi ab ingenio non nisi fama dabit.

Pater Stephanus Ribeiro Guimarães.

Ao muito Reverendo Doutor João Borges de Barros Desembargador e Chanceler da Relação Eclesiástica e Vigilantíssimo Cura da Sé desta Metrópole, e agora nesta presente Academia Digníssimo Presidente,

SONETO

Ilustre, e douto Borges, quem tivera
 o divino favor, que Apolo inspira,
 para que ao som da Lusitana Lira
 vossos louvores celebrar pudera:

Quem Corações humanos suspendera
 com branda voz, qual Cisne quando espira,
 para engenho louvar, que tanto admira,
 que as metas passa da mundana esfera:

Porém melhor será calar agora,
 que querer minha língua limitada
 cantar vossos louvores infinitos;

A fama os cantará com voz sonora,
 e com pena sutil, e dedicada
 os deixará em mármore escritos.

O Padre Estêvão Ribeiro Guimarães.

**Douto Presidente Reverendo Doutor Senhor
João Borges de Barros.**

SONETO

Raro Atlante da Polimnia famosa!
Grã portento do Homero esclarecido!
Que deixas o de mais já por vencido,
Em aquela Oração maravilhosa.

EMMA pena imortal e milagrosa
FAZ, que tenha teu nome merecido
Assento, em as estrêlas erigido,
Brilhante nessa Côte luminosa.

Ninguém pode imitar ó Lusitano!
As vossas obras, pois são relevantes
De engenho majestoso, e soberano.

Mas sim, te seguirão Clícies constantes
Garcilaso, Tamiras, e Opiano,
Porque julgam as suas, por errantes.

De Belisário de Lerma.

[Provavelmente pseudônimo]

Ao Presidente

SONETO

Cesse a Latina memorável glória,
que a Túlio informa Roma reverente,
a quem consagra a pasmos de eloqüente
aras na fama, templos na memória;

Porque outra mais altiva, e mais notória
vos rende agora, ó douto presidente
(mais do que Roma fêz) em permanente
aplauso o tempo a durações da história;

Pois tanto excede o vosso entendimento
a Túlio no discreto, e no profundo,
com que illustrais de Apolo o régio assento;

Que posso enfim dizer que no facundo,
se aquêlé foi de Roma alto portento,
vós sois do mundo assombro sem segundo.

De João de Barbosa e Lima.

Em louvor do muito Reverendo Presidente o
Doutor João Borges de Barros, Digníssimo
Cura da Santa Sé.

DÉCIMA

Quem assim tão bem procura,
desempenhar cabalmente,
o lugar de Presidente,
e as obrigações de Cura,
mais que cura, se me apura
alguém direi sem temor
fica sendo; e assim senhor,
entendei que inda os maiores
são perante vós menores,
e vós sois seu Curador.

De Francisco Pires Longarito.

Ao muito Reverendo Senhor Doutor João Borges de
Barros: o Digníssimo Chançarel (sic) da
Relação Eclesiástica, e Presidente da Academia.

DÉCIMA

Em uma cama prostrado,
todo à fraqueza rendido,
vos chego a louvar, caído,
para me ver levantado:
Digo-vos pois, neste estado,
meu Chançarel quando orais;
que ao Sêneca avantajais;
E que sois um tal sujeito,
que ao Mendoça no conceito,
excedeis; não igualais.

Por Manuel Ferreira da Luz

Vigário do Destêrro da Cidade.

[Assinatura com letra diferente]

Reverendo Presidente o Doutor João Borges de
Barros Cura da Sé da Bahia.

DÉCIMAS

Meu Presidente por quem
Esta literária Atenas
Oferece as doudas penas
A Fama que vos convém.
Recebei o parabém
da Oração que vos transporta
pois minha alma vos exorta
já que Cura d'almas sois
que as almas nos cureis pois
nos deixais co'alma torta.

2.^a

Mui rico assunto tomastes
para essa vossa oração,
mas por certo, e em conclusão
que das unhas mo tirastes:
muito me prejudicastes,
alto, andar terei paciência,
que em me vindo a presidência
cá conforme o meu bestunto
o mais alto, e heróico assunto
mo dará Sua Excelência.

3.^a

Ele mo deu o outro dia,
pois ao tempo que eu entrava
ao meu sócio perguntava
se consigo me trazia?
disse que sim, que faria
o César? nas consuetas
honras mas fêz tão seletas
que quase todos pasmaram;
sem saber que sempre honraram
os Césares aos Poetas.

4.^a

Agora que titubante
se engolfa no Oceano
êsse Argos que para o ano
passa a ser Delfim nadante;
Avertano, o carregante
serás pois tais honras cobras,
porque se a carga lhe dobras
dirão lá que na Bahia
delícias da Academia
foram sempre as tuas obras.

5.^a

Meu Doutor, a menoscabo
Não atribua êste excesso
que se com você começo
com você também acabo:
Veja que mais não o alado
porque me acho mendigante,
pois sei que no mesmo instante
de versos o carregara
quando em Barros eu lhe achara
de Borges o consoante.

De Frei Avertano de Santa Maria.

Ad Doctorem ac Dominum Reuerendissimum
Patrem Ioannem Borges de Barros,
Ecclesiasticum Senatorem Meritissimum, et
Praestantissimum in S. Bahiensi Sede
Parochum.

EPIGRAMMA

Doctrina curare bonos te, Cura, uidemus,
Et curare malos tu quoque, Cura, potes.
Si curas animas cura, si denique mentes,
Optime Cura, patet maxima cura tua.
Si sonat in te ipso Ioannes gratia nomen,
Atque es Cura simul, tu medicina Dei.

Luís Canelo de Noronha.

Sapientissimo Praesidi Academiae Domino Doctori
Ioanni Borges de Barros.

EPIGRAMMA

Laurea sarta gerunt herbis contexta Camenae,
Phoebus et ex herbis laurea sarta gerit.
Laurea sarta gerant ut Musae, et doctus Apollo,
Dat nemus his herbas laurea sarta gerens.
Sic Musae, et Phoebus (Praeses sapientior illis)
Dant herbam ut sapiens laurea sarta geras.

Antonius de Oliveira.

[Assinatura com letra diferente]

Ad Doctissimum Praesidem

EPIGRAMMA

Ignius exoritur lustrans Sol cuncta, recedunt
Sidera, et immenso solus in orbe nitet.
Sic fuerat quae caeca modo, et sine Sole palestra,
Induitur rutila, te ueniente, toga.
Mens tua subtilis radios, te Praeside, spargit;
Ingenio cedunt astra minora tuo.
Nulla tamen tantam potis est abscondere taedam
Nubes. nulla in te nam tenet umbra locum.

Frei Davi dos Reis.

Reuerendissimo, et Sapientissimo Domino Ioanni
Borges de Barros. Bahyensis Academiae
Dignissimo Praesidi.

HOC EPIGRAMMA

Egregie, grauiter, dixisti; uerba loquentis
Sunt Ciceroniis anteferenda sonis.
Ille tibi cedit, tibi cedit melle Vieira;
In quibus, ut Spinis, tu rosa pulchra fores.

Offert

Pater Iosephus Moreira Teles.

Conferência de 10 de setembro

Primeiro Assunto

Foi o primeiro assunto um problema:
 aonde teve mais glória Trajano, se na vitória
 que alcançou, cujo triunfo não chegou a
 lograr, por se lhe antecipar a morte, ou se
 na sua estátua, em que ostentou obséquios
 Adriano, a quem o Senado adjudicara o triunfo

Ao primeiro assunto

SONETO

Defende-se a parte da Vitória.

Os Orientais Trajano vence, e doma
 Com raro esforço, com valor ativo,
 Fazendo ao adversário mais ativo
 De seu soberbo sólio humilde estroma

O régio sucessor, que a peito toma
 A fama eterna, e culto sucessivo
 Dêste príncipe morto, o mostra vivo
 Nessa estátua imortal, que teve em Roma.

A vitória foi mérito em Trajano,
 A estátua prêmio foi, que lhe assegura
 A sorte com os obséquios de Adriano.

Logo a vitória os créditos lhe apura,
 Pois para ter brasões de soberano
 Mais glória é merecer, que ter ventura.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Ao assunto heróico

SONETO

Enquanto do contrário ativo, e forte
 a triunfar Trajano se prepara,
 com desgraça fatal, tragédia rara
 lhe tira a vida de invejosa a morte.

Não consente Adriano, que se corte
em flor a palma, que o valor plantara,
estátua lhe levanta, em que repara
o morto vencedor, perdida a sorte.

Se um triunfo perdeu Trajano em vida,
dois na morte segura a sua glória
esta estátua de obséquios revestida;

Pois triunfa com pompa mais notória,
da morte, na lembrança repetida,
do inimigo, no aplauso da Vitória.

De Francisco Pinheiro Barreto

Vigário da Igreja de São Pedro.

Ao primeiro Assunto

SONETO

Alcançando Trajano valeroso
a vitória, que o mundo lhe venera,
ao triunfo se opõe a morte fera;
por lhe dar outro nome mais ditoso.

Mostrando-se Adriano obsequioso,
a fama de tal sorte lhe exagera,
que nessa Estátua vivo o considera
onde sempre o conheçam venturoso.

Mas se bem advertirmos com que glória
por maior esta fama se engrandece,
veremos, que mais triunfa coa vitória.

Pois esta, como causa, só merece
viver nos caracteres da memória,
onde só quem bem vive, não fenece.

Por Manoel de Mesquita Cardoso.

Ao primeiro Assunto

SONETO

Rei supremo, Monarca glorioso,
que no túmulo achasse a mor ventura,
pois a vida rendendo à sorte dura,
mais ufano ficaste, e vitorioso:

Modo de triunfar prodigioso
 Adriano na Estátua te segura,
 tributando, apesar da sepultura,
 a teu nome, o elogio mais famoso.

Se pode a morte aniquilar-te o alento
 não te pode privar da maior glória,
 que vieste a adquirir no Monumento!

Despreza pois a vida transitória,
 lograrás, como Sol, com mais portento
 triunfo eterno, no Templo da memória.

Por Jacinto Ferreira Feio de Faria.

Ao primeiro Assunto

DÉCIMA

Pergunta a nossa questão
 qual das glórias foi maior,
 se o vencer o Imperador,
 ou se ter adoração?
 Eu defendo a opinião
 do vencer; porque a vitória
 foi causa de tanta glória!
 Logo a Estátua, sendo efeito
 não logre o maior conceito,
 nem lhe sepulte a memória.

Por Jacinto Ferreira Feio de Faria.

Ao primeiro Assunto

SONETO

Trajano vitorioso cede à morte
 o triunfo; porque as cinzas se prepara
 vivo, a glória, e jactância equivocara
 morto, consegue o triunfo de outra sorte.

Na vitória constante se reparte
 para que o Mausoléu passe a ser Ara,
 a Estátua a ser Colosso; que preclara,
 Astro ilustre, ao valor pode ser norte.

Da mesma Morte triunfou Trajano
deixando-lhe os aplausos da vitória,
rendendo-se a seu ímpeto tirano.

Oh Herói digno de imortal memória!
enlaçar o triunfo ao desengano
foi glória acumular à mesma glória.

Do Acadêmico Nubiloso.

[*Caetano de Brito Figueiredo*]

Assunto Heróico: onde mais glorioso Trajano, se
vencendo sem triunfar em vida, se triunfando
depois de morto?

SONETO

Depois que ao braço invicto em jugo ufano
A Cerviz lhe rendeu o largo Oriente,
Porque a suspeitas de divino aumento,
Tributos de mortal pagou Trajano.

Que triunfe porém no desengano
Do sucessor decreto foi prudente;
Pois se humano viveu quando valente,
Passe agora na morte além de humano.

No despôjo, e vitórias glorioso,
Mais parece ficou famigerado
Deixando de triunfar, quando ditoso:

Pois de imortal valor vivo treslado,
Por que fique nas sombras mais lustroso,
Foi primeiro das luzes despojado.

Do Acadêmico Obsequioso.

[*Gonçalo Soares da Franca*]

Ao primeiro assunto

SONETO

Pela segunda parte

Vence Trajano altivo, e belicoso
de oposta fúria orgulho denodado,
porém da parca impulso arrebatado
a glória lhe antecipa o lastimoso;

Mas se lhe impede o fado rigoroso
o triunfo, que consegue sublimado,
não pode já negar-lhe esquivo o fado
troféus, que a fama anime, generoso;

Pois tem na estátua a sustos da memória
que Adriano lhe levanta augusto e forte
brasões, que informa iguais a longa história;

No que se adverte além da humana sorte
Que se lá morrendo perde a sua glória,
que cá na glória excede as leis da morte.

De João de Barbosa e Lima.

Mostra-se que foi maior glória para Trajano
alcançar a vitória e não lograr o triunfo por se
lhe antecipar a morte

SONETO

Vence Trajano, e sente o duro corte
Da Parca, que da vida o fio parte,
Que não val o valor, engenho, e arte
Contra as tiranas leis da iníqua sorte.

Não chegou a arrastar o varão forte
Por Roma, dos contrários, o estandarte,
Porque triunfando o seu valor de Marte
Se antecipou ao seu triunfo a morte.

A estátua merecida, por memória
Adriano lhe erige, porque ufano
O Lete não sepulte esta vitória.

Pouco o obséquio importava de Adriano,
Que se no mérito consiste a glória
Este foi o triunfo de Trajano.

[João de Brito e Lima]

Mostra-se pelo contrário que a maior glória de
Trajano na vitória que alcançou foi a estátua
que lhe erigiu Adriano por seu triunfo.

SONETO

Do Romano triunfo o régio fausto
(Da vitória alcançada prêmio justo)
Impede Clotos a Trajano Augusto
Deixando-o sem razão da vida exausto.

Porém tenha por dita o caso infausto;
Se Adriano vencendo o fado injusto
U'a estátua lhe erige a tanto custo
Das aras imortais digno holocausto.

Trajano na vitória esclarecida
Mais, que glória, mostrar ambição forte
Se da glória triunfara merecida.

Para ser mais plausível sua sorte
Não triunfando Trajano em sua vida
O triunfo logrou depois da morte.

Do Acadêmico Infeliz

João de Brito e Lima.

Ao primeiro Assunto

SONETO

O inimitável brio, o esforço raro
a Hercúlea mão me mostra tresladada
em Trajano invencível: cuja espada,
como Hércules fixou o troféu mais claro.

Vencer Hércules soube, nada avaro,
compondo a Monarquia dilatada,
no vencer muito; para querer nada,
no reparar o mundo, sem querer reparo.

Qual assombroso Hércules tímido,
nos trabalhos achou glórias Trajano,
ficando-lhe o Império já rendido:

Só por querer triunfar supremo, e ufano,
com a coroa, de o deixar vencido:
a quem, o seu valor, fêz soberano.

Por Manoel Ferreira da Luz

Vigário do Destêrro da Cidade.

[Assinatura com letra diferente]

Mostra-se, que maior glória teve Trajano no triunfo
que logrou na sua estátua depois da morte,
que na vitória, que para o dito triunfo em sua
vida conseguira.

SONETO

Trajano, a cuja glória não comuã (sic)
Servir não pode a morte de embaraço,
Da Vitória, a que abriu em vida o passo,
O triunfo na estátua continua.

Mas nos mesmos aplausos, que lhe atua,
O destino com êle andara escasso,
Se dando-lhe as vitórias ao seu braço,
Os triunfos negara à estátua sua.

Mas inda que pareça desta sorte,
Que em Trajano igualmente avulta a glória,
Aplausos tem na estátua de mais porte.

Pois se vê com vantagem assaz notória,
Se a vitória triunfo foi da Sorte,
Que o triunfo do mérito é vitória.

De André de Figueiredo Mascarenhas.

Qual foi maior glória a Trajano vencer, e não
lograr o triunfo porque morreu, ou triunfar
depois de morto?

SONETO

Qual seria maior glória a Trajano,
o vencer, sem triunfar, pois perde a vida,
ou na estátua triunfar enobrecida
que póstuma lhe faz o Rei Romano?

Intrincada questão, se não me engano,
 Pois gloria a vitória já adquirida
 tanto, quanto uma estátua alta, e subida
 pode um lustre causar mais soberano.

Mas contudo eu defendo, que a vitória
 (por ser parto feliz da própria espada)
 Mais que o triunfo, a Trajano dá mais glória;

Porque a glória da estátua levantada
 dada foi a Trajano: e mais memória
 a glória própria tem, que a glória dada.

*De Antônio de Oliveira. **

Qual foi maior glória para Trajano, alcançar uma
 vitória inda que não logrou o seu triunfo por
 se lhe antecipar a morte ou triunfar [pela]
 estátua a diligência de seu sucesso Adriano?

SILVA JOCOSA

Basta já tanta quebra de cabeça
 Basta tanto conceito assonetado
 Sequer o meu pecado
 Que Trajano aqui entrasse
 Para que a sua estátua me assombrasse
 Pois me tem tão absorto
 Que inda guerra me faz depois de morto.

Que temos nós, Senhores
 Que entre as glórias maiores
 Que dêle se referem,
 Quando afetam Poetas quanto querem,
 Fôsse esta, ou aquela em vida, ou morte
 Glória de melhor sorte,
 Quando a glória, e o triunfo da vitória
 Fôra glória em Trajano a eterna glória?

Que importa que Adriano

* O presente soneto é autógrafo; em todos os casos anteriores, como se observou, a letra da assinatura difere da letra da composição.

Neste ou naquele ano
 A um coelho de palha
 Vista peito espaldar, saia de malha,
 E sôbre um rocinante, ou porco-espinho
 Faça pelo moinho
 Como fêz Dom Quixote, e Sancho Pança
 Mêdo ao Cid, mal ao Turco, e guerra à França
 Se tôda esta aventura a não ser nada
 Porque é morto o Coelho é só palhada?

Meus, Senhores, as glórias dêste mundo,
 (Se conclui a razão em que me fundo)
 Como são transitórias
 Mais parecem vanglórias do que glórias;
 Mas contudo inda assim as que cá temos
 Se se fundam no bem que procedemos
 Sempre de qualquer sorte
 Boas são para a vida, e para a morte;
 E falando nas glórias desta vida
 Glória foi a Trajano atribuída
 A vitória que enquanto vivo teve,
 Donde pois se não deve
 Pôr em questão tal glória
 Pôsto que a estátua fôsse da vitória
 Um meio conducente
 Que não passa de ser puro acidente
 Porque a glória, e o triunfo mais altivo
 É o que logra um Herói enquanto vivo;
 Sendo que aos mortos lhes não tiro as glórias
 Que das suas proezas são notórias,
 Nem deixo de admirar neste problema
 Em Adriano a Marcial estratagemã,
 Mas resolvo o preciso
 Salvo melhor juízo
 A quem ofereço a estátua de Trajano
 Para que para o ano
 Enquanto cai a areia, a tinta seca
 Revolve a biblioteca
 A sutil pena apara,
 A Musa se prepara,
 E o Senhor Secretário o papel dobra
 Ressuscite Trajano em outra obra.

Por Anastácio Ayres de Penhafiel.

Alcançou Trajano uma vitória, e não chegando a triunfar dela lhe levantou o sucessor Adriano uma Estátua; pergunta-se de donde lhe resultou maior glória, se da vitória, ou da Estátua. Assunto heróico da presente conferência.

SONETO

Vence Trajano, e sem lograr a glória
Do Hecatombe maior que Roma canta,
Uma Estátua Adriano lhe levanta
Em prêmio perdurável da vitória.

É questão onde fôsse mais notória,
Aquele Herói a Fama com que espanta,
Na vitória a vigor de empresa tanta,
Ou na Estátua a poderes da memória.

Mas atento o discurso não duvida
Dizer, fôra a Trajano neste fato,
Mais que a vitória, a Estátua esclarecida.

Sendo em perpétuo, e frágil aparato,
Caduco o vencimento como a vida,
E a lembrança imortal como o retrato.

O Acadêmico Vago

Sebastião da Rocha Pita.

Traianus, ab hostibus obtenta uictoria, priusquam triumpharet, decessit, Imperatoriae Statuae, quam illi posuit Successor eius Adrianus, adiudicante Senatu triumphi pompam.

EPIGRAMMA

Vincis, et in tumulum uicto deduceres hoste:
Est, Traiane, tuo palma nec usta rogo.
Nil uicisse puto, nisi te Libitina sepulcro
Dum locat, a tergo palma secuta foret.
Quod si praeuenit tibi mors festina triumphum,
Pulchra uices Domini gessit Imago sui.

Maturata licet, non immaturata fuere:
 Prouida, non titulis inuida fata tuis.
 Vitae fida comes, gaudet nec funere Virtus:
 Ante necem meritis gloria nulla datur.

[*Sem indicação de Autor*]

Traianus, Romanorum praeclarissimus Imperator,
 hoste superato, extinguitur antequam Romae
 triumphet, addicente Senatu simulachro eius
 triumphi pompam.

EPIGRAMMA

Arma per aduersas infers, Traiane, cohortes:
 Vexilla hostili sanguine tincta rubent.
 Claudere sed properat uictori lumina fatum:
 Vixque sacrata tibi surgit Imago, cadis.
 Sublato effigies pro te speciosa triumphat;
 Et quasi te uiuum mortua forma refert.
 Certe oculos ideo pressit Libitina, triumphi
 Ne perspecta tibi gloria tanta foret.
 Namque triumphantem si te fortasse uideres,
 Caecior inferres Martis in arua pedes.

[*Sem indicação de Autor*]

Traianus, Romanorum praestantissimus Imperator,
 post partam ab hostibus uictoriam, antequam
 Romae triumphum ageret, praeoccupatus
 morte, decessit.

EPIGRAMMA

Occidis, hostiles sed postquam occidere turmas
 Diceris, et multa tingere caede manus.
 Nec latet interitus properati causa, triumphi
 Curque tibi tanti pompa negata fuit.
 Mole grauabaris spoliolum ingente: decore
 Pressa sub hoc cessit pondere uita neci.

[*Sem indicação de Autor*]

Ad Traianum, qui post comparatam ab hostibus
victoriam, et ante celebratum triumphum,
extinctus est; adscripta per Senatum triumphali
pompa simulacro, quod illi successor eius
Adrianus erexit.

EPIGRAMMA

Vix cladem intuleras hosti, Traiane, cruentam
Intulit armatam mox tibi Parca manum.
Occidis: extincto palmae statuuntur honores:
Ficta obiit partes nuper Imago tuas.
Belli obscura fuit sub puluere palma: triumphum
Clara tuo, et longe splendida pompa rogo.

[*Sem indicação de Autor*]

Ad Traianum per obitum in
Effigie sua Triumphantem

ELOGIUM

Fusis a te, Vir Princeps, insigni strage hostibus,
antequam Iouis palmata ueste Capitolium in eas,
succedis in tumulum,
simulacro tuo seruante Roma triumphum pompam.
Caduca mortalium gaudia!
quae, praeter usum uirtutis,
in mera boni uersantur imagine.
Quaeret iam uero fortasse quispiam,
plus ne gloriae uictori palma detulerit,
an, quod mortui coronauit effigiem,
triumphale diadema?
Postremum sentio:
nam, ut hostium sanguine uirtus purpuret,
quod tibi sertum frontem ambiit,
Semideorum numero insertum reddidit.
Sed quae adeo te festina mors occupat?
An, qui pectus in hostem accenderat,
igneus belli ardor,
quem admodum flagrare te fecit uictoriae
ita uoti uix compotem adegit in cineres?
Quidquid id est,

[*propinqua studio,*

rigata tibi cruore militum palma,
 uel umbrae tuae applicata non aruit.
 Parauit grandem ex sectis foliis facem,
 quam tibi consanguinitate propinquior,
 inflammatam claritatis igne, rogo excitando
 [submitteret,
 quo postumi triumphi speciem Duce tanto
 [illustriorem efficeret.
 comparatam famae claritatem,
 non tumuli obscurauit horror non tenebrae.
 Satis in ea splendidae tibi gloriae cumulatam est
 [luce.
 quam flammea lignorum strues cremandis
 [ossibus adstriuit,
 funerae pyrae beneficio:
 nisi forte hoc funebre tibi fata posuerunt
 [incendium,
 ut pretium ex fumo adderent triumphantis
 [Imagini.

[Sem indicação de Autor]

Conferência de 10 de setembro

Segundo Assunto

Foi o segundo assunto uma senhora,
 que perdendo um grande bem, cuida muito
 em se esquecer do bem perdido

A quem procurava esquecer-se de um grande
 sentimento

ROMANCE

Confesso que não alcanço
 o mistério deste assunto
 que louvar o esquecimento
 é acreditar o absurdo.

No teatro da memória
 exalta Amor seus triunfos,
 que passam a ser despojos,
 se chegam a ser descuidados.

Amor só no que padece,
aumenta os votos, e os cultos
quem se esquece já não ama,
porque não padece muito.

Bem pode um objeto amado
ter vida ainda no sepulcro,
porque vive na memória
para os séculos futuros.

Mas um objeto esquecido
é duas vêzes defunto
na morte, e no esquecimento
que faz ter maior o [insulto].

Vive Amor durando a vida
mas na memória, descubro
que vive à eternidade
sem temer da morte o susto.

Morre no esquecimento,
e morre com golpe injusto,
que lá morre por acaso,
e cá morre por estudo.

Entre o mesmo esquecimento,
e procurá-lo; regulo
que é ter na cura o veneno,
dar por médico o verdugo.

Esquece-se quem se esquece,
e não quem quer; de que julgo
ser descuido o esquecimento
mas ingratição, se o busco.

Ingratição sem [limites,]
pois em mim mesmo procuro
matar a quem logra n'alma
apesar da morte, indulto.

Ingratição feia, e torpe,
pois sacrílego destruo
as reliquias da memória;
as cinzas converto em fumos.

Se a mágoa foi excessiva,
se o pesar foi sem segundo
tanto procuro esquecê-lo,
quanto o deixo diminuto.

Querer que a mesma memória
perca da memória o uso,
é negar d'alma as potências,
e da memória os impulsos.

É nôvo tirano invento
de martírio, porque em tudo
nega da piedade o efeito
quem nega à saudade o influxo.

Dizem que é força de amor;
não aprovo tal discurso:
de tal amor arrenego,
de tal afeto abrenúncio.

De Severino de Adova e Avilhaneda.

[provavelmente pseudônimo]

Ao segundo Assunto

SONETO

Perdendo a bela Clori o seu amor,
com muita razão cuida em se esquecer,
mostrando-se discreta em conhecer,
que co'um rigor se vence outro rigor:

Bem se digna esta amante de louvor,
que iguale a tão notável escolher,
logrando, já que soube merecer
perduração nas aras do primor.

E se Dido a fineza pode obrar,
com que amante se quis constituir,
aquela mais se deve eternizar;

Pois querendo esta a pena resistir
mais que amante, cruel se quis mostrar,
e Clori a melhor lei se soube unir.

Por Manoel de Mesquita Cardoso.

A uma senhora que perdendo um grande bem,
buscava meios de se esquecer do bem perdido.

SONETO

Dois extremos no peito tem gerado
desta Senhora o bem que tem perdido,
um, em pretender vê-lo esquecido,
outro, em se fazer por si lembrado:

O Bem, bem vê que está finalizado,
a lembrança lhe põe sempre em sentido,
e nestes dois extremos tem metido
o coração que traz agonizado.

Lembra-se da perda, e nela alcança
que não pode esquecer-se por imensa;
remédios busca já como vingança;

Ficará em contínua desavença;
que esquecer-se por meios da lembrança
lhe faz a dor da perda mais intensa.

De Antônio Ribeiro da Costa.

Ao Segundo Assunto

SONETO

Que grande bem é êste, que perdido,
tem dado que entender a tanta gente;
pois sendo na lembrança permanente,
é só para sentir, ver-se esquecido!

Lipsis era êste bem, que inadvertido
preteriu, com afeto irreverente
de Nise a fé, mas ela impaciente
ao ciúme, o deixou sem ser ouvido:

Obrou Nise discreta, como amante,
vendo mal empregado amor tão forte:
resista pois, mostrando-se constante;

Porque se o grande amor, é igual à morte,
sendo a causa sublime, e relevante,
o efeito deve ser da mesma sorte.

Por Jacinto Ferreira Feio de Faria.

Ao Segundo Assunto

SONETO

Nise se pretendeis no esquecimento,
 que se modere do tormento a frágua?
 Vêde, que aviva essa memória a mágoa,
 que aumenta êsse sentido ao sentimento.

Se nos ais, nos soluços, no lamento
 tão intenso pesar não se deságua,
 como quereis unir o fogo à água
 procurando ao alívio no tormento?

Não quereis esquecer-vos; sim lembrar-vos,
 para que a dor, que tanto vos condena
 possa até no remédio maltratar-vos.

Nôvo martírio vosso amor ordena,
 procurais que não possa amor matar-vos,
 por que na vida se dilate a pena.

Do Acadêmico Nubiloso.

[*Caetano de Brito Figueiredo*]

Assunto lírico: a uma Dama que perdendo um
 grande bem, se lembrava muito de se esquecer
 dêle.

SONETO

Nas ausências de um bem, que amante chora,
 com sempre sucessivo sentimento,
 contra os firmes assaltos do tormento,
 Do descuido os socorros, Lise, implora.

Mas tampouco nas ânsias se melhora,
 (No remédio agravando o desalento)
 Que a mesma pretensão do esquecimento
 Parece que o cuidado não ignora.

Como quer esquecer-se da bonança,
 Como quer não lembrar-se da vanglória,
 O próprio que consegue nunca alcança:

Pois no despôjo já, já na vitória,
 Que importa que o bem risque da lembrança,
 Se cuida em expulsá-lo da memória.

Do Acadêmico Obsequioso.

[*Gonçalo Soares da Franca*]

Ao segundo assunto

DÉCIMA

Perde Nise a sua glória,
 e por mostrar seu tormento,
 conserva no entendimento
 injúrias contra a memória;
 pois por fazer mais notória
 de sua sorte a mudança
 na já perdida esperança,
 que chora de um bem perdido
 tem na lembrança o sentido
 de o não ter mais na lembrança

De João de Barbosa e Lima.

A uma Senhora que perdendo um grande bem cuida
 muito em se esquecer do bem perdido.

SILVA JOCO-SÉRIA

Graças a Deus, que achei uma Senhora,
 que quando perde um grande bem não chora,
 antes sem maltratar-se
 todo o possível faz por consolar-se,
 sendo, que qualquer pena
 aflige uma mulher, por mais pequena;
 e só porque a console um seu amante,
 sendo apesar pigmeu, o faz Gigante,
 e os olhos transferindo em olhos de água
 é maior o melindre, do que a mágoa
 porque as lágrimas são do mesmo estilo
 como as de Hiena e falso Crocodilo.
 E por ser moda, serve de desdouro
 na mais guapa mulher não ter bom chôro.
 Mas esta Dama que no mal se alegra
 exceção me parece desta regra.

E assim me faça Deus o que desejo
que duvidando estou disto que vejo;
porque mulher conheço rica, e nobre,
que um dia inteiro chora por um cobre
não só se o perde, mas se por farsola
ou por vaidade a um pobre o dá de esmola.
Outras por um dedal, por uma agulha
fazem tal matinada, e tanta bulha,
que tôda a vizinhança
como elas de buscar, de ouvi-las cansa.
A que perde um parchinho, (Ó Deus me acuda)
não há canto que aflita não sacuda
tôda se enfada, tôda se pragueja,
como sem parche (diz) hei de ir à Igreja [?]
e só por esta causa, (ou por preguiça)
um ano inteiro deixa de ouvir missa.
A luz a não aguenta de Faetonte
não tem amiga a quem seu mal não conte
e se a visita um dia inteiro dura
ou só nisto se fala, ou se murmura.
O que suposto; [termine] com cuidado
qual seja o bem perdido, e [qual] achado
que esta Dama de ver-te herôicamente,
quando a perda menor de um bem se sente;
É a nenhuma presumo, que se iguala
a mulher, que perdendo um bem se cala;
porque a que só consigo se consola,
ou é muito prudente, ou muito tôla.
E é necessário varonil prudência
para levar as perdas com paciência.
Ou quem por estultícia não alcança
do bem perdido a mínima lembrança.
Será pois porventura
sentir perdida a sua formosura
essa minha senhora, a quem os anos
terão dado evidentes desenganos?
Nego que se isso fôra,
nada consolaria esta Senhora,
porque êste bem perdido
jamais foi das mulheres esquecido.
Se êste logo não é o sentimento
em que esta Dama apura o sofrimento,
será do grande bem perdido, a queixa
algum amante que por outra a deixa?
tal não posso entender, porque é sabido
que êstes bastardos filhos de Cupido

a quem chama, (o que tem disto mais lume
 ou dores de canelas, ou ciúme)
 é dor tão veemente, e tão amarga
 que excede a dor de dente, e a dor de ilharga.
 É sendo assim, ser esquecido estranho
 um bem que traz consigo um mal tamanho.
 Ora Senhores meus tenho entendido
 [Perdeu] esta Senhora seu marido,
 porque não pode haver pesar tão grande
 que em tempo mais brevíssimo se abrande,
 qual é o das viúvas, cuja mágoa
 tem por índice os olhos cheios d'água,
 mas todo o seu desvêlo
 é comparado à dor do cotovêlo,
 e a que se julga (como o espôso) morta
 [lhe dura a] pena até sair da porta,
 ou quando muito a que é mais requintada
 vai com êle na cova sepultada
 levando desta sorte
 a seu marido, e a sua pena a morte.
 Se pois desta Senhora
 que ao sentimento alívio busca agora
 seu espôso não foi o bem perdido
 dê-lhe melhor poeta outro sentido.

Do Acadêmico Infeliz

João de Brito e Lima.

A uma senhora que perdendo um grande bem cuida
 muito em se esquecer do bem perdido.

DÉCIMAS

Andais discreta Filena
 em pores no esquecimento
 a pena de um sentimento,
 que vos dava tanta pena.
 Porque se um bem vos condena
 perdido, a tanta amargura,
 foi diverti-lo cordura;
 pois são (na maior tristeza)
 as lágrimas da beleza
 eclipses da formosura.

Divertires esta mágoa
 foi prudência singular,
 por não veres naufragar
 dois sóis em dilúvios de água.
 E como à Dêlfica frágua
 excedem no transparente,
 bem é, que menos luzente
 tenha (em semelhante caso)
 nas águas, o seu ocaso
 os vossos flamante Oriente.

Mais vêde, que se repara
 com justa razão senhora,
 não fôra tão bela a Aurora
 se lágrimas não chorara.
 Quando a formosura rara
 não vence, vence a tristeza,
 porque deu a natureza
 (quiçá por maior ventura)
 por armas da formosura,
 as lágrimas na beleza.

Se apesar do vosso gôsto
 água não deixais correr,
 tanto Sol pode ofender
 as flôres do vosso rosto.
 Por vos livrar de um desgôsto
 não padeçais esta mágoa,
 que no peito o alívio frágua;
 porque em fragrantos primores,
 pode haver água sem flôres,
 porém não flôres sem água.

Do Acadêmico Infeliz
João de Brito e Lima.

Ao Segundo Assunto

SONETO

Filis, o grande amor que concebeste,
 teve um tão elevado nascimento,
 que sendo filho do entendimento:
 é êste filho da alma que lhe deste.

Se a cadeias, tão forte, te prendeste,
 que amor te eternizou no vencimento,
 ou é fingido o teu esquecimento,
 ou a memória, com êle, hoje perdeste.

Porque havendo em amor fidelidade
 tão igual, que uma, e outra é a mesma vida;
 só acaba com ambas a amizade.

E é em semelhante amor desvanecida:
 essa tua afetada variedade;
 porque hás de ver a morte, e ver-te unida.

Por Manoel Ferreira da Luz

Vigário do Destêrro da Cidade.

[Assinatura com letra diferente]

A uma dama, que procurando esquecer-se de um
 bem, que perdera, o encomendava à memória.

EPIGRAMMA

Ne meminisse queat, demandat perdita mente
 Phyllis, quae fuerant optima cara sibi.
 Quid de te sperare licet mihi Phyllis amanti,
 Si tu obliuisci pignora cara cupis?

De André de Figueiredo Mascarenhas.

Ad Assumptum Lyricum

EPIGRAMMA

Nympha, bona amittis, curam quoque perdere curas,
 Talia si curas, plurima cura tibi.
 Non poteris, bona quippe tua es tu, amissio nulla est.
 Si bona cuncta tenes, si tua cura nihil.

Luís Canelo de Noronha.

A uma Senhora, que perdendo um bem cuidava em descuidá-lo

DÉCIMA

Esta Nise tão sentida
De ter certo bem perdido,
Que o quer perder do sentido
Só por não perder a vida.
Assim anda em grande lida
De cuidar em descuidá-lo;
Mas isto é buscar buscá-lo
E não querer não querê-lo:
Esqueça ela o esquecê-lo,
Não lhe lembrará lembrá-lo.

De Antônio de Oliveira.

A uma Senhora que perdendo um grande bem trazia muito na memória esquecer-se do bem perdido.

SILVA JOCOSA

Amada Musa, nunca tão perplexo
Como agora me [vejo], pois vacilante
[Mete medo] êste assunto ao mesmo instante
Que a [discorrer] me obriga
Sem haver quem me informe, ou quem me diga
Qual seja esta Senhora
Que é tão merecedora
De se achar nesta nossa Academia,
Dita que só lograram na Bahia
A desdentada, a muda, Proserpina,
Clicie, Diana, Lisarda, e Agripina;
Que bem grande perdeu pois na lembrança
Trouxe sempre mui firme a esperança
De entregá-lo ao olvido
Para não se lembrar do bem perdido,
Quando lhe era preciso
Por não dar que fazer ao seu juízo
Pedir licença a Tétis
Para um copo beber da água do Létis.

Porém certo Poeta

Se vem direto a mim como uma seta,
E me diz; se me tens já aqui escusa
De perguntar, Fileno, à escassa Musa
Quem a Senhora seja
Pois me causas amigo grande inveja
Só em ver que obrigando-a com carícias
Me suponhas tão falto de notícias,
Quando eu só numa noite a não ler nada
Li a história de Chico de Granada,
E por não dormir cedo
Despertei entre os sonhos de Quevedo
Para ter o acessório
Nas satíricas obras de Gregório.

Li, se bem mui de oitiva

A Palmerim de Oliva,
E entre os cômicos li, o mais seleta
Dos lacaios troanes de [Moreto]

Li mais cinco novelas

Sem as letras vogais que são aquelas
Que compôs Alcalá, passe o agu
Do A, do E, do I, do O, do U.

Li Peralvilho, contos de Trancoso,

Comédias de Fragoso,
Uma, e outra Floresta,
Mas o que mais me atesta,
E de ler me não cansa

É Amadis, D. Quixote, e Sancho Pança.

Ora basta de Autores,

Mas só digo que Esopo é dos melhores
Pois me comunicou a natureza
De aplicar as histórias com destreza.

E se tantas notícias posso dar-te

Porque queres agora envergonhar-te
A essa Musa estranha, e tão alheia
Do meu entusiasmo, e a tua veia?

Toma de um velho, e calvo êste conselho

Que a mulher não é aquela do Evangelho
A quem quando perdeu a rica dracma
Dei os pêsames já num Epigrama.

Mas eu creio, Fileno, assim me aceites

O conselho, que o tempo dos enfeites
Perdeu esta Senhora, e o mais deixemos,
Que quem faz tais extremos,
[E deseja] esquecer o bem perdido

Só perdendo o marido,
E sendo mal casada
Que lhe lembre a pancada,
Os moxicões, os murros como chuva
Dizer pode: ai de ti triste viúva
Que do bem que perdeste te privaste,
Mas sempre te lembraste
De que [davás] assunto
As continuas paixões do teu defunto,
Para agora, ó memórias!
Recitar penas que parecem glórias;
Porisso quero sepultar no olvido
Tristes memórias do meu bem perdido.
E se não diga-o ela a triste, e fale,
Que se veio a Academia pelo Vale,
É o de lágrimas passa neste mundo,
Sumergida será num mar profundo
Donde para vencer águas a montes
Deixando Vales apelide Pontes
Como eu que de passagem
Como quem se despede na viagem
Do fiel companheiro
Atrepe pelo Vale àquele outeiro
Donde protesto que obra mais não faça
Sem saber na Academia o que se passa,
Qual seja o nôvo assunto
Que já daqui pergunto
Para que possa repetir empenhos,
E outra Silva mandar de dois engenhos
Como esta que despacho
De certa ocupação com que me acho
Ao Senhor Secretário
A quem peço me alcance o breviário
Do Reverendo Cura de São Pedro,
Que se com êle medro
À Academia prometo
Mandar melhor Sonêto
Do que aquêle que Sua Reverência
Nos mandou na passada Conferência;
E ao mesmo Reverendo também peço
Que do meu zêlo acredite o excesso
Quando contumaz seja
Para não mandar outro sem que eu o veja,
Pois me tem feito o nosso Presidente
Revedor dos seus versos, que prudente

Os mostre, e os não resguarde
De um tão grande Reverendo, a quem Deus
[Guarde.

Por Anastácio Ayres de Penhafiel.

A uma Senhora que na perda de um grande bem,
trazia atualmente na lembrança o esquecer-se
dêle.

SONETO

Da memória quer Nise magoada,
a lembrança riscar de um bem perdido,
nova traça dispõe, um nôvo olvido,
pelos mesmos motivos de lembrada.

Introduz na memória equivocada,
em continuo esquecer, um repetido
lembrar, sendo lembrado o esquecido,
por olvido a lembrança reputada.

Na memória de Nise o esquecimento,
vêzes fica fazendo de lembrança,
é lembrar o esquecer sem detrimento:

Bem se pode dizer com segurança,
que só Nise obrar pode tal portento
dois extremos unir por semelhança.

Do Licenciado

Jorge da Silva [Pires]

Perdendo uma Senhora um grande bem, trazia
muito na memória esquecer a perda dêle.
Assunto lírico da presente conferência.

SONETO

O desvêlo maior tem aplicado
Filis para esquecer um bem perdido,
Mas como pode o bem ser esquecido?
Quando o próprio desvêlo o faz lembrado.

Como pode o discurso desvelado
 Ver-se do que imagina dissuadido?
 Lembrar-se de esquecer traz no sentido,
 E vem o esquecimento a ser cuidado.

Se da perda o descuido não tomasse
 Por emprêsa, essa mágoa que padece
 Fôra possível, que lhe não lembrasse.

Mas a memória em Filis permanece,
 Pois se o descuido de cuidado nasce,
 Do que quer esquecer se não esquece.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita.

Ao 2.º

SONETO

O poeta Simônides falando, (1)
 c'º Capitão Temístocles um dia,
 em coisas de ciência praticando,
 uma arte singela lhe prometia;

Uma arte singular, em que estudando
 a lembrança de tudo o que fazia,
 aprendesse o descuido fero, quando
 do que tinha passado se esquecia:

Vós Senhora, porém com pensamento
 contrário pretendeis, que do sentido
 vos passe o que antes foi contentamento;

E sei, pelo que tenho padecido,
 que essa arte, que buscais de esquecimento,
 mais vos há de lembrar o bem perdido.

S.C.

*De dois engenhos, ambos da
 mesma terra, e do mesmo nome.*

(1) Lê-se, ao lado: "Camões elegia 3.ª".

II.a CONFERÊNCIA
DE 24 DE SETEMBRO



Conferência II de 24 de setembro em que presidiu o Reverendo Cônego Inácio de Azevedo.

Excelentíssimo Senhor

Diz o grande Arcebispo de Crangne Dom Diogo Justiniano, que os Reis da Pérsia, para se não perderem as obras heróicas dos seus vassallos, costumavam antigamente mandá-las lançar nos Arquivos públicos: aqui se conservavam mas não se comunicavam aqui a todos, porque tôda a posteridade não podia ler o livro do seu depósito. Vossa Excelência manda recolher as obras heróicas dos seus Acadêmicos para as conservar em Arquivo Comum para todos, para que todos as possam ler, que mereçam esta honra, na História, os Tucídides e Lívios: na eloquência, os Demóstenes e Túlios: na Poética, os Homeros e Vergílios: efeito é da Justiça, que tem por obrigação dar a cada um o seu; porque se o primeiro lugar por lei da razão se deve ao de melhor talento, assim a maioria do prêmio por lei da Justiça se deve ao maior merecimento. Mas que a rudeza dêste discurso, que com forçosa temeridade exponho segunda vez à suprema censura do Juízo de Vossa Excelência haja de ter a mesma igualdade? bem se deixa ver, que é por favor. Eu antevendo esta honra, pedi no exórdio da oração premiasse Vossa Excelência a minha obediência com o perdão de me faltar o fogo, em que é bem ardam os Oradores: agora peço a Deus premie o grande zêlo de Vossa Excelência tomando por instrumento a grandeza de Sua Majestade que Deus guarde.

Inácio de Azevedo.

Dando fundamento ao Assunto desta tarde uma ação do fogo, Inácio, o ignis astro, que é do mesmo nome a Etimologia, era bem que fôsse o que tivesse a primeira ação desta hora, ou nela fizesse a oração. E ainda que o dia não fôsse como é da Senhora das Mercês, sempre reputara por muito grande, a que recebo nesta Cadeira, que sendo de tão douta Academia, assaz tem o aprêço da Cadeira Doctoral. E se apenas nomeado na Conferência passada, quando logo antes de cuidar em assunto livre a boa luz, vi que se me adiantava com precedência à do

fogo, em que se simbolizam os Príncipes; porque também o fogo o é dos Elementos; [havia] conta era levado antigamente como Emblema das Majestades diante dos Imperadores, conferindo com o que se diz do Rei dos Reis, que se leva diante a sua guarda real os Arqueiros são de fogo: **Ignis ante ipsum praecedet**; (1) e naquela ação do fogo assente a heróica ação do Excelentíssimo Príncipe e Digníssimo Viso-Rei o Senhor Vasco Fernandes César de Meneses; o qual em favor desta cidade, para que se não abrasasse, acudiu destemido a apagar o fogo, e extinguir o incêndio; pedia a razão, que deixando todos os outros assuntos, só sobre o heróico discursasse, inda que menos fogoso do que pedia tão ativa, e resplandescente matéria.

Excelentíssimo Senhor: se o mesmo fogo que nos dá a matéria, é também símbolo da prontidão com que são obedecidos os Príncipes: premie Vossa Excelência esta minha tão pronta, como gostosa obediência, com o perdão de me faltar o fogo, em que é bem ardam os Oradores: **ardeat Orator**; e de não subir o meu discurso a esfera do mesmo fogo, que sempre sobe: **Ignis semper ascendit**. (2)

Cortada a carreira do Sol com a interposição da noite, sem cujo reparo fervera, e abrasara-se a terra, secaram-se os rios, sumiram-se as fontes, e foram verdadeiros e não fabulosos os incêndios de Faetonte; sucedeu de uma pequena faísca: **a scintilla una angetur ignis**, excitar-se um grande incêndio na Casa, e oficina da pólvora, que se guardava em quatrocentos barris. E apenas o soube Sua Excelência quando logo sem demora, antes com a celeridade, e presteza, que pedia perigo tão eminente, se foi em pessoa a apagar, como apagou o fogo. Grande ação, empresa verdadeiramente digna de tal Príncipe, e que se não pode bem conhecer, senão pela grande, e poderosa atividade do mesmo fogo.

É o fogo Elemento terrível, bravo, indômito, abrasador, executivo, e consumidor de tudo. Digam-no as cinco cidades de Pentápolis queimadas, e abrasadas em um dia, sem deixar homem à vida, nem dos mesmos edifícios, e pedras mais que as cinzas; porque é natural da violência, e eficácia do fogo não consentir, que as coisas sejam o que são: **ignis nihil esse, quod sit, patitur**, notou advertidamente Sêneca nas questões naturais livro segundo, capítulo quarenta e um.

Donde veio serem os Egípcios, que o fogo era alguma bête fera; porque o ser tanta a sua voracidade, que a nada perdoa, e tudo consome, fazia crer, que tinha natureza ferina, e tanto de cruel, como de desumana.

(1) **Psalm.**, 96.3

(2) **Iob.**, 38.35.

O se agora se ouviram os ais, e os gemidos de tantos, quantos pereceram no meio dos incêndios ateados nos lugares, vilas, e cidades, que se não podem contar, sem que de cada uma se diga: aqui foi Tróia, ou Lugduno, (3) ambas abrasadas até a última cinza no incêndio de uma noite; como é certo que se enumerariam outras provas, bastando só uma que vale por tôdas, a língua de fogo do Doutor Exímio o Padre Francisco Soares Montalvão, prezado sobrinho do Excelentíssimo Marquês de Montalvão, Dom Jorge Mascarenhas, o digníssimo filho da eruditíssima Companhia.

É que sendo tanta, e tão formidável a voracidade do fogo, vá Sua Excelência em pessoa acudir a êste perigosíssimo incêndio? Sim: porque para estas, e outras árduas emprêsas em favor do bem público, o nomeou o muito alto, e poderoso Rei Senhor nosso Dom João o Quinto, que Deus guarde, por Viso-Rei das suas conquistas, uma oriental na Ásia, outra ocidental na América; na Índia, e no Brasil. E para que todos o seguissem, quis Sua Excelência adiantasse a todos, por considerar que a ausência do Príncipe induz frouxidão no povo, como diz Tácito no primeiro livro dos *Anais*. E é o que lemos de Júlio César, que a fim de que o seguissem em ocasião de guerra quis êle ser o primeiro dos combatentes; mostrando que para esta emprêsa, e tôdas as que fôsem dos maiores trabalhos, suores, e perigos, estavam os Césares prontos para serem os primeiros diz Lucano; e succedeu o mesmo que o Monarca imaginava; porque os sequazes foram sem número, diz o mesmo Historiador. Porisso sabemos que venceu a Cipião, e a Pompeu, e a tantos outros Capitães famosos, que junto a êstes perdem o nome.

Por maneira que o que primeiro, que tudo, sem dúvida ocorreu a Sua Excelência foi a suma importância da presença dos Príncipes nas ocasiões de emprêsas grandes, para que houvesse fortuna nos sucessos; e para que a Bahia lograsse a felicidade, e bom successo de se não abrasar com êste incêndio, quis ser o primeiro na de o apagar; julgando que como bom Príncipe não devia fazer menos em livrar a cidade, do que fizesse se vira arder o palácio paterno. E com a mesma piedade com que entraria o palácio incendiado, acudiu à Casa da pólvora para lhe estar encarregado o cuidado, e superintendência de livrar, e defender a Bahia.

Nela se vê a vantagem, que leva Sua Excelência já a Pompeu, que ofereceu ao fogo um dedo por não descobrir o segredo militar. Já a Agegislau oferecendo pela mesma causa ao fogo

(3) Ovídio, in *Heroid.*

a segunda mão, depois de queimada a primeira. Já a Quinto Múcio que castigando-se a si mesmo por haver errado o emprêgo do punhal em pessoa inferior à Majestade que buscava, queimou a própria mão; dando ocasião a dizer Marcial: *si non errasset, fecerat illa minus*.

Enfim que excedeu Sua Excelência a todos êstes heróis, que celebra a fama com tanta vantagem, quanta é a diferença, que tem no céu a Aurora, e o dia: no mar a Concha, e a pérola: na rosa o cheiro, e a virtude: no homem o corpo, e a Alma; e quanta vai da parte ao todo; do dedo, da mão, e de duas mãos, ao corpo todo, que tanto arriscava Sua Excelência no fogo, e no incêndio.

Sem dedo, e sem mão se pode conservar a vida; e o remédio mais eficaz para a conservar, quando se teme que o Erpe depois de corromper o dedo, pode passar a venenar a mão, é cortar o dedo, e cortar a mão; porque ainda que a Alma está tôda na mão, e tôda no dedo, se ao corpo lhe cortarem o dedo não fica no dedo; se lhe cortarem a mão não fica na mão; a razão é (como filosofa Teófilo) (4) porque a Alma em qualquer parte do corpo, ainda que está tôda, não está totalmente. Mais claro, a Alma está tôda em qualquer parte do corpo, mas não por modo total, senão parcial. E entrar Sua Excelência em um tão grande perigo com todo o Corpo, quem não vê, que toca ou a vencer, ou a morrer! mas a meu ver não havia de perigar, nem perecer; porque tudo arriscava Sua Excelência pela Caridade por livrar a cidade do incêndio. E ninguém melhor se assegura a si, que quem pela Caridade se arrisca.

Bem se provava, o que dizemos, com o exemplo do nosso português São João de Deus, (5) levando a seus ombros os enfermos, para os livrar do incêndio, e labaredas de Granada; mas ousamos o maior caso, que se lê em tôdas as histórias divinas, e humanas.

Sitiada pelo exército de Olofernes a cidade de Betúlia; quebrados os canais, e divertidas fontes, de que bebiam, estavam todos desmaiados, e determinados a se entregar ao inimigo, por não perecerem à sêde; quando Judite não podendo sofrer a entrega, e cativoiro de sua pátria, se deliberou ao mais raro pensamento que pudera caber em uma mulher, e santa. Despe o cilício, veste-se de gala, orna-se de jóias, nos dedos anéis de diamantes, nos braços braceletes de rubis, na garganta afogador de grandes pérolas, na cabeça Mitra preciosa, nas orelhas

(4) *Theophilus reinadus in candelabro luchar.*, cap. 8 § 16.

(5) *In eius Vita*.

phuveiros de aljófar, no peito uma rosa de Jacintos, com os ais da mesma flor por raios, nos pés chapins semeados de todo o gênero de pedraria, e feita Judite um tesouro da cobiça, e um parame de formosura, sai confiada pelas portas da cidade, salta o fôlmo, passa as sentinelas, entra pelo exército inimigo, e vai direita à mesma tenda de Olofernes. E com que intentos? os intentos eram (como refere a mesma Judite), que Olofernes com seus próprios olhos se cativasse de sua formosura, e assim cativo, lhe metesse a ocasião os cabelos do tirano em uma mão, e a empada na outra com que lhe cortasse a vida.

É que sendo Judite santa, ponha a tão manifesto risco a sua honestidade, e com ela a consciência? que arriscar a vida, seja valor: mas a honestidade e a consciência, que por nenhum preço se há de arriscar, que a arriscar-se sendo Santa? Sim, porque tudo arriscou Judite pela Caridade por livrar a sua pátria do Cativoiro.

Judite arriscou segundo parece a consciência para livrar a cidade de Betúlia do Cativoiro: Sua Excelência arriscou a vida para livrar a cidade da Bahia do incêndio. E à vista d'êste excesso, que havemos de dizer senão que esta heróica ação deixa mais que a Xerxes admirando o mundo. E se houve já quem disse, que o fogo era anúncio do vencimento: *ignis omen uictoriae*, podemos dizer que as labaredas se trocavam em luminárias ou digamos inda que pareça pensamento poético; que reconhecendo o fogo em Sua Excelência o zelo de Elias, a quem Deus tinha dado o império sôbre o mesmo fogo, como diz Cornélio; (6) o mesmo fogo em obséquio de Sua Excelência se converteu em carroça, e cavalos, como fêz com Elias, para levar a Sua Excelência em triunfo diante da qual não foram levadas em urnas tristes, e funestas as cinzas de homens abrasados, e mortos, mas vivos, dando vivas a Sua Excelência pelos (sic) livrar, e defender do incêndio da pólvora.

Mas sendo como foi tão luminoso êste triunfo, dêle resulta outro maior, e de maior glória para Sua Excelência e qual é, ou pode ser? É serem tais seus digníssimos filhos, que não só o imitem em semelhantes emprêsas, e ações heróicas, mas o vençam, e o excedam.

Põe em questão que a alegando Sêneca, (7) e disputa com sutileza se pode um filho vencer em algum benefício a seu pai? E resolve que pode um filho vencer no maior benefício a seu pai: e o prova com o exemplo de Enéias, o qual por meio das

(6) CORNEL., in cap. Ecel. 48.8.

(7) SENECA, de offic. Rlb. 2.

lanças dos Gregos, e do incêndio, e labaredas de Tróia levando a seus ombros o velho Anquises, deu mais heróicamente a vida a seu Pai, do que dêle a recebera. A vista dêste famoso espetáculo de valor, e piedade, não há dúvida; que venceu o filho, ao Pai, diz o maior espírito dos Estóicos.

Ouçamos agora ao Bispo Arvernense São Sidônio Apolinar, (8) o qual escrevendo a Audax Prefeito dos Reis Godos no tempo em que dominaram Itália, promete-lhe suas orações, e conclui com estas palavras: Rogo a Deus por vós, e por vossos filhos, e o que peço para êles é que vos imitem, o que peço para vós, é que vos excedam, que vos imitem, porque isso é o que êles devem fazer: que vos excedam, porque isso é o que vós deveis desejar.

Esta oração é bem que todos a façamos a Deus por Sua Excelência e por seus digníssimos filhos perfeitíssimos retratos de tão Soberano original, em agradecimento de nos livrar, e defender do incêndio, e mais público, e manifesto se faria o agradecimento, se vissemos pendurados oito estandartes com o nome de cada uma das oito freguesias, sitas nesta cidade, e subúrbios, com esta inscrição em todos: *ob urbem ab incendio servatam*, por haver defendido esta cidade do incêndio.

Eu já me dera por satisfeito se vira levantada uma estátua, não de quatro metais como a de Nabuco, cuja cabeça era de ouro: o peito e braços de prata: o ventre de bronze: e o demais de ferro; mas uma estátua tôda de ouro pelo Ilustre da pessoa de Sua Excelência: mas como nem esta veja, consolo-me com o que escreve uma discreta pena, de Catão, o qual não teve estátua no Capitólio. Vinham os Estrangeiros a Roma, viam as Estátuas daqueles varões famosos, e perguntavam pela estátua de Catão, esta pergunta era a maior estátua de tôdas, aos outros pôs-lhes Estátuas o Senado, a Catão o mundo. Deixe Sua Excelência perguntar o mundo, e esta pergunta será a sua maior Estátua; porque o que lhe deu a fama, não lhe pode tirar a ingratiidão, um grande merecimento (continuam os rasgos da mesma pena), sôbre uma grande ingratiidão, fica muito mais sólido. Se não houvesse ingratições, como haveria finezas?

Muitas eram, as que eu pudera referir de Sua Excelência obras já no Oriente, já no Ocidente em favor do bem público, mas aconteceu-me hoje, o que a Plínio com a Majestade de Trajano, que a presença de tão moderado Príncipe, lhe impediu a maior parte de sua oração, quase ofendendo com o silêncio as suas virtudes, por não ofender com o discurso sua modéstia, mas

(8) SIDÔNIO APOLL., *Epist. ad Audax.*

se a minha lingua como a de Zacarias emudece, falem os corações dos moradores da Bahia, como falaram os corações dos Montanhesez da Judéia: *posuerunt in corde suo dicentes*, (9) e digam o que dizia Roma à Santidade de Leão Décimo por bôca dos que viam as suas grandes virtudes. *Viue pie, ut solitum: uiue diu, ut meritus*. (10)

Não se acabe Beatissimo Padre para nós a vossa piedade, nem para vós o vosso merecimento.

Outro tanto Excelentissimo Senhor diz a Bahia a Vossa Excelência pela (sic) livrar do incêndio, com tanto valor, com tanto zêlo, e com tanta piedade:

Viue pie, ut solitus: Viue diu, ut meritus.

Disse.

Conferência de 24 de setembro

Ao Presidente

Foi nela Presidente o Reverendo Cônego doutoral Inácio de Azevedo, desembargador que foi da Relação Eclesiástica e Vigário Geral dêste arcebispado

*Laudatur Sapientissimus Praeses et Canonicus
doctoralis Dominus Ignatius de Azeuedo hoc*

EPIGRAMMATE

*Igniferum facinus, seu robur Caesaris ardens
Vocibus igniferis tollis ad astra tuis.
Quale argumentum, scriptor quoque tali habendus.
Materia excellens nobile poscit opus.
Caesaris haec uirtus, quae in pectore flagrat ut
[ignis,
Ipsa, Ignatius, est ignis in ore tuo.*

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

(9) LUGAE, 1.

(10) IOVIUS in Leonis Vita.

Ao Sapientíssimo Orador o Muito Reverendo
Cônego Doutoral Inácio de Azevedo.

DÉCIMA

Hoje os Sábios Oradores
se ajuntam para louvar-vos
porque para elogiar-vos
são curtos os meus louvores;
em seus rasgos superiores
suspenso Homero ficou,
Ovídio ouviu, e calou,
e só disse, ó Douto Inácio
da vossa oração Horácio
que Demóstenes pasmou.

Francisco Xavier Caput.

Em louvor do Muito Reverendo Presidente o
Senhor Doutor Inácio de Azevedo Cônego
Doutoral da Sé da Bahia.

SONETO

Por Inácio sois fogo; um elemento
entre os mais o melhor, por mais ativo,
e na ciência sois retrato vivo
do mais sábio, e sutil entendimento:

O Fogo, e a ciência, em argumento
se põem, a qual é mais, pelo excessivo,
diz o fogo, que abrasa o que é nocivo,
a ciência, que aumenta o luzimento:

O Fogo com a matéria mais se altera,
a ciência prudente mais se humilha,
e porisso exaltada ver-se espera;

O Todo destas partes em vós brilha;
 como fogo subis à quarta Esfera
 sendo em ciência oitava maravilha.

[*De Antônio Ribeiro da Costa*]

Ao mesmo

DÉCIMA

São Jerônimo queria
 seus membros se convertessem
 em línguas, porque dissessem
 quanto de Paula sentia:
 eu o mesmo apetecia
 se permitido me fôra,
 para louvar nesta hora
 Presidente tão perfeito:
 de me derem (sic) de suspeito,
 Peço verdade de fora.

• *De Antônio Ribeiro da Costa.*

Em louvor do mesmo Presidente

Por Clemente de Sousa,
 menino do Côro da Sé.

SONETO

Hoje que o Mundo em mil misérias arde,
 são as culpas do Mundo ardentes chamas;
 deixa pois Mundo o fogo em que te inflamas,
 não faças de fogo tanto alarde:

Não na manhã do Mundo, mas na tarde,
 do Céu virá o fogo que não amas,
 e os teus frutos que pecam pelas ramas
 verá em cinzas teu valor covarde.

Abre os olhos ao fogo sem ter mêdo,
 que o fogo do Céu mata, mas consola;
 o que há de ser ao tarde, seja ao cedo:

E se o teu fogo consumindo assola,
 busca o fogo em Inácio de Azevedo,
 que o fogo tem de Inácio de Loiola.

[*Antônio Ribeiro da Costa*]

Reuerendo admodum Doctori Ignatio de Azeuedo,
dignissimo sedis Bahiensis Canonico Doctorali,
huius Academiae emeretissimo Praesidi
deductum ab eius orationis argumento, attenta
etiam nominis etymologia.

EPIGRAMMA

Caesaris aspectu quas tunc absconderas ignis,
Explicat hic rutilas dispare sorte faces.
Erubuit tanto conspectu Principis Ignis:
At tuus, Ignati, non timet ore loqui.
Felicem te saepe feram, nam puluere stantem
Fecit hic ingenio luce nitere noua.

Pater Stephanus Ribeiro Guimarães.

Reuerendissimo Sapientissimoque Domino Ignatio
de Azeuedo in Sede Bahiensi Canonico
Doctorali Meritissimo.

EPIGRAMMA

Virgilium mirata fuit gens Dardana quondam,
Aeneae legeret dum monumenta sui.
Te quoque miratur proles Lusiada Doctum,
Pieridum saeclo dum documenta legis.
Dardana gens felix, felix Lusiada proles:
Tradidit ista choro, reddidit illa polo.
Attamen an tantum gens utraque sola potitur;
Donis illa suis, foetibus ista tuis?
Ergo tibi gratare genus, quod sole potiris,
Pieridum crescent te documenta duce.

Tuus Venerator

Emanuel Nunes Leal.

Ao Reverendo Presidente, o Senhor Doutor Inácio
de Azevedo, Cônego Doutoral.

OITAVA

As fraternas Aônias seus favores
vos coroam do sempre verde louro,
tecem grinalda com diversas flôres,
e o realce em Milão fabricam de ouro:
já gratas tôdas, já com mil fervores,
vos veneram em seu castálio couro,
nela vos cantam sem haver segundo
por senhor do Helicon em todo o Mundo.

De Belisário da Lerma.

Ao Muito Reverendo Senhor Doutor Inácio de
Azevedo Presidente da Academia.

DÉCIMA

Essa Oração erudita
êsse discreto tratado
deve, em bronze, ser gravado;
e a oração, com ouro, escrita:
Pois o bem com que se a dita
tal alma lhe sabe dar
que, no bronze, há de falar.
É na mesma eternidade,
tereis tal felicidade;
que vivo vos hão de achar.

Por Manoel Ferreira da Luz
Vigário do Destêrro da Cidade.

Sapientissimo Doctori Ignatio de Azevedo
Academiae Praesidi Emeritissimo

EPIGRAMMA

Dum tua flammiferas gignit sapientia uoces,
Fulgor in ore tuo clarior igne micat.
Materiam tibi flamma dedit, praesentia Magni
Caesaris extingui quam ueneranda facit.
Flamma perit (fateor) praesenti Caesare; crescit

Sed nunc praesenti Caesare fama sibi.
 Accendis flammam ceu Phoenix; sicut et ignis
 Actio Castaliam uocibus hauris aquas.
 Ergo Castalides sileant, Doctissime Phoenix;
 Caesaris in flammis te quia fama canet.

Antonius de Oliveira.

[Assinatura com letra diferente].

Ad Laudem Praesidentis

EPIGRAMMA

Ergo triumphalis feriae nunc aethera clamor:
 Ingenio siquidem laurea parta tuo,
 In te lux sophiae semper perfecta nitescit
 Diogenes abeat, Tullius et sileat.
 Iam fuit Alcides in magnis fortior armis,
 Nunc sophiae solus maior et alter erit.
 Cedat Aristoteles (Doctor) scondat qui Minerua,
 Nam tibi par nemo, nemo secundus erit.
 Sic iterum cecinit

Carolus Teixeira Pinto,
 Artium Magister.

Em Louvor do Eruditíssimo Presidente o Muito Reverendo Cônego doutoral Inácio de Azevedo.

DÉCIMA

Doutíssimo Presidente,
 tanto em vós foi novidade,
 orar com sublimidade,
 como no Sol ser luzente:
 de nada pasma esta gente,
 quando de todo o Cabido,
 que sois o lustre é sabido;
 que sois, sendo parte, o todo:
 Sois por vosso raro modo,
 com todos, todo cabido.

Do Licenciado
Jorge da Silva Pires.

Reuerendissimo Doctori, Doctissimo Praesidi
 Ignatio de Azeuedo Quem Propria merita Ad
 maiora dignitatum fastigia proclamant; In
 amoris pignus et In obsequiosae gratitudinis
 allegoriam

VOTUM

En tibi iam ueteris nouiter nunc munus amoris
 Offero; sed pignus seruat amoris amor.
 Debile, si pretium non dedignabere; cordis
 Quando bene affecti consecro dona tibi.
 Accipe; me que tuas tua dextera firmet ad aras
 Imperioque potens me regat illa suo.
 Suffultus uirtute tua numerabo triumphos
 Hac [spe] semper erit laurea certa mihi.
 offert

O Padre Ioseph Moreira Teles.

ELOGIUM

Reuerendissimo, Sapientissimo et Acutissimo
 Domino Doctori Ignatio de Azeuedo (1)
 Cuius
 Scientiae radiis, aut ignis, tota illustratur
 [Academia.
 Cuius
 Merificis fulgoribus, tametsi electione
 {Decimus, (2)
 Vt primus, eruditione, fulget cathedra; (3)
 Cuius
 Admirandis fulgoribus Doctoris Bahiensis
 Sedis Canonicatus splendescit.
 Cuius
 Justitiae splendoribus Canonicorum Collegium
 [semper assistitur.

(1) Ignatius, aut Ignis.

(2) Denarius numerus.

(3) primus terminus numerorum.

Cuius
 Prudentiae assistentiis, Dioecesis non solum est
 [tanto Canonico illustrata;
 Sed tanto Doctore Ciuitas illuminata
 Cuius denique merito,
 Etsi non capi calamus in explicationem,
 Rapit tamen animus in admirationem.
 [*Pater Ioseph Moreira Teles*]

AD EUMDEM EPIGRAMMA (4)

Tot titulis clarus, Sapiens, es solis ad instar
 Vt Sidus, cui des lumina munus habe.
 Offert

O Padre Ioseph Moreira Teles.

Conferência de 24 de setembro

Primeiro Assunto

Foi o primeiro assunto o valor e zêlo, com que o
 Excelentíssimo Senhor Vice-Rei Vasco
 Fernandes César de Meneses acudiu
 pessoalmente a apagar o incêndio, que já
 estava ateado nas paredes, e teto da Casa e
 oficina da pólvora, em que se achavam
 mais de 400 barris dela.

Ao primeiro assunto

SONETO

Se com César, e Enéias quanta importe
 Fortaleza, e piedade o Céu reparte,
 Nós temos César, Lusitano Marte,
 Que Enéias foi de maior porte.

No zêlo, e no valor igual à sorte
 Faz crer que levam ambos o estandarte,
 Pois nesta ação não teve menor parte
 O pio coração, que o peito forte.

(4) *Sapiens dominabitur astris.*

Com zeloso, e valente desafôgo
 Busca o perigo, em que outros tem desmaios,
 Por ser retrato do mavórcio jôgo.

Oh de famoso herói nobres ensaios!
 Quem tanto lustra quando apaga o fogo,
 Que fará quando ardente acende os raios?

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Ao primeiro assunto

ROMANCE HERÓICO

A vós, famoso herói, César invicto,
 Que de virtudes sois prodígio raro,
 De valerosos, exemplar augusto
 De intrépidos, egrégio simulacro.

• A vós da nobre Europa heróico aluno,
 Que chegastes a ser de África espanto,
 E se na Índia fôstes de Ásia assombro,
 Cá na América sois do mundo pasmo.

A vós, que nas polícias de Mercúrio,
 Bem como de Mavorte nos assaltos,
 Se àquele instrui vossa testa insigne,
 A êste ensina vosso ilustre braço.

A vós, a quem por ser em tudo régio
 No Céu de Portugal planêta claro,
 Fêz o sol português seu substituto
 Para ser do Brasil o melhor astro.

A vós, em quem o esfôrço, e a clemência
 De feliz himeneu fizeram laço,
 E sendo Enéias pio, Alcides forte,
 Sois mais, porque sois César Lusitano.

A vós, que mais que César dominastes
 Os ímpetos de Eolo, e do Oceano
 Em náuticos perigos, que fizeram
 O mar obediente ao vosso mando.

A vós, que fazeis sombra ao outro César,
 Pois vantagens com êle disputando,
 Se êle as águas não teme de Netuno,
 Vós desprezais as chamas de Vulcano.

A vós, que por benéfico, e valente
Tanto excedeis ao César dos Romanos,
Que êle mesmo se agora vivo fôra,
Só de vós escrevera os comentários.

A vós, que por magnânimo, e benigno
Fôstes buscar da morte os ameaços,
Se para o bem comum tão advertido,
Tão descuidado para o próprio dano.

A vós, que ao filho do cansado Anquises
De piedade um exemplo dais mais alto,
Pois se êle muito fêz por seu pai próprio,
Muito mais fazeis vós pelos estranhos.

A vós, a quem fiel fêz companhia
A fortuna propícia neste caso,
Porque invejando a glória ao valor vosso,
Teve empenho em que fôsse a glória de ambos.

A vós, cujo valor sublime, e imenso,
Por lhe ser todo o mundo estreito campo,
Não cabe nêle, e só no peito vosso
Seu lugar pode ter proporcionado.

A vós, em cujo peito ardente, e altivo
A natureza pôs de Etna um retrato,
E porisso cedendo ao maior Etna
O menor fogo suprimiu os estragos.

A vós, cuja presença a grande fúria
Do instrumento sulfúreo salitrado
Remora foi feliz, porque se veja,
Que vos guardam respeito os mesmos raios.

A vós, que como pai dais a êste empório
Segundo ser, mais que o primeiro, fausto,
Pois vos deve a Bahia o não ser hoje
Nóvo exemplo das Romas, e Cartagos.

A vós, credor da obrigação de todos
Todos vos rendem com obséquio grato
O mundo por altar, o amor por fogo,
E nêle os corações por holocausto.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Em louvor da generosa ação que fêz o
 Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César
 de Meneses, arrojando-se intrépido às chamas,
 para livrar esta Cidade do incêndio que se
 ateava na oficina da Casa da Pólvora.

EPÍLOGO

Quem se arrojou às chamas sem temor? ... o Senhor
 Quem foi dos incêndios asco? Vasco
 Quem não teme incêndios grandes? Fernandes

Por mais que Júpiter mandes
 contra nós todo o teu fogo,
 o há de aplacar logo
 o Senhor Vasco Fernandes.

Quem livrou a Fortaleza? César
 Quem se arrojou ao ardor? Maior
 Quem foi às chamas sem susto? que Augusto.

Ele foi a todo o custo,
 e a cidade livrou,
 com que nesta ação ficou
 César, maior que Augusto.

De Antônio de Freitas do Amaral.

Ao assunto heróico

SONETO

Arde em vorazes chamas a oficina
 da matéria, que faz medonho a Marte,
 o mesmo fogo em línguas se reparte,
 para inculcar nos sustos a ruína.

Acode com presteza peregrina
 depondo César o temor de parte,
 com destreza gentil, prudência, e arte,
 evita a confusão, e o mal declina.

Para atalhar um dano, que ameaça
 O César Vice-Rei alto, e potente,
 outro dano maior presente abraça:

Mostrando nos perigos, que desmente,
para ileza guardar ao Rei a Praça,
mais, que o fogo, o valor é mais ardente.

De Francisco Pinheiro Barreto

Vigário da Igreja de São Pedro.

OITAVAS

Príncipe Excelso, Invicto, e Herói preclaro
César ínclito, e Sol esclarecido
Régio Planêta, cujo esplendor claro
sobe à Esfera mais alta a ser luzido:
Hoje por nova idéia e estilo raro
Vosso solar ilustre é aplaudido
pois libando o afeto em rendimentos
vem a esta Academia os Elementos.

Do Ar se ouvem já vozes sonantes
na Tuba com que o rompe altiva fama
Liras formando mais vociferantes
em que troféus entoa, e glórias clama:
assim chegam seus ecos respirantes
à Região donde habita a viva chama,
e lá se canta já em ardente metro
o zêlo de um vassalo ao Real Cetro.

A Terra em quatro Coros repartida
vem por partes cantando vossas glórias
sendo de cada parte repetida
a inteireza na parte das vitórias
de sorte que em som alto e voz erguida,
eternamente, ó César, nas memórias
com firmes caracteres estampada
fica a vossa constância eternizada.

Desatadas das águas as correntes
em mar de inundações tributam claras
líquidos cantos, cultos reverentes
Senhor, a vossas plantas tão preclaras:
Piras compõem de espelhos transparentes,
de aljôfar cristalino erigem Aras,
que só formar se deve em puro fausto
a vosso afeto heróico um holocausto.

Aqui chega o empenho a seus extremos,
 quando correr no excesso paralelos,
 César Invicto, a vossas plantas vemos
 Heclas, Vesúvios, Etnas, Mongibelos
 de vosso esforço aos dotes mais supremos
 rendem de seus ardores os desvelos,
 pois poderão vencer-se sem dispêndios
 só do vosso valor os seus incêndios.

Este do excesso foi todo o motivo
 com que para aplaudir formam conceito
 o intrépido valor, o esforço ativo
 de vosso ilustre braço, e heróico peito:
 publicando com eco sucessivo
 que induz a tal temor vosso respeito,
 que até o voraz incêndio à vossa vista
 se sujeita, se vence, e se conquista.

Francisco Xavier Caput.

Ao primeiro Assunto

SONETO

Acode invicto César ao bramido
 que Vulcano lhe mostra horroroso,
 e com ânimo forte, e belicoso,
 tão iniquo furor deixou rendido.

Este César qual outro destemido,
 com impulsos de Marte valeroso,
 mais que Marte, o venero glorioso,
 mais que César, o vejo engrandecido.

È se um, e outro tiveram tanta glória,
 logre-a o nosso César mais ativa,
 dando esta ação às outras, mais memória.

Pois não havendo emprêsa tão altiva,
 que a Marte, e César desse igual vitória,
 César a todos vença, e sempre viva.

Por Manoel de Mesquita Cardoso.

Ao primeiro assunto

SONETO

Quando a casa sulfúrea em fogo ardia
ameaçando a cidade furioso,
ousado o César, quanto generoso
a defendeu do incêndio que temia.

Como arde o amor, e pulsa a valentia
no peito seu impávido, e piedoso,
sem temor ao perigo, então zeloso
incitado de um fogo, outro extinguiu.

Bem pode desejar esta Cidade,
gratificando dívidas tamanhas,
que a reja o César com perpetuidade.

Que enquanto a defenderem suas façanhas,
confiada nelas, reccar não há de,
do fogo incêndios, de inimigos sanhas.

De Hierônimo Roiz de Crasto.

Assunto

Ao fogo da casa da oficina da Pólvora, e zêlo
com que acudiu a êle o Excelentíssimo Senhor
Vasco Fernandes César de Meneses, Vice-Rei,
e Capitão General de Mar, e Terra do Estado
do Brasil.

SONETO

O Grande, Invicto, César, excelente,
que parece o fêz DEUS por seu mimoso,
contra os quatro Elementos poderoso,
pois a todos sujeita imperialmente:

Levantou-se um Incêndio de repente
na oficina da Pólvora, e zeloso
acudindo o grã César generoso,
chegou, viu, e venceu incontinente.

Venceu ventos, e mares, que passou,
a terra se susteve ao movimento
enquanto o grande César a pisou;

O fogo, tributou-lhe rendimento;
 dos Elementos todos triunfou,
 como são, o mar, terra, fogo, e vento.

De Antônio Ribeiro da Costa

Ao primeiro Assunto

SONETO

Quando mais infeliz, te vi rendida
 Ao sulfúreo rigor, à chama ardente
 Te acudiu, valeroso, prontamente
 César invicto, desprezando a vida.

Esta ação, que hoje vemos aplaudida
 Deve ser na memória permanente,
 Já que pode deixar, mais excelente,
 A glória do outro César, excedida.

E se Amiclas logrou felicidade,
 Sujeitando-se a César o Oceano:
 Foi maior a que teve, esta Cidade;

Porque o povo convosco, mais ufano,
 Livre, e isento ficou, da atividade,
 Não de Netuno, do Cruel Vulcano.

Jacinto Ferreira Feio de Faria.

Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César
 de Meneses Vice-Rei, e Capitão General de
 Mar, e Terra de todo o Estado do Brasil, que
 desprezando a um grande, e evidente perigo,
 acudiu valorosa, intrèpidamente a apagar o
 fogo que se havia ateado na Casa da pólvora
 desta Cidade em ocasião que tinha dentro
 mais de 400 barris dêste violento material.

Assunto primeiro

SONETO

Prende a Vulcano em mármore Vitruvius,
 que exala irado a crepitante incêndio;
 teme a Bahia seu fatal dispêndio,
 já chora o estrago do final dilúvio.

As chamas desprezando do Vesúvio,
e dos raios fazendo vilipêndio,
fôstes, no arrôjo, do valor compêndio,
sendo do fogo, na extinção, proflúvio.

Proflúvio caudaloso, e soberano,
que do Etna de amor brota o desvêlo,
para o público bem com próprio dano;

Oh César sem igual, sem paralelo!
ao vosso Império se rendeu Vulcano,
que cede [o] maior fogo ao vosso zêlo.

D.O.C.

O Acadêmico Nubiloso

A. Caetano de Brito e Figueiredo.

Ao Fracasso, que prometia o fogo que se ateou na
Casa da pólvora atalhado pelo valor, piedade e
diligência do Excelentíssimo Senhor Vice-Rei.

CANÇÃO

Para evadir a chama crepitante,
que limava veemente
os muros, que Netuno caldeara,
piedoso, e reverente
de Anquises o filho nôvo Atlante,
subindo aos ombros seus seu pai, amante,
em tão mais vivo incêndio se abrasara,
que um fogo a outro fogo combatendo
foi o filho triunfando, o pai vivendo.

Não de outra sorte o César generoso,
a quem a pátria aclama
da pátria pai no zêlo, e na piedade,
vendo que a voraz flama
estrago prometia lastimoso
no composto, que anela salitroso
vulcão das pedras, Etna da Cidade,
o incêndio do peito, ao incêndio aplica
com que livre a Cidade e a casa [fica].

De Vulcano na ignífera oficina
 espalhado Vulcano
 na que ao bronze dá voz, horror ao ouvido
 solicita tirano
 estridente fracasso, alta ruína;
 a Bahia ameaça, ao susto inclina;
 um se julga abrasado, outro perdido,
 já o efeito se sente, inda era fama
 ou vê-se a cinza, só se via a chama.

Qual náufrago baixel, ave nadante,
 que entre as ondas arfando
 arenoso sepulcro está temendo,
 mas logo que ilustrando
 vem nos orbes celestes Luz radiante,
 é a espuma safir no mesmo instante,
 tal o Excelso Vi-Rei aparecendo
 ao vulgo receoso, ao povo cego
 de que estrago augurava faz sossêgo.

Na que Aracne o ciúme lá tecia,
 e a vingança enlaçava
 entre o prunante Deus, e o Deus guerreiro,
 prêso Marte ficava;
 mas agora outro Marte na Bahia,
 se Vulcano o compete, êle o vencia;
 ó valor sem segundo, ou sem primeiro;
 Pois do incêndio atalhando o menor dano
 quando a [chama] extinguiu, prendeu Vulcano.

Quem jamais apostados viu dois ventos
 combater denodados,
 que um não visse triunfante, outro vencido,
 assim hoje encontrados
 dois incêndios também ambos violentos,
 do César teve a flama o vencimento
 ficou do fogo do Deus logo rendido,
 porque para apagar sulfúreos lares
 inunda o peito de piedades mares.

Se Heróstrato anelando nome claro
 fêz que em cinzas escuro
 ficasse de Diana o raro templo,
 ó quanto mais seguro
 dos golpes ficará do tempo avaro
 quem a templos tão sacros foi reparo;
 o excesso entre os dois fácil contemplo,
 pois maior fama à mais claridade,
 que um templo morto, viva uma cidade.

Custa porém, se pregoeira a fama
 quer da chama a vitória
 abraço tão heróico, que já dera
 uma glória, e outra glória
 do jazigo do Sol, do Sol a cama,
 quando Alcinho, Pacheco, Almeida e Gama,
 deidades que o Oriente inda venera,
 no Oriente deixou senão vencidos,
 ressuscitados sim, mas esquecidos.

Agradecida pois ou reverente
 a quem a ilustre vida,
 porque vida lhe desse assim despreza,
 pira sempre luzida,
 a votos, e a holocaustos permanentes,
 porque Fênix respire eternamente,
 da Bahia lhe erija hoje a fineza,
 onde soprando o afeto vivas brasas
 queime os aromas, e fabrique as asas.

Canção não te remostes (sic),
 abate os vôos, reconhece a esfera,
 que em Icários do Sol, sempre Faetontes
 o que sobe ousadia, baixa cêra.

Subcensura

Do Acadêmico Obsequioso.

[*Gonçalo Soares da Franca*]

Ao primeiro

ELOGIO

Enéias Lusitano
 Príncipe Augusto, César soberano,
 se rude a fruta minha
 intrépida procura
 com voz rouca, com frase menos pura,
 aplaudir e louvar o valor vosso,
 digno de canto eterno, e sonoro;
 se pretende aplaudir vossa ousadia,
 a vossa heroicidade,
 que em serviço da régia Majestade,
 em defesa sublime da Bahia,
 estão sempre ocupadas:

Dissimulai, Senhor, as limitadas
oblações dêste pobre sacrifício;
e recebei propício
votos, que vos consagra humildemente
amor sincero, afeto reverente;

Pois lembrado êste dia
daquela noite fria,
em que feros, opostos, conjurados
os elementos todos,
mais invejosos, do que agastados,
quiseram perturbar vosso sossêgo;
mas vós, sem desistires do alto emprêgo,
desprezando os perigos,
inda, que os elementos inimigos
queriam disputar o vencimento,
amotinando o fogo, a terra, o vento.

Foi tal vossa constância,
e tal a providência
dessa vossa magnânima prudência
que furibunda a intrépida arrogância
dos elementos transferida em calma
abrandou o rigor, a fúria, a ira
trocando em sombras a flagrante pira;
como redendo (sic) a palma
cedeu à soberana frente vossa
o louro, a c'roa, a rosa:

Gratos pelos seus modos
os elementos vos amaram todos,
todos vos respeitaram, comedidos,
e se de amantes não, sim de rendidos;
porque flôres o Zéfiro suave,
[grinaldas] mil virente a fresca terra,
o fogo, menos grave,
desistindo da guerra;
bem como em seu tesouro
reconcentra no louro
dos incêndios o ardor, a atividade;
bem como persuade

de natura o segrêdo;
pois igual ao ignífero penedo,
se confricados (sic) do loureiro os ramos,
com outros forem uns; certo vejamos
logo brotarem, e prenderem logo,
qual Etna os ramos do loureiro fogo.

Crepitante o loureiro
é também mudamente pregoeiro
do troféu, do triunfo, da vitória;
para expressar a glória,
que respectivo cede, e vos tributa
o fogo, desistindo já da emprêsa
para humilde adorar vossa grandeza
pacífico se aparta da disputa;

E deixa o campo aberto
para que fique inteiramente certo
o mundo, que de um César a ousadia
superar só podia
do ardor seu as crepitantes frágoas
bem como Glauco vencedor das águas,
soube Júlio livrar, César Romano,
aos troféus de um só braço soberano
dos procelosos ímpetos aquários
sôbre a invicta cabeça os comentários,
que tinha escrito para eterna glória,
do império, do valor, e da memória.

Chegou, viu, e venceu, César famoso,
chegastes vós, e vistes o horroroso
fim fatal, que o incêndio prometia;
e desprezando os riscos, que corria
vossa vida, sem mêdo algum da morte,
animando os espíritos de forte,
tanto vos acertastes do perigo
que entendi, que inimigo
era o fogo cruel; que, vi armado
de tanta munição, pólvora, chama:

Mas tudo a vossa fama
soube vencer de sorte,
Ó, César Português, Luso Mavorte;
que apenas não, mas, sim mais glória,
assunto melhor dando à larga história
chegastes, quando assim vencestes logo
o perigo, o incêndio, a chama, o fogo.

Por entre as armas denodado avante
por entre os fogos fero, e destemido
entra valente o Capitão luzido,
passa o soldado para ser triunfante;
vós, que por entre as armas inimigas,
vencedor tantas vêzes
mostrastes, que éreis César, e Meneses.

Pois com valor egrégio denodado
de Belona as fadigas,
como doces lisonjas aprendendo
mostrastes nas puerícias de soldado,
que o fero estrondo horrendo
das trombetas, dos tiros, das espadas
inimigas, sonora consonância
sacros para os ouvidos de umas frentes,
era; que os vales, Céus, o mar, os montes
[havam] de adorar com justa glória
árbitros sempre excelsos da vitória.

Lá nos principios logo entre as espadas
dos inimigos, forte às cutiladas,
vencedor merecestes o diadema:
e não me admiro assim, que agora tema
o mesmo fogo, entreis por entre a chama
para valente conservar a rama
imortal do loureiro, que ganhastes,
por entre o ferro das espadas, e hastes.

Pouco me admira respeitasse o fogo
vossa invicta presença soberana,
reconhecendo no Mavórcio jôgo
triunfante sempre a vossa valentia.

Esta soberania
é, Senhor, mais que humana;
vencer os inimigos mais terríveis,
sendo mortais o mundo muitas vêzes
tem visto; mas triunfar dos insensíveis
sòmente vós, ó Tronco dos Meneses!
podieis, porque sois, se bem se apura,
uma tal criatura,
que parece sois vós, de Deus o empenho;
pois com valor, com arte, e com engenho,
não só predominais nos sensitivos,
mas também respectivos,
e sempre obsequiosos
os insensíveis vos consagram cultos.

Temam pois os mortais fazer insultos,
certos temam forçoso o seu perigo;
porque do vosso império os majestosos
decretos, que não digo
podêres; tôda a parte
ocupam, amedrontam: todos, tudo
são sujeitos, contêm o forte escudo
dêsse braço valente, horror de Marte,
em que apostaram régias as grandezas
aprenderem as glórias, e as proezas.

A pólvora, que negra na oficina
a impulsos cresce do Pilão batente,
humilde, e reverente
respeito tanto a vossa heroicidade
consagra por divina,
que mostra bem, perdeu a agilidade
com que ativa a dotou a natureza,
pois imóvel na própria fortaleza,
em que a fabrica portentosa a arte,
instrumento sulfúreo, atroz de Marte;
humilde, e respectiva
a força perde ativa;
e como de medrosa amedrontada,
na prisão, e oficina clausurada
nem forma estrondos, nem vomita raios.

Devidamente a pólvora desmaios
insinua, Senhor, a vossa vista,
e coisa, que resista
dilatada a extensão do braço vosso,
que haver não pode, mostra;
pois é tão poderoso,
que reprimida, e pávida se prostra

Ante [os ares] devido acatamento
da vossa alta grandeza;
como **conhecimento**
e justa adoração, grata fineza
da sua vassalagem;
pois com excesso, e singular vantagem
tanto vos distinguistes soberano
timbre de Marte, assombro de Vulcano,
aos mais valentes filhos de Belona;
[quando mata todos] se abandona,
intimida, consterna
da pólvora o tormento.

A todos superior é vosso alento,
tão grande na ousadia
da sua heroicidade sempre eterna,
que forte desafia
os perigos, à morte:
pois a morte, e perigos,
fracos como inimigos,
prostra, despreza, humilha, abate, e rende.
E porque assim o entende
salitrado êsse enxôfre tormentário
preciso, e necessário
era, que respectivo
aquêlé reprimisse ardor ativo,
em que rebenta fúria a mortal chama:
pois inda que se inflama,
e qual Tróia, outra mísera Cartago,
dessemelhante só no fero estrago
arde horroroso o forte mais valente:
o incêndio insolente
aos Céus põe bateria,
e com línguas de fogo os desafia;
não menos temeroso
Se achou o Céu formoso
Quando Briareu, e Encelado arrogantes
Recrutaram gigantes,
puseram sentinelas,
acumulando montes, sôbre montes
para invadirem claras as estrêlas.

Negros os Horizontes
os ares enlutados,
e de fumo com globos insultados,
tais deram estalidos,
que os sentidos ficaram, sem sentidos:

Da Casa arderam portas, e os telhados,
mas os vossos triunfos tão sobrados,
altos são, e subidos,
que os impulsos da pólvora esquecidos
da sua valentia
lembrando-se daquela galhardia,
que nas campanhas da guerreira Palas,
vencedor sempre, sempre vitorioso
o troféu alcançastes valeroso
do ferro, chumbo, bombas, e das balas.

De pavor, e fraqueza,
a pólvora medrosa,
fria perdeu a própria natureza,
se cortês venerou de obsequiosa
o valor vosso, a vossa fama egrégia;
como a pessoa régia,
com devido decôro à Majestade
atenta respeitou a heroicidade
da vossa valentia,
do peito vosso a grande fidalguia.

Não prosseguir o incêndio
considero, que foi breve compêndio
dos muitos sacrifícios,
com que Belona, Palas, e Vulcano,
aquêles compensaram benefícios,
que vós lhes dispensastes soberano.

Dizem que o fogo não produz, não cria
fruto algum; e porisso, que chamado
fôra o fogo, infrutífero dizia
a antiga história: e hoje demudado
certamente se observa êste conceito;
pois no muito respeito,
com que humilde obedece vosso mando,
produz o fogo muito:

Não é pequeno fruto,
um troféu grande, um claro vencimento;
neste raro portento,
que hoje tributa a vosso império brando,
um tal troféu o mesmo fogo cria,
um tal fruto vegeta,
que impossível seria,
outro igual produzir êsse planêta
igneo, que mora lá na esfera quinta,
ou êsse habitador da esfera quarta:

Êste milagre do valor quarta
por maneira o consinto à minha Musa,
que estúpida, confusa
deixa o papel, o canto, a pena, a tinta;
e só de obsequiosa
pretende por asilo
de tanto atrevimento
angusta a proteção sublime vossa;
pois com rude, grosseiro, e baixo estilo

entrou no pensamento
 êsse vosso aplaudir triunfo altivo
 ignea vitória, timbre respectivo;
 que sòmente de Homero,
 pudera a lira, poderia o esmêro
 celebrar, não repito cabalmente,
 porque para elogiar tão excelente
 triunfo, fôra ainda o próprio metro
 lira discorde, dissonante pletro.

S.C.

De Luís de Siqueira da Gama.

Ao primeiro assunto

SONETO

Excelso César, cujo alento augusto
 respeita invicto [e sem] segundo a fama,
 a quem do pasmo o justo obséquio aclama
 terror da esfera, do elemento susto;

Vós que esforçado, intrépido, e robusto
 c'o generoso ardor, que ao peito inflama,
 fazeis que extinta fique a torpe chama,
 que a todos ameaçava exício injusto;

Pois vendo que Vulcano irreverente
 se atreve a casa, que o salitre afina,
 só de vos ver fazeis que êste se ausente;

Sabei que por ação tão peregrina
 nas aras da memória reverente
 o tempo eterna estátua vos destina.

De João de Barbosa e Lima.

Ao primeiro assunto

SONETO

Na Liparca oficina em que é formado
 Esse granizo etiope violento,
 Dar pudera em flamígero escarmento
 A Bahia, um descuido, um grã cuidado.

De Tróia o fim tivera decantado,
 Se como no sublime pavimento
 Enfurecido o ignífero elemento
 Se ateara no globo salitrado.

Ao incêndio acudiu o Vis-Rei logo,
 e sem temer a vigorosa chama
 Nela se introduziu sem mêdo, ou rôgo.

Porisso a quanto Febo a luz derrama
 Com as vorazes línguas dêste fogo
 Esta gloriosa ação publique a fama.

[*João de Brito e Lima*]

SONETO

Ígnea matéria ofusca o ar sereno
 Na oficina ateadada do maligno
 Negro instrumento, de louvor indigno
 Peste dos Reinos, dos mortais veneno.

Dano causara a terra não pequeno:
 Se a diligência de um Vis-Rei benigno
 Com valor entre as chamas peregrino,
 Pasmos não dera ao orbicular terreno.

Obedece o elemento, que importuno
 Se ateou, vendo ao César Lusitano
 Da Americana Córte invicto Aluno.

Mas se na guerra o teme Marte insano
 E se o venera nos cristais Netuno
 Que muito o respeitasse o Deus Vulcano.

[*João de Brito e Lima*]

SONETO

Quando de Ásia a cabeça presumida
 Se via em Gregas chamas abrasada,
 Despreza a vida Enéias mais prezada
 Por dar a vida, a quem lhe deu a vida.

Ateando-se a chama enfurecida
 Na oficina da massa salitrada,
 A cabeça da América abrasada
 Pudera ser com Tróia parecida.

Por livrar tantas vidas generoso
 Se arrojou Luso Enéias, o dispêndio
 Da sua, não temendo valoroso.

Esta ação que é das glórias um compêndio
 Se a um César mais que Enéias fez famoso
 Fêz a seu nome Fênix dêste incêndio.

Do Acadêmico Infeliz

João de Brito e Lima.

Ao primeiro Assunto

SONETO

Inflamado o Incêndio, no edifício,
 que o raio militar seguro encerra,
 temido o povo, e assombrada a terra;
 só submissões se ouviam ao suplício:

Mas da chama voraz, César propício,
 já livre o povo, como em alta serra,
 todo o horror estrondoso lhe desterra;
 expondo a melhor vida ao sacrifício.

Impulso o mais fiel da valentia,
 pois sendo, aos raios, o seu nome isento,
 no Oriente sobrava, e na Bahia.

Mas como tem tão alto o pensamento,
 a isenção é o valor, em que se fia;
 e é só vida o viver com vencimento.

Por Manoel Ferreira da Luz

Vigário do Destêrro da Cidade.

Ao valor com que o Excelentíssimo Senhor Vice-Rei
 desprezou a vida acudindo ao incêndio que se
 ateava na Casa da pólvora.

SONETO

Por entre incêndios que o Vesúvio aborta
 Dêsse ignífero alcáçar de Vulcano
 Rompe o César que a impulso soberano
 Logo as chamas lhe atalha, as línguas corta.

Vê-se o fogo aplacado, e a chama morta,
 Mas sempre viva a glória com que ufano
 Quando empenha o valor despreza o dano
 Sôbre as asas da Fama se transporta.

Bravo valor, heróico, e sempre altivo,
 Alento forte de inaudito feito,
 Ardente zêlo, raro, e excessivo.

Arrôjo em tudo digno de conceito,
 Ação que retratada mais ao vivo
 Se vê do César no heróico peito.

De Frei Avertano de Santa Maria.

À prontidão e presteza, com que o Excelentíssimo
 Senhor Vice-Rei, sem atender ao risco, acudiu
 em pessoa ao fogo, que na casa da Pólvora se
 ateara.

SONETO

Pega o fogo das vidas inimigo
 Donde o invento se guarda mais tirano:
 Um se assusta, outro grita, e corre insano,
 Temem todos ali maior castigo.

Mas César, que seguro vai consigo
 Entre as iras sulfúreas de Vulcano
 Ao fogo acode, sem temer o dano,
 Que glória o seu valor faz do perigo.

Com tanta prontidão ao fogo acode,
 Que alentando ao temor seu desafôgo,
 Faz que a ceder o fogo se acomode.

Mas que muito que à vista sua logo
 O fogo assim cedesse, quando pode
 A atividade sua mais que o fogo?

De André de Figueiredo Mascarenhas.

A presteza com que o Excelentíssimo Senhor Vice-Rei acudiu ao fogo, que se ateara na casa da Pólvora, sem lhe temer os riscos.

SONETO

Com valerosa pressa, de vós digna,
Que o valor ministra asas no conflito,
Do incêndio, ó César, que labora ao grito,
Da Pólvora acudistes à Oficina.

Da que ameaça Vulcano atroz ruína
Intrépido a livrais, que sempre invicto
Do braço vosso o crédito infinito
Até nos elementos predomina.

Cesse pois o valor mais celebrado,
Com que de Amiclas restaurando o alento
Imperou César em Netuno irado.

Que vós, ó César, com maior portento,
Só do vosso valor ao menor brado,
Fazeis que o mais voraz ceda elemento.

De João de Figueiredo Mascarenhas.

Ao 1.º assunto

SONETO

Brama o Mar, sopra o Vento, e no perigo
Argonauta foi César o Romano,
Não temas (diz) o Tiphis, êste dano,
Que a fortuna de César vai contigo.

Mongibelo voraz, Etna inimigo
Heróico vence o César Lusitano,
Pois não teme essas iras de Vulcano
Um Marte, quando vai todo consigo.

Mas vencendo o primeiro a Água e Vento,
Terra e Fogo o Segundo: é bem distinto
Ser mais claro êste ilustre vencimento.

Assim pois foi aquêlo, astro sucinto;
Porém êste, como é maior portento,
Passa a ser lá no Céu Planêta Quinto.

Luis Canelo de Noronha.

Ao valor com que Sua Excelência foi acudir ao fogo
que se ateou na Casa da pólvora o qual logo
se apagou.

SONETO

A Netuno investindo pois temia
Júlio César perder a própria vida,
Salva o livro na mão (prenda querida)
Do perigo fatal de Alexandria.

Com mais régio valor, mais valentia
Fôstes César de fama esclarecida
A Vulcano investir (ação subida!)
Que abrasar pretendeu tôda a Bahia.

Ó quanto Augusto sois mais poderoso
Do que Júlio potente Rei Romano,
Que Elemento venceis mais majestoso.

Mas a um César que é Marte Lusitano
Há de um fogo render-se obsequioso,
Pois de um Marte tremeu sempre um Vulcano.

De Antônio de Oliveira.

[Assinatura com letra diferente].

Ao primeiro Assunto

SONETO

Busca o César o Forte com presteza,
onde feroz se ostenta o Inimigo,
mete-lhe gente dentro sem perigo,
que perigar não pode a ligeireza:

Porque a vontade sua a mais acesa
se assemelha assim bem ao fogo vivo,
que com calor, intrínseco incentivo
comunica aos chegados a viveza.

E como destruído todo teve,
àquele agora cinza, então Vulcano,
para a Côte se torna como deve;

Onde vivas lhe dão, e o desengano,
de que a vencer ao fogo só se atreve
um tão inclito Raio Lusitano.

De Feliciano de Palmeye.

Ao valor com que o Excelentíssimo Senhor Vice-Rei
desprezou o perder a vida quando foi acudir o
incêndio que se ia ateando na Casa da pólvora.

SILVA

Alto empenho me traz à Conferência
Pois é Sua Excelência
Dela o empenho mais alto,
Ao assunto não faltou
Se para relatar suas grandezas
Façanhas, e proezas
Inda que com a Fama use de trêta
Tomar-lhe-ei a dulcíssima trombeta
Que em altissona voz com som disperso
Tocarei para assombro do universo.

A quem devo eu louvar conforme é justo
Senão ao César cujo nome Augusto
Pelo Mundo se aclama
Porque cresça o seu nome, glória, e fama;
Pois intrépido vence, e soberano
As igníferas fúrias de Vulcano
Que o seu zêlo atropela,
Porque como o serviço de El-Rei zela,
E o bem comum logo
Mais ardente o seu zêlo foi que o fogo
Para que da sulfúrea oficina
Que Vesúvio maquina
Vissem que ainda ao Etna, e Mongibelo
Excedia o ardente do seu zêlo.

Porém ó Musa, para
Porque a Fênix melhor pena já apara
Para que a meu rôgo
Como nas chamas jaz, sabe do fogo;
Esta ação só por única descreva
Sem que a Fama se atreva
A dizer lá no Templo da Memória
Que no Mundo além desta houve outra glória.

Por Anastácio Ayres de Penhafiel.

Pegando fogo na Casa em que se fabrica a pólvora,
 entrou nela a extingui-lo o Excelentíssimo
 Senhor Vi-Rei Vasco Fernandes César de
 Meneses; perigo de que o livrou a
 Virgem Santíssima Mãe de Deus. Assunto
 heróico da presente conferência. Aconteceu
 o caso em uma tarde do mês de abril
 conjunção de lua-cheia.

TERCETOS

Na Estação em que menos reverbera
 Os refulgentes Raios na Bahia,
 O Planêta Senhor da quarta Esfera

Caminhava ao seu térmo um claro dia,
 E a noite dos horrores em que estava
 Cego Império de sombras prevenia,

Mas o noturno luminar que andava
 Em curso cheio, em passos de Gigante
 A destruir-lhe as trevas se apressava,

Quando luz pouca, em Flama devorante,
 Envolta em fumo, tremulada ao vento
 Ia abrasando Fábrica arrogante.

Do composto, e cruel forte Elemento
 Veneno do valor, Peste da vida,
 Artificio infernal, Tudesto invento.

Foi a soberba Máquina erigida
 Por grato General, cuja memória
 Está naquelas pedras esculpida.

Indo a chama a fazer-se mais notória,
 [Leva] a fortuna a César a [notícia]
 Por dar-lhe até de incêndios a vitória.

É este Herói aquêle a quem propícia
 Serve a fama, e que os Fados traz sujeitos
 Por ações, por alento, e por pericia;

O César Português, que em grandes feitos
 Nos Teatros fatais [de] ambas Espanhas
 Foi exemplar de glórias, e respeitos.

Sendo pelas ciências, e façanhas
Com empregos de paz, Troféus da guerra
Luz nas Palestras, Raio nas Campanhas,

E saindo depois da pátria terra
Com o poder do Rei mais soberano
Viu quanto gira o Sol, e o Globo encerra,

Sentado no maior Trono Indiano,
Fêz que várias Nações paguem tributos
Pondo a cerviz ao jugo Lusitano,

E agora que ao Brasil cheguem os frutos
Do seu Govêrno, Ó Tempo venturoso,
Que conta os benefícios por minutos;

Ó [vasta Região], País famoso
Que agora cresce mais em opulência
No poder de Vi-Rei tão generoso;

Ó Vassallos, que em nobre competência
Fazem em tal domínio, e desafôgo
Parecer voluntária a obediência.

A destruir o Incêndio parte logo
Neste fervor mostrando que domina
Menos na Casa, que em seu peito o fogo.

Achava-se na lóbrega Oficina
Da Sulfúrea matéria cópia tanta,
Que aumentara a grandeza da ruína.

Não teme a chama ao ver que se levanta,
Pois quanto muda estêve ali secreta,
Tanto em línguas de fogo agora espanta

Da sua Região buscava a meta
Fazendo horrendas impressões nos ares,
Onde cada faísca era um cometa,

Mas o Vi-Rei que em fôrças singulares
Sabe das chamas triunfar valente
Com a mesma fortuna que dos mares

Entra, acomete, avança, manda gente
Subir ao alto teto do Edifício
Por onde andava o fogo mui potente.

Não receia ó voraz negro artíficio
Que pudera cruel servir à mágoa
Com maior prontidão, que ao benefício.

Remete acima cristalina Frágoa,
 Pondo, em contradição de dois contrários,
 A inundações de fogo, incêndios de água.

Com êste, e outros instrumentos vários,
 Cede o incêndio a esforço peregrino,
 Cessa o perigo a impulsos temerários.

O sucesso feliz de assombros digno
 Mostrou ser mais prodígio, que ventura
 Mais que humano poder, favor divino.

Pois o vil material na conjuntura
 Junto às chamas estar sem arder nelas,
 Mercê foi singular da Virgem pura.

Imperatriz do Céu, que em luzes belas
 No calçado tem lua em mais constâncias
 Sol no vestido, na Coroa Estrêlas.

Sendo em superiores circunstâncias
 Especiosa lua sem minguentes,
 Sol sem Eclipse, Estrêlas sem errâncias.

Asilo de favores relevantes,
 Segura defesa dos seus devotos
 Compêndio de milagres incessantes

A quem os casos nunca são remotos,
 E a quem sempre o Vi-Rei exemplarmente
 Freqüenta as Aras, e repete os Votos.

Ela o livrou do risco ali evidente,
 Ela lhe deu (do fogo no exterminio)
 Vitória do inimigo mais veemente,

Ela lhe faz plausível o domínio,
 E no Brasil (de tantas glórias pago)
 Com tal Vi-Rei, e tanto patrocínio
 Tudo será Triunfo, e nada Estrago.

O Acadêmico Vago

Sebastião da Rocha Pita.

Ao Assunto heróico da presente Academia, com u'a introdução joco-séria.

SILVA

Picado venho mais que uma selada
do que me contou certo camarada
que meu vizinho o Pires Longarito
com estilo erudito
às regras ajustado da poesia
em seu nome mandara à Academia,
uma décima feita ao Presidente
que em Palácio orou últimamente.

Ao princípio cuidei seria graça
mas por fim conclui em que assim passa.

Confesso na verdade
que inda não vi maior disparidade:
fazer versos, tal coisa não confio
de quem mais péso tem do que feito
de quem cuida em vender os seus cominhos,
outras drogas tais como os meus focinhos.

Ser Poeta emprêgo é muito subido,
frisa bem, num sujeito mais polido,
de moídas feições, mais delicado
em tôdas as matérias mui versado.

Longarito algum dia,
Apolo conheceu, nem viu Talia?
Viu correr a perene
prateada corrente de Hipocrene?
bebeu da Cabalina
algum púcaro de água cristalina?
ao Parnaso subiu? entrou no Côro
das nove Irmãs? Seu métrico canoro
concebeu nos ouvidos, doce acento,
com que infundem divinizado alento?
Ou de Dêlfico impulso arrebatado,
em sagrado licor se viu banhado?

Se nada disto teve,
como insano a fazer versos se atreve?
deixe emprêgo tão digno, e sublimado
a gente de mais barbas destinado.

Quer ter flatos de Poeta generoso
e feitio mais torpe, e horroroso
que da barra passou? é desatino,
que ao mais sisudo faz perder o tino.

- Se como eu fôra lido, e curioso,
se das fábulas fôra noticioso,
caprichasse em ter boa livraria
na qual se divertisse noite e dia.
- Se como eu fôra, digo,
que no trato dos livros me afadigo,
e no curso de um, e outro ano,
o meu **memento sum quotidiano**;
nêles pus todo o meu divertimento,
dêles é que me visto e me sustento.
- Então fôra Poeta de mão cheia
pulsando-lhe estaria sempre a veia,
mais sonetos fizera que bagaço
décimas brotaria a cada passo.
- E senão vejam como a Silva acabo
com crédito, e primor, em menoscabo;
descrevendo com tôda a brevidade
a mais sublime ação da nossa idade.
- Aquêlê Herói com quem não faz parelha
outro algum pois a si só se assemelha.
Já se sabe quem é, o César digo
em cuja intrepidez, nenhum perigo
por notório, evidente, e conhecido
jamais fêz impressão: Que destemido!
que valente! que ousado! e que brioso!
arrogante, bizarro, e valeroso,
Vesúvios desprezou, Etnas pisando;
voracíssimo incêndio atropelando.
- Aquêlê que sabendo,
que em mil pés todo o Povo vem correndo,
porque a Casa em que a pólv'ra é fabricada,
qual outra Tróia em fogo está abrasada;
receando que em breve se veria
sepultado nas cinzas da Bahia:
parte, voa, chega, entra, vê, e logo
de repente cessou tão grande fogo.
- Ó Cesáreo valor certo suspeito,
maior fogo se oculta em vosso peito,
maior chama-vos, chama, e vos convida
a dar por êste Povo a própria vida.
Sendo pois tão ativo o fogo vosso
com razão afirmar, e dizer posso
era mui natural aquêlê fogo
cessar quando aparece êste outro fogo.

Tal esta minha Silva vai fugindo,
 porque outra de mais fôlha vem surgindo
 não se ela fôr do Pires Longarito,
 que dessa, qual se fôra um periquito,
 protesto publicar à bôca cheia,
 que inda que entre em seu nome é muito alheia.

De Paulo da Silva Sarmiento,
 livreiro defronte da Misericórdia.

Ao assunto heróico

SONETO

Quando em vorazes linguas determina
 Seu poder ostentar o Deus Vulcano,
 Um fogo noutro fogo ateia ufano
 Por ser menos o incêndio que a ruína.

Para evitar o estrago se destina
 Todo o valor de um César Lusitano,
 Do nôvo Mundo Jove soberano
 Que do Fado ao desdém feliz domina.

Cede logo o Elemento mais ativo
 A César, e a voraz chama remove
 Em fumos por mostrar-se só altivo.

Não admiro o prodígio, que se move,
 Porque de admiração não é motivo
 O ver-se obedecer Vulcano a Jove.

Ioseph de Oliveira Serpa.

Excellentissimus Dominus Vascus Fernandes Caesar
 funestissimum fugaturus incendium
 magnanimus accedit.

EPIGRAMMA

Dum uidet ambustum Patriae fumare cadauer,
 Exagitat citharae fila canora Nero.
 Se noster flammis Caesar surgentibus offert,
 Funus et in rapido despicit igne suum.
 Transfuga sed uiso fit Caesare flamma, Neronis

Non ita dum Latia personat Vrbe chelys.
Rem capio euentu totam, sub dispare: Noster
Pulsauit flammæ Caesar, et ille Lyræ.

[*Sem indicação de Autor*]

Excellentissimus Dominus Vascus Fernandes Caesar
periculoso magnanimus occurrit incendio.

EPIGRAMMA

Vidit ubi Augustum per Nerea claustra natantem,
Si stupet, et laudes, Martia Roma canit;
Horrida ludenti flammæ incendia VASCO
In festas strueret fulgida templa dies.
Namque tumescentem transmittere brachia

[Pontum

Instruit ars; flammæ spernere nulla docet.
Ergo quid? Augustus mediis in fluctibus artem
Prodidit; ast animum Caesar in igne suum.

[*Sem indicação de Autor*]

Excellentissimus Dominus Vascus Fernandes Caesar
maximum totius Brasiliæ Ornamentum
lethali magnanimus occurrit incendio.

EPIGRAMMA

Dum petis audaci crepitantes pectore flammæ,
Aduenit impauido gloria quanta tibi!
Igniferis cedunt tremefactæ montibus urbes,
Gestat et æternum territa flammæ decus.
Cophantus trepidat: fumantia tecta Pachynus
Consecrat: imperio subditur Aetna tuo.

[*Sem indicação de Autor*]

Excellentissimus Dominus Vascus Fernandes Caesar
ad extinguendum incendium magnanimus
accedit.

EPIGRAMMA

Igne subridet Parnasia fulmina laurus,
Sunt de nubifero cum iaculata polo.
Contemnit rapidos Caesar securius ignes;
Hic et enim flammam quaerit, illa fugat.
Hinc aliis placeant lauri trepidantillus umbrae;
Caesaris est trepido tutior umbra mihi.

[*Sem indicação de Autor*]

Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César
de Meneses Vice-Rei dêste Estado do Brasil.
Na ocasião em que com generoso, e alentado
ânimo, acudiu a apagar o fogo, que se ateava
na Casa, e officina da pólvora onde estavam mais
de quatrocentos barris dela.

ENCOMIASTICHON

1.^a

Aquêlê ardor altivo, e generoso
Com que se adorna o César Lusitano
Para que empreenda forte, e valoroso
Os têrmos transcender além de humano;
Sendo no alento augusto, e belicoso,
Terror de Marte, susto de Vulcano;
Cantando espalharei pelo universo,
Se tão sublime assunto cabe em verso.

2.^a

Cantando levarei por todo o mundo,
Em ritmo grave, estilo levantado,
Aquêlê impulso heróico, e sem segundo
Com que se faz isento às Leis do Fado:
Farei que em metro altiloquo, e facundo
Seu nome, pelos Orbes dilatado;
Ponha em silêncio os feitos soberanos
De Assírios, Persas, Gôdos, e Romanos.

3.^a

Vós Ninfas, que habitais no excelso cume
 Que rega de Hipocrene a fértil veia
 A quem concede Apolo o Sacro nome
 Que a mente eleva, ao passo que a recreia:
 Se a vossa divindade inda presume
 Daquele influxo, que ao sentido enleia
 Dai-me um furor, que faça, só de ouvi-lo
 Pasmear o Eufrates, Gânges, Indo, e Nilo.

4.^a

Um nóvo ardor, tão grave, e levantado
 Me concedei, que possa repetido
 Cantar aquêles esforço celebrado
 Que o termo excede além de encarecido;
 Fazei que chegue o Canto sublimado
 A ser com vosso auspício tão subido,
 Que se ouça, cá das partes do Ocidente,
 Retumbar lá nos âmbitos do Oriente.

5.^a

E vós Augusto César Lusitano
 Excelso timbre, e glória dos Meneses
 Por quem se viu do orgulho Castelhana
 A fúria reprimida tantas vêzes:
 Vós, que famoso, invicto, e soberano
 Os feitos ilustrando Portuguêses,
 Enchestes de façanhas singulares
 De Europa as terras, e do Oriente os mares.

6.^a

Vós dela sois, Senhor, o heróico assunto.
 Se o ser equivocando a natureza
 Fazeis que não distinga duvidoso
 Se sois no alento mais, se na grandeza
 Deponde um pouco agora o Majestoso,
 E vêde esta que canto augusta empresa
 De que se o rasgo é meu, meu o transsunto
 Vós dela sois, Senhor, o heróico assunto.

7.^a

Era quando o Planêta refulgente
 Ia no Oceano as luzes sepultando
 Se via para as partes do Ocidente
 Entre confuso abismo ir declinando
 Já Tétis sôbre o gôlfo diligente

Por ver do louro amante o gesto brando
 Nas ondas lhe aprestava atenta, e grata
 Em leito de cristal, cama de prata.

8.^a

Já a noite pelos Orbes dilatada
 Se via lá descer dos altos montes
 Mostrando em pardas sombras disfarçada
 Ser muda suspensão dos Horizontes
 Trazendo sôbre o Pólo equivocada
 A negra forma que usurpara a Brontes
 Fazia em torpe assombro a triste usura
 Que o susto informa a passo que o murmura.

9.^a

As aves com recíproca porfia
 Vagando pelos bosques se albergavam
 Os términos condundindo a melodia
 Com que de Febo as luzes festejavam,
 Os quebros suspendendo na harmonia
 Já mudas pelas brenhas se ocultavam,
 Deixando em suspensões, de horror profundo
 Mais triste a terra, e mais confuso o mundo.

10.^a

Eis de improviso o vulgo pavoroso
 Sem tino pelas ruas percorrendo
 Mostrava no assustado, e temeroso
 Presságio triste de successo horrendo
 Correndo vago, trépido, medroso,
 E reverente as mãos ao (sic), Céus erguendo
 Formava cada qual em som distinto
 De confusões um negro labirinto.

11.^a

Vistê o cerdoso bruto, que acoitado
 De agreste turba dentro da espessura
 Corre não de medroso, de assustado
 Por esconder-se ao dano que o procura
 E quanto mais se aparta denodado
 Da bárbara caterva, esquiva, e dura
 Mais foge porque o susto não permite
 Que ponha o seu temor certo límite.

12.^a

Não de outra sorte o povo sem sossêgo
 Se via em vago horror, tumulto vago
 Correr aqui, e ali confuso, e cego
 Do mal que adverte tímido, e pressago
 Mostrando enfim no seu desassossêgo
 Indício certo do iminente estrago
 Temia ver-se sem remédio logo
 Arder em chamas, abrasar-se em fogo.

13.^a

Temia ser com dano miserando
 De incêndio ativo infausto sacrificio
 Que lhe ameaçava bárbaro, e nefando
 Vulcano horrendo com funesto exício
 Pois com violento impulso, e formidando
 No estrépido informando o precipício
 Se via em labaredas furibundo
 Romper a esfera, e confundir o mundo.

14.^a

Via-se em torpe incêndio devorante
 Do pó sulfúreo a casa subverter-se
 E envôlta em fumo a chama crepitante
 Voraz ao globo esférico atrever-se
 Já sôbre o teto vaga, e tremulante
 Com bárbaro destrôço chega a ver-se
 Do Pólo confundindo os Horizontes
 Formar-se em globos, levantar-se em montes.

15.^a

O forte alcáçar, célebre oficina
 Onde a matéria vil se fabricava
 Que o bronze anima, com fatal ruína
 Ardia em fogo, em chamas abrasava
 Esta de Jove casa peregrina
 No infausto incêndio misera informava
 Tão grande estrago, que do ardor que exala
 Pasma o Céu, treme a terra, o mar se abala.

16.^a

Ardia enfim com susto antecipado
 Do horror futuro a fábrica eminente
 Onde encerrava pródigo o cuidado
 Da salitrada massa cópia ingente

Guardava nela quase ao fogo dado
De vil descuido efeito negligente
Número grande do composto forte
Que a vida arrisca, escandaliza a morte.

17.^a

Aquêlé, digo, máquina arrogante
De heróico alento singular destino
Que sobe às nuvens bárbaro gigante
A ser da esfera susto peregrino
Pois sôbre um monte intrépida, e constante
A quem retrata o gôlfo cristalino
Parece ser, oposta aos altos montes
Coluna do ar, padrão dos Horizontes.

18.^a

Aquela que não longe edificada
Da majestosa, e célebre Cidade
Que é na grandeza suma, e sublimada
Precisa admiração da nossa idade
Pois singular, famosa, e respeitada
No lustre, na opulência, e majestade
Se admira ser do império Americano
Augusta Côrte, empório Soberano.

19.^a

Esta, que igual na pompa se eterniza
A sempre altiva Côrte Portuguesa
A quem no excelso a fama soleniza
Portento inimitável da grandeza
Pois tanto sôbre as outras se divisa
Que o mundo ocupa, admira a redondeza
Que na excelência, e fausto majestoso
É do universo assombro portentoso.

20.^a

Digo a Cidade augusta, e venerada
Pela notável célebre Bahia
A quem por grande espaço dilatada
Do próprio nome usurpa a regalia
Famosa, conhecida, e respeitada
Porquanto o sol rodeia, abarca o dia,
E no comércio amplíssimo, e diverso
Da Europa escala, porta do universo.

21.^a

Não longe desta, pois, olhando ao Pólo
 Austral, se admira em forma peregrina
 Como já disse o grande Mauseolo (sic)
 Que é da salítrea chama ampla oficina
 A quem do ígneo terror funesto dolo
 Presume insano coa fatal ruína
 Deixar extinto entre hórridos vapores
 Centro do espanto, escandalo de horrores.

22.^a

Ó quanto estrago misera sentiras
 Ó quanto exício triste padeceras
 Bahía excelsa, se as vulcâneas iras
 Tão generoso oposto não tiveras.
 Já para os ares trêmula subiras
 Já sôbre a terra trépida desceras
 E fôras hoje na distância breve
 Negro pó, triste sombra, e cinza leve.

23.^a

Se a chama, que violenta se estendia,
 Se o fogo que voraz se dilatava
 Com vago estrondo, e com mortal porfia
 Pelo espaçoso teto que abrasava
 Chegara torpe ao Centro em que se via
 Do salitrino adjunto cópia brava
 Já não restara mais que a sombra triste
 Da bárbara opulência em que te viste.

24.^a

Vira-te agora com fatal destino
 Ser da Vulcânia chama arbitrio infausto
 Da tua pompa o lustre peregrino
 E da grandeza tua o Régio fausto
 Fôras de eterno luto assunto indigno,
 E de funesto horror fero holocausto,
 Se não houvera um César Soberano
 Que livre te reserve a tanto dano.

25.^a

Apenas corre vaga a lamentável
 Em vão tumulto a nova lastimosa
 Que se abrasava em chamas formidável
 De horror salitrío a fábrica famosa

Apenas triste a plebe, e miserável
 Se adverte em torpes ecos pavorosa
 Gritando: fogo, fogo, que se abrasa
 Da pólvora a oficina, e nobre casa:

26.^a

Quando esforçado, ativo, e generoso
 Menosprezando o risco, heróico, e forte
 Para evitar o dano, que horroso (sic)
 A todos ameaçava infausta morte;
 Ligeiro acode, corre valeroso
 Porque do fogo o fero ardor reporte
 O sempre augusto, excelso tantas vèzes
 VASCO FERNANDES CÉSAR DE MENESES.

27.^a

Êste, que então do Americano Estado
 Com régio alento, e sumã providência
 Invicto sempre, sempre respeitado
 Tentava as rédeas com gentil prudência
 Regendo o tão famoso, e venerado
 No acêrto, e na suprema intelligência
 Que inda se admira com ditoso auspício
 De acêrto tanto o generoso indício.

28.^a

Êste que tendo o sumo privilégio
 Por especial decreto, e soberano
 De ser eleito no absoluto, e Régio
 Mando gentil do império Americano.
 Supremo Vice-Rei, que ao sempre egrégio
 Augusto REI, Monarca Lusitano
 Senhor Dom JOÃO o quinto, a que obedece
 Venera Leal, atento reconhece.

29.^a

Pois na Suprema, e Régia potestade
 Com que domina, e rege independente
 Reconhecendo sempre a Majestade
 É do arbítrio Real cópia excelente
 Famoso, e conhecido na equidade
 Com que administra pródigo, e prudente
 Os povos em justiça, e com sossêgo
 De um generoso alento, heróico emprêgo.

30.^a

Este que é na grandeza esclarecido,
 Este que é na piedade celebrado,
 Se nesta por benigno conhecido
 Naquela por ilustre respeitado.
 Apenas ouve o mísero gemido,
 Apenas ouve o lastimoso brado
 Do que ameaçava ao povo miserável
 Preciso estrago a chama formidável.

31.^a

Apenas ouve os ecos pavorosos
 Que vagos pelos ares se esparziam
 Os tristes ais, suspiros lastimosos
 Que sôbre o Pólo fúnebres se ouviam
 As roucas vozes, brados horrorosos
 Que a terra a nôvo caos reduziam
 Fazendo em fero horror funesto abismo
 De confusões um cego barbarismo.

32.^a

Eis que robusto, intrépido, e ligeiro
 Para aplacar do fogo o dano intenso
 Com generoso espirito, e guerreiro
 Menosprezando a vida o risco imenso
 O Luso César, César verdadeiro
 Por onde o fumo vê crescer mais denso
 Parte, vai, chega, sobe, e determina
 Remédio presto a tão mortal ruína.

33.^a

Remédio apresta altivo, e soberano
 Sem que da morte tema o fero amago
 Para evitar do bárbaro Vulcano
 Quanto informava a terra injusto estrago;
 Vulcano, que furioso, e desumano,
 Perverso, enfurecido, torpe, e vago,
 Como já disse, em cinzas pretendia
 Que nova Tróia fôsse hoje a Bahia.

34.^a

Porém o Luso César c'o famoso
 Ardor, que lhe estimula o régio peito
 Impávido se arroja, e valeroso
 Para extinguir-lhe ativo o duro efeito,

Chega alentado, forte, e vigoroso
Sem que a perigo algum tenha respeito,
E manda que se arrase o pavimento
Para impedir do fogo o louco intento.

35.^a

Mas o sucesso digno de alta glória
Que em mármore só deve retratar-se
É para eterno assunto da memória
Em lâminas de bronze eternizar-se
Fazendo enfim que célebre, e notória
(Porque na fama chegue a dilatar-se)
Tão grande ação publique a longa idade
[Evo], memória, tempo, eternidade.

36.^a

Cale-se agora aquêlê Herói antigo
Que à fama tantas vozes tem custado
De que logrou muito antes do perigo
O triunfo ao vencimento antecipado,
Aquêlê César dos Romanos digo
Que é na presteza suma venerado
Com que chegando logo, que a contrário
Viu, o venceu altivo, e temerário.

37.^a

Que o nosso Herói preclaro, eminente (1)
Não bem chegou, e viu incêndio tanto
Quando obsequioso aquêlê, e reverente
Morto a seus pés informa o seu quebranto,
Apenas chega intrépido, e valente
A ver do ígneo vapor o fero espanto
Quando êste atento à luz que reconhece
Extinto cai, se tímido obedece.

38.^a

Agora veja Roma se a vaidade
Com que celebra a póstuma memória
Da ação que recomenda a longa idade
No seu Herói merece tanta glória?
Julgue qual é maior dificuldade,
Ou qual ação mais digna de alta história
Se de homens triunfar, se do elemento
E colha da vantagem o vencimento.

(1) Lê-se no texto: "se eminte".

39.^a

Veja se é mais que a César reconheça
 Exército guerreiro em campo armado
 Que já talvez no pálido confessa
 O triunfo ao vencimento antecipado
 Ou que obsequioso o fogo se estremeça
 Voraz, furioso, ativo, forte, irado
 Rendendo a César justa vassalagem,
 E julgue a primazia da vantagem.

40.^a

Que eu já cansado, e rouco a voz suave
 Deponho por um pouco suspendendo
 O Canto, até que possa altivo, e grave
 Novas ações de nôvo ir descrevendo
 Em tanto pois (depondo a doce clave)
 Que o Canto sublimado aqui suspendo
 O plectro afinarei sonoro enquanto
 Não tenho assunto para nôvo Canto.

[*Sem indicação de Autor*]

Conferência de 24 de setembro

Segundo Assunto

Foi o segundo assunto uma dama que chegando
 à janela a ver o seu amante com os raios do
 Sol o não pôde ver.

Ao segundo assunto

DÉCIMAS

Não é maravilha, Anarda
 quando a Fábio assim quereis,
 que ao Sol de inveja mateis,
 e em fogo o Sol por vós arda.
 Porque vos vê tão galharda,
 de Fábio a vista vos nega.
 Como todo em vós se emprega,
 quer que em amante conquista
 sendo só para êle vista,
 se sois para os outros cega.

Vê o Sol, que a formosura,
 de vossos ardentes raios
 lhe dá com doces desmaios,
 feridas, que não tem cura.
 Desagravar-se procura
 dêses raios, que o maltratam.
 Julguem os que de amor tratam
 quais com mais vigor se empregam,
 se os do Sol, que a vós vos cegam,
 se os vossos, que a éle o matam.

Bem mostra êsse eterno lume
 Nestes ansiosos desvelos,
 que sua paixão são zelos,
 que seu mal todo é ciúme.
 Com tão poderoso Nume
 Não é bem que andeis de reixa (sic);
 Cesse, Anarda, a sua queixa,
 tomai conselho mais sábio,
 deixai por Apolo a Fábio,
 que éle a Clície por vós deixa.

Pôs-vos em zeloso assédio
 O Sol com seu resplendor,
 Porque vos tem tanto amor,
 quanto a Fábio tem de tédio.
 Aqui não há mais remédio,
 que ter amôres com o Sol;
 Porque êste ilustre farol,
 que a Clície por vós despreza,
 tem tomado por emprêsa
 Fazer-vos seu girassol.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Ao segundo

SEGUIDILHAS

Minha bela Lisarda,
 tirai os dedos
 dêses olhos tão lindos,
 não fiquem cegos;

Inda que de alabastro,
de neve pôsto,
é rigor, que metais
dedos nos olhos;

Um argueiro na vista
é pesar grande,
que fará tôda a mão
sôbre tal parte?

Acudis diligente
logo à janela;
quem vos disse, passava
a vossa prenda?

Dizeis, que as pisadas
vos deram novas,
que passava feliz
a prenda vossa?

Como pois se Fileno
passa galhardo;
que motivo vos priva
de o vereis (sic) guapo?

Cataratas nos olhos
acaso tendes?
pois ditoso o que amais
ver vos impedem?

Tendes gôta serena
minha formosa,
que cruel vos apaga
de amor as tochas?

Que não tendes tais queixas
eu vos declaro;
porque são vossos olhos
dois belos astros;

Que a vista vos perturbam,
dizeis menina,
do claro Sol as Luzes;
ai que é mentira!

Bem sei, que são ativos
do Sol os raios;
mas os vossos não são,
meu bem, mais fracos;

São dois sóis vossos olhos
muito brilhantes,
como pois um Sol pode
dar-lhe combate?

Em sua ativa fôrça
o Sol mais forte
ao mesmo Sol ofensa
fazer não pode;

Como pois vos impede
vereis, benigna,
a quem é de vossa alma
a doce vida?

Para com vossos olhos,
se o Sol é sombra;
como pois dêsses raios
a luz estorva?

Ó que temo, menina,
que o Sol de inveja
vos armou essa trama;
mais caiu nela:

Invejoso não quis
visseis Fileno,
porque visseis piedosa
os seus afetos;

Mas cuido se enganaram
do Sol os cultos,
porque os vossos decretos
são absolutos:

No hemisfério de Vênus
tendes morada;
a do Sol luminoso
fica mais baixa:

É Fileno de Marte
fiel retrato,
mude o Sol pois de empenho,
se quer ser sábio.

As deidades de agora
são mais bizarras,
não estimam já letras,
querem as armas;

Vós Apolo mais baixo
estais dois furos,
não quer Vênus conceitos,
sim quer escudos.

Abrandai êsses raios,
meu Sol discreto,
deixai ver a mocinha,
o seu mancebo;

Não é não de candeia,
ou de garavato,
porque estáveis, se o fôra
bem aviado;

Se candeias tivera
Fileno cuidó,
que êsse vosso desígnio
fôra sem fruto;

Pelo que presumido
de sábio Apolo
nova cura estudastes
aos zelos vossos;

Que são Linces os zelos,
amor comprova;
e quisestes topeira
deixar a môça;

Sim se curam contrários
com seus opostos,
quem dá zelos à vista
perca a do gôsto:

Porém como dizia
se o bom Fileno
fôra sim de candeia
velho, ou mancebo;

As vossas às avêssas
ficarão logo
porque furos daria
para isso o môço;

Acendia depressa
o garavato;
e lá iam as sombras
dos vossos raios.

Parece que comprido
vai sendo, e largo
êste nosso sermão;
ponto façamos.

De Frei Avertano. ()*

Ao assunto lírico

SILVA

Saiba Frei Avertano e seu convento
Que também o Mosteiro de São Bento
Tem um leigo com fluxos de Poeta,
Que em poesia seleta
Ao tal Frei Avertano
Pode dar documento ou desengano.

Provo o dito se julgam necessário
Com razões próprias sendo Boticário.
Aquêlê Apolo Mestre da Poesia
Teve na Medicina a primazia,
E fica conseqüente
Que teria Botica como gente.
Aqui eu tenho Botica e bem seleta,
Ergo devo **de iure** ser Poeta.

Ora pois julguem lá sem aforismo
Se não concluí mui bem o silogismo;
E porque mais se admire quanto digo
Vou-me ao Assunto; Apolo vá comigo.

Em claras nuvens parpados flamantes
O Sol brilhava mais que mil diamantes
E deixando as mantilhas no Oriente
Começava a subir mais refulgente,
Dourando os vales matizando as flôres
Nas fontes duplicava os resplendores.
(Julgue agora o sujeito
Se lhe não causa o método respeito.)

Eis que sonhara Nise a noite tôda
Com um Fábio, que a traz em viva roda,
E querendo dar tréguas ao cuidado,

(*) No texto: "Frei Albertano".

Quando o Sol já se havia levantado
 Na forma referida,
 Deixa a cama do sonho combatida
 Não sei se éle passava pela rua,
 Ou se estava na casa que era sua.
 Sua disse, e não é minguia da veia,
 Que estar também podia em casa alheia;
 Mas se vê que o Sol com suas luzes belas
 As duas eclipsou de Nise estrélas,
 E quando a Fábio busca com afeto
 Lhe embarga o Sol aos olhos todo o objeto;
 E por mais que a mão punha de anteparo,
 Ou fazia reparo,
 Mil carinhas fazia,
 Os olhinhos franzia,
 E a testa com mil ânsias enrugava
 Nunca a Fábio enxergava;
 Até que se trocando o afeto em ira
 Larga a janela, e para dentro vira.

É possível, diz Nise, que êsses raios
 A meus olhos causassem tais desmaios?
 De quando a cá algum dia
 O Sol comigo competir podia?
 Mas se venceu-me agora
 Foi por me erguer da cama nesta hora,
 E busquei as janelas
 Sem aos olhos lavar estas ramelas.
 O Sol me há de pagar êste desaire;
 Que não pode sofrer o meu donaire
 Injúria tão penosa
 Porque eu não sou nenhuma ramelosa.

Do Irmão Boticário de São Bento.

Ao segundo

ROMANCE JOCOSO

A janela chega Filis
 por ver seu amante Fábio
 mas o Sol a olhos vistos
 pediu vista para embargos.

Por ser Filis tão formosa
figas lhe deram seus raios
e a Fábio as figas nos olhos
meteu por não dar-lhe olhado.

Meteu-se tanto de dentro
o Sol, e com tanto agrado
que nos olhos [choras] Filis,
e cega, e não vê zombando.

A Fábio quebrou os olhos
o Sol como enamorado,
que quem se enamora quer
que os tenham todos quebrados.

Que lhe tira a vista é certo
indo a Filis avistando,
pois tendo os olhos abertos,
lha toma a olhos fechados.

Logo se a Dama tomou
a Fábio, fica bem claro
que é sol in uirgine nela,
porém [nela] Sol in Tauro.

Como Cupido de fogo
grã frecheiro o estou notando,
pois hoje a duas meninas
de um só tiro tem frechado.

Demos uma vista de olhos
a tais olhos, ponderando,
que zelava muito o Sol
da môça os olhos bizzaros.

E pois tão zeloso está,
qual seria suponhamos
o motivo de privar
a Filis de ver a Fábio.

Seria torto êste amante?
não fundo mal o reparo,
se antes de sair a vê-lo
Filis não tinha almoçado.

Por cuja razão o Sol
de que o visse a tem privado,
que o ver em jejum um torto
dizem que faz grande dano.

È se é que o era de veras
não quis ela nem zombando
que a visse êle só seis meses,
se o Sol a vê todo o ano.

Por doida a julgou então,
Fábio vendo-a ir fechando,
e desfechou em dizer,
é aluada em todo o caso.

Disse bem, se exp'rimentou
eclipse o pobre coitado,
que o Sol no encontro da lua
costuma fazer desmanchos.

De a ver trespassar o Sol
ficou Fábio trespassado,
mas se ela estava em jejum,
[viesses a] êle o trespasso.

Não sei o que mais sentiria
Filis para os dois olhando,
se o dar-lhe de ôlho o Sol
se a má olhadura de Fábio.

Eu neste caso dissera
que é muito maior agravo
um tapa ôlho do Sol
que dela o ôlho tapado.

Não foi ela dêste voto,
pois à janela chegando
se põe no ôlho do Sol
fazendo mil gatimanhos.

O que êle presentindo
ergueu-se lacrimojando,
e diz tu me pagarás
argueiro tão desastrado.

Que se em meu ôlho te metes
por um modo tão estranho
eu no teu me meterei,
e então ficaremos pagos.

Meteu-se enfim, e jeitosa
ficou Filis; porque quando
se mete um ôlho no outro
nêles o jeito é bem claro.

Desta sorte aparelhou
o Sol aos amantes ambos,
que ela vêsga, e êle torto
ficam bem emparelhados.

Francisco Xavier Caput.

Ao segundo Assunto

SONETO

Esse Sol, que com raios resplandece,
muitas trevas a Cíntia tem causado;
pois negando-lhe o ver a seu amado,
tôda a luz dos seus olhos escurece.

E se eclipses, o Sol, também padece,
é Cíntia bela, Sol de mais agrado,
em padecer o eclipse incomparado
de outro Sol, que êste aplauso não merece.

Tu Cíntia, em tudo fôstes extremosa,
tanto, que ao mesmo Sol tens excedido,
e às leis do amor, és mais que decorosa;

Pois faltaste por ver o seu querido,
aos alinhos, que tens de melindrosa,
por pagar-lhe o ser bem correspondido.

Por Manoel de Mesquita Cardoso.

Assunto

A uma Dama que se pôs à janela para ver o
seu amante, e o Sol lhe deu no rosto, que a
cegou, e o não pôde ver.

SONETO

De uma janela a Dama faz seu pôsto
para o amante ver mais à vontade,
por quanto seu amor a persuade
que dali o verá mais a seu gôsto:

Mas o Sol que se mostra seu oposto
tem usado com ela crueldade,
pois dar em rosto afronta; e na verdade
que se atreveu o Sol dar-lhe no rosto.

São dois sóis, os dois olhos dessa Dama,
e três, com o outro Sol que está diante,
que se opõe a que veja o que mais ama:

Cega se vê naquele sufragante,
e mais cega do amor com que se inflama,
pois com três Sóis não pode ver o amante.

De Antônio Ribeiro da Costa.

Ao Segundo Assunto

SONETO

Quando mais ansioso, e desvelado
aos empenhos de amor, Fábio vivia,
ternamente êste amor correspondia,
Cíntia bela, não tendo outro cuidado:

Mas o Sol todo em zelos inflamado,
quis encontrar tão doce simpatia,
e cedendo o vencer, a tirania,
em Cíntia, transformou o Deus vendado.

E se tu! por assombro da firmeza,
logras hoje atributos de deidade
agradece ao rigor, essa fereza;

Porque te fêz, deixando a humanidade,
os foros transcender da natureza,
os aplausos lograr de divindade.

Por Jacinto Ferreira Feio de Faria.

Cíntia chegando a sua janela [para ver a Fábio
luzem os raios do Sol e não] o pode ver.

Assunto segundo

SONETO

Em dilúvios de amor Cíntia banhada
por ver a Fábio luzes antecipa;
mas invejoso o Sol raios constipa,
uma luz de outra luz fica eclipsada.

Procura Cíntia ver, porém frustrada
 vê que ao objeto o resplendor dissipa
 só na idéia da Imagem participa,
 que amante adora, busca namorada.

Pôde o Sol turbar luzes, não amôres
 que Cíntia com idólatras ensaios
 antepõe os eclipses aos fulgores;

Os desvelos ilustra nos desmaios
 trata só de ser vítima aos ardores
 para os incêndios é que sofre os raios.

S.C.

Do Acadêmico Nubiloso.

[*Caetano de Brito Figueiredo*]

A uma Dama que chegando à janela para ver o seu
 amante fho impediram os raios do Sol.

SONETO

Procura Lise, mas em vão procura
 fazer da vista objeto a Fábio que ama;
 pois no Etna do amor, do Sol na flama
 encontra cinzas, átomos apura.

Despede cada qual a seta dura
 ao sentido o melhor da gentil Dama;
 mas se no peito já levava a chama
 foi dos raios ociosa a sombra escura.

Cuidar que as luzes cega, é claro engano,
 pois no Céu da beleza, está evidente
 que a dois Sóis um Planêta não faz dano.

Se quer Lise acusar ao delinqüente,
 Ó quer êle do amor, que foi tirano,
 não se queixe do Sol, que está inocente.

Do Acadêmico Obsequioso.

[*Gonçalo Soares da Franca*]

Ao segundo Assunto

SILVA JOCO-SÉRIA

Silva quero fazer à namorada,
 Assunto da presente academia,
 Mais que seja silvada,
 Por meu padre Albertano que assobia.
 Porém já sem demora,
 Esta silva pretendo lançar fora:
 Em a noite passada,
 Sucedeu esta história celebrada;
 Disse Fábio a Rocela sem enganar,
 Que havia muitos anos,
 Que nunca a pôde ver se era menina:
 Porque a via em noite mais mofina;
 Assim que, em claro dia,
 À janela chegasse, ao que dizia,
 Olá? de qualquer sorte,
 Sou menina por certo de grã porte;
 Porque ainda do Sol, os resplendores
 Os meus olhos lhe são mais sup'riores.
 Querendo ver de dia o seu amante
 Embargos lhe fazia o rutilante;
 Porque tinha nos olhos,
 Langanhos tantos, que se via antolhos.
 Pasma Fábio do rosto
 Que com a bôca aberta fica pôsto.

De Belisário de Lerma.

Ao segundo assunto

SONETO

Por ver o belo objeto, que adorava,
 chega à janela Cíntia cuidadosa
 mostrando no acidente de extremosa
 o grande amor, que o peito lhe abrasava.

Mas quando para vê-lo se inclinava
 sôbre o balcão galharda e primorosa,
 o Sol que a viu tão bela, e tão formosa
 de inveja ardendo a vista lhe ofuscava;

Zeloso, porque amante só de vê-la,
 Porque não chegue a ver o bem, que adore,
 usou com Cintia enfim desta cautela;

Pois julga, quando a vista lhe minora,
 que a presunção, que tem de pretendê-la
 nas privações do amante se melhora.

De João de Barbosa e Lima.

Ao segundo

SILVA JOCO-SÉRIA

Senhora Filis que paixão é esta,
 que no rosto se vê quanto a molesta!
 porque em qualquer pesar em qualquer gôsto
 do coração é índice o rosto.
 Mas já sei, que se ofende porque Apolo
 mais invejoso nesta ação, que tolo,
 vendo-a posta à janela
 pôr não ver o sujeito, que a desvela,
 de zelos me parece, que ofendido
 se quer opor aos gostos de Cupido.
 E as luzes ostentando sem eclipse
 o lugar lhe quis dar, que teve Clice. (sic)
 E por êle com pena sucessiva
 todo o dia andaria em roda viva.
 Mas não deixa de ser pouca vergonha
 que em campo um Sol com outro Sol se ponha,
 sem advertir na ofensa que pretende
 que um Sol a outro Sol jamais ofende,
 como disse o poeta,
 que ser tão claro como a noite afeta.
 A culpa tem você minha Senhora
 de se pôr à janela em qualquer hora;
 que a dama janeleira,
 de amante presumida, onde faceira,
 não se livra de ter contra seu gôsto
 quem lhe dê (como o Sol) com isto em rosto:
 porque melhor parecem nas janelas
 postos os papagaios, que as donzelas,
 e a ocupação da que se julga honrada
 há de ser a sesteneia (sic) da almofada.
 Porém alguma é tal, que quando o dia
 nas mantilhas está de Aurora fria,

a enfeitar-se começa,
desde o bico do pé até a cabeça.
Em pôr os parches duas horas gasta,
para fazer a testa uma não basta,
outra para apurar a sombrancelha;
e enquanto das cinturas se aparelha
ao menos gasta três, e finalmente
outras três no cristal resplandecente
donde (qual se Narciso a dama fôra)
 vaidosa de si mesmo se namora.
Acabada esta festa
o tempo pouco, ou muito, que lhe resta
na janela se põe, tôda bizarra,
por assistir sômente ao seu bandararra.
Tendo pois de leviana êstes desmaios
que muito sinta os Apolínios raios,
quando fazem patentes suas minguas
os raios infernais de infames línguas.
manchando desta sorte sem reparo
da honra a quebra de seu cristal claro,
que não obsta quebrar-se
só para se perder basta manchar-se.
Em se pôr à janela a dama verde
quanto de aplausos ganha, de honra perde,
para não ver o Sol, nem o Sol vê-la
chegue mais poucas vêzes à janela,
não seja como algumas inquietas
que apenas vêem na rua dois caretas,
quando já pelo riso a que as provoca
abrem tanto as adufas, como a bôca.
Não queira o Sol tomar, que astronomia
dos planêtas da etérea Monarquia
não é profissão sua.
Saber só deve as conjunções da lua
e só desta segundo lampadário
os efeitos, observe de ordinário.
Ora Senhora Filis não se enfade
nem do que digo, nem da claridade
Que serve de luzido impedimento
Se não ver a quem tem no pensamento.
Contente-se de ter contra o seu gôsto
um planêta tão grande por oposto,
que faz plausível adversária sorte
ser o contrário poderoso, e forte.
Pobre de quem com pena se desvela
padecendo os efeitos de uma estrêla

de influência tão péssima e maligna
 que ao mal arrasta, nunca ao bem inclina
 planêta enfim noturno
 da infame natureza de Saturno,
 bravo no influxo, fero no semblante
 para o mal fixo, para o bem errante.
 Com que Filis formosa, se a desvela
 um Sol, a mim me ofende infausta estrêla
 e porisso é razão que qualquer diga
 nunca me falta um Gil que me persiga.

Do Acadêmico Infeliz

João de Brito e Lima.

Ao segundo

DÉCIMAS

Flérída que na janela
 quer deseja a quem adora
 lho impede o filho da Aurora
 vibrando raios contra ela.
 De Vênus se opõe a estrêla
 contrário o celeste lume
 porém claro se presume
 (sôbre esta justa razão)
 nasceu esta opposição
 ou de inveja, ou de ciúme.

Porque qual Sol no Oriente
 quando na janela estava,
 ao Sol Flérída rectava
 cara a cara, frente a frente.
 Mas êle tanto se sente
 no desafio vencido
 que quisera a bom partido
 de tanta luz admirado
 ou correr de envergonhado
 ou não parar de corrido.

Já sem nítido arrebol
 qualquer discurso se assombra
 serem de Flérída sombra
 os claros raios do Sol.
 Se ao soberano farol
 nestes luzentes ensaios

Flérída causa desmaios
quais serão (se conjectura)
os raios desta luz pura
de quem são sombra tais raios.

Pôr-se Apolo na presença
de Flérída em desafio,
parecendo desvario
foi mais lisonja, que ofensa.
Porque a majestade imensa
desta beleza divina
é tão rara, e peregrina,
que lhe quis servir o Sol
com seu luzente arrebol,
de sumilher de cortina.

Em vão Apolo procura
nesta luzente conquista
impedir lograr na vista
Flérída a maior ventura.
Que sequer sua luz pura
levar de Flérída a palma
pondo seus gostos em calma,
pouco importa, que indiscreto
lhe estorva à vista do objeto,
que tem retratado na alma.

Não pode nada admirar-se
fundado em razões discretas
se se encontram dois planêtas
que um dêles há de eclipsar-se.
Mas só deve reparar-se
quando se eclipsa o arrebol
dêste terrestre farol,
ser contra a regra comu'ó;
porque ao Sol eclipsa a lua,
e não um Sol, a outro Sol.

Vendo a Flérída tão bela
êsse planêta bizarro
mandou ao ligeiro carro
que parasse junto dela.
É tão pasmado com vê-la
ficou pondo-se defronte
que Epiroes temeu, e Etonte
(que qual por Dafne ficasse)
tão louco, que governasse
o carro, como Faetonte.

Tantas luzes despendia
 de Flérída a formosura
 que assemelhava à luz pura
 do crepúsculo do dia.
 Se da Aurora merecia
 ter o rosado arrebol,
 que êsse Dêlfico farol
 a buscasse não se ignora
 porque não pode da Aurora
 andar muito longe o Sol.

Do Acadêmico Infeliz

João de Brito e Lima.

Ao Segundo Assunto

•

SONETO

Viu-se o Sol, em se ver Cíntia à janela,
 aquêlê extremo, que de amar vivia,
 e vendo ao outro Sol, entrou em porfia,
 quais raios do Sol fôssem, quais os dela.

Neste denso fulgor, Cíntia mais bela
 elevada nas luzes que vertia
 mais cega, por não ver o que queria,
 cegava a quem morria por querê-la.

Tirano amor, que visto não se alcança,
 quando, em ver, aplicado mais se emprega;
 porque apenas encontra uma esperança.

E quando a bom partido a alma se entrega,
 tôda a felicidade, em que descansa,
 é achar, nas luzes, sombras com que cega.

Por Manoel Ferreira da Luz

Vigário do Destêrro da Cidade.

À Cíntia que saindo à janela a ver o seu amante lhe deram os raios do Sol nos olhos de sorte que o não viu.

DÉCIMAS

1.^a

Cíntia que forte desgôsto
por vós teve o vosso amante
vindo a ver por um instante
coisa tanto de seu gôsto:
Se vos deu o Sol no rosto,
minhas traças que supostas
fazei c'o Sol quatro apostas
que se nem sempre desanda
virai-vos da outra banda
dar-vos-á o Sol nas costas.

2.^a

Se em vosso peito se atranca
Fábio pois nêle se encerra
Como lhe faz o Sol guerra
que dos olhos vo-lo arranca?
tirais à janela a tranca?
boa descaída, e ao Sol
fazeis que entre em caracol
com os seus raios de tropa?
Se, que de um painel de pôpa
sois carranca, e êle farol.

3.^a

Cíntia minha as queixas, [causa]
fazei que de longe seja
para que em breve vos veja
Fábio sem mínima causa:
Se o tempo que vo-la causa
imperfeito é por [bemol]
neste de figuras rol
formai ao Sol um [descante]
para que com vosso amante
fiqueis de ré, mi, fá, sol.

4.^a

Se cause enfim a parreira
que de tôda a casta de uva
dava cachos como chuva,

e já dêles nem goteira:
 e rosou laranjeira,
 com o Sol Musa não teimes,
 mas no caso que reteimes
 se dêste assunto te acolhes
 tirte do Sol não te molhes,
 e da chuva não te queimes.

De Frei Avertano de Santa Maria.

À uma dama, que querendo ver a seu amante, o não conseguiu, por lhe darem os raios do Sol no rosto.

EPIGRAMMA

Non tibi praestrinxit, ne cernere possis amantem,
 Sol oculorum aciem, at lumina laedit Amor.
 • Ardentes hebetat uisus super omnia namque,
 Et plusquam Solis fulgura, Phyllis, Amor.

De André de Figueiredo Mascarenhas.

Chega Cíntia à janela para ver seu amante, e dando-lhe o Sol nos olhos, a não deixou ver quem desejava.

DÉCIMA

Cíntia por ver seu amante
 Chega enfeitada à janela;
 Mas o Sol vendo-a tão bela
 Nela emprega a luz brilhante.
 Cegou Cíntia neste instante,
 E não viu quem desejava:
 Porque o Sol vendo passava
 Outro Sol cá pela rua,
 Mostrou que Cíntia era Lua
 Que com dois sóis se eclipsava.

De Antônio de Oliveira.

[Assinatura com letra diferente]

DÉCIMA

Nise busca o bem que adora
 mas Jove que adora a ela,
 por ver que morre por ela,
 quer vendo-a morrer embora:
 e assim pois nos olhos mora
 a causa da sua morte,
 busca as meninas de sorte,
 que em tal Tétis engolfado,
 se vê como sepultado
 em mar de graça tão forte.

De Feliciano de Palmeys.

A Cíntia que chegando à janela para ver a seu
 amante que passava deram-lhe os raios do Sol
 nos olhos, e a cegaram de sorte que o não viu.

SILVA

A quem tal sucedeu, Cíntia adorada?
 A quem tal minha bela há acontecido?
 Porque além de ser caso nunca ouvido
 Éste vosso, é dos nunca imaginados,
 Pois querem meus senão vossos pecados
 Que se saiba em tôda esta Bahia
 Que essa descortesia
 Vos fizera o Sol, Cíntia, sem respeito
 A quem para ser Sol tem melhor jeito,
 Quando o Sol nesses olhos busca ensaios
 Para apurar a luz ao dar dos raios.
 Porém perdoe Deus a quem revela
 Circunstâncias do amor, ó Cíntia bela,
 E delas faz assunto
 Para o que saber quero, e vos pergunto.
 Dizei-me se enfadada
 Não estais, porque quando na alvorada
 Que vos toca o amor pedindo a Aurora
 Para alento de Flora
 O rocio nas flôres
 Não mandais vir então vossos amôres,
 E antes que os montes doura o Sol ou saia
 A bordar essa líquida atalaia

Para lograr do amor a feliz salva
Nesses Orfeus do bosque, clarins da Alva
Não sais à janela
Donde vos descobrindo a rua bela
Ver vos seja preciso
Esse vosso Narciso
Que uma rua atravessa, outra trespassa
Sem que se satisfaça
De vos ver firme, e amante
Não digo a cada hora, a cada instante,
Como quem, Cíntia, essa alma vos informe,
Como quem vê-la sempre e jamais dorme?

Porque quereis que o amante se tresnoite,
E vós posta em sossêgo tôda a noite
Quando acordais, Senhora,
É já com dia claro, e c'o Sol fora,
Sem saber que aos amantes muito agrada
O silêncio melhor da madrugada?

Ora Cíntia, querida,
Com que estamos aqui, se agradecida
Sois, eu já por vós quero
Responder, pois do Sol vos considero
Corrida, e afrontada,
Sei que inda que faleis não direis nada,
Que em tais desaventuras
Sempre as vossas razões serão escuras
E as que a seres outra me escusaras
Como as luzes do Sol serão tão claras.

Dizem cá que vos dera o Sol na cara,
Ao passar vosso amante, e vos cegara
De sorte que o não viras,
E que por não chorar então vos riras
Digo eu, que no mesmo instante e hora
Vi dois Sóis presidindo a uma Aurora
Sem que o Sol derradeiro
Visse que andavas cega do primeiro.

Teve o riso sainete,
Pois quando se intromete
O Sol que a vós se chega,
Como há muito que andavas do amor cega
E então ficou burlado
Nada teve o risinho de afetado.

Sei eu já que algum dia
Chamaram Cíntia a Lua, e que seria
Por sair como vós Cíntia tão bela

Quando o amante buscais posta à janela,
 Mas desta vez se creia
 Que com cara o buscais de Lua cheia
 Para que êle o Sol visse
 Formar no vosso rosto um nôvo eclipse
 Com o qual certamente imaginara
 Que para êle o mundo se acabara.
 Sentidíssimo o tendes como é justo
 Porque como comeste forte susto
 Desfalecido o amor sente desmaios,
 Se se queixa do Sol, de vós diz raios,
 E eu também os dissera
 Se como Fábio tanto vos quisera,
 Porém como do amor isento vivo
 Não me quero mostrar tão excessivo,
 Que contra o Sol, e contra vós profira
 Coisa que ofensa seja, ou toque a ira;
 E assim pois me despeço
 Já aqui dêste doutíssimo Congresso
 Donde ao Sol costas dando
 O melhor Sol no César vou buscando
 Para que em qualquer Pólo
 C'os influxos de tão luzido Apolo
 Minha Musa ilustrada,
 Defendida, e amparada
 Possa com melhor metro
 Tocar a Lira, e apurar o Pletro
 Que a seus régios pés ponho
 Para que ninguém cá, como suponho,
 Diga que no seu Canto
 Como eu com a Lira subiu tanto.

Por Anastácio Ayres de Penhafiel.

À Cíntia que chegando à janela para ver seu amante
 lhe deram os raios do Sol nos olhos, e a
 cegaram de sorte que o não viu.

DÉCIMA

Se o Sol, Cíntia, vos cegou,
 E o amante não achastes
 porque logo o não buscastes
 no peito que o agasalhou?

Ele no seu vos buscou,
e achando-vos então disse:
que importa que o forte eclipse
do Sol me prive de vê-la
se para me rever nela
basta que em meu peito a visse?

Por Anastácio Ayres de Penhafiel.

A uma Dama, que desejosa de ver o seu amante, ao tempo que lhe passava pela porta, o não pôde ver impedida da luz do Sol que lhe deu no rosto

SONETO JOCO-SÉRIO

A par da morte sente, Clori bela,
haver mais de três dias, que não goza,
daquela luz, em que arde maripôsa,
sem ver a Fábio, cuja vista anela:

Nada pode alegrar a triste puela,
que em tal vista só funda o ser ditosa;
maldito seja, diz, tôda chorosa,
quem pregada me tem nesta janela.

Oh! sem ventura a triste, que imprudente,
seu peito descobriu a um tirano,
que, por querido, está todo insolente:

Eis que nisto, arrebenta Fábio ufano,
Clori o busca, mas cega de repente,
a luz do Sol lhe impede o ver seu mano.

Do Licenciado
Jorge da Silva Pires.

Chegando uma Dama à Janela para ver ao seu
Amante os Raios do Sol lhe turbaram de sorte
a vista que não pôde vê-lo. Assunto lírico da
presente conferência.

SONETO

Com ânsia a Fábio Filis [ver] queria,
Mas a vista sutil se lhe turvava
Quando em seus próprios Raios mais brilhava,
É o Sol mais refulgente aparecia.

Não se sabe na luz que a combatia
Quando no Amante os olhos empregava
Se ao vê-lo em tanto Resplendor cegava,
Ou já cega de amôres o não via.

Tornarem-se-lhe em trevas os fulgores!
Não ver Filis a Fábio em luz imensa!
Contradição implicam tais fervores,

Mas de si, e do Sol lhe veio a ofensa,
Que a causa em profusão de Resplendores
Produziu êste efeito por intensa.

O Acadêmico Vago

Sebastião da Rocha Pita.

Ao segundo assunto

SONETO

É o primeiro que mando à Academia,
Porque êste assunto sim, deu-me no goto,
Não sabem quanto estimo, quanto noto,
Que o Sol não deixou ver a Fábio Iria.

Fizera ela o que eu sempre lhe dizia,
Que inda que trago o meu vestido rôto,
Entendimento tenho, não sou bôto,
E quanto digo é tudo profecia.

Dá-lhe Fábio em passar, térmo indiscreto,
Com o Sol pela porta, que é açoite
Que jamais achará no meu afeto.

De dia a ver a Fábio não se afoite,
Ajuste-se comigo, que eu prometo,
De nunca a visitar senão de noite.

De Francisco Alvares Seixas.

Ao segundo assunto

SONETO

Por certo que parece, coisa dura,
Dizer-se que uma dama não pudera,
A Fábio enxergar, porque o Sol lhe dera
Nos olhos uma grande calentura.

Mas ei-lo vai, quem é poeta atura,
E bem que o assunto seja uma quimera,
Direi o que couber na minha esfera,
Que sou velho, e não trepo a mais altura.

Foi o caso, que Lisis acordava,
E como os olhos traz da escuridade
Não pode ver a Fábio, que passava.

Porque o Sol, sem que seja novidade,
Como a Lisis então nos olhos dava,
A vista lhe impediu coa claridade.

De Antônio de Araújo e Silva.

Segundo Assunto

A uma Dama que querendo ver a seu amante
que passava lhe deu o Sol no rosto e não o pôde
ver.

SONETO

Também quero fazer o meu soneto,
E ainda que começo já barbado,
Pode ser que no mundo dê tal brado,
Que inda seja que Apolo mais discreto.

Mas vamos ao assunto que eu prometo
Suposto que não seja namorado,
(Se me paga esta Dama o meu cuidado)
Um ano dino dar-lhe mui seletto.

Se a Fábio ver deseja, quando dista,
Clara d'ovo nos olhos pedra-ume
É colírio que aclara muito a vista.

Ninguém cuide que em mim isto é costume
Que como Apolo medicou-me a vista,
Que a receita me deu bem se presume.

Do Padre José Luís de Sousa.

12.a CONFERÊNCIA
DE 8 DE OUTUBRO



I. M. I.

Oração Acadêmica na Academia dos Esquecidos. Disse-a João Alvres Soares: sendo a primeira vez, que se achou nas Conferências. Na presença do Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses Vice-Rei e Capitão General de Mar, e Terra do Estado do Brasil. Em 8 de outubro de 1724.

É pensão quase natural das grandezas do mundo serem comumente muito menores na posse, que na esperança (Excelentíssimo Senhor). É pensão quase natural nas grandezas do mundo, serem comumente muito menores na posse, que na esperança. Gigantes pinta a imaginação com o pincel do afeto, e quando chega o efeito apenas nascem pigmeus; porque se no afeto da esperança não tem limites a idéia, no efeito da posse sempre saem limitadas as pretensões. Daqui vem, que o exagerar muito algumas prendas na promessa mais parece arte de desluzir, que empenho de acreditar; porque sempre decai muito visto o que foi mui grande esperado; porém hoje degenerou nobremente tão experimentado estilo. Grande foi sempre a Idéia, que no meu conceito formei desta Academia; porque considerando-a como Sol que com prodigioso nascimento trocava o túmulo em bêrço, via que nos desmaios do Ocidente cobrava nova pompa de luzes, e nos horrores do sepulcro eternidades de alento: *sol oriens in Occiduo*; (1) mas que me succedeu à vista de tanta grandeza com tão grande admiração considerada? Por ventura, ou por desgraça, achei menos do que cuidava? Experimentei menos do que imaginava? Pintava acaso a minha idéia gigantes, e encontrou a minha experiência pigmeus? Esse é o estilo, que eu dizia, corre sempre no mundo, e esse é o estilo, que também disse, degenerou nobremente neste dia; porque sem embargo daquelas idéias tão agigantadas, excede tanto a grandeza, o primor, e a galhardia que contemplo ao conceito, que formava, que sem receios de encarecido posso dizer desta assembléia

(1) *Titulus Academ.*

Que contra el comun concepto
solo en su beldad se admira
una perfección, que es menos
imaginada, que vista. (2)

Imaginei muito, porque (como logo direi) inda imaginei mais do que já disse, e foi muito menos o que imaginei, que o que experimento, porque é muito mais admirável esta Academia vista, que imaginada. Este será o assunto da minha breve, inculta oração — Academia mais admirável vista, que imaginada. Nem pareça a alguém, que há curto louvor, e defeituoso elogio o medir eu as grandezas desta Assembléia pelas imaginações da minha fantasia, pois seria tão vulgar, e mecânico o meu conceito, que pouco bastará para o exceder; porque já disse que imaginei muito, e inda mal, que pelo que tenho de melancólico ninguém é mais imaginativo que eu; e senão vejam o que imaginei, e verão se provo o assunto, e título da oração com singular encômio da Academia: sendo esta proposta a mais própria, enquanto a mim, tanto por aparecer de nôvo nesta Assembléia como porque não posso captar a vossa benevolência com mais sincero carinho, que chegar a manifestar-vos as minhas imaginações. Eu as repito brevemente.

1 — Imaginei que um Herói no sangue illustre, no emprêgo sublime, no domínio único, na grandeza máximo, na compreensão sumo, no entendimento admirável, na prudência consumado, nas políticas destro, no govêrno justo, e nas armas César, era o que amparava, assistia, e promovia os progressos Acadêmicos: e em lugar dêste Herói, que eu imaginava, vejo ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses; e haverá quem sem tocar as audácias de sacrílego, não reconheça que é o Herói que encontro na experiência, que o que ideava na imaginação? Este é o Herói, cuja esclarecida qualidade, em si mesma, e na aliança que tem com as primazias, e mais illustres fidalguias do nosso Reino, e fora dêle é a todos os que se prezam de estudar pelos livros das genealogias tão notória: e se se atrevesse alguém a querer esgotar as cristalinas correntes de tão alta ascendência, as acharia logo em seu princípio tão caudalosas, que as não saberia, nem poderia bem sondar. Pois se quisermos falar daquelle cúmulo de prendas, e sobrelevadas virtudes, que na sua Excelentíssima pessoa tanto resplandecem, quem haverá, que não confesse, que se acharão mui raros na Monarquia portugueza, e inda em tôdas as da Europa, sujeitos nos quais se trarão continuado tôdas juntas, por tão largo tempo, tão admiráveis prendas, e empregos, sem que nunca desdissem de seu lustre, quem no

(2) Salazar.

seu luzimento padecessem jamais o menor eclipse: antes deixando audaciosos aos que no Oriente admiraram suas luzes, desejam, que o incomparável Monarca, e augustíssimo Rei, e Senhor Nosso, como supremo, e primeiro móvel, lhes faça amanhecer segunda vez este Sol nos horizontes daquele Hemisfério, para desterrar as infaustas sombras de seus infortúnios. E finalmente, se a todos os que hoje venturosamente gozam a sua presença não são manifestos todos os troféus dos seus merecimentos, baste-lhes o que a seus olhos estão cada dia contemplando nas ações que Sua Excelência exercita neste Vice-Reinado da América, donde consegue o ser amado com respeito, e respeitado com carinho; ponto de tanta admiração, que antepôs Simaco a ser imperador do mundo: *amari colli diligi maius imperio*. (3) Este Herói por cujos merecimentos fazem duvidar qual lhe possa ser o devido prêmio, como o disse Cassiodoro a semelhante intento, *cuius multiplex meritum incertum re [...] debat officium*, (4) é o que encontrou a minha experiência, muito mais admirada, que a minha imaginação; logo é maior o Herói, que vejo, que o que imaginava.

2. Imaginei também que quem viu os Mestres, ou Corifeus da erudição, como cidade quadrada *ciuitas in quadro posita*, (5) ou como domicílio do Sol da sua mesma sabedoria elevada sobre solidíssimas, e altas columnas, *regia solis erat sublimibus alte columnis*, (6) sustentavam a prodigiosa fábrica da história do nôvo mundo com tanta exatidão, e pureza de estilo, que excediam aos Berosos na história dos Assírios, aos Xenofontes na dos Persas, aos Heródotos na dos Egípcios, aos Iosephus na dos Hebreus, aos Cúrcios na dos Macedônios, aos Tucídides na dos Gregos e aos Lívios na dos Romanos: e em lugar destes quatro Corifeus que eu imaginava, vejo aos Senhores quatro Mestres da história Brasilica; e haverá quem sem as cegueiras da inveja, não veja, que são maiores os Mestres, que encontro na experiência, que os que ideava na imaginação.

3. Imaginei mais, que um sujeito de abalizados merecimentos ou de merecimentos sem balizas, douto, político, noticioso, destro, e hereditário exercitava a ocupação de Secretário, o qual apesar da emulação, e com emulação aos maiores Acadêmicos, pudesse presidir com perpétuo, e respectivo Magistério nas mais célebres, e eruditas Academias da Europa: na Academia dos Humoristas em Roma. Na Academia dos Renovatos em Florença.

(3) SIMAC. apud Gam.

(4) CASSIOD. ibi.

(5) Apoc.

(6) Ouid., Met.

Na Academia dos Indômitos em Bolonha. Na Academia dos Incôgnitos em Veneza. Na Academia dos Inflamatos em Pádua. Na Academia dos Introratos em Nápoles. Na Academia dos Adermentutos em Provença. Na Academia dos Filo [...] em Alemanha. Na Academia dos Catenatos em França. Na Academia dos Imóveis em Alexandria. Na Academia dos Desunitos em Farbiano. Na Academia dos Elevatos em Salamanca. Na Academia dos Inominatos ou Anônimos em Parma. Na Academia dos Confidatos em Pávia. Na Academia dos Filarmônicos em Verona. Na Academia dos Olímpicos em Gasconha. E na Academia dos Ostinatos em Lorena: e em lugar dêste sujeito, que eu imaginava, vejo ao senhor Secretário dos Esquecidos: e haverá quem não confesse que pode deixar esquecidos a todos os Secretários êste Secretário dos Esquecidos e que é maior o Secretário, que encontro na experiência, que o que ideava na imaginação?

4. Imaginei mais que os presidentes, e oradores participando igualmente com os poetas das influências das Musas, e muito [paralelamente] de seus particulares atributos tinham, e exerciam de Clio a notícia da história. De Erato a expressão dos afetos. De Talia os têrmos da locução. De Euterpe a eficácia da persuasão. De Terpsicore a suavidade dos períodos. De Urânia o sublime dos pensamentos. De Melpômene a proporção da voz. De Polímnia a felicidade da memória. E de Calíope a devida glória de seus estudos. Imaginava que os ouvia com ornato, cópia, e clareza discorrer em qualquer proposta matéria com a agudeza dos Dialéticos, com as [sabedorias] dos Filósofos, com a alteza dos Teólogos, com a memória dos jurisconsultos, com as palavras, quase dos poetas, com a voz, com o gesto e com as ações dos melhores, e mais naturais representantes. E em lugar dêstes exatíssimos Oradores que eu imaginava, vejo aos Senhores presidentes, que por alta eleição têm ocupado êste lugar: os quais excedendo a Mercúrio na facúndia e esgrimindo destramente as douradas armas da eloquência, em cada razão dispararam um raio mais veemente que os que souberam forjar Arontes e Erterope, pois com invencível fôrça persuadindo, ilustram, e convencem: maravilhosos Proteus, que transformando-se, ou retratando-se na figura de todos os afetos, para encender os ânimos ardem em chamas, e para ilustrar os entendimentos difundem respaldores. E haverá quem (excetuando o que agora preside) não confesse que são mais eruditos os oradores que encontro na experiência, que os que ideava na imaginação?

5. Imaginei mais, que uns poetas peritos em todo o gênero de metro, destros em tôda a espécie de poesia Heróica, Lírica, Cômica, Dramática, Ativa, Exegemática, Enunciativa, Épica, e **Mista**: usando de uma e outra frase redundante e concisa, Asiá-

tica, e Lacônica, conceituavam e discorriam em todos os Assuntos ajustados a tôdas as regras da arte e a todo o artifício da poética de tal sorte, que ouvi-los, era não menos que ouvir aos Homeros, aos Vergílios, aos Ovídios, aos Horácios, Marciais, aos Ovens, aos Tarsos, aos Claudianos, aos Garcilasos, aos Lopes, e aos Camões, e em lugar destes poetas, que eu imaginava vejo aos poetas que ouço; os quais excedendo ao fabuloso Orfeu são mais atrativos com as liras das suas penas, do que o foi aquêlo com a pena da sua Lira: e haverá quem não conheça que são mais dignos de louvor êstes poetas que encontro na experiência, que os que ideava na imaginação?

6. Logo (recolhendo agora tôda esta demonstração enumerativa) bem se deixa ver que nem foi pouco o que imaginei, e que nem imaginei tanto quanto chego a experimentar, porque a Academia Bahiense é mais admirável vista que imaginada.

7. Êste sem dúvida é o mais próprio, e individual distintivo da grandeza desta Academia: nas outras grandezas, como dizíamos, desdiz sempre a experiência da esperança; nesta não couberam nos mais dilatados painéis da esperança tanta como encontrou a experiência, porque não alcançam os espaços da imaginação mais viva a compreender, nem Herói tão sublime, nem Messtres tão eruditos, nem Secretário tão consumado, nem Oradores tão peritos, nem poetas tão famosos: e se a imaginação, qual pintor a seu arbítrio ao retratar galhardias, lhes faz talvez lisonja, encobrendo com a arte algum defeito da natureza, aqui tôdas as linhas do pincel mais destro, todo o primor das mais finas côres são injúria a tanta grandeza, são menoscabo a tanta galhardia.

8. Nem esta, que contra esta minha demonstração se levantem duvidosos detratores, que convertendo iniquamente o elogio em facécia, intentem menoscabar as minhas idéias laudatórias em detrimento desta Academia; porque a mesma proterva mordacidade, e acrimônia de alguns servirão de sombras sim, mas não para ofuscar, senão para realçar, porque em todo o tempo houve um Calderino contra um Piroto: um Zoilo contra um Homero: um Apolidoro contra um Crisipo: um Rehnis contra Varro: um Lavino contra um Terêncio: um Ateneu contra um Platão: um Cícero contra um Demóstenes: um Salústio contra um Cícero: um Asínio contra um Salústio: um Quintiliano contra um Sêneca: e um Trogo contra um Lívio; e sem embargo disso, sempre as luzes do merecimento sobressairam melhor na contraposição dos êmulos; porque formando uma agradável antítese, fica mais lustroso o colorido dos claros, com a nuvem das sombras: logo se as sombras da detração se opuserem às luzes Acadêmicas, ficará a Academia, assombrada, não, assombrosa, sim;

porque rasgando nuvens, e excedendo idéias, se ostentará mais luzida, que ofuscada e mais admirável vista que imaginada.

9. Mas se será (vamos ao ponto mais dificultoso, e mais delicado do assunto) se será adequada hipérbole da grandeza desta Academia o ser maior na experiência que na imaginação? Digo que é a maior hipérbole, porque êste é o conceito mais sublime com que só se pode explicar a maior grandeza.

10. A maior grandeza que há, nem pode haver é a que se contém e se logra nesse celestial palácio da glória; e se eu achasse agora um sujeito que tivesse já ido ao Céu, e tornado ao século, e lhe pedissemos nos explicasse o que lá tinha visto não havia explicar as grandezas do Céu por outros têrmos, senão pelos mesmos que eu explico as grandezas desta Academia. Sabem, Senhores, o que havia dizer do Céu êsse sujeito? Havia dizer que era maior visto que imaginado. Havia dizer que era melhor na posse que na esperança. Havia dizer que era mais admirável na experiência, que na imaginação. Isto é o que eu demonstrei, e digo da Academia, e isto é o que do Céu disse São Paulo, que êsse é o sujeito que foi ao Céu, e tornou ao século.

11. Quereis saber (diz São Paulo) que coisa é o Céu? Pois por mais que esforce a eloquência seus períodos, a Retórica seus tropos, e figuras, e a imaginação sua viveza, nunca poderão idear, perceber, nem conceber na esperança o que o Céu é em si na experiência: *oculus non uídit, ne audis audiuit, nec in cor hominis ascendit.* (7) Debuxé os Elísios Campos com poética veia Vergílio, descreva em elegante metro suas [felizes odes] Homero, arroje-se o apetite mais regalado a imaginar deleites, soem as hipérboles, cresça o encarecimento, não conheça limites a exageração, que tudo isso (diz S. Paulo) inda não é sombra do que é o Céu: é curto o ânimo, estreita a imaginação, limitado o conceito para sondar o invadeável dêsse pélago de luzes, dêsse golfão de raios: *nec in cor hominis ascendit.* Segue-se logo, que as grandezas que encontra no Céu a experiência são muito maiores, que as que pode idear a imaginação: essas são as grandezas do Céu, maiores na posse que na esperança: estas são as grandezas desta Academia, mais admirável vista que imaginada: logo a hipérbole das grandezas da Academia é igual com a explicação das grandezas do Céu.

12. Nem pareça arrojado, ou temerário êste meu pensamento, porque falando analógicamente, assim como o Céu, e o mundo todo, por sua harmonia, consonância, simetria, e formosura é um poema de Deus, assim esta Academia é uma Deusa

(7) D. P.

dos poemas, ou um Céu da poesia. Que seja o Céu um poema de Deus, o diz com admirável metáfora um Acadêmico do 3.º Céu, S. Paulo, porque na 2.ª Epístola ad Ephesios (8) falando do Céu, donde a nossa Vulgata diz *ipsius factura*, o Céu é feitura, e obra de Deus, lê o Grego *ipsius poema*, o Céu é poema de Deus: poema tão heróico, como de seu autor, e de quem o seu autor é o seu Herói, cujas glórias, e maravilhas canta, e publica o seu mesmo poema, como advertiu Davi: **Caeli enarrant gloriam dei**: de donde (sic) S. Agostinho, na sua **Cidade de Deus**, (9) expressamente chamou ao Céu, formosa poesia de Deus: **pulchrum Dei Carmen**: pois se o Céu, é um poema de Deus, e se a Academia é um poema de poemas, ou uma Deusa da Sabedoria, como criadora, ou produtora de tantas obras, e erudições poéticas, oratórias, e históricas, que muito se expliquem as grandezas da Academia pelos mesmos termos com que se explicam as grandezas do Céu?

13. Oh Academia do Céu! Oh Céu das Academias! Em ti o Herói é Deidade: em ti os conceitos são angélicos! em ti os Acadêmicos são bem-aventurados: tanto porque se fazem eternos na fama, e no nome eternos, como porque, enquanto poetas, estão sempre com Deus, ou Deus com eles: **est Deus in nobis agitante calecimus illo**: e como não serás Céu, com Deidades, Anjos, e Bem-aventurados? Como não serás Céu se os teus cultores, ou habitantes, como sábios dominam as estrélas: **sapiens dominabitur astris**.

14. Esta [é a] admirável analogia com que compete esta Academia não só com as do mundo sublunar, senão com as celestiais esferas: que muito pois seja a sua explicação melhor, a melhor explicação do Céu: o Céu sempre maior na posse que na esperança, a Academia sempre mais admirável vista que imaginada.

15. Provado, ilustrado, e confirmado assim o meu assunto, coroemos agora o discurso com uma ponderação real, não estranha, (êrro em que caem muitos) mas proporcionada ao mesmo assunto; e pergunto? A quem devemos esta grandeza nunca imaginada de nos acharmos com um nôvo Céu neste nôvo mundo, ou de donde (sic) manou o influxo, e a ação criativa dêste Céu Acadêmico? Respondo, que assim como só Deus pode compor, e dispor com uma palavra o poema do Céu: **uerbo Domini Caeli firmati sunt: ipsius poema**; (10) assim só um Vice-Deus pode criar com um aceno êste Céu dos poemas. O nosso Vice-Deus,

(8) **Epistol. 2.ª, ad Eph. apud Leon. prod.**

(9) **Aug., de ciuit. dei, ibidem.**

(10) **Psalmo.**

é o nosso augusto, portentoso, e ínclito Monarca o Senhor Rei D. João o Quinto, e bastou um pequeno sinal de Sua Majestade (se é que em tão grande Rei pode haver ação pequena) para que o Excelentíssimo Senhor Vice-Rei, que aos acenos de Sua Majestade é o mais pronto, e heróico imitador e executor, fabricasse êste nôvo Céu. De maneira que se Deus por meio da sua palavra, formou o poema do Céu, o Vice-Deus por meio do seu Vice-Rei, que é a sua palavra, formou êste Céu dos poemas. Sua Majestade como Vice-Deus, causa universalíssima, e superior insinuou com o exemplo, e Sua Excelência, como Vice-Rei palavra, e voz do Vice-Deus formou, e firmou êste nôvo Céu, neste nôvo mundo: **uerbo Domini Caeli firmati sunt.** E chamo ao nosso ínclito Monarca Vice-Deus, não porque geralmente compete êste renome a todos os Monarcas Orthodoxos, senão porque muito especialmente deve competir a um Rei cujo reino é por antonomásia Reino de Deus: **uolo in te, et in semine tuo ubidire imperium mihi.** E como não será pròpriamente Vice-Deus quem reina em lugar de Deus, no Reino de Deus? Como não será pròpriamente Vice-Deus quem excede a tôdas as puras cria-turas, inda que sejam as mais reais, e as mais heróicas? Como não será pròpriamente Vice-Deus quem não sofrendo pela soberania de seu espírito, o sujeitar-se a estranhos preceitos, e a magistérios humanos, sabe ser Mestre, discípulo de si mesmo? Conheceu Sua Majestade com lume natural ou sobrenatural, que devia exornar-se daquelas prendas, máximas, e documentos, com que regesse justa, imperial, e majestosamente a sua dilatada Monarquia, e os seus fidelísimos vassallos; e que fêz? quê? Começou a ensinar-se ensinando, começou a doutrinar-se doutrinando, e começou a exornar-se exornando: erigiu as Academias, desentranhou as notícias, ressuscitou as ações heróicas, ilustrou-se a si, e ilustrou a Sua Monarquia; pois como dependeria de luzes estranhas para os resplendores próprios um Sol dos Monarcas, ou um Monarca Sol, que com as luzes científicas a todo o mundo alumia, ilustra, e vivifica? E como poderíamos ficar às escuras neste hemisfério, se no cristalino, e puro diamante da Coroa daquele Sol, qual é o seu Vice-Rei, refletiram os raios para difundir resplendores, e criar êste nôvo, e radiante Céu da Academia: da qual sem dúvida resultará dêste nôvo mundo a melhor fortuna: fortuna, digo, não sujeita aos precipícios de variável inconstante roda, não enganosa, não cega, como fingiu fabulosa a antigüidade, senão filha da mesma luz, qual é a sabedoria: fortuna em que se acha o melhor conselho: **meum est consilium et equitas:** (11) a mais sólida prudência: **mea est**

(11) **Sapient.**

prudencia, a mais segura fortaleza, *mea est fortitudo*; a mais abastada opulência *meam sunt diuitiae, et opes superbae fortuna* enfim das fortunas, como é o original Hebreu, *mecum fortunae*, porque quem haverá que duvide que só o ser sábio, inda apesar da desgraça, é ser ditoso? quem haverá que duvide que as ações heróicas, que são a vida da honra, são filhas da sabedoria; porque ações que procedem de entendimento sempre são bem procedidas, e se a melhor fortuna consiste na fama, na glória, e na honra, e estas não procedem do nascimento senão que nascem do procedimento, como o disse o Vergílio: *mores tui gloriae sunt tuae*, triunfo, glória, e fama nos segura quem na ação de criar este Céu da sabedoria, nos facilita ações heróicas, quando nos ensina ações entendidas.

16. Assim pois como robusto e levantado cedro, illustre afronta das nuvens, participando das correntes das águas, não teme os ardores do estio; assim tu ó Bahia, assim tu ó Brasil, assim tu ó nôvo mundo, participando dos benignos influxos dêste nôvo Céu, viverás florente, e triunfarás glorioso: e se até agora logravas a dita de fecundo, e a felicidade de ameno, agora ficarás Jardim matizado de flôres, árvore abundante de frutos, campo copioso de searas, e esfera ilustrada de luzes; porque florescendo em ti esta Academia, em que se vê germinando o florido com o frutuoso, e o jucundo com luzido, ficarás, pelas delicias de Amaltéia, floresta para o agrado, e pelos raios de Apolo, planêta para o luzimento; sendo êstes maiores, e novos empenhos para tributares agradecido o ouro, e o tesouro de tuas riquezas ao augustíssimo Monarca, e melhor Apolo, que te domina, e te ilustra, porque unindo êste grande Rei o esforço com a opulência fará tremular as bandeiras cristãs sôbre os mais altos torreões da infidelidade; pois não haverá bárbara nação que não abata o seu orgulho à vista do Real Estandarte das quinas portugêsas: assim o prognostica o meu juízo, porque assim o deseja o meu afeto. E como Vossa Excelência é a causa próxima, que heróicamente influi as ações do nosso poderoso Vice-Deus, para animar os nossos corações, e ilustrar os nossos entendimentos com exemplos famosos, gloriosos progressos, e ditosas esperanças, esperamos, que benigno, magnânimo, generoso, e constante, como costuma, ampare, prospere, e conserve aos seus Acadêmicos, e à sua Academia; sempre engrandecida, sempre ilustrada, sempre louvável, e sempre mais admirável vista, que imaginada.

17. E como por ora suspende o pasmo a tôdas as imaginações, também as minhas se acham suspensas; que não é muito que [sendo] esta a primeira vez, que chego a gozar tanta grandeza, como a encontro maior do que a imaginava, estou

pasmado: sendo êsse mesmo pasmo, admiração, e silêncio, esqueço nesta empresa me podem constituir vencedor, porque quem cala vence.

Disse.

Conferência de 8 de outubro

Ao Presidente

Foi Presidente o Reverendo Padre
Doutor João Álvares Soares

In laudem Sapientissimi Praesidis Domini
Ioannis Alvares Soares

DISTICHON

Gratum opus ingeniis tua concio, docte Ioannis.
Gratia quanta tibi est nomine, monstrat opus.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Em louvor do muito Reverendo Presidente
o Senhor Doutor João Álvares Soares da Franca.

SONETO

O Nosso Presidente, que sem queixa
suas doudas razões tão bem enfaixa,
bem se diz que aos mais doudos não se agacha
na perfeição com que a oração fecha:

Mais luzente, que de ouro uma madeixa
bem mostrou; que brilhava sem ter tacha,
do que Apolo em a ver corrido se acha,
pois por sábio a perder de vista o deixa.

De ressentir-se Apolo eu o não tacho,
por ser o presidente viva rocha
por ciente, por douto, firme, e fixo;

Ficou com menos luz aquêlê facho,
dobrando suas luzes esta Tocha,
por mostrar na Oração tanto capricho.

De Antônio Ribeiro da Costa.

Em louvor do Reverendo Senhor Presidente

SONETO

Que João é êste cujo tom sonoro
penetra recreando os meus ouvidos,
transportando potências, e sentidos
de sorte que qual seja agora ignoro?

Duvido se é João o bôca de ouro,
ou o João que o maior é dos nascidos,
que tão exemplar sendo, de subidos
conceitos espalhou um grã tesouro.

Do Batista parece a voz divina,
na locução Crisóstomo se ostenta
com que a todos aqui deleita, e ensina.

Mas outro João é: porém se intenta
dizê-lo a língua, que a verdade inclina,
o embarga o pasmo, que o silêncio aumenta.

de Hyerônimo Roiz de Crasto.

Ao Reverendo Presidente o Senhor João Álvares
Soares

DÉCIMA

Vosso nome tão soado
fica nesta oração vossa,
que duvido caber possa
no mapa mais dilatado,
o que é mais famigerado,
por ciências singulares,
a esfera ocupa dos ares;
mas isso, se se repara
seria se outro soara,
mas não quando vós, Soares.

Do Acadêmico Obsequioso.

[Gonçalo Soares da Franca]

Ao mesmo Presidente

SONETO

Quis entrar com os mais como em magote,
me disse o sentinela, tate, tate,
não meterá você o seu gasnate,
porque os que entram cá são de outro lote:

Perguntei-lhe se eu era de capote,
ou atirava pedras como orate?
que a mim se me não dava aquêl mate,
pois trazia uns versinhos, mais um mote:

Entrei, vi um tal douto, que nos mete
em pasmo! na oração, por tão discreta,
que terceiro Soares ser promete;

Um livreiro me pica, e me inquieta
sendo, que daqueles, seis, ou sete,
não fazem um, como eu, tão bom Poeta.

[*De Francisco Pires Longarito*]

MOTE

Ser poeta, entre poetas.

Fale na guerra o Soldado,
o oficial no seu trato,
o mercador no contrato,
em seus pleitos o letrado;
em proceder bem, o honrado,
o amante, de amor nas setas;
tu livreiro não te metas
com presunções de entendido,
em querer inadvertido
ser Poeta, entre Poetas.

[*Idem*]

OUTRA

Na mais certa opinião
 que o caso examinar bem,
 dirá, que o livreiro tem
 de Poeta negação:
 em que fundo esta razão
 facilmente o mostrarei,
 porquanto muito bem sei
 que é por si sujei (sic) inepto,
 Poeta por intelecto
 ignorante a parte Rei.

De Francisco Pires Longarito.

Ao muito Reverendo Doutor o Senhor João Álvares
 Soares.

DÉCIMA

Político, militar,
 orador sábio, entendido,
 vós o sois tão conhecido,
 como é o Sol, em luzes dar.
 Se é espelho, do Sol, o mar,
 vós, com a maior enchente,
 sois espelho coerente:
 Pois de ambos participando,
 sois um mar, em tudo, quando
 Sol no mar resplandecente.

Por Manoel Ferreira da Luz

Vigário do Destêrro da Cidade.

[Assinatura com letra diferente]

Ao Muito Reverendo Senhor João Álvares Soares,
 presidindo na presente Academia

SONETO

Neste que ilustre, e sábio consistório
 Dos Orbes nove excede a hierarquia,
 Tendes, douto João, tanta valia,
 Que a não alcança a pasmos o auditório.

Em equilíbrio justo, se notório,
 Lograis tão relevante primazia,
 Que da Prosa, e do Metro sem porfia
 Igualmente ilustraís o vasto empório.
 De sorte entrambos floresceís fecundo,
 Que ignora o mais sutil discurso atento,
 Onde vos remonteís mais sem segundo.
 Pois que assim respirais divino alento,
 Que se em sonoras cláusulas profundo,
 Soís em prosáicos números portento.

Por um anônimo (1)

Ao Muito Reverendo Padre João Álvares Soares
 Meritíssimo Presidente desta Academia.

SONETO

Dois Soares brilharam noutra idade
 Um Granatense, e outro Lusitano,
 Mas agora êste Nosso Americano
 Como Sol hoje brilha, e faz trindade.

Os primeiros luziram na verdade
 Transcendendo o que pode o ser humano,
 Porém êste melhor, e mais ufano
 De saber lá se frisa a ser Deidade.

Que se os dois luzes foram tão sòmente
 Dêste Sol resultante, os dois So — ares
 Ou figuras seriam do presente:

Antes jôgo parecem, pois por pares,
 Nunes o um, um por três, divinamente
 A Deidade soís vós dos três, Soares.

De Luís Canelo de Noronha.

(1) Lê-se com letra diferente: "E João de Figueiredo Mascarenhas".

Em louvor do Reverendíssimo Presidente o Doutor
João Álvares Soares.

SONETO

Antes de vos ouvir, meu Presidente,
estava de outro acôrdo, persuadido
de que, para deixar de ser vencido
preciso era o perder ser eloquente.

Consistia o vencer constantemente,
em ser por mais calado conhecido,
ficando, quanto mais emudecido,
vencedor, o que fala mudamente.

Mas já agora, que em vós estou admirando,
quão vencidos deixais os Oradores
ao tempo que tão douto estais falando:

Já não reputarei por vencedores
os calados, serão prudentes, quando
por sisudos se prezam de ouvidores.

Do Licenciado Jorge da Silva Pires.

Em louvor do Reverendíssimo Presidente o Doutor
João Álvares Soares

DÉCIMA

João, vosso raro engenho,
vossa agudeza elegante,
lá para mais ao diante,
terá cabal desempenho:
quando do prelo o desenho,
vossas letras singulares,
espalhar por êsses ares,
para nós vossos escritos,
da fama, em sonoros gritos,
por todo o Mundo Soares.

Do Licenciado Jorge da Silva Pires.

Ao muito Reverendo Padre o Senhor Acadêmico
 João Álvares Soares, presidindo na nossa
 Academia, a qual de fora da Cidade mandava
 alguns versos, e não tinha até o presente
 vindo a ela.

SONETO

João, a vossa Musa ausente andava
 Desta Aula, que feliz hoje vos cobra,
 Na qual do vosso engenho em menos obra
 Chegando a parte, o todo não chegava.

Por vós a Academia suspirava,
 Sendo reparo, que o valor vos dobra,
 O ver que quando nela tudo sobra,
 Faltando vós, sem vós tudo faltava.

Presidistes discreto, douto, e agudo,
 E fazendo as vontades doce engôdo,
 Mostrastes natureza, engenho, e estudo.

Continuai agora dêste modo,
 E pois vêdes, que em vós logramos tudo
 Não vos deis a pedaços, senão todo.

O Acadêmico Vago

Sebastião da Rocha Pita.

Ao Presidente

SONETO

Esse da Erudição pasmo admirado,
 Príncipe da eloquência esclarecido,
 Do Tempo nos Anais fôra esquecido
 Se vós o não fizeras tão lembrado.

Tanto o excedeis no estilo sublimado,
 Que se Túlio nos vem hoje ao sentido
 É somente coa nota de excedido,
 Ou vem para perder o principado.

Pois o imortal clarim, que a Fama alenta,
 Se a Túlio sublimou em canto inteiro
 Hoje vosso pregoeiro só se ostenta;

Rompe as vagas regiões, e lisonjeiro
 Já de Roma as memórias desalenta
 Já vos aclama Túlio sem primeiro.

Joseph de Oliveira Serpa.

In Reuerendissimi Praesidis encomium

EPIGRAMMA

Certat Apollo, Locus quis sit, certanque sorores
 Dignus, dant istae montibus, ille polis.
 Sidera, Phoebus ait, solum inter gratia namque
 Qua dicit, Musae, uincit ubique tuam.
 Musae conueniunt hilares, carmenque canentes,
 Praeses? iamque tibi cedit Apollo polos.

Pelo Padre Joseph Luís de Sousa.

Conferência de 8 de outubro

Primeiro Assunto

Foi o primeiro assunto:
 quem cala vence

Ad primum argumentum

EPIGRAMMA

Saepe silet stultus cupiens celare reatum
 Mentis, quam notam saepe loquela facit.
 Si sic insipiens superat, superare recuso;
 Multus amor uinci, uincere nullus amor.

Secretário.

[José da Cunha Cardoso]

Ao primeiro assunto

SILVA

Segunda Silva mando à Academia
 Muito melhor que a outra sem porfia,
 (É da mesma medida
 Alguma coisa pouco mais comprida)

Mas com menos fortuna
Pela matéria ser pouco oportuna,
Porém não que me falte engenho, e arte
Que discorro mui bem por tôda a parte.
Mas confesso em verdade,
Que tropeça aqui a minha habilidade.
A não ser imprudência,
Não dava versos nesta conferência.
É zombaria acaso
Depois de jubilado no Parnaso;
Sair um homem c'um destampatório,
Que faça rir a todo êste auditório?
Porém quem me acobarda
Não anda Apolo sempre em minha guarda?
Não sou aquêle mesmo que no Pindo
Apenas fui subindo,
Quando logo em pessoa
Da ilustre rama Apolo me coroa?
Pois se me tem Apolo em tanta conta,
Em versos quem me afronta?
Se pois nêles se vê que tanto medro,
Vá desta vez o mêdo com São Pedro.
Notável manha tenho,
Os rodeios que busco, o que desenho,
Para vir a explicar qualquer assunto
Pois donde me vem tenho bom bestunto,
Mas isto é meu costume,
Sempre falo o que menos se presume.
Ora pois de sistema enfim mudemos,
E pelo assunto entremos,
Mas eu dêle não quero dizer nada,
Que a Musa porque vença, está calada.
Discorram os curiosos por seus modos,
Que eu calando vencer espero a todos,
É só por êste jeito
Deixar pretendo o assunto satisfeito.
Se fizer no auditório pouco abalo,
Eu também não fiz voto de agradá-lo,
E menos juramento
De dar sempre ao assunto cumprimento.
Mas eu dêle não quero dizer nada,
Que a Musa porque vença, está calada.
Bem sabe Apolo quanto me arrependo
De calar o que entendo
Mas nisso mesmo inculco sem desdouro
Que nô silêncio tenho o melhor louro.

Jamais porfio, nunca faço aposta
 Por não ouvir alguma má resposta,
 Gente que muito grita
 Vá de retro, Senhores, que é precisa.

Eu falo muito brando,
 Quero mal a quem sempre está gritando.
 Sem dúvida que só quem cala, vence,
 Declara o nosso assunto, que convence.
 Mas eu dêle não quero dizer nada,
 Que a Musa por que vença, está calada.
 Coisa foi bem notória,
 Que eu também sei contar a minha história,
 Houve nesta cidade
 (Não o alcancei, que tenho pouca idade)
 Um Padre tão porfioso,
 Que por achaque tinha bem cestroso,
 Chamar aos nossos barcos de carreira
 Navios de alto bordo, de maneira
 Que em vendo quem ali o contradissem,
 Não havia quem disso o removesse.

Mas se logo cediam
 Alguns que gênio tal lhe conheciam
 Achando-se vencido,
 Rompia enfurecido:
 Não vi homens semelhantes!
 Porfiar jamais sabem dois instantes.
 Querem que à fôrça vá me retirando,
 Que lhes custava o irem porfiando?
 O que não diria este impertinente
 Se lhe fôra este assunto então presente?
 Mas eu dêle não quero dizer nada,
 Que a Musa por que vença está calada.

Mas antes que me esqueça,
 Mande Apolo também não me aconteça
 (A Floresta Espanhola o traz por certo)
 Como aquêle mancebo, que encoberto
 O pai queria no silêncio indigno
 (Jamais abria bôca o bom menino)
 Avaliado foi logo do Congresso,
 Que a ignorância no môço era sem preço.
 Para o pai disse então com agudeza,
 Que pois já não perdia na rudeza,
 Para falar estava habilitado,
 Que o tinha já o Congresso penetrado.

Ó quanto hoje receio,
 Que êste successo em mim não venha alheio,
 Que encobrir o discurso na assembléia
 Argüe effeito só de fraca idéia.
 Mas eu não desconfio,
 Que muito mais do meu engenho fio,
 É sòmente o ardor, com que se obra,
 É quem infunde o luzimento a obra.
 Da Águia porque também ministra os raios,
 São seus vôos da inveja mais ensaios.
 Porém eu não me gabo,
 Antes com isto a minha Silva acabo.
 Um victor me dêem todos,
 Que gosto muito que me dêem apodos.
 E se vir que me louvam de discreto,
 Continuar a Academia lhes prometo.

De Hierônimo Soares de Alcouvia.

Ao primeiro Assunto

SONETO

A antigüidade Egípcia, que advertida,
 Harpócratos supunha, e adorava,
 mostrou, que no silêncio só se achava
 o mais eficaz meio, a melhor vida.

Na falta do silêncio, quem duvida,
 que do Orbe o regime se frustrava;
 porque sem o silêncio, se não dava
 a todos, qualquer glória apetecida:

Remeta-se quem busca o vencimento,
 só ao calar; porque com mais ventura,
 há de ter o melhor contentamento;

E se é vida feliz, a que mais dura,
 e vence, no calar, o entendimento,
 cale o entendido, que vencer procura.

Por Manoel de Mesquita Cardoso.

Assunto

Quem cala vence

Quem cala vence, é o assunto
eu a mesma opinião sigo,
e não quero por amigo
quem quer falar tudo junto.

O que fora da ocasião
falar, a si se convence,
e quem cala, sempre vence
é comum opinião.

Além de ficar vencido
o que sempre quer falar,
vem juntamente a ficar
de muitos aborrecido.

Porquanto o que é falador
sempre é muito censurado
de Aristóteles notado
foi um dêsses com rigor.

Espantando-se de ouvir
que acabasse de falar,
e pudesse ali estar
tendo pés para fugir.

Ademerato dizia:
que os loucos não sabem quando
hão de falar; e falando,
mostram sua demasia.

Sócrates dois tempos dá
para se falar sòmente;
Plutarco diz, que prudente
é quem menos falará.

Horácio manda fujamos
do homem perguntador,
porque sempre é falador
como assim o exp'rimentamos.

Zenon diz, que DEUS nos dar
uma língua, e dois ouvidos,
foi, por saber advertidos
mais ouvir, menos falar.

Gregório Lopes falava
só o que era necessário,
vencendo sempre o contrário
no silêncio que observava.

Dêste tão Santo Varão
quem dêle escreve se admira,
pois nunca falar se ouvira
sem precisa ocasião.

Estando Davi calado
com só uma ação, venceu
ao Gigante Filisteu,
que tanto havia falado.

Contra José foi o grito
da mulher de Putifar,
venceu José em calar,
e foi Vice-Rei do Egito.

A pedra vinda do monte
vence a Estátua sem falar,
a morte de Baltasar
escreveu u'a mão defronte.

De muitos santos sabemos,
que por calados venceram,
e os triunfos que tiveram
como em suas vidas lemos.

Assim que venho a dizer;
que mais vence quem se cala,
que aquêle que muito fala;
calarei para vencer.

[De Antônio Ribeiro da Costa]

Ao primeiro Assunto

SONETO

Calar para vencer, é coisa dura,
e mostra ser ação contraditória;
porque a felicidade da vitória,
nos Bronzes, e Atambores se segura:

Como logo, de Marte ter ventura
pode, e viver nas Aras da memória,
quem fiar do silêncio, tanta glória,
tanto bem, remetendo a sepultura!

Mas oh! que com razão; porque a vida
da empresa maior, é o segrêdo,
que faltando-lhe, fica amortecida;

Pelo que, deve ser como Rochedo,
 todo pedra, insensível à ferida,
 mostrando, no silêncio ser Penedo.

Por Jacinto Ferreira Feio de Faria.

Assunto primeiro
 Quem cala vence

SONETO

Pitagórico dogma, idéia muda,
 culto a Harpócrates, no que cala, of'rece: (sic)
 não fala, não se altera, ou enfurece,
 com o dedo na bôca a voz não muda.

Caia o Céu, arda Tróia, com sisuda
 continência, de nada se estremece,
 do segrêdo o Alcázar fortalece,
 só resiste; e não quer que outrem lhe acuda.

Desprezando ao rumor vociferante
 do pleito, da disputa, da contenda,
 com modéstia o acusa de ignorante.

Tudo ao silêncio sacrificios renda,
 calando vence; já como triunfante
 tem no Altar a vitória por of'renda.

Do Acadêmico Nubiloso.

[Caetano de Brito Figueiredo]

Quem cala vence

SONETO

Batalha a minha dor c'o sofrimento
 na confusa campanha do meu peito;
 ela guarda aos silêncios o respeito,
 ela o grito provoca o sentimento.

Que é, desabono seu diz o tormento
 não passar a expressão desde o conceito;
 o coração publica que é defeito
 o socorro da voz no desalento.

Mas se neste do ardor combate ativo
 no eco de um suspiro apenas falo,
 tendo para o clamor tanto motivo;

Pois nem inda da chama o fumo exalo;
senão cede o rigor, pois nunca vivo,
triuña o coração, pois sempre calo.

Do Acadêmico Obsequioso.

[*Gonçalo Soares da Franca*]

Ao primeiro assunto
Quem cala vence

SILVA JOCO-SÉRIA

Faço Silva no caso
Por sentir-me Senhor já do Parnaso:
Pois quando a Lira toco,
A seu som as irmãs tôdas convoco;
E de mim se namoram,
Que por outro gentil Febo me adoram:
Quando fico mais guapo
Fazendo-me um peru de inchado papo,
Com a crista caída,
Que então tem por medida
Tanto como uma braça
Mais larga do que a praça.
De mim ninguém se ria,
Pois nesta academia,
Poeta sou dos antigos mais barbado,
Que a musa lhe visita com cuidado;
Ela, não é tão feia,
Pois me faz fazer versos à candeia.
Mas porém ninguém diz que são compridos,
Por sempre c'o um pauzinho irem medidos.
O assunto despedaço,
Hoje sim, me sucede algum fracasso:
Agora me arrependo
De meter-me em debuxo, estou tremendo.
Diz Plutarco, conforme estou lembrado, (1)
Que sempre lhe pesou de haver falado
E quando êle calava,
Que pelo mais prudente se julgava.
Assim eu do que disse já me pesa,
Falo agora com tôda a inteireza;
Pois posso conhecer,
Que sempre é nada em um tanto dizer:

(1) A margem esquerda, lê-se: PLUT, de tuend. ton. ual.

Porque c'ò estar eu mudo,
 Assim mesmo calando digo tudo.
 Também quando eu o esteja,
 Ou em alguma questão que a gente a veja,
 Com o dar coa cabeça,
 Dirão ser de juízo, não travêssa.
 Quero mal a quem faz silvas compridas,
 Porisso as vozes tenho suspendidas;
 Se fôra poetizando,
 Quando sempre com graça estou falando
 Asneiras de bom siso,
 Seriam tudo riso.
 Um victor me dêem todos,
 Pois também por meus modos,
 A mim me vou louvando,
 Que por um grave Apolo vou ficando.

De Belisário da Lerma.

Quem cala vence
 assunto acadêmico

SONETO

A gentilica escola que ignava
 (Falta de luz) a soberana essência,
 Muito mais que uma máxima eloquência,
 Uma muda retórica estimava.

Tanto Platão divino ponderava
 Esta matéria, que com mais prudência,
 Primeiro, que a grandíloca ciência
 A calar aos mancebos, ensinava.

Se por rara virtude a antiga gente
 Tinha o calar, sem dúvida importante
 A modéstia é na língua do eloquente.

Articule o pesar, mudo o semblante,
 Que em calar vence tudo o que é prudente, (1)
 Nada ganha em falar o que é ignorante.

[João de Brito e Lima]

(1) Lê-se no texto: "prunde".

Ao mesmo assunto

SONETO

Fiar da voz o alívio no tormento
 Por coisa trivial não causa espanto:
 O que cala o pesar, reprime o pranto,
 Acredita melhor o sentimento.
 Deve a dor igualar o sofrimento
 Entumescendo a língua u'mudo encanto;
 Que prudência não tem, nem valor tanto,
 Quem não cala as paixões do entendimento.
 Nas queixas da fortuna, que tirana
 Favorecer aos méritos repugna,
 O varão nobre, os créditos profanos.
 Vença calando a dor mais importuna;
 Que em se vencer a si, nos desengana,
 Que só quem cala vence a má fortuna.

Do Acadêmico Infeliz

João de Brito e Lima.

Ao primeiro Assunto

SONETO

Notável é o assunto, a êste intento,
 pois na anfibologia mensurado,
 o segrêdo se anima no calado;
 quando acaba no próprio fundamento.
 Que redundante, a coroa, no acento
 da inviolável mudez, se o desagrado,
 do Rei que cobre, é um Tiro derrotado
 a que a soberba esgota todo o alento.
 Êste não vence, morre, ainda que viva
 de verdugo lhe serve o que mais cala,
 porque é alvo dos golpes que motiva.
 Mas o Rei timorato, que não fala,
 a coroa sujeita mais ativa;
 não vence um Reino, Impérios avassala.

Por Manoel Ferreira da Luz

Vigário do Destêrro da Cidade.

[Assinatura com letra diferente]

Ao heróico Assunto de que vence quem cala, em
despique contra o Livreiro Paulo da Silva
Sarmiento, defronte da Misericórdia.

SIVA JOCO-SÉRIA

Por extremo afirmou [êste o pecado]
impaciente, raivoso, e [irritado,]
o Livreiro por certa poesia,
que em meu nome mandei à Academia;
e sem tirte, nem guarte,
suas trovas enfeixa sem mais arte,
agudeza, elegância, ou bom conceito
que o que pode caber em tal sujeito,
para [vir] entender com o Longarito,
que não soube ofender nunca um mosquito,
batizar-se por Silva,
as trovas que me põem em carne viva.

Confesso o meu pecado,
fiquei fora de mim, de apaixonado:
não pude tal sofrer com paciência,
e mais quando, com nímia prudência,
o Senhor Secretário,
de quem nunca supus ser meu contrário,
me aconselha, que para despicar-me,
e ficar vencedor, devo calar-me.

Não abraço o Conselho
inda que mo intimara Irmão mais velho:
nem estou pelo dito
que assim não quer vencer o Longarito:
bom despique por certo para Poeta,
de quem cada palavra, é ervada seta,
quando scandalizado,
algum crítico o deixa magoado.

Os Poetas picados não se calam,
mais valentes estão quando mais falam,
nem tiram pela espada,
essa virgem nunca anda menstruada;
sacam pelo instrumento do palato,
e se alguém deixam vivo é de barato:
sendo a frase que entre êles se pratica,
vencer mais, o que menos mudo fica.

Perdoe o Soberano,
 se o despique julgar por desumano;
 desculpe a Academia,
 se excessivo sair nesta porfia.
 Dispense enfim tão nobre ajuntamento,
 dê minha queixa o justo fundamento:
 bem vê, que êste despique vem fundado
 na razão que [me chega] até o telhado.

Venha cá Senhor Paulo que motivo
 teve para [chegar-me] tanto ao vivo?
 fazer versos, é culpa por ventura
 para tal penitência crua e dura?
 Diz que emprêgo é demais gentil sujeito,
 para o qual tenho pouco, ou nenhum jeito;
 E que não viu maior disparidade,
 [Para] o Poeta diversa qualidade.

Diz que Apolo, Talia, Cabalina
 de Hipocrene a corrente cristalina,
 Musas, Pindo, Parnaso,
 alígero bucéfalo, ou Pegaso,
 poético furor, douto e fecundo,
 coisas são para mim do outro mundo.

Quem tal crera Senhores,
 que julgasse também Paulo de côres!
 não deve, não de ter espelho em casa,
 que lhe mostre a carranca chata, e rasa,
 triste, fera, medonha, e macilenta,
 (como quem só de fôlhas se sustenta)
 que traz por sobrescrito
 o tremendo feitio do Maldito.

Um demônio, que estando eu descuidado,
 no meu banco sentado,
 tratando de ganhar a minha vida,
 passando o que Deus sabe de comida;
 porque fiz uma décima famosa,
 sôbre mim cai com fúria tão raivosa,
 não lhe fôra melhor perder a fala
 pois que fica melhor quem muito cala?

Ora pois, quien tal hizo, é muito justo,
 que tal pague, e bem pago a todo o custo:
 pois tomou por emprêsa o perseguir-me,
 a fé de Longarito, que há de ouvir-me.

Diz que tem muito livro, e todo o ano
 o seu memento são quotidiano.

Quem negar tenha livros o livreiro
 negará ter albardas o albardeiro:
 perdoe Deus ao César que lhe havia
 mandar logo fechar tal livreria.

Mais livros os que eu tenho é disparate
 se alguém cuida que tenha êste pasguate
 tenho livros; não são [êles] intensos,
 mas em número imensos.

Autos tenho de tôda a variedade
 infinitos, em muita quantidade:
 Magalona, Mantuano, o de Forcina,
 Santo Aleixo, o de Santa Catarina,
 Valdovinos, paixão, dia do juízo,
 Maria Parda, que é lindo auto de sisó.

Tenho grave pecúlio manuscrito,
 de todo o bom conceito, e erudito:
 vários versos e prosas muito amenas,
 divertidas novelas, e novenas,
 evangelhos, cartilhas, lindas horas,
 comédias, passatempo de Senhoras,
 cristais da alma; também tenho de tristes
 os alívios; enfim tudo o que ouvistes,
 o dizimo não é de quanto oculta
 a minha biblioteca assim inculta.

Vejam lá os curiosos,
 (não falo com malignos, invejosos)
 se com lição tão vária,
 fazer versos é coisa temerária.

Pois como êste nariz de almotolia
 tal de mim não presume, nem confia?
 quando, justa, o que diz na sua obra,
 para versos fazer, ter livros sobra.
 Logo se tenho livros é forçoso,
 que Poeta ser posso mui famoso.

Ora enfim meu Livreiro,
 vós, e eu, somos dois por derradeiro;
 para um sege (sic) a boléia é coisa clara,
 que temos lindo jeito, e feição rara.
 E já que causa amor a semelhança,
 neste nosso não mais haja mudança,
 fique em nós igualmente certa a glória,
 de que ambos conseguimos a vitória.

Vós por Silva, nas Silvas sois perito,
 Por Pires, não se agacha o Longarito:
 com que fica patente, e concluído,
 entre todos notório, e bem sabido

que eu, e vós, somos um Poeta excelente,
 Silva, e Pires chamado certamente.
 Basta já [despique]:
 e quanto [desafeto] entre nós fique:
 sigamos o assunto sentencioso,
 de que quem cala fica vitorioso,
 e dêle ajustado
 para ser vencedor, já estou calado;
 não mais digo palavra, já estou mudo,
 quero que se conheça sou sisudo:
 tudo seja por nada recebido,
 que mais quero vencer, que ser vencido,
 e quanto agora disse o Longarito,
 quer se julgue, e repute por não dito.

*De Francisco Pires Longarito, mo-
 rador defronte da Misericórdia.*

Ao primeiro assunto

SILVA

Na melhor forma, e via do Parnaso
 Põe siso neste caso.
 Um libelo é o que trago à Academia
 Demandas são a minha poesia.

É muito bom officio
 Tenho delas grandíssimo exercicio.
 Acho que para quem anda opilado
 É remédio extremado.

E não deixa também de ser virtude
 Assim o Céu me ajude,
 Que o meu divertimento
 É trazer na demanda o pensamento.

Cuido em fazer os meus arrazoados,
 Não me atrevo a gastar já com letrados
 Articulam mui caro de ordinário,
 E sendo necessário,
 Eu também sei fazer o meu libelo,
 E vejam como neste falo apelo
 Se eu tivera dois dedos de direito,
 Assombraria ao mundo o meu sujeito.

Digo pois, e verão se não concluo,
 Se eu estudara, ricamente arguo,
 Porém nasci no signo de Saturno,
 Segui da agricultura o vário turno
 Devo o que sei a minha habilidade,
 Isto é sòmente em mim curiosidade.

Saibam pois que o segrêdo em quem litiga,
 Só faz que o vencimento se consiga
 Quem sempre a falar anda,
 Perdida tem há muito já a demanda,
 Calar para vencer, abaixo, arriba,
 Axioma é, em que muita gente estriba.

Alguma é tão noveira
 Que trazem sempre os autos na algibeira.
 É em tendo qualquer pleito,
 Não cesso de falar no seu direito.

Ordenação a falas cento, e trinta,
 A seu jeito lá se pinta,
 Degas, Ulpiano, Gomes, Celso, Acosta
 Sempre andam de mão posta.

E o pior é que querem que o saturem
 E da causa a justiça lhe segurem.
 Tem por injúria grande, e por ofensa,
 Se alguém lhe diz que não terão sentença.

Só eu nunca abro bôca,
 E mais a raiva às vêzes me sufoca,
 Jamais em vão palavras articulo,
 Até por não falar o cuspo engulo.
 O que não custa desfazer o enrêdo
 Se se faz em segrêdo!

O nosso assunto aqui vem evidente,
 Pois só quem cala vence inteiramente,
 De mim ao menos não dirá pessoa,
 Que me ouvisse palavra má, nem boa,
 Já cuidou algum vendo-me emperrado,
 Que trazia na bôca um cadeado.

E também uso; mas não me acomoda
 Que aquilo que uso saiba a gente tôda.
 Ninguém para si é tolo
 Em todos, como em mim, influi Apolo.

Quem quiser fale embora,
 Que eu, só calando, a todos venço agora,
 É talvez que porisso,
 Nenhum se faz comigo encontradiço.

Mas vou-me já safando,
 Demos lugar aos mais de irem falando,
 Que quem o ser calado tanto afeta
 Razão é que ao silêncio se remeta.

De João da Rocha Maciel.

Quem cala vence

SONETO JOCOSO

Dizem, Senhores, que quem cala vence,
 Mas eu vi que apanhando mui calada
 Certa regateirinha de enfadada
 Com um aqui de El-Rei outra convence.

Se o calar ao vencer tanto pertence
 Como enquanto apanhou muita pancada
 Lhe não aproveitou o calar nada
 Sem que a Arcângela muito falar pense?

Ora, Senhores meus, cada qual veja
 Que os juízos dos homens são mui vários
 Para que eu pelo assunto em tudo esteja.

Consultem-se os barbeiros necessários,
 E nem seja o que eu digo, porém seja
 Não o que disser um, dois boticários.

De Frei Avertano de Santa Maria.

Ao primeiro assunto

DÉCIMAS

Outro leigo pendenciou
 comigo, e à bôca calada,
 apanhei muita pancada,
 que êle a gritos me cascou:
 de me vencer se jactou,
 dizendo que se convence
 por me espancar: tal não pense
 (lhe disse) porque eu aqui

levei calando, e venci,
 porque só quem cala vence.
 Respondeu com sanha impia,
 que cuida, tenho barrunto,
 ser êste sucesso o assunto
 primeiro da Academia:
 Ora já deixe a poesia,
 cuide em servir o Convento,
 vendo que por êste intento,
 tem queixoso de ordinário,
 ao leigo que é boticário
 do mosteiro de São Bento.

Eu com ecos mui ligeiros,
 lhe respondi desta sorte:
 ó tu dos leigos Mavorte,
 quando Túlio dos pateiros;
 tens razão pelos telheiros,
 meu êrro hei de conhecer,
 pois de calar, e sofrer
 tal surra, venho a inferir,
 que é calar por consentir
 não calar para vencer.

de Frei Avertano de Santa Maria (1)

Quem cala vence

DISTICHON

Ardua res adeo est equidem, et permagna tacere,
 Dici ideo ut soleat uincere quisque tacet.

De André de Figueiredo Mascarenhas.

Ao primeiro assunto

Quem cala vence

SONETO

Com raio armado o Sumo Altitonante
 Tonitruando o Ar, a Água, a Terra
 Com horríssonos estrondos move guerra
 Ao universo em si já titubante.

(1) Letra da composição e assinatura diferente das anteriores, que devem ser as originais.

Mas o estrago do impulso fulminante,
 Que vibrou essa destra, que não erra
 Não nos ralhos, no raio é que se encerra,
 Para que clarifique a si triunfante.

Bem assim porque sabe que uma glória,
 Que resulta de ilustre vencimento,
 No silêncio é que tem essa vitória;

Porisso deu no Raio um documento
 De calar, para que fique em memória
 Que assim vence calando o entendimento.

Luís Canelo de Noronha.

Quem cala vence

SONETO

Qual um César Romano o mais potente,
 Simulacro de Marte o mais famoso;
 Tal deve o Capitão mais valeroso
 Ser das armas na voz todo eloquente.

Pois César no vencer tão experiente
 Quando a Roma chegou mais vitorioso
 Só com VIM, VI, VENCI tão misterioso
 Publicou ser do mundo o mais valente.

Assim do Capitão seja o sentido
 A Retórica mais desconcertada
 Que há nas línguas do bronze, e no sonido:

Pois se **quem cala vence**, será dada
 A vitória ao soldado enobrecido
 Com silêncio da voz, com voz da espada.

de Antônio de Oliveira.

[Assinatura com letra diferente]

Quem cala vence

SONETO JOCOSO

Casou-se Fábio com mulher prudente,
 E logrando esta o dom de ser calada,
 Enfadava-se Fábio, e ela a nada
 Respondia que fôsse congruente.

Pasmava a vizinhança, e a mais da gente
Que a supunha com êle mal casada
De lhe ouvir só dizer desenfadada;

Grite, e tanto o meu velho que arrebente.
Nesta pois que Prudência se chamava
Como Fábio jamais viu resistência
A querer-lhe infinito começava.

Cessou logo de Fábio a impertinência
Porque como um, e outro se calava
O que não vence o amor, vence a Prudência.

Por Anastácio Ayres de Penhafiel.

Quem cala vence. Assunto heróico da presente
conferência

SONETO

Fala o Mar no contínuo movimento,
O fogo em línguas as Esferas toca,
A terra em terremotos abre a bôca,
Em sibilantes sopros silva o vento.

Logo como a dizer seu sentimento
Uma Alma racional se não provoca?
Quando o silêncio pelas vozes troca
Sem uso de razão cada Elemento.

Como pode vencer quem pouco ativo?
Não manda a bôca, quanto o peito encerra,
E estando mudo, não parece vivo.

Só triunfa em falar, em calar erra.
O racional vivente discursivo
Falando o Vento, o Fogo, o Mar, e a Terra.

O Acadêmico Vago

Sebastião da Rocha Pita.

Ao primeiro assunto

SILVA

Botando a alma pela bôca fora,
A esta Academia chego agora:
Corri com tanta pressa,
Que estou com grandes dores de cabeça.

Quero pois descansar um bocadinho,
 Muito estrompado venho do caminho,
 Tomo fôlego, ai que já não posso,
 Onde nos fica aqui o Padre Nosso,
 Com o senhor Frei Avertano falo,
 (Não sei de riso como não estalo)
 Está-lhe o coração dentro palpitando,
 Não tenha medo Padre estou zombando.

Porém, aqui comigo,
 Ninguém nos ouve diga como amigo,
 Contaram-me, que vossa Reverência,
 Não podia levar em paciência,
 Que aquêlé Boticário de São Bento,
 Provasse em um sofisticado argumento,
 Que a vossa Reverência a primazia
 Levava na Poesia?

Orá pois, porque não haja outro engano,
 Nem aqui o Senhor Frei Avertano,
 (O cortejo em mim é extraordinário)
 E menos de São Bento o boticário,
 Conhecem da Poesia o Petracismo,
 Ambos ainda estão no Paganismo.
 Visto está sem estrondos,
 Nenhum é Latino, ambos são redondos.

Cada qual tem o seu flamante Apolo,
 Que de um a outro Pólo,
 Resplandecem brilhantes,
 Antorchas do Parnaso rutilantes.

É matéria de riso,
 Ver que em todo seu siso,
 Cuide o Senhor Frei Avertano e creia
 Que é Poeta de mão cheia?
 Quando uma Gralha o considero apenas,
 Que sai vestido de emprestadas penas?
 Fuja de beliscões, que é evidente,
 Se o beliscão cair-lhe de repente,
 (Porque a sua nudez se manifeste)
 Quanta vistosa alheia pena o veste.

Ao Boticário pois não desafie,
 Que em pena alheia não é bem se fie,
 Com êle use esta treta,
 Diga-lhe que não é também Poeta,

E cale a sua bôca,
 Que o fazer versos, coisa é muito pouca,
 É porque eu não brigara,
 Nem velhos agastados mais tomara.

Para vencer se cale pois meu Padre,
 Êste seja o despique que lhe quadre,
 Êsse contudo lá calado ruge,
 Ficarâ sem penuge,
 Que o bom do Boticário tem jurado,
 Que há de um beliscão dar-lhe desastrado.

Abrace o meu conselho,
 Que versos é malhar em ferro velho;
 É de mim não se queixe,
 Porque já agora livre está que o deixe,
 Sem confessar de plano,
 Que não faz versos meu Padre Avertano.

Mas bem é que se cale,
 Vença embora, e nunca jamais fale;
 Que nesta Conferência,
 Quem mais cala, tem mais intelligência:
 Bem que vencido fique,
 Êste seja meu Padre o seu despique.

E não se ponha agora mal comigo,
 Que eu aqui quanto digo,
 Meramente não passa,
 De ser sòmente, amigo, em tom de graça.

Se houver contra isto quem diga o contrário,
 Inda que seja o mesmo Boticário,
 A espada do engenho,
 Desde aqui pelo defender empenho.

Um favor pois lhe peço,
 E com isto também já me despeço,
 C'o Boticário não ande arrufado,
 Porque é pior mostrar-se declarado,
 E não convém dizer palavra agora,
 Por não mostrar que sai do assunto fora,
 Que pois quem cala vence,
 Outro melhor despique jamais pense.

*De Bento Salgado Oficial
 da Secretaria.*

Ad primum argumentum

Victoria in silentio

Ostenditur argumento Philosophi nomine Agatho,
qui semper saxum portabat in ore silentium
indicens.

EPIGRAMMA

Disceret ut doctus (sic dicitur) ipse silere
Agatho saxosum contulit ore globum.
Et bene: uictorem cum se uoluisset in orbe
Reddere, quid potius quaerere, parue potes.

João Alv'res Soares

Ad Ium argumentum

ELOGIUM

Etiam in arenam descendens
In pugnam silentium conscendit:
Quasi plus silentii
Plus redderet insolentiae.
Non cum uerbis illi pugnandum;
Nam ubi silentium est
Dari uerba non potest
E quibus ortum saepissime dissidium est.
Secum congregitur,
Vtpote quod tutum sui praemium
Silendo, non armis, tutatur.
Nec milites, quos dicam silentiarios,
Millibus credas pauciores,
Eo plus silentii amatores,
Quo uictoriae audiores.
Dicat Pythagorica legio,
Quae non minus biennali spatio cum uerbis foedus
[iniens,
Cum silentio congregi, quam quae maxime,
[audebat.
Militem illum silentiarium non silendum
Silentio minime inuoluam,
Qui, ut perattente excubias ageret,
Silentii excubitor,

Lapidem per triennium in ore tenuit,
 Quasi lapidem mouere non destitisset,
 Ne lapidem offensionis impingeret.
 Et merito tantam sui muneris curam
 Non merita sine cura agunt,
 Quos maiores inter fortunae conatus
 Fortunatissimos uictores
 Non silere fama conatur.
 Nec mirum, uictoriam reperiet qui silet,
 Cum in silentio uictoriam portet.
 Sileat ergo,
 Qui tutum silentii praemium
 Ferre ambit.

[*Sem indicação de Autor*]

Vincit, qui tacet, nobile est praesentis Academiae
 argumentum.

EPIGRAMMA

Gest in ore Gruum numerosa caterua lapillos,
 Bistonios, quando deserit illa lacus.
 Sic penetrat Scythicum nocturno tempore Taurum,
 Perque Aquilas uictrix Grus taciturna uolat.
 Martis turba sequax, uigiles effinge uolucres,
 Durus et e tacito pendeat ore lapis.
 Sic belli uinces Aquilas, Laurosque minaces,
 Felicemque tibi, uaticinabor auem.

[*Sem indicação de Autor*]

Vincit, qui tacet: nobile est praesentis Academiae
 argumentum.

EPIGRAMMA

Pro tremulo exagitas telo de pectore uoces,
 Suntque tibi Samii dogmata nulla Sophi.
 Pythagorae, ut superes, taciturnum inquire
 [Lycaeum,
 Atque ibi per longos disce tacere dies.
 Sic uocem cohibe: linguam sic comprime: uerbis
 Vincere qui curat, uerba dat ipse sibi.

[*Sem indicação de Autor*]

Vincit, qui tacet: nobile est hordiernae Academiae
argumentum

EPIGRAMMA

Oportet strictis linguam cohibere lupatis,
Quae signum exitii clarius esse solet.
Aebalias quondam quid deuastauit Amiclas;
Quid, nisi peruigili missus ab arce fragor.
Contingunt miseris haec saepe loquacibus: ergo
Linguam, si curas uincere, uince tuam.

[*Sem indicação de Autor*]

Vincit, qui tacet —, Nobile est praesentis Academiae
argumentum.

EPIGRAMMA

Perge tuis rigidum Labiis imponere frenum;
Verboso nunquam palmaque, sorsque fuit.
Si taceas, linguamque premas, hostilia paucis
Multa quidem uerbis uincere castra potes.
Vt uati credas, Diuinum Consule Verbum,
Quod strauit uerbis agmina mille suis.

[*Sem indicação de Autor*]

Ao Primeiro

SONETO

Quem cala vence; quem quiser em tudo
alcançar, como sábio, vencimento,
deve sempre empregar o pensamento
em conter-se nas raías de sisudo:

Calar para vencer, é forte escudo,
de que se arma cortês o entendimento,
para assim declinar o sentimento,
a que sábio fugir pretende mudo:

O silêncio nem sempre da ignorância
asilo ser costuma; pois sagrado
é também da ciência, e da elegância;

A quantos lhes pesou de ter falado?
em tudo, e falar sempre é petulância;
quem cala vence; Lélío, sê calado.

S. C.
[Sem indicação de Autor]

Conferência de 8 de outubro

Segundo Assunto

Foi o segundo assunto
Dizem que amor com amor se paga;
e o mais certo é que amor com amor se apaga.

Ad secundum argumentum

EPIGRAMMA

Verus amor solo simili soluendus amore,
Aequat enim solus pondus amoris amor.
Debita (iura docent) qui soluit debita delet;
Nec se exauthorat, nomina quin perimat.
Ergo si redamans amor alter soluit amorem,
Nil mirum quod eum deleat alter amor.

Secretário.
[José da Cunha Cardoso]

Em louvor do Senhor Frei Avertano de Santa Maria
pelo despique da Silva que fêz, contra o
boticário.

DÉCIMAS

Ou lá Padre Reverendo,
isso é que é ter feição,
dai-me cá agora essa mão
que o despique foi tremendo:
dêle aqui conforme aprendo
sei que foi mui necessário,
pois vejo em seu calendário,
se por vida de Brás Lopes
que entre purgas, e xaropes
sumergis um boticário.

2.^a

Ó Musas, que baixa destes,
 pois tão baixas vos supondes
 que na testa em que vos pondeis
 como môscas vos pusestes:
 se essa testa apetecestes
 cheia de Poesias tôscas,
 a Apolo não façais fôscas
 pois é verdade contesta
 que se porão nessa testa
 em lugar de Musas, môscas.

3.^a

Não cesso de vos louvar
 pois de aplaudir-vos não cesso
 no castigo de um excesso
 contra vós muito vulgar:
 quem se sabe despigar
 dessa sorte, e é tão brioso,
 logre a dita de extremoso,
 para que neste despique
 sôbre gentil homem fique
 como vós em tudo airoso.

4.^a

Ponde-vos grave, e direito
 pois ninguém, eu me reporto,
 para endireitar um torto
 como vós tem melhor jeito:
 Se Poeta de respeito
 sois quem vo-lo há de negar,
 tomaí um pito, e a faltar,
 porque quando o môço creia
 que em versos vos tabaqueia
 vós o haveis de cachimbar.

5.^a

Destes-lhe com as da amura,
 ou como ferrador bravo,
 lhe destes uma no cravo,
 e outra na ferradura:
 Se o bichinho tal atura,
 e às Musas tanto se inclina,
 pode que Apolo o domina
 fazer vêzes de Pegaso
 e introduzir do Parnaso
 na botica a Cabalina.

6.^a

Agora saberá êle
o mocinho do azul
se acaso sois vós baul
para lhe guardar a pele:
Revele aos outros, revele
o como se paga amor,
que se eu em vosso louvor
entre a gente também falo
é porque não sou cavalo
inda que seja andador.

*Do Irmão Andador da venerável
ordem 3.^a do Carmo.*

Ao assunto lírico

SILVA

Senhor Vossa Excelência há de acudir-me
Porque Frei Avertano quer zurzir-me,
Assim contou-me um grande meu amigo
Que da Silva passada
Sua Musa picada
Ficara em têrmos ásperos comigo.

Desta sorte tenção mais não fazia
Silvar nesta famosa Academia
Por evitar assim certos pontinhos
Que são contos uns, e outros são continhos:
Mas na Rua de baixo eu hoje estando
Ia Frei Avertano então passando,
Por sinal que com alta voz contava
As horas nove que o Relógio dava.

Nisto chegou-se grave a um sujeito,
E roncando-lhe a voz dentro no peito
O convidou que viesse à Academia
Para ver coisas grandes,
Fôlhas maiores que as que vêm de Flandres
Cheias de Poesia,
Que gabando-lhe o serem mui seletas
Deu com os dedos quatro castanhetas.

Eu que tal ouvi tomo logo a pena
Quando a Musa prontíssima me ordena
Que alterado o furor, corrente a veia

Faça do assunto Lírico candeia
Para a todos mostrar isto que digo
Que de Frei Avertano sou amigo.

Tenho-lhe grande amor, afeição rara
Assim êle me amara;
E saiba de hoje avante quem ignora
Que o amo muito; zombaria fora:

E se assim quero a sua Reverência
Porisso na passada conferência
O elegi sem malícia, ofensa, ou dolo
Para ser da Botica o meu Apolo.

Mas êle por seguir o nosso assunto,
Ingrato faz ouvidos de defunto.
(Se é neste o consoante, ou é perverso,
Não pode mercador caber no verso)
Amor com outro amor êle não paga
Com rigores porém o amor apaga.
E a sua condição sempre tirana
No métrico furor me desengana

Que há de rachar-me bem, que há de zurzir-me
Que com talhos fatais há de ferir-me.

Se bem que estas feridas menos sinto,
Pois tenho (se me não falta o distinto)
Na botica besuárticos famosos
Que êstes golpes faz menos lastimosos.
Sinto Frei Avertano não pagar-me
Êste amor a que quero sujeitar-me
Confessando-me sempre seu amigo,
E êle não querer nada comigo.
Amor com outro amor êle não paga
Com rigores porém o amor apaga.

Diga-me rigoroso,
Para que me maltrata? se ditoso
Me considero em ter sua amizade
Para que usa de tanta crueldade?
Discorra que domino uma Botica
de unguentos salutíferos mui rica;
E se tiver acaso a parebinha
Do ceroto dar-lhe-ei a migalhinha,
Ou a Botica tôda nua e crua
Pois ela tanto é minha como sua.
Amor com outro amor você não paga
Com rigores porém o amor o apaga.

Ora enfim para que melhor alcance
 Que o hei de sempre amar em todo o transe,
 É que estas razões tôdas apontadas
 Para serem melhor acreditadas
 Pasam a ser primores,
 Amanhã verá que obras são amôres ;
 Não saia do convento
 Que lhe quero mandar lá de São Bento
 Um presente fatal e arrombativo,
 Pôsto o não corresponda por esquivo ;
 Que amor com outro amor você não paga,
 Com rigores porém o amor apaga.

*do Irmão que foi Boticário
 de São Bento.*

Amor com amor se paga
 [é o] assunto; hoje assento
 tratar da paga de Adônis
 nas inclinações de Vênus.

Quem diz que amor com amor
 se paga, forme conceito
 ser êsse amor interêsse
 porque amor é interesseiro.

Interesseiro, e interêsse
 está o amor parecendo,
 porque é muito parecido
 o amor com o dinheiro.

Que o dinheiro vence tudo
 é bem claro, e manifesto,
 logo, se **Amor uincit omnia**
 o parecerem-se é certo.

O dinheiro faz ser grande
 tudo aquilo que é pequeno:
uideri minima maxima
facit Amor; vamos vendo.

Com dinheiro se conserva
 tudo no maior aumento:
Amore omnia illustrantur
conseruantur, e [augentur].

Com que, dinheiro, e amor
tudo vem a ser o mesmo,
e quando o amor é paga,
o dinheiro é pagamento.

Logo o amor que se diz pago
é do amor que é chocalheiro,
porque o dinheiro é um chocalho
quando o amor é desinquieto.

Aqui vejo reparar,
e com muito fundamento
que é logo êsse amor vendido
se o paga do amor o pêso.

Digo que não; quando amor
não pode estar encoberto,
mas o amor com venda posta
é um amor que faz seu preço.

Ainda cresce o reparo,
pois vejo-me estão dizendo
que se é tão pobre o amor
como o faço eu opulento!

Assim havia de ser
para parecerem gêmeos
o dinheiro, e o amor,
o amor, e o dispêndio.

O dinheiro não possui
mas antes possuído o temos,
logo o dinheiro é mui pobre
se a todos está sujeito.

Da mesma sorte o amor
combinado em próprios termos,
suposto dinheiro seja
de ser pobre não é exemplo.

Logo inda que possuído,
para pagar-se outro afeto
tem muita valia amor
se o dinheiro valimento.

Amante há tão ventoso
na paga do amor, que sendo
tôda a vida de papada
fica feito papavento.

Falo com experiência
 pois oculi mei uiderunt
 a quem já um Cego nu
 fêz na bôlsa dar nó Cego.

E se acaso chega a abri-la
 acha um receiptário feito
 de anotações de Licurgo
 e discursos de Galeno.

Com rigor pagar-se amor
 isso corre; e é tão molesto
 que a um corrido do amor
 não há pior corrimento.

Que o amor também se apaga
 com amor; isso concedo
 porque um incêndio apagar-se
 sucede com outro incêndio.

Francisco Xavier Caput.

Ao segundo Assunto

DÉCIMAS

O incêndio mais requintado,
 e o amor mais extremoso,
 é qualquer, tão poderoso,
 que um, com outro, é comparado.
 Se na matéria atêado
 o fogo, com mais vigor,
 outro lhe impede o furor.
 Êste outro, também se apaga,
 quando igualmente se paga
 um amor, com outro amor.

Por Manoel de Mesquita Cardoso.

Amor com amor se paga, ou apaga.

DÉCIMA

De Amor a perfeita paga
 é só a do amor divino,
 daquele DEUS Uno, e Trino,

que o profano amor apaga:
o mesmo Senhor nos traga
a êste conhecimento,
para nosso bem, e aumento;
e com tão divina luz,
morrer com Cristo em a Cruz,
gostá-lo no Sacramento.

De Antônio Ribeiro da Costa.

Ao Segundo Assunto

DÉCIMAS

Se dizem alguns Autores
que Cupido é Divindade,
seria temeridade
não lhe tributar amôres;
Porque só nestes ardores
se alimenta, e fortalece,
o amor sem interêsse,
Mostrando que os Holocaustos,
são sacrifícios mais faustos,
que uma Deidade apetece.
Quando um peito generoso,
em querer bem, se desvela,
qualquer amor atropela,
mostrando-se desdenhoso;
Mas porém, se cauteloso
admitiu outra afeição
renitiu-se-lhe a intenção;
Pois destrói a sociedade,
do primeiro a identidade,
que lograva na isenção.

Por Jacinto Ferreira Feio de Faria.

Um amor com outro se paga mas melhor se apaga.

SONETO

Na estampa do meu peito, o amor [rimante],
à tua idéia, ó Clori, dei ornato,
seguiu a cópia os passos do teu trato
satisfeito me vi, se tu constante.

Girassol de outro Sol fôste girante,
de outro louro fui Sol, menos ingrato;
desfêz êste retrato o teu retrato,
deixei de ser pintor, fui nôvo amante.

Olha para meu peito, e vê teu peito,
naquele se estampou o teu treslado;
vazio, neste se viu todo desfeito:

Tu mudaste de objeto, eu de cuidado,
melhor logo que um de outro satisfeito,
um amor de outro amor fica apagado.

Do Acadêmico Obsequioso.

[*Gonçalo Soares da Franca*]

Amor com amor se paga ou foi melhor dizer-se amor
com amor se apaga, assunto lírico acadêmico.

DÉCIMAS

Ama Lauro a Filis bela,
quando são no seu amor
efeitos do seu rigor,
influxos da sua estrêla.
Que por outro se desvela
com razão Lauro o presume;
mas abrasado no lume
dos sóis, que tem por objeto,
igualam ao seu afeto
as ânsias do seu ciúme.

Queixar-se de Filis trata
a fé de Lauro constante;
que acha nas queixas o amante
alívio à dor, que o maltrata.
Mas é Filis tão ingrata,
que com peito endurecido,
por que seja mais sentido
de Lauro o pesar violento,
não permite ao seu tormento
o gôsto de ser ouvido.

Sente Lauro a tirania
de Filis cruel, porque
troca os créditos da fé

em pasmos da antipatia.
 Enfim Lauro que sentido
 na recíproca fineza
 de seu amor a certeza,
 por outro objeto esquecido,
 tem (a seu pesar) sabido
 de amor a pouca firmeza.

Lauro do cego menino
 tinha pouca experiência
 Como outra correspondência
 esperava, amando fino?
 Se julgou seu amor digno
 do merecido favor,
 de Filis mostra o rigor,
 com que a tanto amor estraga,
 se amor com amor se paga,
 se ~~a~~ paga amor com amor.

Do Acadêmico Infeliz

João de Brito e Lima.

Ao segundo Assunto

ROMANCE

É do amor obrigação
 da dívida desempenho
 o mostrar-se agradecido;
 ao menos com o desejo.

É pensão de quem se agrada
 quando amante mais discreto
 repetir venerações,
 adivinhar pensamentos.

Porque o amor justificado
 tanto se enleia em afetos,
 que facilita impossíveis,
 e tem por nada os extremos.

E quando a correspondência
 conaturaliza excessos:
 para explicá-los não há
 quem tenha encarecimentos.

Porque êste amor requintado,
é tão igual nos desvelos,
que parecendo distintos;
nunca se encontram diversos.

Tão recíprocos que julgo,
quando melhor os entendo,
que se aparência os mostrava
foram uns, de outros espelhos.

Se bem a alma com mais luz,
em cada um dos objetos:
tendo operações mais finas,
mostra os amôres mais certos.

Êste há o amor que se digna
por ser amor verdadeiro,
de ser com outro amor pago;
ou que quer pagar ao menos.

Há outro amor a que chamam,
por pouco firme, inquieto;
que em prisões de nôvo amor
diz que o antigo tem mais prêso.

Fingindo raras finezas,
dissimulados empenhos
quando, com ação mais forte,
dá nôvo credor libelos.

Hipócratas de Cupido,
duas vêzes na lei cegos:
que, com as aljavas rotas,
esperdiçam seus decretos,

Namorados por officio,
sem distincção nos empregos,
se fáceis em adquiri-los;
sem implicância, em perdê-los.

Menos seguros que as ondas,
ainda mais vários que os ventos
em que suas firmezas fundam,
e levantam seus castelos.

Um amor em conclusão,
tão continuo nos despegos,
que, no sôpro dêsses ares,
se apaga em um breve tempo.

Ficando uma brasa viva,
o que foi brandão aceso
ateado na matéria;
por arder, sem luz, em zelos.

Por Manuel Ferreira da Luz
Vigário do Destêrro da Cidade.
[Assinatura com letra diferente].

Ao segundo assunto

SONETO

Discorro assim: e notem o argumento,
Que em Bárbara vai feito o silogismo,
Explico-me porém por [sinatroísmo],
Que conduz aqui muito ao meu intento.

Amor é d'alma impulso tão violento,
Como diz um Galênico aforismo,
Que dividido em partes por Merismo,
Pode inquietar de todo um pensamento.

At qui que amor é forma, que requere (sic),
Por matéria da sua chama vaga,
Um coração cruel, que o desespere:

Logo mal o amor com amor se paga
Logo por conclusão melhor se infere,
Que um amor só com outro amor se apaga.

Do Padre Frei Avertano de Santa Maria.

Amor com amor se paga, mas o certo é que amor
com amor se apaga.

SILVA JOCOSA

Hoje que me enfeitiça, e me namora
Este célebre assunto
Nêle intento falar mais que um defunto,
Pois para despicar-me
Com ação de queixar-me
De um boticário disfarçado, e astuto
Me convém resoluto
Se viver me não deixa
Suster a mágoa desplicando a queixa.

Mais que um defunto digo, e enfim me queixo,
 Porque de conhecer também não deixo,
 Que se os mortos falaram
 Dêste mais que dos outros se queixaram,
 Porque é tão matador, cruel, e insano
 Que enterrando-os a montes todo o ano
 Não obstante o ter já os adros cheios
 Quer agora enterrar versos alheios,
 Talvez porque me incite
 A cantar-lhe hoje aos seus um **subuenite**
 Que com o mesmo amor pois lhes dou morte
 Pago já porque o canto desta sorte.

[Triste li] boticário,
 Pois te juro a bofé por São Macário
 Que da Silva com piques, e remoques
 Nem por acenos quero que me toques,
 Porque sou mui nojento,
 E não posso aturar que do unguento
 Tua musa azougada,
 Babeca, e embasbacada
 Como burra que rincha, e porque a ceve
 Os dentes arreganha ao almocreve,
 Ou no tempo que canta, rincha, e zurra,
 Se é que ouvistes cantar já alguma burra,
 Do furor esporada lhe entra a birra
 Com que a veia dessangra, e logo espirra.

Mais claro to proponho,
 E porque tu não cuides que o suponho,
 Para nos entendermos,
 Eu to explico debaixo dêste[s] têrmos.

Sed sic est pois que a veia
 Em nenhuma das duas fica alheia,
 E o paralelo corre,
Ergo é a burra a que corre, e a que discorre.

Ergo etiam que a musa emburricada
 Por ser farmacopética, e esfaimada
 Qual de um Médico mula
 Que dos sete jamais pecou na gula
 Musa enfim que sustenta um boticário
 Do triste e lectuário,

E entre os simples nas ervas da ignorância
 Como é burra faminta é sem sustância,
 Ou Musa ascendeirada (sic)
 Que por muito que diga não diz nada.

Dize se a surra aturas
 Quem te mete em cabeça o dar-me unturas,
 Quando a Academia sabe
 Que não sou eu Poeta que me babe
 Para que os meus versos causem tédios
 Como os teus que és Poeta de remédios?

Vê de amor nesta enfim rija fraterna
 Que é botica também qualquer taverna,
 É que na tua jaz, diz o vizinho,
 O estítico vinho,
 Donde da mesma sorte
 Em lugar da água ardente há água forte,
 Porque em razão de quente
 Pouco vai da água forte à água ardente.

Vê tu que de Laguna os arbolários
 Para a porta te dão ramos tão vários
 Como eu nesta Silva os que suportas
 Para encher de boticas várias portas.

Que diabo te mete
 Em cabeça o insano mata sete
 Um pretexto tão louco
 Para que Apolo seja tido em pouco,
 Quando cuidas por Deus da Medicina
 Que na tua taverna, ou oficina
 Entrasse já algum dia,
 O que eu não duvido que seria
 Com licença de Baco
 A tomar uma vez de ruim tabaco
 Que é remédio dos sumos
 Para quem como Apolo tem tais fumos?

Ora ouve se o não sabes,
 Para que de Apolíneo te não gaves,
 Em conceito primário
 Que ridícula coisa és, boticário.

És por tua desgraça, ou desengano
 Primeiramente burro de cigano
 A quem pois nas orelhas,
 Como o mel às abelhas,
 Nunca falta o azougue,
 Não te espantes que é manha do açougue,
 Já que o assunto discorro,
 Assim te corras tu como eu me corro
 De que cuidem que nem o amor me obriga

A que aqui neste assunto mostre, ou diga
 Pois teu amor me afaga,
 Que amor com amor também se paga.

És por que o mundo aprenda
 De cor esta calenda,
 Já que toca de história
 Dos Galenos a escória
 Pois com os de Avicena
 O que te êle dispensa pela pena,
 E nas suas receitas
 O que sobra ao enfêrmo isso é que aceitas.

Finalmente, és se nada te aniquila
 De Esculápio mochila,
 E para teu consôlo
 Algum dia serás quartão de Apolo,
 Porque possas pois tanto te domina
 Musas acarretar à Medicina.

Boticário, aqui ponto, e enfim suspenso,
 Porque quero com ser menos extenso,
 Que se o ser breve para mim é abôno
 Se guise o prato a gôsto de seu dono;
 Porém só te aconselho, e certifico
 Pois despicado fico,
 Já que te foi forçoso
 O mostrar-te comigo tão fogoso,
 Que se amor com amor sempre se paga,
 Saiba se é fogo amor que amor o apaga;
 Onde pois apagada
 Pelo meu dêsse teu, e aniquilada
 A acerbissima chama,
 Ficarâ em questão qual de nós ama
 Um ao outro com mais algum excesso,
 Sendo que eu o conheço
 Tal em mim que a dizer-te bem me atrevo
 Que em matérias de amor nada te devo;
 É se o teu pago fica,
 Introduz o Parnaso na bôtica
 Onde serão as Musas
 Garrafas, e infusas
 Para que em tôdas elas quando cheias
 Possas tu, e outros tais esgotar veias.

Boticário, se acaso mais ufano
 Outra Silva repetes em meu dano

Sem saber que jamais foi algum dia
 A Academia o lugar da Cotovia;
 Vê tu que nêlo logo,
 Quando queiras que passe avante o jôgo,
 Minha Musa picada
 Também sabe atirar sua pedrada,
 E para escarmentares
 Que estas pedras não são pedras bazares
 Mas riquíssimas pedras de conceito
 Que para derrubar têm melhor jeito.

E no entanto que a Musa se retira
 Quando a provocas o furor, e a ira
 Porque não uma vez, mas mil te tope
 Já que a purga me dás, leva o xarope.

De Frei Avertano de Santa Maria.

Amor com amor se apaga

SONETO

Amor quando domina, é tão isento,
 Que despreza as ações inda mais finas,
 Porque nem de finezas peregrinas
 Se deixa suavizar o seu tormento.

Pois, como o raio, Amor sempre violento,
 Demonstrações talvez fazendo indignas,
 Só se paga de estragos, e ruínas
 Donde quer que respira o seu alento.

Mas se Amor tem de raio visos, logo
 Não é muito que um peito, que êle estraga,
 Em outro Amor não tenha desafôgo.

Qual do raio veloz, que os ares vaga,
 Só se chega a apagar com outro o fogo,
 Assim um Amor com outro só se apaga.

De André de Figueiredo Mascarenhas.

Em despique do Muito Reverendo Frei Advertano de Santa Maria contra o Senhor boticário de São Bento conforme o 2.º Assunto; que é Amor com Amor se paga.

SILVA JOCO-SÉRIA

Suposto vivo cá neste retiro,
muito fora do tiro,
com que pode ofender a artilheria,
pois o longe desfaz a pontaria:

Inda que solitário,
retirado do mundo louco e vário,
vivo mais sossegado do que anelo,
cá debaixo da sombra do Carmelo.

Me chegou por primor, certo advertendo, (sic)
que contra o Reverendo,
e sempre memorável Advertano,
com rigor inaudito, e desumano,
expediu desatento,
o Irmão Boticário de São Bento.

Por recipe dispôs uma paulina,
que se não lhe valera a Sabatina,
inibido ficava dêste modo,
para versos fazer, de todo em todo;
perdido de uma vez tão bom talento,
de Acadêmico nome, o valimento,
com que o César benigno,
a leiga flauta afaga de contínuo:
tanto pode empecer a cega inveja
toperra para o bem que não deseja.

Aqui está o Advertano vosso amigo,
que na posse de tanto amor antigo,
firme vive, constante, e permanente
sendo correspondido mutuamente:
Já que amor com amor é que se paga,
sem tirar por espada, nem adaga,
fundado no argumento do contrário
protesta de arrasar o Boticário.

Agora, pois, ó Musa prazenteira
 dos despiques, chegai vinde à carreira,
 uma Silva influi de tanto agrado
 que deixe escalavrado
 êste Poeta claustral; e no Auditório
 memórias de João Gomes, neste Empório.

Diz o tal, **innegabile inferencia**,
 que o direito lhe assiste, e a precedência
 para versos fazer, pois ser Poeta
 se estriba em ter botica a mais seleta
Atqui Frei Advertano, de herbolário
 não curou; claro fica é temerário,
 em querer ter lugar na Academia
 sendo Poeta por fôrça e por porfia.

Estou pelo argumento e nêlo fundo
 o poder convencer a todo o Mundo
 o Arguente não diz que **necessário**
 deve ser o Poeta boticário,
immo diz, que quem fôr douto nesta arte,
 Poderá bem fazer versos que farte.

Sed sic est, que nesta arte é mais perito,
 do que o tal benedito
 meu vizinho Advertano,
ergo: poeta será quotidiano.

Atenção, porque a prova é concludente,
ad oculos palpável, e evidente.
 O melhor boticário é o mais antigo;
 esta pode admitir-se sem perigo.
 Ser eu o mais antigo, estão mostrando
 estas cas, êste aspecto venerando:
 Sou mui bem conhecido por João Gomes,
 que com carta de nomes,
 boticário era já famigerado,
 Esculápio nesta arte memorado;
 base e princípio farmacapulário
 de que procede todo o boticário:
 apareçam os vivos, e defuntos,
 que eu darei seis e ás a todos juntos.

Por influxo benigno,
 influência de estréla, ou por destino,
 saí do berço sendo boticário,
 de botica ensinando o A,be,ce,dário.

Crio mais boticários nos bocejos
do que os caniculares percevejos
para que possa alguém ser boticário,
só tocar-me na capa é necessário.

Ando sempre botica respirando,
ando sempre criando
boticários em grande quantidade
que por Pai me veneram nesta idade;
entre os quais, como filho mais querido
o primeiro lugar tem merecido,
o meu grande Advertano,
grato emprêgo do agrado Soberano.

Sendo eu pois o mais velho,
nada se pode obrar sem meu conselho,
e como o mais ciente
bem mereço ter culto reverente;
do que digo, ninguém se afasta um ponto,
por não ser reputado por um tonto.

Estes tais predicados
no Advertano concorrem figurados,
nêle se acha em depósito ou erário,
um experientíssimo herbolário,
e seria um ingrato,
se nêle não pusera o meu retrato.
Em tal forma eu e êle nos unimos,
que não nos distinguimos,
sendo por semelhança, e amizade,
em dois sujeitos a mesma entidade.

Vejam lá se Advertano é boticário,
se faz versos (conforme o seu contrário)
se pode ser Poeta na Bahia
aprovado por tôda a Academia.

Eia pois grande amigo,
ter tenção, atendei ao que vos digo.
Ego te Poetam creio de hoje em diante
apesar dêste Vulgo tumultuante.
Assim pago amizade em tudo grata,
sem dispender por vós ouro, nem prata
Só com sincero amor, que amor tributa
por paga de outro amor não diminuto.

E vós meu boticário
 não queirais ser do tempo perdulário,
 tratai lá de exercer vossos compostos
 por não vermos dois frades descompostos:
 não brinquéis mais com Silvas que espinhado
 podereis ficar quando descuidado.

De João Gomes Mênico (?)

Boticário junto a Igreja e Con-
 vento do Carmo.

Ad 2 um assumptum

EPIGRAMMA

Dicitur ignis amor; si compensetur amore
 Vero uerus amans, est hic amoris amor.
 Sed dum flamma ardet, crescitque in corde uoluntas,
 Tunc fit caecus amor, tunc sine luce iacet;
 Si sine luce iacet, periturum deperit ignem!
 Ergo quanto magis deperit, inde perit.

Luís Canelo de Noronha.

Ao segundo assunto

Um Amor com outro se paga, ou se apaga.

SONETO

Fogo o homem se chama, e seu amor,
 E se diz a mulher estôpa ser,
 Lá os assopra o Demônio e faz arder
 Em incêndio voraz, em sumo ardor.

Reciprocár-se querem no favor,
 Para aumentar motivos ao querer,
 Sem algum atentar, sem algum ver
 Ser do amor destrutivo êsse fervor.

Porque o fogo na estôpa há de abrasar,
 Abrasada, se chega a consumir,
 Consumida, êsse fogo há de acabar:

Logo pois claramente hei de inferir
 Que se amor com amor se quer pagar
 Que se vem a apagar e concluir.

Luís Canelo de Noronha.

Amor com amor se paga, e o mais certo é, que amor
 com amor se apaga.

DÉCIMAS

Chegou Coridon cansado
 Ao pé de um Rio, e sentou-se:
 Ali triste lamentou-se
 De ser tão mal empregado.
 Desta sorte o desgraçado
 Dizia todo choroso:
 Ó Aleixo rigoroso
 Por que não queres pagar
 Êste afeto singular
 De quem se abraça amoroso?

2

Mas Aleixo neste instante
 Respondeu que não pagava
 Tal amor, pois receava
 De ficar sem ter amante.
 Porque o amor mais constante,
 Tanto que se acha com paga
 Mais se perde se se afaga;
 Pois na posse se enfastia,
 E vindo a não ter valia
 O amor com amor se apaga.

De Antônio de Oliveira.

[Assinatura com letra diferente]

Amor com Amor se paga, e Amor com Amor
 se apaga. Assunto lírico da presente
 conferência.

SONETO

Dêste Apótema vigilante, e cego
 Uma parte confirmo, outra reprovo,
 Que o Amor com Amor se paga provo,

Que o Amor com Amor se apaga nego.
 Tendo os Amôres um igual sossêgo,
 Se estão pagando a fé sempre de nôvo,
 Mas a crer que se apagam me não movo,
 Sendo fogo, e matéria Amor, e emprêgo.
 Se de incêndios costuma Amor nutrir-se,
 Uma chama com outra há de aumentar-se,
 Que em si mesmas não devem consumir-se.
 Com razão deve logo duvidar-se
 Quando um Amor com outro sabe unir-se
 Como um fogo com outro há de apagar-se?

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita.

Amor com Amor se paga, e Amor com Amor se apaga.
 Assunto lírico da presente conferência

ROMANCE

Pagarse Amor con Amor
 Eso es vivir, y querer
 En Equilibrio de premio,
 Sin pensiones de desdén.
 Recíprocamente amando,
 De si mismos pueden ser
 Voluntad, gloria, y servicio,
 Deidad, sacrificio, y fe.
 Satisfacciones no aguardan,
 Deudas no pueden tener,
 Que en pagarse uno con otro
 Todo lo dan una vez.
 Noble linage de afecto,
 Firme gratitud fiel
 Pues no se llega a anhelar
 Otro deseo, otro bien.
 De la carrera del tiempo
 Un punto se suele hacer,
 Y cogiendo todo ahora
 No hay sazón para después.
 Siempre en un término están
 Que en aquellos que se ven
 Satisfechos en si mismos
 No hay más menguar, ni crecer.

Uno con otro apagarse,
 Dudo como pueda ser,
 Siendo fuerza que las causas
 Sus propios efectos den.

Un Amor, que es llama, al otro
 como ha de apagar no sé,
 Pues siendo finos entrambos
 Son fuego, y viven de arder.

Si la causa por intensa
 Mudó de efectos también,
 Cosa contra la costumbre
 Es accidente, y [su] ley.

Contra la Naturaleza
 La fuerza, es vana, o cruel
 Porque el Sol de alumbrar,
 y la llama há de incender.

No se admita la sentencia
 Dice Amor, hablo por él,
 Y siendo Autor, y testigo
 Sea el mismo Amor Juez
 Concluye Amor por falsa
 La opinión se ha de tener
 Pues si dos fuegos se apagan
 En dos Amores no hay fe.

O Acadêmico Vago

Sebastião da Rocha Pita.

Ao Segundo Assunto

SILVA JOCO-SÉRIA

Mando a Silva primeira
 queira Deus que não seja a derradeira;
 porque cheio de achaques tão perversos,
 não sei se poderei fazer mais versos
 sendo necessário para esta lida,
 quem não tenha, como eu, tão triste vida;
 pois gemendo, e chorando sem remédio,
 os filhos me dão pena, e a mulher tédio,
 uns querendo comer, outros vestido,
 desta sorte me vejo perseguido,
 e tanto para pouco,
 que é milagre, já hoje não ser louco.

Mais inda assim, lembrando-me o passado,
desterrarei de mim tanto cuidado,
para ver, nesta idade se inda posso
fazer o que fazia, sendo môço,
e merecer à Ilustre Academia,
alistar-me no têrço; ou companhia
de tão nobres Senhores,
mimo das Musas, e de Apolo amôres.

Já me lanço ao Assunto
melhor fôra a u'a posta de presunto!
porque é legume, que de tôda a sorte
me anima o coração, e faz mais forte;
e só com cordial tão excelente,
poderia eu, nêle, meter dente.

Se se desse no amor correspondência,
cada qual lograria complacência,
preterindo o [pesar], deixando a pena,
a que um cruel desdém, tanto condena;
mas se todos os dias
sabemos, que o amor destas Harpias,
olhando para a mão, só quer dinheiro,
como se o pobre fôsse Mealheiro.
E se com êstes pós se cura a chaga,
como logo um amor c'o outro se paga?

Não entendam que é graça
e que outra opinião, Vênus abraça;
e para prova do que acima digo,
ouçam o que me disse um certo amigo
que se eu hoje, me visse em outra idade,
falaria com mais propriedade;
porque fresca a memória,
não o provara c'o u'a só história.

Desejou transportar-se para Angola
um homem, que adorava Dona Esfola:
entrou ela a chorar tão fortemente
que lhe disse uma sua confidente,
você porque se mata, e se consome
se nada mais, já tem de seu, êste homem:
disse ela então não vêdes que o Brechote
inda leva consigo êsse capote,
como me perguntais, que coisa tenho
para me maldizer com tanto empenho?
E se com êstes pós se cura a chaga,
como logo um amor c'o outro se paga.

Com que Senhores se no dar consiste
 dêste lindo Cupido, a vida triste:
 êsse alegre parece
 brevemente se perde, e desvanece,
 e quem chega a cuidar no desatino
 enlouquece, se acaso foi mofino,
 sem ter outro despique em tanta mágoa,
 que os olhos converter em Rios de Água.

Muito Ilustre Congresso
 meus erros perdoai, que vênia peço;
 porque com o desuso
 o mais insigne Poeta fica obtuso.

Passados tantos anos
 em negócios mais rústicos, que urbanos,
 quem inda cuidaria,
 que me lembrasse a mim Filosofia?
 porém, o que u'a vez, o hábito vestiu,
 com muita dificuldade o despediu.

E se o amor deve ser correspondido,
 todos me dêem um vitor mui comprido.

De Bento Salgado

Porteiro da Chancelaria.

Ao segundo assunto:

Um amor com outro se paga

Se amor com amor se paga,
 É entre cabais amantes:
 Que se êles não são constantes,
 Não dura muito, e se apaga.
 E quem fôr reto na paga,
 Terá querido primeiro
 Que o amante verdadeiro
 Hipérboles não consente,
 Mas antes perenemente
 Repugna ser lisonjeiro.

[*João Teixeira*]

OUTRA

Ó quem pudera sem dolo
 Ornar-se da discrição
 E da douta erudição

Dos ditames de um Apolo.
 Pois assim de pólo a pólo
 Poderia sem carência
 Com consoante inferência
 Atentamente louvar
 E não menos ponderar
 Dêste assunto a eloquência.

De João Teixeira.

Ao segundo assunto: Um amor c'ó outro se paga.

DÉCIMA

Acêrto era não falar
 Quem, confesso, não podia
 Laurear com energia
 Assunto tão singular.
 Mas quem poderá calar?
 Elogios de um amante
 Que opera firme, e constante?
 Quando é certo não sofrer
 Diferença no querer,
 Ao amor que é relevante.

De João Teixeira. (1)

Ao segundo assunto: Um amor com outro se apaga

SONETO

Quem disse que o amor com amor se paga,
 Nunca a pena sentiu de aborrecido;
 Mas quem, como eu, deixou de ser querido
 Resolverá que amor com amor se apaga.
 Diga-o esta que o peito alenta chaga
 Cicatriz dessa seta de Cupido,
 Se faiscas de fogo em meu sentido,
 No teu cuidado, ó Clore, cinza vaga.
 Por outro amor o meu amor deixaste
 De admitido, passei a desprezado,
 Sem ter mais que a memória de que amaste.

(1) Composição com letra de copista, diferente da anterior que é provavelmente autógrafa.

Ó fique a meu pesar, fique assentado,
 Que quem pinta outro amor, como pintaste,
 Logo o primeiro amor deixa apagado.

Do Padre Luís Teixeira.

Sendo o assunto amor com amor se paga e com
 amor se apaga.

SILVA

Estou admirado
 de ver nesta academia tal silvado!
 Uma academia culta
 com tanta silva já parece inculta.
 Não é como parece,
 que nas silvas floresce;
 seus espinhos são flôres, e agudezas,
 seus ramos discrições, e gentilezas.

Eu que também nos bosques do Parnaso
 entrei mais, que por jeito, por acaso;
 e bebendo na fonte da Poesia
 me veio a fantasia
 ser louco, ou ser Poeta:
 (não mo tomem a mal) que se interpreta,
 tal por qual, **res** por **res**, sesmo por sesmo;
 pois ser Poeta, ou louco val o mesmo.

Ouvindo de tais silvas a elegância,
 por arremêdo ou concomitância,
 nas silvas enleado
 procurei de silvar, o ser silvado;
 quis fazer esta que, Deus vá comigo:
 Conheço o pêgo, e me arrojao ao perigo.

Dizem que com amor amor se paga, e com amor
 se apaga

Et quantis numquam fui de amor enfêrmo
 e desde que nasci menino êrmo;
 sem objeto, que amor desse motivo,
 ao trato morto, no tormento vivo,
 sem conhecer amor, nem coisa sua,
 porque só conheci o Sol, e a Lua;
 então sei que figura represente
 se de Fogo, de Fera, ou de Serpente;
 hei de falar de amôres.

Date ueniam, senhores,
 que em tal acatamento, e catadura
 tenho o falar de amôres por loucura
 mas conforme cantou um sábio Gôdo
 é modo o amor, que nunca teve modo
 e nesta confiança,
 pode seguro entrar amor na dança.

Bem sei que diz Ovídio
 Marco Aurélio Lamprídio
 Juvenal, e Mercator
quod amor cum amore compensatur,
Lauda ut lauderis, ut ameris ama.
 Mas isto foi por fôrça do anagrama!
 que amor nasce do amo verbo ativo
 e com erre já fica amor passivo;
 o **que** bem se conhece
 quando por amor o amor padece,
 se como substantivo quer ter nome.

Recíprocos não tem só tem pronome
 que ativo no principio
 declina no gerúndio, e participio
 quanto chora e padece,
 é todo o cabedal que o enriquece:
 que os créditos melhora
 no que padece e chora.

Mas quando a paga aceita
 as finezas e créditos enjeita
 porque é regra notória
 que paga, a obrigação, fica ilusória.
 O tema o diz em têrmos terminantes
 quando falando em paga,
 em consequência diz
 que amor se apaga;
 Ó quanta fôrça têm os consoantes.

Porventura amor dá dinheiro a risco
 amor é onzoneiro
 que além do principal procure juros
 amor trata de câmbios, ou seguros
 amor é mercador ou jornaleiro
 que a paga o faça ser menos arisco?

Amor é generoso,
 liberal, caprichoso,
 ama o desdém; adora a esquivança

sem que a fé se alimente da esperança;
 sem alívio ou sossêgo
 vive da vista, e vive sempre cego.
 Só no que ama se inflama,
 tanto se inflama mais, quanto mais ama.
 Logo que amor é êste, e paga é esta?

É amor armador, ama de sesta
 que dá porque lhe dêem; amor velhaco
 faz das flechas anzóis da aljava saco,
 e das finezas rêde
 que quando pouco dá então mais pede.
 Amor servil, amor com estipêndio
 que no lucro é, que atíça o seu incêndio
 Amor sem pudonor amor sem brio
 Mouro Herege, Gentio,
 Amor saca bocado,
 Amor pagão por ser amor pagado;
 É amor comilão amor com fome
 que não vive contente se não come.

Instarão os que sabem da tragédia
 que amor quer comedia, e não comédia
 que não há de andar nu ao frio, e calma;
 a êstes tais amor os fira na alma!
 que lhe querem tirar o ser e o brio:
 amor com calma gela arde com frio;
 e como nos excessos se assiñala
 da desnudez faz gala.

Porque só para dar mortes mais cruas,
 traz sempre da beleza as armas nuas
 Leiam a Ovídio, a Petrarca, a Bembo
Vederano mala progia en poco nembo
Sopra un carro de fuoco un [garvon] crudo
E tuto l'altro ignudo
 dizem ser esta paga a consequência
 da abrasada de amor inteligência;
 igual trato igual fé, [ame, o amor.]
 infuescor, dilirior atque inflamor
 donde está esta fé falem os loucos
 que ser fé de Fêz, fé de Marrocos.

Segundo o meu bestunto
 agora acabe de entender o assunto
 na paga amor se apaga, êsse consome
 que é mão de Judas que lhe apaga o lume
 sôpro de salafatório

com que extingue do amor o lampadário.
 Tesoura que espavita e a luz mata,
 e só deixa o murrão com que maltrata:
 Coruja que o escândalo provoca
 lambe as trúcidas, e a luz sufoca
 água que apaga o fogo;
 vêde lá que galante desafôgo!

Não fica já de amor cinza nem fumo
 que com a paga teve o seu consumo
 e quem ontem foi brasa
 é hoje o Caracol de sua casa,
 sem ter já que esperar de tudo pago
 quanto carinho foi é já estrago
 e como se não fôra
 amor já se retira e vai embora.

Por certo que sei muitos de outro jeito
 que calo por decôro e por respeito.
 Mui bem nos explicou a geringonça
 o grande Dom Antônio de Mendonça
 querer só por querer nome merece,
 que o mais amor não é, é interêsse.
 Enfim amor deixemos
 faça, ou não faça da loucura extremos;
 venda-se, ou não se venda,
 pois o pintam com venda,
 pague-se ou não se pague,
 que só feliz será quem logo apague;
 e nêle não consinta,
 para que nunca chore, e nunca sinta
 que de amor a paixão não tem desculpa
 sempre é ignorância, sempre é culpa.

Tenho acabado se vos causei tédio
 já o mal que passou não tem remédio.
 Prometo de emendar-me
 faró cantar-lhe musa al son de l'arme.

Do Cirurgião Antônio Viegas.

Ad 2 um argumentum

EPIGRAMMA

Quisquis amator amas, amor est tibi pondus ubique,
Pondus amatori non graue saepe uiro.

Mutuus hinc amor alterno uult pondere haberi,
Ductus amicitiae conciliare uices.

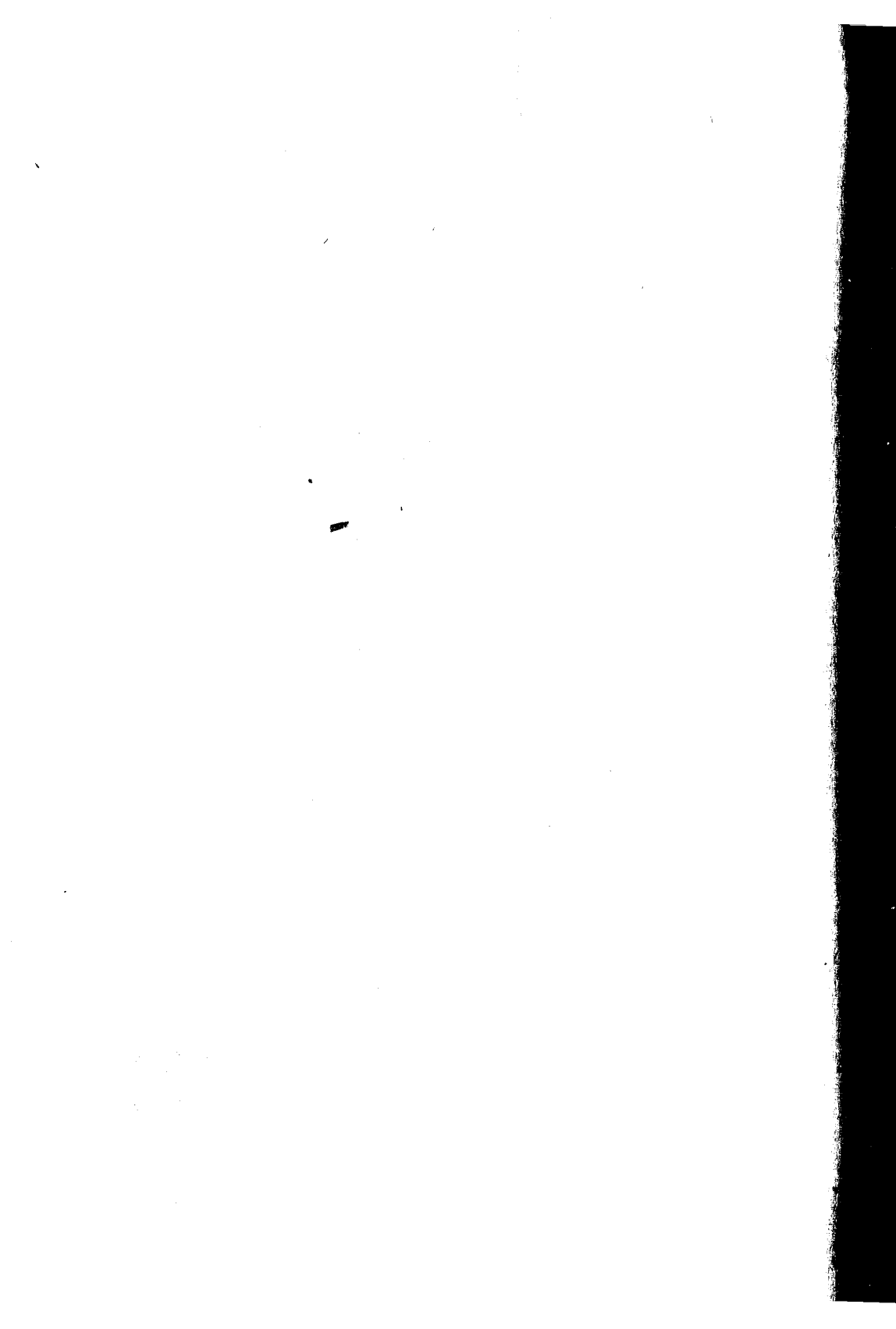
Pondus uterque suum patitur; sic unus amantem
Versat amor duplicem, sic bene crescit amor.

Mutuus in Pyladen (quod saepius egit) Oresten
Vertit, et hinc animo fecit utrumque parem.

Et bene: naturam scis proclamare uitissim:
Compensetur amor uerus amore licet.

[*Sem indicação de Autor*]

13.a CONFERÊNCIA
DE 22 DE OUTUBRO



Oração Acadêmica, que a 22 de Outubro de 1724 em dia dos anos de Sua Majestade, que Deus guarde, na Sala Real do Palácio, governando êste Estado do Brasil o Excelentíssimo Senhor Vice-Rei Vasco Fernandes César de Meneses, disse o Doutor João Calmon, Chantre da Sé da Bahia, Protonotário Apostólico de Sua Santidade, Desembargador da Relação Eclesiástica, Juiz dos Casamentos, comissário do Santo Ofício, e da Bula da Santa Cruzada.

Não sei verdadeiramente com que destino reservou a Fortuna para êste dia o encargo, com que me acho, de expor nêle a público esta humilde Oração. Aplaudimos hoje nesta ilustre Academia, pela circunstância do dia, em que cai, o feliz nascimento do muito alto, e sempre Augusto, e poderoso Rei, e senhor nosso Dom João o Quinto, que Deus nos guarde, para glória da Monarquia Lusitana: objeto que devera emudecer-me a língua por muitos títulos. Quando nasceu o divino Verbo, testemunham graves, e eruditos Autôres, que perderam as vozes, e totalmente emudeceram os Oráculos da Terra. Êste foi o primeiro obséquio, que se fêz no Mundo ao Rei da Glória nascida: calar a Terra no dia do seu santíssimo nascimento. Com muita advertência nos faz o sagrado Texto menção do profundo silêncio, em que o mundo estava, quando Cristo nasceu **cum quietum silentium contineret omnia** (1): dando-nos nisso, a entender, ser a falta das vozes o melhor cortejo, com que devem celebrar-se as Majestades nascidas. Isto que então fêz o Mundo no nasci-

(1) Sap. 18.4.

mento do Reis dos Céus, é o que eu devia fazer também no dia do nascimento de um Monarca da Terra, que deu Deus a Portugal, em tudo tão grande, que se mal [cabe] a sua idéia no entendimento, menos pode passar-se à língua.

E se hei de refletir sôbre mim, que mais urgente título para calar, que o do meu curto engenho, baixo estilo, e defeituosa eloquência? A púrpura daquelas majestosas faixas me devera fazer o sangue subir ao rosto, e formar o pejo dêle rosas nas faces: que estas seriam as melhores flôres, com que a minha muda Retórica lhe alcatifasse o berço. Se vou a olhar para o luzimento da Nobreza tôda desta Cidade, galharda lisonja da vista, e rico ornato desta Régia, e venerável sala, topo em cada fio de tão lustrosas galas um título, para dar na bôca muitos pontos: porque parece desacêrto atormentar os ouvidos com um tão tôsko, e mal limado discurso, quando se está dando aos olhos tão suave recreação. Se não é que por êste caminho quer o [meu] fado dar o pano às varas, para, que a custa do crédito, e a moda, que hoje corre, me cortem todos de vestir. Se furtando os olhos à terra, lanço a vista por êsse mar, em tudo encontro motivos para mais temer. Aquelas naus, e fortalezas empavesadas, a bandeiras sôltas, me estão dizendo, que as bôcas, que hoje devem falar, são sômente as de bronze com línguas de fogo, para eternizar tão soberanas memórias; ou ao menos para poder com tanta carga, e salvar melhor a opinião.

Se subo mais de pôsto, e vou dar com o pensamento no Real objeto, a quem se consagram êsses festivos obséquios, a mesma altura daquele sublime trono, que ocupa está condenando a minha baixaza; e aquela testa croada meus rasteiros pensamentos. E quando isto não fôsse assim bastaram sômente para aterrar-me tantas, e tão consumadas virtudes, como na sua Real pessoa reconhece o mundo. Que Retórica pois por mais eloquente poderá cabalmente abarcar a retidão do seu exato govêrno, a dilatada esfera da sua liberalidade, a freqüente recomendação, e desejo veemente da justiça nas causas públicas, e particulares, o cuidado incansável do culto divino, o Católico zêlo das Missões, a ardente caridade para com os pobres e enfermos necessitados; o estudo inexplicável da propagação da fé; o desvêlo grande sôbre os melhoramentos das Conquistas, o paternal amor aos Vassallos; e finalmente o agregado de tôdas as mais virtudes, a que serve a Côrte Portuguêsa de estreito mapa, e que verdadeiramente constituem ao nosso muito Augusto Monarca não só digno de um Reino, mas do Império de todo o Mundo.

Já se passarmos do moral, e civil ao bélico, que Príncipe tão destemido conhece todo o Universo, a quem não leve notó-

rias vantagens? O temor do seu nome, e a veneração do seu valor conservam em sossegada paz a Monarquia Lusitana, com todos os seus domínios, infundindo respeito às mais vizinhas coroas, e remontados cetros. Tudo isto devia totalmente intimidar-me, e fechar-me a bôca, se os acenos do gôsto de Vossa Excelência, que para mim são preceitos, me não necessitassem a falar. Mas já que Vossa Excelência me empenha nesta empresa, sirva-me também de escudo com seu respeito contra a censura dos críticos. E porque a circunstância do dia, e a vontade de Vossa Excelência, me não deixaram livre a eleição da matéria, necessitando-me a discorrer sôbre um argumento tão soberano, e totalmente superior à capacidade do meu fraco engenho, digno-se Vossa Excelência de tomar a sua conta desculpar minhas faltas, acreditando com sua autoridade os defeitos desta Oração, e abonando com sua presença o meu crédito, aonde não chegar o cabedal das minhas posses.

Suposto pois que o nascimento do nosso muito Augusto Monarca deve ser o argumento desta Oração, dando princípio ao discurso, digo: que de duas sortes o podemos considerar, ou em si mesmo, isto é na sua Real pessoa; ou naquelas felicidades, que consigo trouxe ao nosso Reino. Considerá-lo em si mesmo não é coisa que caiba na esfera da minha capacidade. São os Príncipes Sóis da Terra, que ilustram os Reinos, e giram nas esferas das suas Monarquias; de cujos movimentos depende regular govêrno de cada qual. Assim os representa Solorzano em um engenhoso emblema, (2) pintando ao Sol dentro de uma esfera, e animando a pintura com esta letra: *sic regat Rex solum, ut Sol regit polum*. Por os olhos no Sol, e examinar-lhe os raios, é só privilégio das Águias aves de vista tão perspicaz, que sem risco de cegar lhe podem beber os esplendores; se é verdade o que com Plínio, e outros afirma Ions-tono, falando da Águia (3): *tam exacti est uisus, ut sola contra rotantis iubaris lucem immorta teneat aciem*.

Eu não me prezo de voar tão alto. É a minha pena, como as das asas de Dédalo: sigo o rumo que êle seguiu; senão muito abaixo, nem muito acima, porque temo a fatalidade de Ícaro, que por avizinhar-se ao Sol, perdeu as asas, e naufragou. Bem sei que quem quer pode ver ao Sol de alguma sorte com menos perigo: mas como? opondo-se-lhe alguma nuvem, como disse um moderno Poeta: *Sol sine nube nocet, sub nube benignus urit, seque oculo patitur debiliere capi*. Mas êste subsídio

(2) SOLORZ. emblem. 42.

(3) JOAN. YONST. De Auib. L. 1. C. 1.

da vista, é afronta que a natureza faz ao Sol do Céu. Os Sóis da terra não sofrem oposições de nuvens, porque não têm quem lhes faça sombra. Como alimentação do meu fraco engenho não tem partido com tão soberano objeto, e vai também patrocinada a minha desculpa com a falta de saúde, e respeito às regalias, que são próprias da Majestade, suponho benignamente aceita esta minha isenção; e passo a ponderar as grandes felicidades, que na sua Real pessoa trouxe o nosso muito Augusto Monarca ao Reino todo. E porque estas também são sem número, tratarei agora somente de uma, quanto me permite a brevidade do tempo, que se me concede nesta tarde.

A que parece mais a propósito para dela se tratar neste lugar, é a que nos resulta do sumo cuidado, com que não só instituiu, mas ainda promove à custa da sua Real fazenda na mesma Côrte aquela Lustrosíssima Academia dos mais eruditos engenhos de todo o Reino, para mais se apurarem nêle os estudos das letras, e chegarem a sua última perfeição. Mas como esta matéria já serviu de assunto a outra mais douta pena dessa nobilíssima Assembléa, cujos rasgos se têm já dado ao prelo com tanto crédito de seu autor, vejo-me por esta causa também precisado a fazer eleição de outro ponto, a que me convida a razão do meu estado, e de que deve um Príncipe prezar-se mais.

O que mais deve caprichar um Príncipe Católico, é abalizar-se no exercício das virtudes, para ser perfeito, e consumado. Aquêles degraus, porque sobe ao trono, assim como o levantam sobre os mais na Terra, assim devem chegá-lo mais ao Céu, e ao Céu não se sobe senão somente pela escada das virtudes. Entre estas a mais digna de um Príncipe, é a que o admite ao trato mais immediato com Deus, e consiste no culto, e veneração do mesmo Deus. Chama-se em termos próprios Religião. Santo Tomás com todos os Teólogos a definiu nesta forma (4): **Virtus moralis, quae Dei, tanquam omnium creatori, et Domino, debitum cultum, et honorem exhibet.** Virtude moral que tôda se ocupa em dar a Deus o devido culto, como a Criador, e Senhor de tôdas as coisas. Exercita-se com cerimônias, sim, mas por cerimônias, não. Pede um ânimo sincero; e sempre deve acompanhar-se com afeto do coração, encaminhados puramente a propiciar a benevolência divina. Nem há Rei consumado, em quem esta virtude não reine. A felicidade dos cetros pende quase tôda da Religião dos Príncipes; porque como se funda no amor dos vassallos aos Reis, aquêles se faz mais senhor dos cora-

(4) D. TOMÁS Q. 81. art. 1.

ções de todos, que mostra ter mais de Religioso. Porisso foi tão feliz o reinado de Numa, porque os vassallos o amaram muito. E porisso o amaram tanto os vassallos, porque viam florescer nêle tanto a Religião. Assim o dão a entender aquelas palavras de Plutarco, falando dêle no dia de sua assunção à púrpura: *Numa ueste Regia indutus ex arce ad populum descendit, exceptus qui est, ut uir religiosissimus, plausu, et complexu* (5).

Divide-se esta virtude em local, pessoal, e real. Em tôdas estas três espécies se tem o nosso Augusto Monarca sublimado tanto entre os mais Príncipes, como iremos vendo por partes. Digo por partes, não só do diviso, mas dos membros dividentes, porque o muito que pudera dizer em cada qual, é larga matéria para uma dilatada história. Começemos pela local. Religião local não se distingue do lugar, em que se dá culto a Deus. Se é privada cabe no canto da mais humilde choupana. Se é pública, consiste principalmente nos Templos. Esta foi sempre o timbre das Majestades Portuguezas; porém de nenhuma com tanto excesso, como da presente que nos governa, a do Sereníssimo Rei, e Senhor nosso Dom João o Quinto. Era excusado individuar ações suas nesta matéria, por tão públicas, e tão sabidas. Só aquella soberba Patriarcal, que de sua Real Capela fabricou, e vai sempre aumentando com tão considerável dispêndio que parece esgotar com ela os tesouros do Reino, basta, e sobeja para eterno crédito da sua memória. Digna obra das admirações de tôda Europa, e de que a roda se lhe insculpissem nos próprios mármores aquêle elogio, com que entrê passamos encareceu a grandeza, e aparato de outro Templo certo Poeta nos seguintes versos (6).

*Proh Superi! Aethereas an magnificentius arces.
Coelicolae in colitis? Caeli ne palatia credam?
Quae mihi mens? quis mira inter spectacula sensus
Tot rerum super esse potest? modulamina uocum
Non humanarum hinc rapiunt concentibus aures;
Admiranda meos Temple testudo, tholique
Auertunt illinc oculos etc.*

Junto ao seu Real Palácio a levantou, para dar a entender, que sempre trouxe a Religião ao lado. Assim devia fazê-lo, pelo que tem de tão grande Príncipe: que os Palácios dos Reis, então ficam mais majestosos, quanto mais unidos aos Templos. O

(5) PLUTARCH. in Numa.

(6) APUD LEBRUN in Elog. Poetica. T. 1. L. 7. p. 681.

grande Pompílio, porque lhe faltou espaço, para fabricar, e unir um Templo ao seu Palácio, fêz fabricar, e unir o seu Palácio a um Templo, que foi o da Deusa Vesta: **Regiam iuxta Aedem Vestae aedificavit** (7); que parece próprio dos grandes Reis ter sempre o sagrado por vizinhança.

E como se fôra pequeno desempenho da sua magnificência para com Deus a rica, e preciosa fábrica daquela suntuosíssima Basilica, como afogado seu Real espírito naquele coração do Reino, para desafôgo da sua liberalidade, até se estendeu às mais distantes conquistas, erigindo de nôvo Templos em muitas delas; aperfeiçoando os já começados, e reparando os danos, que a injúria dos tempos, e a muita idade tinha causado em vários outros. Assim o experimentamos nesta nossa Metrópole, que a despesas de sua Real fazenda se vê hoje tão melhorada, como os nossos olhos o testemunham. E na verdade que êste é o caráter, com que os maiores Monarcas se distinguiram sempre dos que o não foram. Os' mais célebres, e afamados Imperadores, que teve Roma, foram aquêles quatro Júlio César, Otávio, Vespasiano, e Domiciano. De todos diz Suetônio (8), que afetaram não menos o nome de Religiosos, que o título de Príncipes; empregando os primeiros cuidados do seu govêrno em fabricar magníficos Templos para culto dos Deuses, que adoravam. Júlio César o de Marte: **Destinabat in primis Martis templum, quantum musquam esset, extruere**: Otávio além do de Marte, os de Apolo, e Júpiter: **extruxit forum cum Aede Martis utoris, templum Apollinis in palatio, Aedem Tonantis Iouis in Capitolio**. Vespasiano o da Paz: **Facit templum Pacis, foro proximum**. Domiciano finalmente outro também de Júpiter: **Nouam excitavit Aedem in Capitolio Custodi Ioui**. Assim promoveram todos o culto local daquelas falsas Divindades para crédito das suas púrpuras: porque seria gênero de uma ingratidão inexcusável, negar um lugar no Mundo para o culto daqueles Deuses, que como êles supunham, os tinham feito senhores do mesmo Mundo.

Mas obraram assim, porque eram entre os outros os mais sábios, e alcançaram o muito que deve a Deus um Príncipe por fazê-lo Senhor de um Império. Do nosso muito Augusto Monarca digo também o mesmo. Conheceu, como tão sábio, a grande obrigação, em que vive a Deus, por lhe pôr na cabeça uma coroa, que o fêz Senhor de uma tão vasta Monarquia. Qualquer omissão neste ponto seria descrédito, não só da sua grandeza,

(7) PLUTARCH. in Numa.

(8) SUTTON. in Sing. Vitis.

e piedade, mas também da sua sabedoria. O Príncipe que é perfeito deve ter unidas ao cetro a Sabedoria, e a Religião: aquela para conhecer o muito que deve a Deus; esta para lho agradecer, honrando-o. Símbolos de uma, e outra quiseram alguns, que fôsem aquelas duas Serpentes, que trazia Mercúrio enlaçadas no seu caducéu: Como êste era o seu cetro, pareceu ao Deus Príncipe da eloquência, que seria desdouro seu, se faltasse nêle alguma delas.

O mais Sábio Rei depois de Adão, que teve o Mundo, foi Salomão. Morto Davi seu pai, apenas o introduziram no Império, quando começou a tratar logo de levantar a Deus aquêlo Templo tão célebre nas sagradas letras, que ainda hoje se admiram suas memórias com assombro, e pasmo da sua magnificência. “*Quam obrem cogito aedificare templum nomini Domini Dei mei*” (9). A sua maravilhosa fábrica, e excessiva riqueza, descreve um Poeta sagrado nestes versos (10):

*Hic Templum Salomon, per terras omnibus aris
E uersis, ope barbarica Rex condidit olim,
Templum opulentum, ingens, eductam ad sidera molem.
Huic mensas, arasque sacras, et ahenea labra
Transtulit, et ueteris uestes, ac munera Templi,
Ostro perfusas uestes, auroque uigentes.
Tum Lychnos, Lancesque, cauasque inuexit acerras,
Cymbiaque, et tripodas, fuloque ex ore lebetas.
Hic Gentis Rex, atque omni cum Gente Sacerdos,
Sacra ferens, pecudum fundebat uite cruorem.*

No que obrou Salomão não reparo tanto: no que fêz Iran Rei de Tiro, sim. Não digo bem. O em que mais reparo, não é o que fêz, é o que disse. O que fêz foi dar a Salomão do Líbano quantos cedros lhe foram necessários para o edificio daquele Templo. “*Itaque Hiram dabat Salomone ligna sedrina iuxta ominem uoluntatem eius*” (11). O que disse é o seguinte: *Benedictus Dominus Deus, qui dedit David filium sapientissimum super populum hunc plurimum*: Bendito Deus, que fêz Rei de um tão grande Império ao filho de Davi, o mais sábio de todos os homens. E donde coligiu aquêlo Rei tanta sabedoria em Salomão? Do cuidado, com que tratava de fabricar aquêlo tão suntuoso Templo. Claramente se infere do tempo, em que brotou Iran naquelas palavras, que foi logo depois de ouvir a súplica de Salomão sôbre os Cedros, que lhe pedia para

(9) 3. Reg. V. 5.

(10) Apud LEBRUN. t. 2. Eloq. Poet. pág. 349.

(11) 3. Reg. C. 5. v. 10 et v. 7.

o edificio do Templo: cum ergo audisset Hiram uerba Salominis, laetatus est ualde, et ait. Tanto como isto se acredita um Monarca de sábio, quando se mostra Religioso, e se applica deveras a fabricar templos, e promover nêles o culto, e veneração de Deus.

Passemos do local ao pessoal. A Religião pessoal é a que se acha nas pessoas, que se empregam no culto divino, e quanto as pessoas são mais altas, tanto sobe mais de ponto a Religião. Entre os Gentios em muitas nações, e principalmente na Romana, era capricho das Coroas serem juntamente Sacerdotes. Tal foi Numa Pompílio, tal Júlio César, e muitos outros, de quem faz menção a História Grega, e Latina. Se entre os Católicos se permitisse o mesmo, tenho por certo, que até nisto não cedera aos Antigos o nosso religiosissimo Monarca. Mas o que não pode fazer por si, faz por outros. O Imperador Arnulfo, julgando ser [ainda] pequeno crédito da sua grande Religião fundar, como fundou, um grande, e majestoso Templo a Deus nos Estados da Baviera, passou a engrandecê-lo mais com uma Lustrissima Cathedral de nobilissimos Capitulares, que ainda hoje existe com grande veneração daqueles povos. *Templum cum Sacerdotibus, et Canonicis, quod hodie magna ueneratione in Bauaria frequentissime inuisitur, extruxit* (12). Carlos aquêl Imperador em tudo Magno, mal satisfeito da discrepância da música entre os Franceses, e os Romanos, chegou a mandar clérigos dentro a Roma, que com todo o cuidado aprendessem perfeitamente a cantoria eclesiástica, para virem depois a ensiná-la em França: *Dissontia ecclesiastici cantus inter Romanos, et Gallos ofensus, clericos Roman misit, ut autenticum cantum a Romanis discerent, et Gallos doscerent.* (13) E assim o conseguiu, como o intentou; reduzindo-se por indústria daqueles Sacerdotes, que enviou a Roma, o canto Francês tanto as Leis do Romano, que cada Metrópole de França parecia um São Pedro em Roma: (14) *Per quos primum Metensis Ecclesia, hinc omnis Gallia, ad auctoritatem Romani cantus reuocata est.* Diz o Autor do Teatro da vida humana.

Nestes dois famosos Imperadores se me está representando o nosso muito invicto, e religioso Monarca. Como se nada fizera em fundar para Deus aquella Soberba Patriarcal, que tanto admira hoje Lisboa, e quantos a esta côrte concorrem de Nações estranhas, de tal sorte empenhou seu real braço, em promover nela

(12) BEIERLINE. uerb. *Religio in theatro uitae humanae.*

(13) *Idem ibid.*

(14) *Ibidem.*

o culto divino pessoal, que a muitos pareceu excesso da sua Católica Religião. Instituiu nela uma Basílica ilustríssima de fidalguíssimos Capitulares, com rendas, e ordenados copiosos, para continuamente se empregarem no culto divino. E não satisfeito ainda com esta grandiosa demonstração da sua religiosa liberalidade para com Deus, mandou vir de Roma, com despesas muito consideráveis um Mestre de Cerimônias, com Músicos escolhidos entre os mais seletos daquela Cúria, que ainda hoje sustenta com amplíssimos salários para chegar tudo ao último grau de perfeição, transformando Lisboa em outra Roma.

Não pararam ainda aqui os generosos impulsos da sua Católica Religião acêrca daquelas pessoas, que dedicou a Deus para aumento da sua veneração. Com todo o empenho pretendeu, e impetrou da Santidade de Clemente Undécimo um Ilustríssimo Patriarca, em cuja criação se portou verdadeiramente Rei, concorrendo para ela com extraordinários gastos, e conservando-lhe ainda hoje o estado com tanta pompa, e luzimento, que a muitos pareceu exceder os limites de liberal, e passar a pródigo. Mas como a virtude não põe têrmo no que se gasta com Deus, quanto mais ouro dispense na lustrosa conservação daquela venerável dignidade, tanto mais apura os quilates da sua incomparável Religião. E como as ciências são aquêles fundamentos, em que se estriba seguramente a Religião das Monarquias Católicas, e lhe servem de esplendor, e conciliam respeito, além do zêlo incansável, com que promovem nas Universidades do Reino o estudo das letras, dentro na sua mesma Côrte fundou aquela Real Academia, de que já falamos, centro das ciências, e raiz das felicidades de Portugal.

A primeira Monarquia, que houve na Terra, foi a dêste Universo todo, cujo Rei foi Adão, o maior, e mais sábio homem, que teve o mundo. Deu-lhe Deus por Côrte aquela deliciosa parte do mesmo mundo, a que o deu também o nome de Paraíso. **Plantaueret autem Dominus Deus Paradisum uoluptatis, inquo possuit hominem, quem formauerat** (15). E porque lhe daria Deus mais êste, do que outro nome? Paraíso é lugar de felicidades. E que felicidades eram as que concorriam naquele lugar, para Deus lhe dar o nome de Paraíso? Respondo. A maior felicidade, que logramos neste mundo, é a da vida; e a vida mais feliz, é a intelectual, tanto mais perfeita, quanto mais sábio, quem a logra. Porisso Davi para viver pedia a Deus entendimento: **intellectum da mihi, ut uiuiam** (16): porque, vida sem entendimento, não é vida. Da mesma sorte que os homens,

(15) Genes. 2. 8.

(16) Psalm. 118.

vivem os Reinos, porque os Reinos se compõem dos mesmos homens. E como as côrtes são as cabeças dos Reinos, aquêles vivem com mais felicidade, em cujas cabeças há mais sábios entendimentos. Esta cuido que foi a razão, porque chamou Deus à primeira Côrte do mundo Paraíso. Tinha esta entre as mais árvores a da ciência, e também da vida, para que daqui tiremos estas duas consequências; primeira que nos Reinos em tanto há felicidades, enquanto vivem. Segundo, que em tanto vivem, enquanto as ciências florescem nas Côrtes. Ditosa, e feliz Côrte a do nosso Reino, que por indústrias do nosso muito sábio Príncipe, se vê hoje enriquecida com aquela nobre Academia, composta de tão doutos engenhos, e porisso retrato do Paraíso, lugar de tantas felicidades.

Não tenho ainda ponderado tudo. Formada, e enobrecida a Côrte de Adão da sorte, que temos dito, julgou Deus, que não estava ainda consumadamente perfeita, faltando-lhe um Patriarca, que ali se occupasse no culto do mesmo Deus. Correram os tempos, e chegou dia, em que o logrou. Não falo de Elias, porque o não diz Expressamente a Sagrada Escritura, falo do Patriarca Henoque, de quem lemos no Eclesiástico, que agradou tanto a Deus, que o levou em vida para o Paraíso: **Henoch placuit Deo, et translatus est in Paradisum** (17). Quanto foi sempre do particular agrado do nosso Augustíssimo Monarca a fidalga pessoa do Ilustríssimo Patriarca de Lisboa, não há quem o ignore em todo o Reino. Quanto também se engrandeceu, e avultou mais o culto divino com a sublime dignidade, de que El-Rei nosso Senhor fêz provimento na sua sagrada, e religiosa pessoa, não necessita de inculcar-se com razões, porque a fama o testemunha aos ausentes, e aos presentes os próprios olhos. Mas êste tão grande adiantamento, que o zêlo do nosso Católico Príncipe acumulou à Religião pessoal da sua Real Côrte, não fêz descansar ainda o seu desvêlo.

De Augusto César afirma Suetônio, que não se satisfazendo com o aumentar o culto divino, acrescentando o número, a dignidade, e os cômodos dos sacerdotes, também atendeu muito, e principalmente as conveniências, e decôro das Virgens Vestais, que eram as Religiosas daqueles séculos: **Sacerdotum et numerum, et dignitatem, sed et commoda auxit, praecipue Vestalium Virginum**: (18) O mesmo, e com mais excesso diz Plutarco de Numa Pompílio, segundo Rei dos Romanos, a quem atribuem a exata observância daquelas gentílicas Religiosas, cujo cuidado tomou aquêle grande Rei tanto a seu cargo, que até lhe servia

(17) **Ecles. 44. 16.**

(18) **SUETON. in Vit. octau.**

de guarda. *Virginum Vestalium custo erat, quam consecrationem, curam, et Religionem assignant Numae* (19). Assim pede a razão, que obrem, os que se prezam de grandes Príncipes. Nem pareça este cuidado fora das raias da Religião. São as Virgens, que se consagram a Deus, espôsas suas. E que honra, nem culto maior, se pode dar ao mesmo Deus, que zelar a fidelidade, e leal observância de suas espôsas? Neste particular, assim como em outros muitos, pode o nosso Augustíssimo Monarca servir aos mais Príncipes de modelo. Porque quem há dentro, e fora do Reino, a quem não tenha chegado a notícia desta verdade? Diga-o aquêlê vigilante cuidado, com que aplica todos os meios excogitáveis para desviá-las da comunicação dos homens, e reservá-las sômente para o trato com Deus.

Mas porque este culto, e obséquio, que faz a Deus, ainda que pessoal, é mediato, ponderemos também o immediato brevemente, para que nos não fique totalmente de fora. Torne Numa Pompílio, já que entre os Antigos foi nesta matéria o exemplar dos Príncipes. Dêle diz o Historiador da sua vida para encarcer-nos o culto immediato, com que pessoalmente venerava aos seus Deuses, estas palavras dignas de eterna memória: *Digestis Sacris, Regiam iuxta Aedem Vestae aedificavit, ubi plurimum egit, res diuinas perpetrans, aut instruens Sacerdotes, aut cum iis ex ardore Religionis tempus bransigens*. Querem dizer: que depois de prescrever a forma, com que se haviam de fazer os sacrificios no que toca ao cerimonial, mandou fabricar o seu Palácio junto ao Templo da Deusa Vesta, no qual freqüentemente assistia, já exercendo êle mesmo vários atos de piedade para com Deus, já instruindo os Sacerdotes no exercício das Cerimônias Sagradas, e assistindo-lhes presencialmente, quando as faziam, movido do ardor, isto é, do veemente amor, e desejo, que tinha de que perfeitamente se praticassem os atos de Religião. Se houvéssemos de descrever ao nosso religiosíssimo Príncipe neste ponto, com que outros têrmos o poderíamos descrever melhor? É tão freqüente, e por tempo tão dilatado a sua assistência na sua Real Basílica, que parece não ter outros cuidados, que o divertam dela. A exação da forma com que ali procedem os Sacerdotes Capitulares nas cerimônias sagradas, tôda se deve à sua direção. Todo é um Argos para corrigir os menores defeitos, que naquêlê santo exercício se cometem, sem dissimular ápice, que desdiga da sua perfeição.

Resta o culto, a que chamam Real, não porque seja sômente próprio de Reis, mas porque se cifra naquêlêas coisas, que se dão a Deus, ou por Deus a seus Ministros. Neste devem esme-

(19) PLUTARCH in Numa.

rar-se particularmente os Príncipes sôbre os Vassallos. A razão é porque assim como a Fortuna tem os seus bens encabeçados nos cofres dos Príncipes, assim também os Príncipes são as mãos da mesma fortuna para dispendê-los. É sentença de Sêneca falando dos Reis: **fortunae manus esse dicuntur** (20): Devem pois entender os Príncipes, que porisso nascem com diversa condição a respeito dos mais, porque os mais também nascem para si; os Príncipes sômente para outros, como disse Lucano: **non sibi, sed toti genitos se credere mundo** (21): ou como disse Amiano com mais expressão: **Principes debent habere perspectum, se sibi minime natos esse, sed sui populi commodo, et utilitati** (22). Isto é o que tanto louvou Sêneca em Júlio César, aquêle famoso Imperador, de quem devem os mais tomar exemplo: **Ex quo se Caesar orbi terrarum dedicavit, sibi eripuit** (23). Há de ser o Príncipe, como é o Sol. Porque o Sol é o Príncipe dos Astros, a todos êstes comunica seus resplendores. Porque domina sôbre a esfera da Terra, todo se emprega em fomentar, alentar, e animar os corpos, que nela vivem. Da mesma sorte o verdadeiro Príncipe, diz Justo Lípsio depois de elevado ao esplendor da púrpura, deve ser também Sol por imitação, empregando os seus bens nas utilidades, e cômodos dos seus vassallos: **sicut Sol non lucet modo, sed fouet, uegetat, animat, sic uerus populorum rector insplendore suo commodat et iuuat** (24). Do coração do Reino, isto é, da sua Côrte, há de estar dispensando os seus bens com todos os membros do seu Império, como faz o Sol do meio do Céu, repartindo vitais calores, e enriquecendo de luzes as partes tôdas do Mundo, em que domina, como cantou Claudiano:

**Medium non descrit unquam
Coeli Phaebus iter, radiis tamen omnia lustrat** (25).

O Fisco Real há de ser aquêle mar, em que nadem os bens da fortuna, e no qual se afoguem as necessidades do povo. É lição de Juvenal:

**Quidquid conspicuum, pulchrumque ex aequore toto
Res Fisci est, ubicumque natat** (26).

(20) SENEC. de Const. C. 8.

(21) LUCAN. in Pharsal.

(22) AMIAN. MARCELLINUS. L. 29.

(23) SENEC. de Consolat. ad Polyb. C. 26.

(24) LIPS. in praefat. ad panegiri. PLINIIS.

(25) CLAUD. in 6. consul. Honory.

(26) Iuu. Sat. 4.

Isto suposto, como Deus é o Autor de todos os bens, e o que tão largamente os concede aos Príncipes, deve ser o primeiro que entre a participar dos mesmos bens. Antes com êle se deve gastar a maior parte para ficarem mais bem empregados. É documento da mesma Natureza. Porque os rios são dávidas, que o mar dispende com a terra, porisso a terra gastando consigo a menor parte das suas águas, lhe torna a dar maior porção delas nos mesmos rios, como disse Árias Montano:

**Flumina cuncta mare extensum, camposque liquentes,
Unde exorta prius, repetunt, Laticesque reponunt. (27)**

Para chegarem também ao Céu as dádivas dos Príncipes, lhes adverte Ovídio, que dera Deus aos Príncipes as mãos tão compridas: **Annescis longas Regibus esse manus?** (28) Mas deixando encarecimentos Poéticos, o certo é que o nosso religiosíssimo Príncipe naquela opulenta Patriarcal, que erigiu, fêz na terra, e meteu dentro em Lisboa um Céu, no qual tem gasto com Deus mui considerável suma de riquezas nas custosíssimas peças, e preciosíssimas jóias, com que estão enriquecidas as Imagens Sagradas, e os seus altares. Ainda que me não tem chegado à notícia tôdas, se não por maior, pudera contudo fazer individual menção de algumas, se não fôsse esta verdade tão pública, e me não obrigasse a ir já colhendo as velas a brevidade do tempo, que devo gastar nesta Oração. Mas se os ramos são semelhantes aos troncos, de que procedem, não podia deixar de portar-se assim um Filho de uma tal Mãe, que até do mais precioso de suas Reais alfaias fazia donativos aos Templos, e altares, despindo-se delas para vesti-los. Não passo daqui nesta matéria, por não excitar o tédio com relação de coisas tão sabidas.

Ó quantas graças devemos render continuamente a Deus por nos dar um Monarca tão inclinado ao seu divino culto, e ao esplendor, e aumento da nossa Católica Religião! E que felicidades não prometerei eu ao nosso Reino debaixo de um tão religioso Monarca? Tôdas aquelas que sem limitação alguma lhe prometeu já Mantuano antigamente sem saber com quem falava:

**Felices igitur populi, quos uiuere Diui
Concedunt sub Rege pio! (29)**

(27) **Arias Mont. super illud omnia flumina intrans in mare etc.**

(28) **OVID.**

(29) **MANTUAN. L. 1. Sylva.**

Cuidaram muitos que a fortuna dos Reinos estava somente vinculada ao exercício das armas, com que os Reis se fazem temidos, e respeitados. Enganaram-se os que assim o imaginaram. Não servem armas para perpetuar Impérios, se não se unem com a Religião. Para eternizar a principal felicidade de um Reino, que consiste na sua conservação, da qual tôdas as mais dependem, hão de dar-se as mãos a Religião, e Marte. Foi observação de um engenho Imperial fundada em longa experiência.

Deus imperium sine fine daturus.

Connubio Marti coniunxit Relligionem (30).

Tinha mui bem penetrado esta verdade aquêlê tão belicoso, como Religioso Rei de Aragão, Afonso Primeiro, de quem refere Bartolomeu Fácio na sua *História*, que entre os documentos de reinar, que deu a' seu filho Dom Fernando, foi êste o primeiro, e principal (31): **Tum tibi militares artes profuturas scito, cum Deum tibi pietate, ac iustis factis reddideris propitium.** Êste mesmo ditame, ainda com mais veras, deixou inculcado, como aresto, a seus sucessores, aquêlê religiosíssimo Imperador, e porisso grande até no nome, Carlos Magno, de quem diz Eguinarto, que advertindo-lhe, ou estranhando-lhe um privado seu a demasia dos gastos, que fazia com Deus em coisas sagradas, lhe respondeu prudentíssimamente na forma seguinte; são palavras do Autor citado (32): **si felix diu esse cupis, ne sis in Deum, ac res diuinas parcus; quae profecto si non crescunt, alia omnia decrescunt.** Se queres ser feliz por muito tempo, não sejas parco com Deus, e com coisas do seu divino culto, porque se estas não se aumentam, tôdas as outras se diminuem.

E a razão disto é: porque a fortuna, e a desgraça são aquellas sortes, que lá viu Davi nas mãos de Deus (33): **in manibus tuis sortes meae.** E como saem tôdas da mão de Deus, e Deus é o que as tempera conforme os nossos merecimentos (34): **sortes mituntur in Sinum, sed a Domino temperantur.** Êle as distribui, como nós lho merecemos. Donde vem, que assim como as desgraças chovem a montes sôbre os que desprezam a Deus, assim também as felicidades sôbre aquêles, que o veneram, ou em si

(30) GERMANUS Poeta apud SOLORZ. emblem. 9.

(31) BERTH. Fac. L. 1. *Histor.*

(32) EGUINARTH. in *Vita Carole Magni.*

(33) *Psalm.* 3. 16.

(34) *Prov.* 26. 33.

mesmo nos lugares dedicados a seu divino culto, ou nas pessoas de seus Ministros Sagrados. O primeiro membro dêste projeto é lição de Tito Lívio confirmada com repetidas experiências (35). *Omnia prospera eueniunt colentibus Deos, aduersa spernentibus.* O segundo, e último de um poeta católico, o famoso Ambrósio Marliano nestes dois dísticos (36):

*Principis aeterni sacros uenerare ministros:
Tunc tibi perpetuum caelitus auxilium.
Qui colit Ecclesiam, felici nauigat aura:
Atqui contennit, tendit in exitium.*

Porisso concluiu Optato Milevitano, dizendo que para ser feliz um Reino deviam andar sempre nêle inseparáveis a República, e a Religião (37). *Et Religionem in Republica, et Rempubicam in Religione esse oportere.*

Estas santas, e importantes Máximas parece que trouxe do ventre Maternal, como insculpidas no coração o nosso muito religioso, e sempre Augusto Monarca, exercitando-as tanto à risca, como se só para isto nascera. O que claramente consta, não só do que tenho dito, mas do muito que deixo por dizer, porque é já tempo de acabar. Do Rei disse Ovens, que é uma regra viva dos vassalos (38):

*Princeps principium motus: Rex regula uitae.
Circumfert caelum sidera, Rex populum.*

O que toca a plebe, é pensamento de Verrino (39):

*Si studia, et mores populi cognoscere curas,
Res facilis, uitam Principis inspicias.*

O que toca aos Aúlicos é de Marcial (40):

*Nemo suos (haec est Aulæ natura potentis)
Sed Domini mores, Caesarianus, habet.*

A prova de tudo isto é ver hoje a fidalguia, e povo de Portugal à imitação do seu grande Monarca, tão dados ao cultivo divino, que o que é benefício da graça, parece em todos inclinação da Natureza. Porque ainda que o bom exemplo se imita com dificuldade, facilita-se a imitação, quando o Príncipe serve de exemplar. (41) *O quanta exempli generoso in Principe uis est!* Disse outra vez Ovens. E dos Sênecas o Trágico na seguinte sentença

(35) LIV. L. 5. dec. 1.

(36) AMBROS. MARL. in *Theatr. Poly. C.* 29. et 30.

(37) OPTAT. MILEV. apud. SOLORZ. emblem. 10.

(38) JOAN. OVENS. *Epiq.* 113.

(39) VERRIN. in *Distich.*

(40) MARC. L. 9. *Epiq.* 81.

(41) OVENS *ibid. supra.*

(42): *Rex uelit honesta, nemo non haec eadem uolet*: Entre os grandes da Côrte tem o primeiro lugar Vossa Excelência, cujas generosas ações em matéria de Religião, e do culto divino, deixo agora de referir, assim por não ofender a modéstia da sua fidalga pessoa, como porque há bem pouco tempo, que aqui mesmo ouvimos engenhosamente ponderar algumas das muitas, que em Vossa Excelência veneramos. E por que êste culto, que a Deus se dá, serve tanto para prosperar, e perpetuar o bom govêrno das Repúblicas, espero como desejo, que o mesmo Senhor nos queira ao menos dilatar por mais anos, prosperando-nos sempre o dêsse Estado na muito illustre pessoa de Vossa Excelência, para bem comum de todos; e particularmente dêste seu muito humilde, obrigado, e afetuoso criado, que tanto sôbre todos o venera.

Disse.

[*Provavelmente letra de copista*]

Conferência de 23 de outubro

Ao Presidente

[Em louvor do Presidente João Calmon]

Praestantissimus praeses nostrae Academiae

Dominus Doctor Ioannes Calmon in

Bahiensi sede chori Praefectus laudatur hoc

EPIGRAMMATE

Tu, qui dulce canens praeses cantoribus extas,
 Nostro Mundo nunc quoque dulce praeses.
 Ipse choro Praefectus ades, perfectus ubique,
 Nempe choro sedis, Castalidumque choro.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Ao Reverendíssimo Senhor Presidente.

DÉCIMA

Meu Chantre, faz admirar
 Lição tão bem ordenada;
 estavas lá de agachada,

para nos vir derrubar?
 Dos mais mestres, sem desar,
 levai vós a preferência,
 porque em minha consciência,
 mostrarei sem ser suspeito,
 que vossa é de Direito
 nos Coros a Presidência.

De Francisco Pinheiro Barreto
 Vigário da Igreja de São Pedro.

Ao muito Reverendo Chantre o Senhor João
 Calmon Presidente da presente Academia.

DÉCIMA HERÓICA

Como Sol, douto João, dos Oradores,
 Este Museu deixais eternizado,
 Pois que de Luzes tantas ilustrado
 Por vós sobe hoje a créditos maiores.
 De vossa idéia são tais os primores
 Que com pasmo geral, assombro grande
 (Bem que por si Apolo a vós nos mande)
 Vendo-vos tão discreto Presidente,
 Já suspeito que diz tôda esta gente
 Que em vós Apolo queira Deus não ande.

De Pero Botelho Caldeira.

Reuerendo admodum Bahiensis Sedis Chori
 Praefecto Doctori Ioanni Calmon, dum
 Serenissimi Regis Nostri Ioannis V Natalitia,
 Bahiensis ageret Academia, pro iisdemque
 affabre [...] eximie orante.

EPIGRAMMA

Annua festiue cum lux coleretur, Idumes
 Rectorem ediderat qua sua uentre parens:
 Copia poscendi fertur concessa, petitum.
 Ionnisque sacrum dicitur esse caput.

Dum Regis Bahia sui Natale celebrat
 Concelebratque oris uis opulenta tui;
 Optio si fortasse foret largita, Ioannes,
 Quisque tuum potius uellet habere caput:
 Dicendi hoc peteret praestat uel quisquis in arte,
 Erudiit miris quemque Minerua modis.
 Ast equidem frustra; quoniam duntaxat haberet.
 Qui caput expeteret, te caput ille suum.
 Offert in deuincti, a pigneratique
 animi tesseram ac [...] synon

Pater Iosephus Pereira de Carvalho.

Ao Reverendíssimo Senhor Doutor Presidente.

REDONDILHAS

Em dois coros ao presente,
 Vos contempla o meu conceito,
 Se no da Sé, sois Perfeito,
 No das Musas, Presidente.

Assunto tão elevado,
 Só a vós era devido,
 Se por João, o mais querido,
 Se por sábio, o mais letrado.

No erudito da Oração,
 Satisfez vossa agudeza,
 Se do Assunto, a grandeza,
 Ao sublime da eleição.

Se a riqueza dêsse engenho,
 Louvar quisera, erudito,
 Transcendera o infinito,
 Não satisfizera o empenho.

De um seu muito venerador.

Jacinto Ferreira Feio de Faria.
 [Assinatura com letra diferente]

Ao Muito Reverendo Doutor o Senhor João Calmon de Almeida, Chantre da Sé Metropolitana da Bahia, Protonotário Apostólico, Comissário do Santo Ofício, e da Bula da Cruzada, e Desembargador da Relação Eclesiástica, e presidindo na Academia Brasílica.

SONETO

Se primeiro Cantor do Sacro Côro,
 não segundo Orador do Excelso Pindo,
 harmonias, e tropos repetindo,
 elegante cantais, orais sonoro.

Com Majestade tanta, e tal decôro
 a um tempo elevando e persuadindo,
 em vós mesmo, a vós mesmo competindo,
 igual, ou paralelo vos ignoro.

Do mesmo Apolo digno simulacro,
 ou Imagem de Febo refulgente
 a Castália vos serve de lavacro;

Douto, erudito, sábio Presidente,
 Chantre, encheis de Harmonia o Côro Sacro,
 Cisne, sois de Aganipe na Corrente.

Do Acadêmico Nubiloso.

[*Caetano de Brito Figueiredo*]

Reuerendissimo Sapientissimoque Domini Ioanni
 Calmon in Sede Bahiensi Praefecto chori
 Meritissimo.

EPIGRAMMA

Cymbala dulce sonant digito perculsa uolanti:
 Testudo dulces reddit et icta sonos:

Fistula dulciloquas fundit per iugera uoces
 Et spargit placitum chorda canora melos:

Ipsae tubae clangor dulcis se ad sidera tollit,
 Et uocat ad nutus Martia castra suos.
 Ioannis dictus merito iam Musica cedant,
 Cymbala, testudo, fistula, chorda, tubae.

Tuus uenerator

Emanuel Nunes Leal.

Ao Muito Reverendo Chantre o Senhor João
 Calmon presidindo na presente Academia.

Centum Oratores quondam uiguere per Orbem;
 Sed solus Cicero clarus in Orbe fuit.
 Centum Oratores nunc orauere Bahiae;
 Sed solus Calmon nunc superauit eos;
 Eloquentium, Calmon, renouas Ciceronis; etipse
 Jure nouus Cicero dicier ergo potes.

De Luís de Teixeira Mendonça.

Admodum Reuerendo Patri Doctore Ioanni
 Calmon, Sanctae Sedis in Brasiliensi
 Metropoli cantori maximo et Ecclesiastico:
 senatori, super elegantissima oratione,
 habent ad Bahienses Academicus etc.

EPIGRAMMA

Viderat orantem uix ti Tritonia Pallas,
 Hos tibi ueri dies soluit ab ore sonos.
 Dux oratorum fuerat sit Tullius olim,
 Nunc merito sistat munus Obire Ducis.
 Ob regat historicos, oratorisque uetustas:
 Haec nullum, qui te uincere possit, habet.

S.C.A.

Iosephus Ayres Monfortius.

Ad Reuerendum admodum Dominum Ioannem
 Calmon, Doctorem praestantissimum, nec non
 huius Academiae Praesidentem
 Meritissimum

EPIGRAMMA

Ioannes, idest, gratia.

Nomine, teque ipso tibi gratia parta, Ioannes,
 Inde est quod tantum nomen [et omen] habes.
 O nimium felix! nam cum sis gratia, certe
 Post istam ueniet gloria certa tibi.

Luís Canelo de Noronha.

Sapientissimo Domino Doctori Ioanni Calmon
 Praesidi Academiae emeritissimo.

EPIGRAMMA

Hic ubi Castalio manant de fonte liquores
 Colligit in sertum lilia Flora tibi;
 Occurrit Phoebus lauro, fidibusque canoris,
 Et tentat munus quisque referre suum.
 Munus uterque suum tribuat; nam lilia sertum
 Efficiunt, fidibus dum lira uerba canit.
 Cortice sculpantur lauri tua uerba, Ioannis,
 Tandem, ne longa posteritate cadant.

Antonius de Oliveira.

[Assinatura com letra diferente]

Em louvor do Reverendíssimo Presidente o
 Doutor João Calmon. Digníssimo Chantre da
 Santa Sé, na Academia em que faz anos o
 Muito Alto, e Poderoso Rei o Senhor Dom
 João V.

DÉCIMA

Quis tão douta Academia,
 se vissem na redondeza,
 elogiados com grandeza,
 os aplausos dêste dia;
 achou que só merecia
 um João, com razão notória,
 fazer conhecida a glória

de outro João, da Lusa gente
digno Rei, que eternamente
viva na nossa memória

Do Licenciado Jorge da Silva Pires.

Ao muito Reverendo Chantre o Senhor João
Calmon presidindo na nossa Academia, em dia
dos felizes anos de Sua Majestade que
Deus guarde.

SONETO

Fêz discretá atenção, justo decôro
Em quem protege esta Aula da Bahia
Consignar ao mais fausto, alegre dia,
O discurso mais grave, e mais sonoro.

Ficar pudera por estilo, ou fôro
Nas doces vozes desta Academia,
Vir o Chantre a guiar a melodia,
Pois toca ao Chantre governar o Côro.

Só êle soube sem temor, nem susto
Em soberana emprêsa, assunto egrégio
Fazer maior empenho a menos custo,

E só de orar tocava o privilégio
Nos anos do Monarca mais Augusto,
Entre os mais Oradores ao mais Régio.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita.

Ao muito Reverendo Senhor Doutor o Padre
João Calmon, Chantre da Santa Sé,
Desembargador Eclesiástico, e Juiz dos
Casamentos, sôbre o engenhoso discurso, que
fêz, presidindo, e orando na Academia
Bahense.

EPIGRAMA

Do Licenciado Acenso da Rocha.

No dispensar, e no atar
 de tão nobres pensamentos,
 ser Juiz dos Casamentos
 nos quiseste hoje mostrar.
 Onde quer que me eu achar
 lhes hei de os pregões correr,
 fazendo ao mundo saber,
 se dão de tal sorte a mão,
 que todos ao meu ver são
 dignos de se receber.

OUTRO JOCO-SÉRIO

Do mesmo Autor.

Sôbre o nome de João, que quer dizer, Graça.

Se o mesmo é graça, que João,
 o seu nome nos diz, que
 vem a ser Vossa Mercê
 todo graça em conclusão.
 E nesta suposição
 já não me admiro, que faça
 uma Oração com tal traça,
 com tal arte, e tal mestria,
 que não sendo Ave Maria,
 seja tão cheia de graça.

[*Acenso da Rocha*]

Em louvor do Senhor Presidente o Reverendíssimo
 Chantre e Doutor João Calmon de Almeida.

SONETO

É ponto fortemente debatido,
 Qual de dois deva ser mais venerado,
 Se um valeroso de armas rodeado,
 Ou se um sábio de letras revestido.

Por uma, e outra parte discutido
 Variamente o problema se há mostrado;
 Mas a meu parecer tenho julgado,
 Que o sábio deve ser o preferido.

Assim o diz a Oração douta, e amena,
 Que em relevantes rasgos admirada,
 Vossa pena, ó João, compõe, e ordena;

Pois com gala ostentosa, e sublimada,
 Mais assombro infundis movendo a pena,
 Que o maior capitão brandindo a espada.

Do Acadêmico Inflamado

João Alv'es Soares.

Admodum Reuerendo Patri Doctori Ioanni
 Calmon Sanctae Sedis in Brasiliensi
 Metropoli [cantori] Maximo, super
 elegantissima Oratione, quam habuit ad
 Bahienses Academicos.

EPIGRAMMA

Iam mihi nemo aliquem, longe ingeniose Sacerdos,
 Qui tibi dicendi praestet instite dabit
 Te simul audiui, fateor, stupuisse. Latinum
 Haud quaterat tanto Tullius ore forum.
 Ex tripode in uulgi te ferre Oracula turbam,
 Quin et Apollinea dicere uoce putant
 Si te ita dicentem Ciceronem audire daretar
 Vel Cicero sub te disceret ipse loqui.

Do Licenciado

Constantino da Rocha e Sousa.

In Praesidis Laudem

EPIGRAMMA ENCOMIASTICON

Assidua, promptaque diu, noctuque reuolui
 Celsa Poetarum scripta labore, manu.
 Inter tot nullum genitum genuisse Mineruam,
 E cerebro reperi, sed genitam esse Iouis.

Si tamen hinc repetas Praeses Reuerende Mineruae
 De genito quae sit, mens mea, quidue putem?
 Accipe: dum non sit quae Te sapientia nulla
 Non ditet, reor hac, te genitum esse Dea.

Pelo Padre Ioseph Moreira Teles.

Ao Muito Reverendo Chantre o Senhor João
 Calmon presidindo nesta Conferência de
 22 de outubro.

DÉCIMA

Doutíssimo Presidente
 Quem senão vós neste dia
 Uma Oração tal faria
 Sobre discreta eloqüente?
 Mas a vós só justamente
 De Apolo em todo o Colégio
 Tocava êste emprêgo egrégio,
 Pois só devia por Lei
 Orar nos anos de um Rei
 Quem tem um discurso Régio.

Por um Anônimo.

Ao Reverendíssimo Presidente.

De um jardim com fragrâncias belas flôres,
 Rendem ao coração famoso alento;
 Ó sábio prado, o vosso alto talento
 A razão move a dar-nos mil louvores.
 Do Rei Lúsio os nativos resplendores
 Com energia tal de entendimento
 Publicais hoje, ó célebre portento,
 Que admirais os presentes oradores.
 Não sois flor, porém sois um belo prado;
 Pois na voz eloqüência tendes pura
 Com que os anos louvais tão celebrado.
 Vosso nome nos deu tanta ventura
 Dizendo com clamor muito afamado,
 Que tudo em vós é graça, e formosura.

O Idiota do Carmelo.

Em louvor do Reverendo Chantre Presidente
o Doutor João Calmon.

SONETO

Meu Doutor vários coros diferentes
presidis com gravidade neste dia,
alegres tonos vária melodia,
pois sois a bizzarria dos presidentes.
Que já suposto foram eminentes
o presidir só ser a vós competia,
que o côro só de um Calmon se fia,
por Douto entre sábios inteligentes.
Tôda a graça se intende ser divina
por ser melhor licor de todo ouro,
que sai da mais rica e preciosa Mina;
Qual vós também tomais no copo louro,
do Cordeiro a sabedoria mais fina,
João bebia no divino tesouro.

[Sem indicação de Autor]

Conferência de 22 de outubro

Primeiro Assunto

Foi o primeiro assunto celebrar os anos de Sua
Majestade que Deus guarde

Ao primeiro assunto.

SONETO

Hoje, Senhor, que em vossos anos conto
da idade de ouro auspícios soberanos,
já não há de temer do mundo os danos,
que a idade de ferro hoje faz ponto.
O Céu, a quem as súplicas remonto,
vos dê (para ficarmos sempre ufanos),
que valha cada lustro por mil anos,
e cada ano tenhais lustros sem conto.
E já que os corações tem feito nossos
aos anos de tão alta majestade
tributários do afeto os alvoroços,

Tantos séculos veja a vossa idade,
que no curso imortal dos anos vossos,
chegue a tomar lições a eternidade.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Ao assunto heróico.

SONETO

Do mais justo Monarca Lusitano,
que o Mundo reconhece, a fama adora,
os anos hão de ser o Canto agora
feliz assunto, emprêgo soberano.

Para inveja do Grego, e do Romano
a Lira temperara mais sonora,
mas a outrem não quer uma só hora
fiar Apolo, nunca mais ufano.

Festeje Apolo, pois, descido a Terra
os anos de João, que na verdade
nos seus anos, o nosso bem se encerra:

Cada ano que crescer del-Rei a idade,
que um século fará, se amor não erra,
mil troféus há de dar à Cristandade.

De Francisco Pinheiro Barreto

Vigário da Igreja de São Pedro.

[SONETO]

Lusitano Monarca em quarta Esfera
Majestoso, Imperial, e dominante,
É no Céu sem segundo o Sol flamante,
Quando dos Astros Rei se considera.

Quinto Planêta, que hoje nos impera,
Alto Monarca em Luzes Triunfante,
É na terra João sem semelhante
Quando Rei Lusitano se venera.

Se ao Sol de Luz assombro agigantado,
Quarto Planêta em Trono mais luzente,
que viva eterno é decreto justo;

Logo qual Sol na terra venerado,
viverá em sacro Trono eternamente
João Quinto, Monarca, e Rei Augusto.

Francisco Xavier Caput.

Ao primeiro Assunto.

SONETO

Mónarca poderoso, à vossa idade,
o luso Império deve o seu aumento;
porque nesse divino nascimento,
conseguiu a melhor felicidade.

Se do Império, a eficaz utilidade,
consiste, no seguro fundamento,
quem tem por alma, o vosso entendimento,
para vencer lhe sobra atividade:

Bem o mostra, Senhor, tanta vitória,
que do Arábio, Espanhóis, e Mauritanos,
vosso nome alcançou, para mais glória;

E se vos devem, tanto, os Lusitanos,
cultos vos dêem nas Aras da memória:
Com letras de ouro, escrevam vossos anos.

Por Manuel de Mesquita Cardoso.

Ad Regium Assumptum,

ENCOMIASTICE

Vix matutinis, rutilans Matuta, fauillis,
Spargebat tremulas laeta, per arua faces.
Cum subito, placidum caperent dum membra
[soporem,
Calliope nostros constitit ante oculos.
Non qualis docto resonant, cum murmure, rupes.
Aoniae, laetis dum strepit aula choris?
Veste sed abscisa, sparsis gemebunda capillis,
Qualis ab [Aemonio] baccha, agitata Deo.
Non [aspectatos], oculis rutilantibus, ignes
Reddit, nec roseus uincit, in ore decor?
Vt mihi uisa fuit, tanto concussa dolore,
Obstupui? Tales sed dedit, ore, sonos!
Tantane (1) nostrae tenuere obliuia sortis,
Vt sim pectoribus tam, sito pulsa tuis.

(1) Interpolação ilegível.

Dic mihi quid feci! Vel quod rea crimine, dicor?
 Et tua ne dicar, quod mihi crimen, obest?
 Tu mea, quam crebro oluisti numina, uersu,
 Hippocreneis sollicitatus aquis?
 Cur Phoebus? Cur Musa silet? Cur carmina
 [tangent?
 Immemor an mei numinis esse potes.
 Admiranda uides tantorum scripta uirorum,
 Quae sine te merito, laudis honore carent.
 Eia, age, sacratos, pleno, bibe, gutture, fontes,
 I, nunc, in laudes, ingeniosus eris?
 Dixit, (1) et Aonios, gressu properante, recessus
 Appetit, audaci, me comitante gradu.
 Postquam Castaliae tetigi fastigia rupis
 Sensissem, uario membra timore quati?
 Ac uelut alternis, puppis concussa, procellis
 Fluctuat, undosi dum fremit unda maris?
 Immensae, uidi surgentia moenia, mole,
 Non ementitis, undique, cincta, rosis.
 Fons ibi Castalius, lympa strepitante, superbit.
 E fecunda, sacris fontibus, humet humus?
 Extat centenis domus exornata columnis,
 Qualem nec Princeps, Roma, nec Orbis habet?
 Atria, cingit ebur, mordent penetralia gemmae,
 Lucidaque aurato cardine, porta micat?
 Dant lacrimas electra, uago, pallescit in auro,
 Fulgida trabe, gemmis illaqueata nouis?
 Altaque Flammiuomis ignescunt tecta pyropis,
 Pace tua, haud tantum, Cynthie, lumen habet
 In foribus, regnant, rostro crepitante, uolucres,
 Et uaga continuum dat Philomela melos?
 Quaeque suos, querulo, percurrit, murmure cantus,
 Quaeque suum, tenui gutture, nectit opus
 Hae, pennis, illae dulci modulamine, certant,
 Obstupet insolitos aether, et aura modos?
 Ipsoque diuino gaudent penetralia cantu
 Atque, re percussis atria lata, sonis?
 Melpomene querulas, subtili pollice, chordas
 Pulsat, et auratae fila canora lyrae?
 Dulcis, Apollineo, resonat Polyhymnia, plectro,
 Terpsicore laetos ducit in antra choros.

(1) Corrigido sobre "dipit".

Euphrosyne, dulci modulamine, sidera nulcet,
 Et canit insolitum docta Thalia melos?
 Laeta fremens Erato, querulisque Vrania, neruis,
 Subiungunt gratae carmina multa lyra.
 Inter Castalias, uisa est mihi turba sorores,
 Carminaque et doctos edere uoce sonos?
 Vt mihi uisa fuit, blando, lustro omnia, uisu,
 Quo magis aspicio, miror, et ipse magis?
 Sed dum Pieriam, uultuque oculisque phalangem.
 Metior, aspectu, tu subis ipsa meo.
 Tunc mea Calliope, uerbis, sic facta, benignis,
 [Euuaît], ille tuis carminis auctor erit?
 Eia, age, dum natalitium uenerare Ioannis!
 Quae mora? carminibus gaudeat ille tuis?
 Quid dubitas? uastum laudis tibi panditur aequor,
 In tanto laudant gurgite pande ratem!
 Respice picturas natales, solis ad instar,
 Namque tuus quintus Rex oriente patet?
 Ex uideas quantum [diuina], Potina, laborant,
 Luceat excelsus, uiuat ut omnipotens.
 Det Setuna Dea egregium sensum inde supernum,
 Io Iouis, aspectu, talis origo uenit?
 Iuppiter aeterea, et caelestia regna gubernat,
 Imperium mundi omne Ioannis erit!
 Magnus Alexander post facta suprema, superstes,
 Viuit adhuc factis, clarus ubique suis!
 Hic quoque perpetuis, modo fortunatior aeuis,
 Viuet, et imperio, clarus ubique suo?
 Illius imperio uix Orbis sat fuit unus,
 Imperioque Suo, nec satis unus erit?
 Magnus, Alexandro non par, sed maior habetur,
 Scilicet exiguo, clauditur Orbe, potens?
 Namque tot innumeris, sua gloria adaucta trophaeis,
 Barbarico tandem constitit Oceano?
 At sua nonnullis, arctatur gloria metis,
 Quod meta est terris, id sibi principium est?
 Huic aetate uiro, Emmanuel, Primusque Ioannes
 Reges, et proau munera, regna dabunt?
 Et tria iustitiae confert praecepta secundas,
 Nam Themis auxilium, quod dedit alma dabit.
 Tertius, et quartus uirtutis dogmata praebent.
 Quaeque gessere sui, facta colenda, Patres;
 Quorum religio, probitas, doctrina fidesque,
 Illustri, cunctis, splendet, honore, locis?

Praeclara illa quidem proprioque, decora, uigore,
 Atque satis, firmo pondere fulta suo?
 Ast quinti nati nunc, exornata, politis
 Schematibus, cultu splendidiore, nitent.
 Iustitiae cultus, scriptis, splendescet, in Orbe,
 Et quidquid iusta dat Themis, aequa manu?
 Nec tantum docti leges potuere Lycurgi
 Atque Numae, quantum Lysius iste potest.
 Talia dicta ferens, tenues uanescit in auras,
 Amplius aspectu uisa nec illa meo.
 Exclamo, placidum pepulit uox nostra soporem,
 Et fuit, ancipiti, mens agitata, metu?
 Excussit somnum gelidus dolor, excitor illo,
 Excitor, et Diuum Numen abesse queror?
 Quo fugis? exclamo per te, et tua numina testor
 Flecte gradum, et caeptis annue laeta meis?
 Aggredior quo Diua iubes succurre precanti?
 Quamque potes nobis, nam potes, affer opem?
 Qui faciam? egregios praestanti corpore, mores,
 Anne opportuno carmine gesta canam.
 Perce tuas, si non uerbis (Rex optime) laudes
 Dicere sufficiam, sit uoluisse satis?
 Quid loquar? immensum uolitat tua fama per
 [Orbem,
 Atque aeuiternis, laeta triumphat, equis?
 Et tua per uarias currunt praeconia, gentes,
 Nullaque, de gestis, nescia terra, tuis?
 Quantaque fama loquax, de te, praeconia iactat,
 Vt tua laus, toto digna sit, Orbe, legi?
 Cum bene Cecropiam resonant tua uerba Mineruam,
 Quam bene Cecropia, pectora, uoce, [matent].
 Cum bene sacratae Themidis sortitus amorem,
 Lusiadis profert dogmata Sancta Patrum.
 Discite iustitiam moniti et non temnere Regem,
 Qui longas tendit per loca cuncta manus.
 Sol tenebras uincens ilustrans omnia Princeps,
 Mundae, immundae facit, edere quod pateant!
 Omnia luminibus perlustrat, recondita pandit,
 Se nihil incauto, callide Munde, facis.
 Laudibus ergo tuis melius desistere, abunde
 Laudatur, cui laus nulla sat esse potest?

Ast uaga terra feras, pisces dumque unda fouebit;
 Dum caelum stellas, dum dabit amnis aquas,
 Ipse super stabis, cunctis antiquior annos,
 Nec mirum, haud norunt haec monumenta mori.
 Semper honos, nomenque tuum, laudesque
 [manebunt,
 Cum uerus patriae diceris esse Pater.

Emmanuelis Ferreira de Carvalho.

Augustissimi Regis Ioannis V.

Natalitio 22 die octobris.

EPIGRAMMA

Fulmigerum Heroem quondam effigiauit Apelles,
 Quod decus aeternum suppeditauit opus.
 Si tibi nunc etiamuis concilientur honores,
 Regia perge tua pingere lustra manu.
 Cum tamen absumant anni, tempusque colores,
 Augustos numera, Sculptor, in aere dies.
 Sic licet illustres insculpere Principis annes,
 Pectore quem sculpsit cetera turba suo.
 Sculpta sit hoc potius, quam ferro, Regis Imago;
 Cordi etenim potis est sculpere solus Amor.

[*Antônio Ribeiro da Costa*]

Assunto

Ao dia de 22 de outubro em que nasceu o nosso
 Sereníssimo Rei, e Senhor, Dom João V.

SONETO

Ano bom, feliz mês, ditoso dia,
 em que ao Mundo aparece portentoso,
 o grande Rei, João, Sol luminoso,
 para os vassallos todos alegria;
 Com ser quinto, o primeiro bem podia
 nomear-se, por único, e famoso,
 é o Príncipe êste prodigioso
 que por favor do Céu se nos envia.

Esta mercê de DEUS assinalada,
que aos Lusos fêz, por mais seus escolhidos,
só para Portugal foi reservada.

Pois nosso Rei, dos Reis engrandecidos,
a quinta essência é mais apurada,
e o requinte dos Reis esclarecidos.

De Antônio Ribeiro da Costa.

Ao primeiro assunto.

ROMANCE

Já os destríssimos Orfeus
do Baiense Parnaso,
afinam a doce Lira
para tão egrégio canto.

Para que em gratulações
se celebrem com aplausos,
do nosso Monarca Augusto,
os esclarecidos anos.

Sendo os que agora florescem
neste Alcides Soberano,
escoltas para a Coroa,
escudos para os estados.

Pólos para a Monarquia,
pois nos ombros mais que humanos
dêste grã Monarca, estava
todo o globo Lusitano.

Nos auspícios do seu nome
melhor que na Grécia o magno,
depois de alimpar as bôcas,
alevante a fama os brados.

Neste dia tão jocundo,
tão feliz, tão preclaro,
teve êle o nascimento
mas a dita os seus vassalos.

Neste dia, em caracteres
de resplendores, os Astros
anunciando estão conquistas,
vitórias, triunfos, louros.

De Luminar tão radiante
gire o esplendor lustros tantos,
quantas luzes no Céu brilham,
quantas flôres cobrem prados.

Porém como tal assunto
digno é de epódios mais largos,
donde em [rimo] mais sonoro
corra o metro, e se ouça o canto.

Engrandecendo os auspícios,
com que em trinta e cinco anos
que tem de idade; de ditas
mil séculos nos tem dado.

Basta pedir-lhe perdoe
tal louvor em seu aplauso,
que é na execução pequeno,
sendo no afeto tão alto.

E por oblação devota
a culto tão soberano,
será para o Sacrifício
o amor melhor holocausto.

E felizmente se vão
seis anos multiplicando,
sôbre os algarismos que
numera o pássaro raro.

Yerônimo Roiz de Crasto.

Ao primeiro Assunto.

SONETO

Rei Augusto, Monarca Lusitano,
Senhor do Mundo, em partes dividido;
pois nelas vosso nome, só ouvido,
ajusta, arrostra, e vence o mais ufano.

Dêsse quarto Planêta soberano,
as propriedades tendes atraído,
fazendo vosso braço tão temido,
como Espanha confessa, e o Otomano.

Para seres igual na potestade,
suprimis tantas vêzes, no Oriente,
do Cego gentilíssimo, a iniquidade,

E se vós, como Sol tão veemente
mostrais em tôda a parte, atividade,
como Sol, renascei eternamente.

Por Jacinto Ferreira Feio de Faria.

A El-Rei Nosso Senhor no fausto, alegre dia dos
seus anos.

SONETO

Soberano Monarca alegre o dia
faz que em assombros pasmе a Natureza,
faz que o tempo suspenda a ligeireza,
e faz que o Sol aumente a bizzaria.

Voam porém as Aves com porfia
tomando o remontar-se por emprêsa
para explicar nas asas a fineza,
e repetir os votos na harmonia.

Já com sonora voz, vôos ufanos
excedendo os flamígeros Pirôos,
aclamam vossos lustros soberanos;

Dêste Hemisfério austral aos fins Eôos,
os Triunfos auspiciam pelos anos,
os Anos simbolizam pelos vôos.

D.O.C.

O Acadêmico Nubiloso

Manuel Caetano de Brito Figueiredo.

Aos anos de El-Rei Nosso Senhor, que hoje
festeja a Bahia.

SONETO

Se no valor respira a Majestade,
se avulta na ciência a regalia,
eterno Rei de eterna Monarquia,
que logra Portugal, clama a verdade.

Deixe de calcular lustros a idade,
 anos de celebrar deixe a Bahia;
 que quem séculos soma em cada dia
 vincula durações a eternidade.

Não se isentam os Cetros, não, de humanos,
 mas dos golpes iguais (1) da morte certos
 são escudos os tronos Lusitanos.

Triunfante pois do tempo em desconcertos,
 conte o nosso Monarca eternos anos
 pela soma imortal de altos acertos.

Do Acadêmico Obsequioso.

[*Gonçalo Soares da Franca*]

Ao primeiro.

SONETO

Cursos do Sol dez vêzes triplicados,
 anos além de cinco; altipotente
 ilustra o grande Rei; que justamente
 mais impera nos peitos, que nos Estados:

Feliz o dia foi, que venerados
 adorou Portugal ditosamente,
 aquêles resplendores, que no Oriente
 nasceram, já de intensos, sublimados:

O dia mais preclaro, e mais ditoso,
 que pode celebrar, com grato auspício,
 de Lusitânia o reino venturoso;

Êste é hoje feliz, que em sacrificio
 da sua adoração, culto amoroso,
 dedica Portugal ao Natalício.

Do Rei sacro, propício,
 pois se um giro do Sol luzes aumenta,
 quantos raios êste anos lhe acrescenta?

Do Ocupado.

[*Luís de Siqueira da Gama*]

(1) *Aequo pulse pede.*

SONETO

Ao pássaro, que em giros se remonta
 Séculos cinco, a quem a chama isenta
 Da pensão, que há na [vida] mais violenta,
 De vossa idade (Augusto Rei) afronta.

Coa de Nestor, que por fatal se aponta,
 Que iguale, o nosso amor, se não contenta,
 E aos Astros, que a [sábua] luz aumenta,
 Quer, que nos anos, a vantagem [aconta].

Se da Fênix a vida é quase nada,
 Se é de Nestor a idade em pouco tida,
 E dos Astros a conta limitada.

Dando glórias a Lísia esclarecida,
 Bastará (para ser eternizada)
 Que iguale ao nosso afeto, a vossa vida.

Do Acadêmico Infeliz

João de Brito e Lima.

Aos anos de El-Rei Nosso Senhor.

SONETO

Soberano, João, por cujo Império
 Feliz sempre, e capaz de eterno aumento
 Larga Astréia o sidéreo Firmamento
 Por vos dar do govêrno o magistério.

Vós que tanto ilustrais êste Hemisfério
 Como o Sol que é do Mundo o entendimento,
 Se cada ano ajustais com um portentoso,
 Cada Outubro cumpris com um mistério.

Sete Lustros, Monarca Soberano
 Aumentais portentoso a Majestade
 Dando ao lustro e mistério o quinto ano;

Quinto sois, e se Outubro a tal Deidade
 Paga quintos com lustros, sempre ufano
 Lograreis de áureos anos, áurea idade.

De Frei Avertano de Santa Maria.

Aos felizes, e faustos anos de El-Rei Nosso
Senhor.

SONETO

Com influxos, Senhor, sempre seletos,
Vossos anos componha nunca avara
Estréla a nossos votos mais preclara
De felizes idades para objetos.

Como os Astros inclinam os afetos,
Se o desejo nos Astros dominara,
Sem a pensão das chamas, Fênix rara
Vossa vida excedera aos seus decretos.

Tu, que Reinos, e vidas só repartes,
Vida ao Quinto João dá tão crescida,
Como domínio aos seus dás Estandartes;

Porque como do Mundo, que o apelida,
Abraça o seu domínio as quatro partes,
Quatro idades exceda a sua vida.

*De André de Figueiredo
Mascarenhas.*

Ad augustissimum Anniuersarium Serenissimi
Regis nostri Ioannis V

EPIGRAMMA

Surgit ab Eoo girans Sol clarus ad auras,
Vtque dies faciat lumina clara [trahit.]
Girat ab exortu surgens Sol Lusus ad astra,
Vtque suos annos impleat, almus adest.
Sol aliquando cadit, Sol hic non decidit umquam,
Si nouus ille uenit, clarior iste micat.
Nam facit ille dies, annos hic, magnus uterque;
Certe hic maior adest, is prior ille minor.
Tantum illum excedit Solem Sol lumine noster,
Quantum quaque die grandior annus erit.
Luceat ergo dies, anos, et saecula uiuat,
Atque iterum sit fas uincere, uiuat io!

Luís Canelo de Noronha.

Ao Muito Alto, e Poderoso Senhor Rei
de Portugal Dom João o Quinto.
No dia em que fêz os seus anos.

SONETO

Soberano Senhor, cujo respeito
Tanto excede o valor da voz humana,
Que nem de Apolo a Lira Soberana
Poderia louvar-vos sem defeito.

Neste dia feliz, e o mais perfeito
Em que a glória renova Lusitana,
Qual a Jove, Ara régia, e não profana
O Olimpo vos consagra em nosso peito.

E se o curso dos anos não delia
Nesse Olimpo, em que Jove é celebrado,
A memória que em cinzas se insculpia:

Sendo este aniversário assim gravado
No coração da vossa Monarquia,
Durará como em bronze eternizado.

de Antônio de Oliveira.

[Assinatura com letra diferente]

Serenissimo, ac Potentissimo Lusitaniae Regi
Ioanni huius nominis V semper Augusto
Pro Natalitio suo die vicesima Secunda
Octobris Anni MDCCXXIV ab Academicis
Bahiensibus publice celebrato.

EPIGRAMMA

De Ioseph de Passos

Lusiadum regni Summus Moderator, et Orbis,
Qui regis imperio, quod regit arte polus.
Dum tua natalem recolit gens praescia Lucem,
Accipe, quas Brasili mittit ab Orbe preces.
Viure Nestorios non iam tibi poscimus annos;
Maxima pro uotis uita fit illa breuis.

E hão mister, atributos tão profundos,
 Tal poder, tal valor, tanta grandeza,
 Mais Anos, mais Impérios, novos Mundos.

O Acadêmico Vago

Sebastião da Rocha Pita.

Fazendo anos Sua Majestade, que Deus guarde.
 Assunto heróico da presente conferência.

SONETO

De Outubro aos vinte e dois dá um passo a Idade
 De quem domina a Lusa Monarquia,
 Ao ano venturoso fêz o dia,
 Ao dia fêz famoso a Majestade.

Não corre o tempo com velocidade,
 Em vida que do afeto é simpatia,
 E se amor lhe grangeia a idolatria
 Não tem poder os anos na Deidade.

Se do Amor Lusitano reverente
 É o Quinto João único objeto,
 Nos Séculos será mui permanente.

Não terão êles número completo
 Em Rei que há de durar eternamente,
 Vivendo por idade, e por afeto.

O Acadêmico Vago

Sebastião da Rocha Pita.

Primeiro assunto.

Celebra os anos do Nosso Augustíssimo
 Monarca o Senhor Rei Dom João o V.

CANÇÃO

Adonde vás de afeto acompanhado
 O pensamento meu? alto destino
 Por ventura te eleva sublimado
 Onde logres aplauso peregrino?

Não rompas mal seguro
 De tua quarta esfera o tósco muro,
 Buscando em tanta emprêsa
 O castigo de tua ligeireza:
 Mas não: Sobe veloz, prossegue altivo,
 Que é tão justo a teus vãos o incentivo,
 Que a nota de ligeiro
 Assaz tem a desculpa no altaneiro,
 E se achares a mágoa de perder-te,
 Sempre logras a glória de atrever-te.

Voa pois, pensamento, e reverente
 Pede ao maior Monarca Lusitano
 Que do trono Real, e preeminente
 Te atenda afável, te perceba humano;
 Pois humilde, e rendido
 Queres só por leal ser atendido;
 Quando com fé constante
 Os anos seus celebras firme amante:
 Anelando se estendam de tal sorte,
 Que sejam isenção da mesma morte;
 E cheios de troféus
 Dêem assombros ao mundo, glória aos Céus:
 Vendo-se em seu Reinado verdadeiro
 O presságio de Deus ao Rei primeiro.

Quem, Senhor, como vós tão bem emprega
 Os anos, que do Céu se vos concedem
 Ditosamente tudo a esperar chega,
 Pois a tudo tais méritos excedem:
 Excedem de maneira
 Que a mesma fama em vãos tão ligeira
 Vocífera se fatiga
 Sem saber como aplausos vossos diga;
 Porque se os vossos anos bem se sabem
 Suas proezas nos anais não cabem:
 E as ações regulando,
 Que cada dia estais, Senhor, obrando,
 Parecem ser mui poucos vossos anos
 Para tantos projetos soberanos.

Nasceu convosco a glória Lusitana,
 O respeito, o valor, e a gentileza:
 Em vós cresceu isenta, e soberana
 A Majestade, [o brio], e a grandeza
 Que se os anos cresciam,
 As grandezas aos anos excediam;

Porque foi vossa emprêsa
 Dever mais à razão; que à natureza;
 Para que a pensão da frágil vida
 Em vosso ser se visse desmentida
 Assim soube a Deidade
 Transcrever, de tão alta Majestade,
 Em vossa Majestade o mor transunto
 Para ser das idades digno assunto.
 Feliz pois, e sempre Majestosa
 Vossa vida conserve o Céu benigno;
 E séculos contando numerosa
 Vença da morte o bárbaro destino;
 Assim com vivo alento
 Sereis ao mundo todo alto portento;
 Que um Rei tão sábio, e justo
 É bem Reine feliz, viva robusto:
 E exaltando do Luso as Sacras Quinas
 Cause aos Bárbaros pasmo, assombros, ruínas.
 Viva com fausta pompa:
 Atropele feroz, valente rompa
 Do inimigo infiel os altos muros,
 Que vivendo tal Rei, são mal seguros.
 Canção o teu desejo
 No meu afeto executado o vejo:
 Não sejas excessiva:
 [Acaba] tu, mas dize que El-Rei viva:
 Disse

Do Acadêmico Inflamado
João Alv'res Soares.

In laudem Serenissimi Rex Ioan V e Sophia
 Matre Nati. 22. die octobris

ELOGIUM

Verum te Philosophiae partum esse,
 Cum e Sophia Matre ortum habuisses,
 Facile erit demonstrare,
 Non topicis quidem argumentis.
 Et quod primum occurrit ad Philosophiae Limen,
 Terminus est.
 Nec aliud in te prius aspicitur,
 Quam nobilitatis, ac uirtutum omnium terminus.
 Occurrit praeterea negatio,

Quam a rerum natura uerax remouet Philosophia.
 Nec illam admittere uoluit
 Cum te peperit Sophia:
 Res enim minima negatio est;
 Quidquid autem interest, maximum est.
 Dum te praestantissimae rationis compotem dedit
 Nobilis illa, laudandaque genetrix,
 Entia rationes neruose tuentes consequitur,
 Ipsosque resicit, dum te non fictum sed
 [uerum,
 Dumque entia rationis non uera, sed ficta contem-
 [platur;
 Problematicam in hoc puncto questione instituens.
 Superest Metaphysicorum graduum laboriosa
 [constructio
 Per quos, ad felicitatis culmen peruenisti, Rex
 [Augustissime.
 Dum, qualisnam sit uara uniuersalis materia,
 [inquirimus,
 Sola placet Realium opinio;
 Cum enim magna sit uirtutis tuae,
 Tuique sanguinis claritas,
 Iure merito res puitur fastidiosa Nominalium
 [confusio.
 Nullum etiam in te uisitur Analogiae fundamentum,
 Inter te enim, aliosque piissimus Reges,
 Incolendis uirtutibus, litterisque, et armis
 Maxima est conuenientia;
 Quorum certe augmentum a te maxime
 [pendet.
 Ex quo euidenter inferam necesse est,
 Nullam in te fieri posse
 Diuina uirtute inhaerentiam;
 A nemine enim dependes dependereue
 [potes,
 Omnis tamen a te, ut a supremo capite, dependent,
 Vt quotidie [...] fami perendi supplicio damnati
 [testantur.
 Hic iam calamo sisto,
 Interim tamen agnosci, lector,
 An haec pro laudando Rege demonstratio
 Concludatur in Caesare, an potius ante Caesarem,
 Excellentissimo scilicet Pro-Regem
 Vascum Ferdinandum Caesarem.

[Sem indicação de Autor]

Serenissimo Augustissimoque Regi Ioanni V.
cuius natalitium contigit uigesima 2 die
octobris.

EPIGRAMMA

Illa dies, habuit qua Lusitania Regem,
Qua Dominum uidit Lusa corona, redit.
Nunc redit, insonuit qua longo murmure Ganges,
Qua furor accreuit Martius, illa dies.
Illa dies, albo semper signanda lapillo,
Qua tetigit plausus Sidera celsa, redit.
Nunc redit, et sempre redeat faustissima nobis,
Qua te nascentem uidimus, illa dies.
Illa dies, totum qua uultu Phoebus Olympum,
Qua terras sparsit splendidiore redit.
Aeternum uiues, Luso si dicere regno
Aeternum ualeam, nunc redit illa dies.

[*Sem indicação e Autor;*

letra do mesmo copista da
composição anterior]

Serenissimo Augustissimoque Rei Ioanni V
cuius natalitium contigit uigesimo 2,
die Octobris.

EPIGRAMMA

Quisnam ego te potero sectari plausibus? anni,
Omnis terra, tui cum numerantur, ait.
Quo tanti cultu Regis uenerabimur aeuum?
De summo resonant sidera clara polo.
Stant ubi festiui titulis insignibus arcus?
Ingenti diues Lysia uoce petit.
Sic tellus, Caelumque colit, sic Patrius annos
Limes, et est toto quidquid in Orbe, tuos.
Viue diu, clamat tellus; ter sidera clamant,
Viue diu; clamat Lysia, uiue diu.

[*Sem indicação de Autor*]

Felicissimo, Augustissimi Lusitaniae Regis
natalitio uigesimo secundo die octobris

ELOGIUM

Non die tantum, sed mense etiam mensurandus est
Tantus Lusitani Orbis Moderator; nec non felicissi-
[mum ipsius natalitium.
Perfectam tamen mensuram, quisquis Regis
[laudes intendit,
Cum omnes superet, non spectet, sed
[imperfectam,
Et quae satis omnibus sit ad dignoscendam
Tanti Principis magnitudinem. Mensis
[igitur,
Quo Augustissimi Regis natalitium excolimus,
Inuictus olim appellabatur; hunc merito,
Vt in lucem prodiret, elegit mensem;
Inuictum enim Principem non nisi Inuicto
[mense
Enasci fas erat. Quidquid in illo uisitur,
Inuictum est. Inuicta Pietas,
Qua magnificos Templorum apparatus non tantum
[contemplatur;
Sed ad Numinis cultum parare iubet.
Inuicta in obseruandis legibus cura,
Quarum dum nec apicem practerit,
Ad sublimem uirtutis apicem conscendit.
Inuicta etiam ipsius Iustitia, qua supplicibus
[dignitatis donat;
Suppliciis uero superbos damnat;
Qua ipsos etiam aulicos piarum legum
[uiolatores
A regiis aulis expellit; qua demum
[Astraeam,
A terris profugam, et exulantem,
Ab astris potuit reuocare. Patet igitur,
Quam merito Inuictum Mensem
Nobilissimae Lusitaniae Rex multiplici titulo
[Inuictus,
Vt nasceretur, elegerit. Alii te dicant
[Inuictum,
Inuicitissimum te dico, Rex maxime.

[Sem indicação de Autor]

Ad Serenissimum Dominum Dom Ioannem
 Quintum, Lusitaniae Regem, qua luce Bahiae
 instaurantur eiusdem Natalitia.

EPIGRAMMA

Vna hilares ortum Regni excepere Dynastae,
 Maxime Rex, populi laetaque turba, tuum.
 Lysia, te nato, se totam in gaudia fudit,
 Soluit et in plausus Brasila Terra sinum.
 Scilicet Imperii tractandas sensit habenas,
 Felici per te scepra regenda manu.
 Iusserat hoc Genitor de te sperare: futura
 Nempe sub auspiciis prospera Regna tuis.
 Quid ni Regna Dii tanto sub Rege secudent,
 Cui Pater Imperii iure Secundus erat.

[*Sem indicação de Autor*]

Natalem diem sortitur Serenissimus Lusitaniae
 Rex, Dominus Ioannes Quintus, prope finem
 Octobris, cum, iam hieme incloata, plus
 solito Venti desaeuiunt, etc.

ELOGIUM

Posuisti Rex augustissime, exordium uitae,
 Sub ipso Solis abscedentis exordio.
 Proditurum in lucem Sol te praesensit, et fugit;
 Quod Lusiadum Caelum, nedum Regia, duos non
 [caperet.
 Nascentem sibi Lysia gratulatur Octobris mense,
 Sub hiemis appetentis initio,
 Quasi uero ad maxima initiatum Naturae suffragio.
 Visa, te nato, hibernare populorum uota,
 Quae tui uere ortus ardore flagrauerant.
 Et tunc quidem se merito in se ipsam Pomona
 [collegit,
 Quod datura te unum ex regio stipite fructum,
 Pene totam facunditatem expendit.
 Ea natus es anni tempestate,
 Qua Mortales incipiunt, ut frigoris urgente,
 [rigriscere:

Sub te adeo creuit Lysio sapientia Regno,
 Vt plaga iam doctis non uacet ulla uiris.
 Vnde sed ornandae tanta est tibi cura Mineruae?
 Vellicat unde Deae pectora tantus amor?
 At memini: quae te genuit, Rex inclute, fuit
 Quin etiam matris more, Sophia fuit.

[*Sem indicação de Autor*]

Qua die nascitur Serenissimus Lusitaniae Rex,
 Dominus Ioannes Quintus, apud [Boeotios]
 Ioaniae Palladis sacra celebrabantur, in
 templum confluente populo [utue] paratum
 testaretur ad omnes hostium motus sub
 Diuae tutela dimicare.

EPIGRAMMA

Palladis Ioniae qua publica sacra parantur,
 Dicitur hac Genetrix te peperisse, die.
 Hinc te ego tutandos et suscepisse clientes
 Arbitror, et cultum conciliasse Deae.
 Perge Iouis Gnatae per regia dona probari;
 Munificam Diuae reddere perge uicem.
 Ex te iure sui qualem Tritonia curam
 Posceret, in docti Numinis adde gregem
 Nam quibus illius longe tuearis alumnos,
 Diua dabit clypeum, telaque Diua dabit.

[*Sem indicação de Autor*]

Em louvor dos anos da suprema Majestade
 do nosso soberano mui alto e poderoso
 Monarca D. João Magno que Deus
 Guarde 5.^o no nome.

SONÊTO

Sete lustros, ó Pátria, prazer quanto!
 logra feliz da primavera grata,
 teu Rei, que Imperador se retrata,
 Magno João V do mundo espanto.

Que por Letras, e armas subira tanto,
 quanto dêle publica a fama exata,
 com Buzina de ouro clarim de prata,
 dando glória à Igreja, extinto o pranto.

Jardim para o Céu fará esmaltado,
 com as armas do excelso onipotente
 que para êle lhe foi já decretado.

João escolhido por excelente,
 reformador da Igreja sublimado,
 por Deus será do universo o regente.

[*Sem indicação de Autor*]

Conferência de 22 de outubro

Segundo Assunto

Foi o segundo assunto uma Açucena

Ao segundo assunto.

REDONDILHAS

Quem a açucena retrata
 De riqueza acha um tesouro,
 Pois que com badalos de ouro
 É campainha de prata.

Campainha, que os agrados
 Sem falar, tão atraídos
 Deixa, que abstrai os sentidos
 Com mudos, e doces brados.

Ser nata, que exala olores,
 Não lhe é impróprio epíteto:
 Do jardim é o mais seletto,
 Porisso é nata das flôres.

O bom leite as natas deu;
 Ela é tão doce e grave,
 Que parece por suave
 Na Via Láctea nasceu.

Nata, que faz se suspeite
 Ser dos mesmos Céus carícia,
 Se para os olhos delícia,
 Para o olfato deleite.

Ela ensinou no jardim
Com sua graça extremosa
A ser continente a rosa,
A ser cândido o jasmin.

A rosa, que coroadada
De ser mui pura se preza,
Porque ela a vence em pureza,
Tomou côr de envergonhada.

O jasmim, que imaginou
Ser mimo da formosura,
Quando lhe viu a candura
Fêz-se branco, e desmaiou.

Certa flor com presunções
Que Angélica [jerarquia],
Sei que nela, quando a via
Achava dominações.

As Mosquetas desafia
No odorífero, e no branco,
Porque posta em campo franco
Não teme a mosquetaria.

O arminho de assustado
Com ela a partidos veio;
Porque em alvura, e [asseio]
Ela é arminho do prado.

Madruga para dar salva
A Flora com seus candores;
que o dia, em que nascem flôres
Tem a açucena por alva.

Sua gala é já sabida,
Pois vemos que sempre anda
Ora vestida de holanda,
Ora de cambraia vestida.

E nem porisso se atreve
O frio a fazer-lhe mal;
Antes nela é natural
Andar coberta de neve.

Muitos de aljôfar fragrante
O apôdo quiseram dar-lhe;
Também podiam chamar-lhe
Alabastro vegetante.

Em tôda a flor suavidade
Sempre o nosso gôsto sente;
Mas a açucena é sòmente
A que nos deixa saudade.

Enfim por ser a mais bela
Tem nobreza, que lhe sobre;
E a rosa com ser tão nobre,
Não é tão branca como ela.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Ao assunto LÍRICO.

ROMANCE

Nasce a mimosa Açucena
entre alegres esmeraldas,
belo brinquinho de neve,
airoso disco de prata.

Corta-lhe Flora o vestido
da mais transparente holanda,
que como é tão peregrina,
outra qualquer gala estranha.

Assim de pontinho em branco
sai ao Prado tão bizarra,
que ainda invejosas as flôres,
lhe não põem nota, nem mancha.

Umaz espiguilhas de ouro
traz por desdém na grinalda,
mas onde só reina o belo,
o rico val quase nada.

É tão zelosa da honra,
por natureza tão casta,
que por que ninguém lhe toque,
sempre anda dependurada.

Faz-lhe a Rosa mil cortejo,
tôda carmim de assustada,
cuidando que como Cetro
das flôres se lhe levanta.

Toma mil formas o Cravo
por ver se o agrado lhe capta,
belo Proteu nas figuras,
florido Jano nas caras.

Lá nesse Entredouro, e Minho,
de Capitão come praça,
tem por sócio a flor gigante,
e as mosquetas por armas.

Noutras partes de Almirante
arrasta bandeira a quadra,
como quem viera a pouco
dessa Arrochela de França.

Aqui de encarnado veste,
ali de branco se traja,
mistura às vêzes as côres,
sempre o mesmo na esperança.

As Angélicas de chusma,
sôbre Tôrres se levantam
a cortejar-lhe a candura,
ou a beber-lhe a fragância.

Os Goivos e os Jacintos
lhe preparam várias danças,
guia o Caracol as voltas,
e o Suspiro arremata.

A Tulipa, e a bonina
acodem sempre galhardas,
o Cravo como viola,
se apura na consonância.

Não falta o amor-perfeito,
se amor-perfeito inda se acha,
depois que vil mercador,
fêz das finezas ganâncias.

Se se não rende a Açucena,
a todos se ostenta grata,
que não despreza os cortejos,
quem soube nascer tão branca.

Com estandarte de Paz
segura as flôres a estância,
sem mais armas que a beleza
sem mais império que a gala. (1)

De Francisco Pinheiro Barreto

Vigário da Igreja de São Pedro.

Ao Segundo Assunto.

SONETO

Aturdido me vejo sem saber
Como hei de u'a açucena debuxar:
Se em minha vida vi Coge, cofar
Como o pôderei nunca descrever?

Confesso que não sei que hei de dizer
Nem menos com que a hei de comparar?
Receio de algum nome lhe chamar
Que me fustigue Apolo se o souber.

Pois de várias pessoas me informei,
Dizem que é branca, e que não cheira mal,
Que cinco fôlhas tem, e o que eu não sei.

Mas ó que frioreira tão sem sal!
Como diabo o soneto assim acabei
Tendo tanta açucena o meu quintal?

De Pero Botelho Caldeira.

[OITAVA]

Aurora florescente, Alva brilhante,
Se Broche de Marfim, laço argenteado,
Jóia de aljófar, pérola fragrante,
das Florestas Arminho, Águia do prado,
Alabastro em Cristal, Jaspe em Diamante,
Rasgo de neve em branco copiado,
Retrato de candor, lâmina pura,
pode ser da Açucena hoje a pintura.

Francisco Xavier Caput.

(1) A última quadra está escrita com letra diferente.

Ao segundo Assunto.

DÉCIMA

Se dizem todos, que a Rosa
 é a melhor entre as flôres:
 eu acho, que em seus candores,
 a Açucena, é mais garbosa;
 porque se a Deusa formosa,
 da côr purpúrea, a vestiu
 então alma lhe infundiu:
 mas a Açucena brilhante,
 amena, bela, e fragrante,
 sempre animada se viu.

Por Manuel de Mesquita Cardoso.

Assunto

Descrever uma Açucena.

SONETO

Em Salva de esmeralda posta a neve,
 espuma em verde mar, cristal vistoso,
 um copo de Diamante precioso,
 bandeira que tremula ao vento leve;

Estrêla reduzida a têrmo breve,
 de Alabastro gomil aparatoso,
 arminho, ou Cisne, em campo deleitoso,
 com seu pé a Açucena se descreve:

Se eu tiver a ciência, que alcançara
 a dizer como quero, seus louvores,
 o que a Açucena é, eu o mostrara:

Só direi, que na vista, e nos candores,
 se de noite a encontrasse, me assombrara,
 parecendo-me ser alma das flôres.

De Antônio Ribeiro da Costa.

DÉCIMA

Se a idéia me não engana,
 digo no assunto presente
 que Açucena certamente
 é u'a môça Castelhana:
 não sendo pois Lusitana,
 c'o (sic) Espanhol se condena,
 pudese encolher a pena;
 pois se venho a descrever
 sem sílaba lhe comer,
 ela me admite **A su cena.**

Do Careta das Sortes

André Cravalho.

Ao Segundo Assunto.

DÉCIMAS

Para Rosa vos chamar
 ou por cândida, Jasmim,
 entendo, não posso assim
 vossa beleza explicar.
 Cuido na Mosqueta achar
 paralelos, por cheirosa:
 mas vós, sempre desdenhosa,
 me respondeis, com tôda Alma,
 isso não que eu levo a Palma
 ao Jasmim, Mosqueta, e Rosa.

Se Jasmim, Mosqueta, e Rosa,
 não vos podem descrever,
 que flor, logo, pode haver
 tão feliz, e compendiosa!
 E se vós; por mais formosa,
 mais que as outras, ser quereis;
 vós mesma, a cópia sereis
 de tão belo original;
 porque só, com cópia tal,
 bem descrita ficareis.

Por Jacinto Ferreira Feio de Faria.

Ao Segundo Assunto.

SONETO

São desmaios de Flora, ou são candores
d'Alva, êsses que vês nesta Açucena?
fragrante neve de Pancárpia amena,
Âmbar, que o Sol floresce entre os ardores?

São os que a Aurora condensou Albores
cândidos Astros da manhã serena;
da inocência esplendor, perdão da pena,
da pureza Crisol, glória das flôres.

O Sol com ouro da Açucena esmalta
o seio virginal, que se namora
do Candor puro, com que a flor se exalta;

Das boninas o Cetro lhe dá Flora:
a Rosa da eleição se sobressalta
que é Sol do prado, se a Açucena, Aurora.

Do Acadêmico Nebuloso

[*Caetano de Brito Figueiredo*]

Ao segundo.

SONETO

No hemisfério da luz, príncipe claro,
Luminar é primeiro o Sol do mundo;
entre as estrêlas luminar segundo,
da Cíntia a noite rutilante amparo:

Nasce rosa dos Céus o Sol preclaro;
pois Monarca é das luzes rubicundo,
branca açucena do jardim rotundo
é de Endimião o ídolo mais claro:

Diana lá nos Céus brilha formosa,
da castidade flor clara, e amena,
em que a pureza vive majestosa,

Das flôres pois na eclíptica serena,
ou no jardim dos Céus, se o Sol é rosa;
é nos Céus do jardim Lua a çucena. (sic)

Do Ocupado.

[*Luís de Siqueira da Gama*]

DÉCIMAS

Nevado Arminho de Flora,
 a quem o jardim venera
 por mimo de Primavera,
 por respiração da Aurora.
 Se as lágrimas que ela chora
 avantajais flor mimosa
 na candidez, mais formosa
 fôreis, a não ter a pena
 de nasceres Açucena
 também com pensões de Rosa.

Porém vós com mais ventura
 do que a rosa em seus alinhos
 Sem a pensão dos espinhos
 ostentais a formosura.
 Se ela no cármim que apura
 a Vênus deve a beleza,
 vós deveis à natureza
 Ser [jeroglífico] breve
 em carambanos de neve
 das mais cândida pureza.

Nasceis com nevado alarde
 Ostentando a pompa vã
 para a glória da manhã,
 para ludíbrio da tarde.
 E sem que a neve vos guarde
 das luzes, que Febo espalha,
 da mesma roupa vos talha
 com pena, e com maravilha,
 a Aurora branca mantilha,
 o Sol cândida mortalha.

Neste de chammas compêndio
 em que a sorte vos expõe
 não sei como não se opõe
 tanta neve, a tanto incêndio.
 Entre um, e outro dispêndio,
 que vós tendes, e o Sol tem
 de neve, e raios, se deve
 presumir, que sem desmaios
 do Sol, se gelam os raios,
 se acende em raios, a neve.

Do Acadêmico Infeliz
João de Brito e Lima.

Na descrição de uma Açucena.

SILVA JOCO-SÉRIA

Concluída a função, dado êste assunto
 Que porque me esqueceu logo, o pergunto
 Ao Senhor Anastácio, e êle me informa
 Que um assunto com outro se conforma,
 Porque senão Real ou Heróico, entendo
 Que Real fica o Lírico a que sendo
 Por tratar da Açucena
 A quem chama de um Sábio a douta pena
 Flor Real, e diz bem pois na verdade
 Com razão se a vincula à Majestade,
 Para lograr na nossa Academia
 O trono, a pompa, o fausto, a regalia
 Que por formosa, singular, e rara
 O [Cesário] Palácio lhe prepara
 Hoje que com conceitos soberanos
 Os Poetas discorrem sôbre os anos
 Dêsse Monarca V que no Mundo
 Por ser sempre o primeiro é sem segundo.

Agradou-me o conceito
 Que se faz pelo objeto bem aceito,
 Porque os anos melhores
 Sempre tiveram conexão coas flôres.

Mas como eu não sabia
 Que a Açucena a houvesse na Bahia
 Comecei a buscá-la como um louco,
 Quando daí a pouco
 Pois no pátio me achava do Destêrro,
 Cuidei na minha morte, e o meu entêrro,
 Porque diz logo a outras certa Freira
 Menos discreta em tudo que faceira:
 O Acadêmico intruso é já chegado,
 Manas, como êle vem todo assanhado!
 Façamo-lo bater com a mão na calva,
 Seja a primeira salva
 Um mote de repente
 Por que fique corrido entre essa gente
 No caso que o não glose,
 Ó meninas lhes digo, êsse bem goze
 Quem exalando a alma
 Chega por esta calma

Por achar nessas flôres, para a pena
 A melhor descrição de uma Açucena.
 Assim que de carreira venha o mote
 Porque o hei de glosar, mais que de trote.

Lá vai, e é o seguinte, diz a Freira
 Que glosei bem ou mal desta maneira.

Mote

Que coisa é uma saudade?

Glosa

É menina u'a Açucena
 que da vara divertida
 conservando-se florida
 despreza da ausência a pena:
 a fenecer a condena
 o rigor da soledade,
 mas como ama de verdade
 firme, quando ausente fica
 por lhe mostrar minha rica
 que coisa é uma saudade.

Bom bom bom repetiram várias vêzes,
 Deram escarros para quatro meses,
 Houve o victor feição, a pateada,
 A infinita palmada,
 Finalmente, Senhores, tudo houve,
 Pois não falta já hoje quem me louve
 Lá, e cá porque meto os meus versinhos
 Donde há tantas Silvas como espinhos.

Querem mais, minhas Donas, lhes pergunto,
 Porque é e não é êste o assunto
 Sôbre que hei de mais dia, ou menos dia
 Enviar u'a Silva a Academia.

Sai-me a Sacristanita, Deus lho pague,
 Porque quando eu espero que me afague
 Para muitas mais glosas
 Com um papel de cravos, ou de rosas,
 Me diz: pegue na pena,
 E descreva por esta outra Açucena.

Recebi com agrado
 O papel, mas fiquei logo assustado
 Por achar então nêle quando o abro
 A manopla que apaga o candelabro
 Em quarta, e quinta-feira,

Dada por uma Freira
Que ficou desde então coas mãos rombudas
Por haver dado a mão à mão de Judas.

Ó que consolação para quem busca
A Açucena mui clara, e lha dão fusca,
Para ser já de todos **com espanto**
Açucena de encanto.
Que sonhada porque de prata se orna,
Vista, em mão de carvão tôda se torna,
Com que a Senhora Freira
Pondo-a quando se deita a cabeceira
Ou mexendo com ela as suas migas
Possa dar a algum tôrto quatro figas.

Este caso, Senhores, referido,
E a dois grandes Poetas sucedido,
Saibam que é verdadeiro, e tem mistério,
Porque grave, sisudo, e todo sério
Trago para os aplausos dêste dia
Pela mão u'a Freira à Academia
Em que of'reço também largando a pena
O melhor exemplar de u'a Açucena.

de Frei Avertano de Santa Maria.

Descrição da Açucena.

Pelos dez Predicamentos.

ROMANCE

Dentre o verde mar das fôlhas,
Adonde em fragrância nada,
Cândida Vênus da espuma
A Açucena se levanta.
Depois que foi Adônís flor amena,
Vênus se converteu em Açucena.

Mas Aurora, mais que Vênus,
Do Prado no Céu se aclama,
Pois sôbre hemisfério verde
Abre os seus raios de prata;
E mostrando no Oriente visos d'alva,
Os pássaros lhe dão canora salva.

Porém como os raios, que abre,
São as línguas, com que clama,
Bem que vozes não profere,
Articula mil fragrâncias,
Que em desafagos de âmbar aparelhas
Ao Prado convidando estão abelhas.

Parece que a Natureza
Pela Açucena declara
A sinais, senão a vozes
De todo o Prado as bonanças;
Pois por ela segura a verde esfera
Com bandeira de paz a Primavera.

Porque, nada ao gôsto inveja
O olfato, que se regala,
Dá-lhe em copa vegetante
Quanto em 'néctar lhe consagra,
Ofrecendo as delícias Abril franco
Em pratos de esmeralda manjar branco.

Entre as mais flôres Princesa,
Fazendo cetro da vara,
Soberanias respira
Do Zéfiro cortejada;
E sôbre o verde trono, em que se embala
Ostenta ao Campo sua branca gala.

Desatando a Natureza
Sôbre lenço de esmeralda
Odorífero alvaiade
Só com claros a retrata;
Se não é que talha de alabastros,
Estrêla d'alva a fêz entre os mais Astros.

Como alva do Sol aos raios,
Se não se esconde, desmaia;
Mas metendo n'água o pé
Do acidente se repara;
Se bem que pouco dura, pois se talha
Na Holanda, de que veste, já a mortalha.

Em Chipre donde nasceu
Cupido buscando a mama,
Com ela, em lugar das tétas,
Muitas vêzes se enganava.
Mas que muito se tem na face pura
De leite virginal tanta brancura?

Para ser única em tudo,
 Quando não das flôres garça,
 É cornucópia olorosa
 De donde a fragância mana.
 Pelas mais quanto cheiro se reparte,
 Nela está todo junto em qualquer parte.

Porém tôda esta excelência
 São tributos da desgraça,
 Que a flor de mais privilégios
 Com mais brevidade passa;
 Pois que aos raios do Sol, com quem compete,
 Exalação de neve se derrete.

Enfim não consente o tempo
 Avaro de tanta graça,
 Que dure muito a Açucena
 Para ser mais desejada;
 Porém já por costume antigo o fado
 Contra o que mais se estima anda apressado.

Aqui fenece a Açucena,
 E o Romance aqui se acaba,
 Mas se estou bem nos meus treze,
 Não deve aos melhores nada;
 Pois nenhum, tendo feito mais de um cento,
 Fiz de tanto já mais predicamento.

*De André de Figueiredo
 Mascarenhas.*

Descreve-se a Açucena.

DÉCIMAS

De rica cambrai vestida
 Nasce em verde almofada
 U'a Ninfa, já calçada
 De esperança a breve vida.
 Na cabeça traz metida
 De prata u'a pluma bela,
 E tem no remate dela
 Topázios com tal ventura,
 Que como a Ninfa é tão pura
 Já lhe estão pondo a Capela.
 Esta, quando em sua Aurora

De aromas recebe a alma,
 Das fragrâncias leva a palma
 No Império da Deusa Flora.
 Assim nasce; e na mesma hora
 Por que seja conhecida,
 Açucena se apelida;
 Porque só tal nome encerra
 Tal tesouro, que na terra
 Nasce como flor polida.

de Antônio de Oliveira.

[Assinatura com letra diferente]

Na descrição de uma Açucena.

SILVA

Manda-me hoje, Senhores, a Academia
 Que as Conferências siga,
 Porém nesta me obriga
 A que pegue na pena
 Para lhe descrever u'a Açucena,
 Como que se eu das flôres no concreto
 Aprendera algum dia a ser discreto,
 Ou tivera nas flôres, como Plínio,
 Para descrever esta algum domínio;
 Sendo que eu de Açucenas um canteiro
 Desejara aqui ter agora inteiro
 Para que se qualquer cópia me dera
 Não só u'a, mas tôdas descrevera.

Confesso na verdade
 Que [ornando] os jardins desta Cidade,
 E por mais que esta flor no peito estampo
 A não a achei buscando-a em todo o campo,
 Porque a fui descobrir quáse por êrro
 No jardim, ou no claustro do Destêrro
 Para que em tão riquíssima floresta
 A Academia de flôres faça a festa
 Com um grave sucesso a cuja norma
 Dou princípio, e é o caso nesta forma.

Chego pois ao Destêrro, como digo,
 Onde exposto ao perigo
 De não achar a flor que então buscava,

Quando vi que u'a mão à roda dava
 Volta tão oportuna
 Que a julguei para mim ser da fortuna,
 Pois das flôres em tudo sem agravo,
 Não sei se era Açucena, ou se era cravo
 Que o desejo na roda me pregava
 Por ter mão na fortuna que eu buscava;
 Sendo que no seu giro
 Mais que Açucena Girassol admiro,
 Porque ao Céu voltas dando
 O mesmo Sol que a move ía buscando
 Como quem se não priva
 De andar por amante em roda viva.

Isto visto, e suposto
 Saiba quem fôr dotado de bom gosto,
 Que já estava, pois tanto da flor gosta
 A Açucena na roda de mão posta
 Para dar a Academia que m'ordena
 A melhor descrição de u'a Açucena.

Era pois o melindre da mãozinha
 Que vi penduradinha
 Ali quase ao descuido
 Tão alvinha em extremo que então cuidou
 Que de cândida neve se formava,
 Ou que em puro cristal se transformava,
 Sendo que se em meu peito então tocara
 Sei eu que de improvisos êle a abrasara,
 E o cristal congelado derreteria
 Quando em chamas a neve convertera
 Porque se visse arder em tempo breve
 Em meu peito o cristal, e a mesma neve.

Eram os seus dedinhos
 Tão perfeitos, e tão delicadinhos
 Que ornando a mão tôda
 Com estar esta sempre afeitada à roda
 Só nos dedos lograva o seu adôrno
 Por ser qualquer dos cinco feito ao tórno.

Mas quem vira a mão cheia entre essas flôres
 De tantas perfeições como primores,
 Que dissera apurando-lhe o retrato
 Se não que era a Açucena de que eu trato,
 Para o que mostrarei no que a ambos [toca]
 Como aquela com esta se equivoca.

É a Açucena entre as flôres tão formosa
 Que inda excede no garbo a mesma Rosa.

É por cândida, e pura
O realce maior da formosura.

É o mimo de Flora,
Retrato da Alva, emulação da Aurora,
Porque se esta de nuvens faz escolhas,
E em crepúsculos rompe, aquela em fôlhas;
Donde nuvem de cinco ali formando
Ao Sol vai convidando
Para que retroceda, e se recolha
Na Esfera melhor de qualquer fôlha
Em que havia deixado em tudo grato
O seu áureo retrato
Para inculcar com arte, e com destreza
Um prodígio maior a natureza.

Ora vejam, Senhores, se pudera
Qualquer que esta Açucena descrevera
Mostrar-lha mais galharda, e lisonjeira
Do que na mãozinha de uma Freira.

Nela se acha a candura,
O Sol, e a formosura,
Nos dedos fôlhas cinco,
Em cada qual um brinco,
E do mais que descrevo tão sucinto
Na roda um Labirinto
Que o discurso me prende,
A voz me embarga, e a pena me suspende.

Ó que agora sei eu que com verdade
Significa a Açucena saudade
Pela com que me deixa, e enfim me causa
Esta em que faço conclusão, ou pausa,
Para que com pincel menos grosseiro
Possa o mais retratar, meu Companheiro.

Por Anastácio Ayres de Penhafiel.

Ao Segundo Assunto, em que se manda
descrever uma Açucena.

SONETO

Neste quadro terrestre, várias flôres,
se pintam de notável formosura,
sendo os claros, que dão lustre a pintura,
a côr branca que esmalte é das mais côres.

Entre as quais certa flor, que em seus verdores,
sai do berço trajando neve pura,
gala, e lustre fazendo da brancura,
equivoco de aromas, e candores.

Jactanciosa de ser mimo de Flora,
depósito nevado, ou urna amena,
das lágrimas, que verte a bela aurora.

Merece objeto ser de tanta pena,
que a glória lhe concede de Senhora,
das mais flôres, por ser branca Açucena.

Do Licenciado Jorge da Silva Pires.

A uma Açucena. Assunto lírico da presente conferência.

DÉCIMAS

Belo feitiço de Neve,
do Prado pompa luzida
para flor muito crescida,
para Estrêla muito breve.
Quem tanto aos aromas deve,
quem deve ao Sol tal candor,
em duplicado primor
entre cheirar, e luzir
dificulta o discernir
quando é Astro, ou quando é flor.

Lograis em grau de fineza
que nenhuma flor iguala,
muito agrado pela gala,
pela côr tôda a pureza.
Empenhou-se a Natureza
em formar-vos bela, e pura
com tal primor na figura,
que em um tempo persuade
umas vêzes castidade,
outras vêzes formosura.

O muito que em vós se encerra
de beleza, assombros faz,
pois com bandeira de paz
pregoais às flôres guerra.
Zombais da Neve na Serra,

no Jardim fazeis conquista
de quantas flôres alista.
e em suavíssimo ornato
sois todo o emprêgo do olfato,
tôda a suspensão da vista.

Mas ó não façais firmeza
nos vossos frágeis primores,
porque a presunção das flôres
é tão vã, como a beleza.
Essa branca gentileza,
de que a vista faz escolha,
tantos alentos recolha
que a ser vaidades não passem,
pois como das fôlhas nascem
também se secam em fôlha.

Essa glória tão incerta,
essa Quimera de Flora
como são sonhos da Aurora
acabam quando desperta.
Estai Açucena alerta,
pois nos floridos ensaios
dos próprios Abris, e Maios
que as flôres dão tal estima,
se o candor d'Alva as anima
as murcham do Sol os Raios.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita.

Descrição de uma Açucena. Assunto lírico da
presente conferência.

SONETO

Essa flor, cuja Holanda veste Flora,
Por quem aromas o Jardim respira,
Que a faz a Neve parecer mentira,
Que lava as roupas no suor da Aurora.
Não Rainha nas selvas, mas Senhora
Podendo no que ostenta, e no que admira
Em brancura ilustrar quanto o Sol gira
Em cambrai enxugar quanto a Alva chora.
De cinco Raios é Estrêla pura
Em Nuvens de Esmeralda, em verde Esfera,

Ou cinge em cinco Zonas a Espessura.
Mas ardendo em candores se pondera
Sol do Prado em Zênite da formosura,
Das flôres Astro em Céu da Primavera.

O Acadêmico Vago

Sebastião da Rocha Pita.

Ao segundo assunto.

SONETO

Pompa do prado, jóia cristalina,
Que em belos seis carambanos nevada,
De bule bules seis se ostenta ornada,
Caramelo de holanda peregrina.

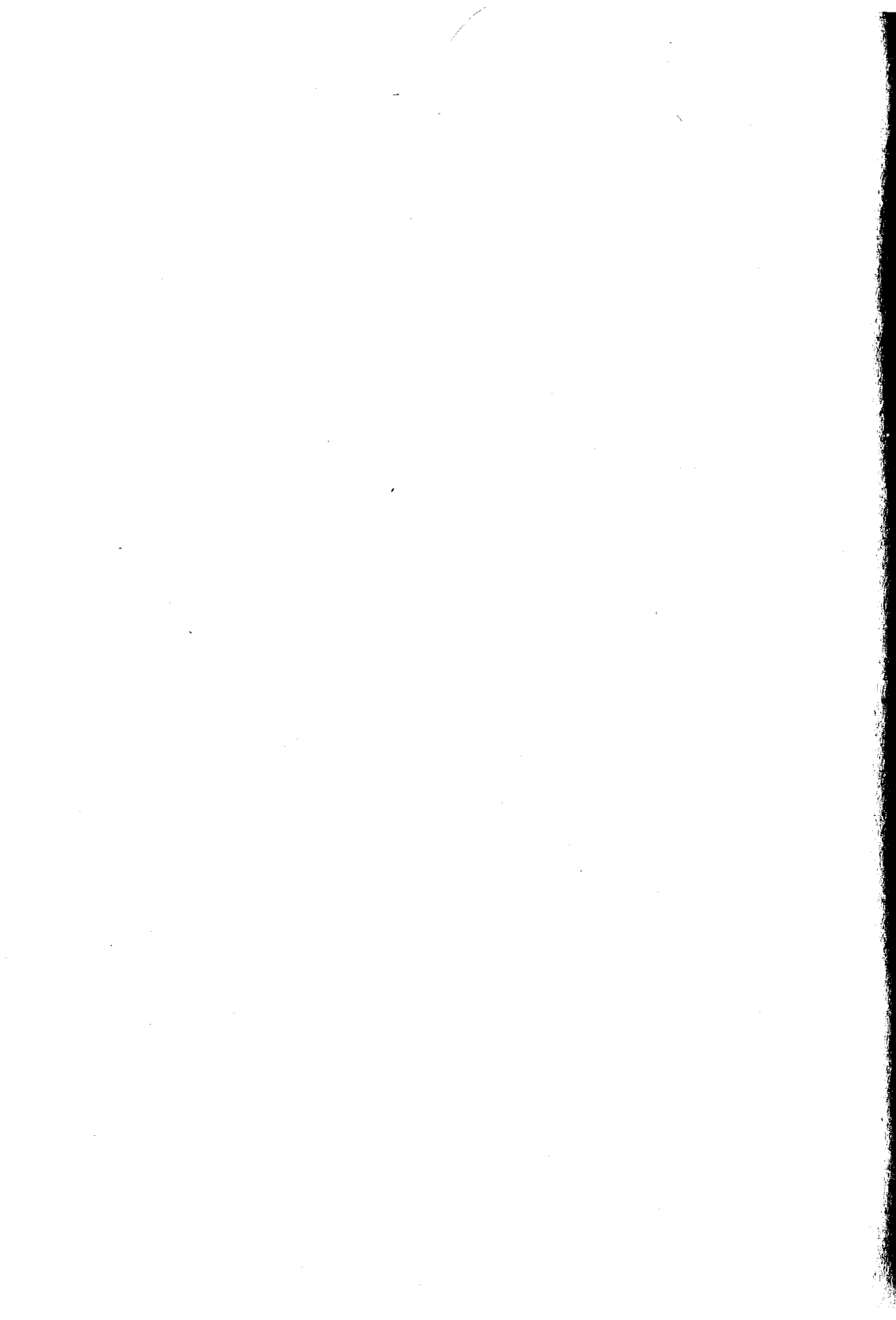
Asseado arminho, aljofarada mina,
Saliva de Almatéia almiscarada,
Cofre de aromas, que na madrugada
Pancaia alenta, Córdova refina.

Enleio de cristal, imanado olfato,
Melindre de cambrai, roupa de Flora,
Âmbar nevado, dos jardins ornato.

Esta a açucena é, se alguém a ignora;
Se os críticos murmuram do retrato,
Que outro melhor lhe faça algum agora.

De Jaques Draques Baques.

14.a CONFERÊNCIA
DE 12 DE NOVEMBRO



Discurso Acadêmico Recitado na Academia Brasilica Pelo Doutor Frei Ruperto de Jesus e Sousa Monje de São Bento

Se algum dia, Ilustres, e Sapientíssimos Acadêmicos, devia eu desculpavelmente gloriar-me, e exceder aquela baliza que o conhecimento próprio tem pôsto à minha verdade, neste seria, em que a generosidade do Nosso Excelentíssimo Protetor se dignou eleger-me Presidente desta Conferência, que com felicíssimo progresso celebra hoje na Academia Brasilica a vossa sempre grande, e nunca assaz louvada erudição. Esta é a única ação de Sua Excelência que a crítica mais escrupulosa poderia talvez chamar imprópria, [se o privilégio] de sua não a eximisse da jurisdição de Momo; porque em si mesmo assegura o acêrto quem obra como Príncipe, e como generoso. Príncipe entre os Planêtas é o Sol, e de todos os Astros o mais benéfico, e generoso nas suas influências: mas de tal sorte ilumina a eminência dos montes, que não despreza a humildade dos vales; a todos se estende a fecunda atividade de seus raios, elevando muitas vêzes a grandeza de nuvem o que há pouco era imperceptível vapor das ondas, rasteira exalação da terra.

Porém esta mesma glória, que podia ser justificado estímulo do meu desvanecimento, examinada à melhor luz é forçoso motivo do meu receio, pois me obriga a romper o silêncio, no qual (como diz A [...] álico) se qualifica de discreto o ignorante, e a aparecer neste lugar, onde à vista de tantos, e tão luzidos astros, se há de distinguir mais vivamente a espessa sombra do meu discurso. Refere-se no Apólogo, que o Leão Supremo Príncipe dos brutos convocara em certa ocasião tôdas as Aves a um congresso. Obedeceu logo a Águia generosa, a Fênix única, o Pavão vistoso, a Pomba cândida, o Cisne sonoro, o Rouxinol suave, e tôdas as outras, ornadas com a matizada gala de suas penas, com que as vestiu variamente a natureza: só o Corvo negro receava aparecer, porque era preciso fôsse maior a sua afronta à vista das engraçadas, e flamantes Côres das mais Aves. Porém como também a [êle] o compreendia o decreto, obedeceu reverente ao soberano império do Leão; e para encobrir industriosamente a miserável condição da sua

natureza, extraiu suavemente de cada uma das Aves a pena mais vistosa, com cuja variedade, e harmonia vestido, appareceu no Congresso formosíssimo. Mas o Leão conhecendo, como prudente, a indústria do Corvo, mandou-lhe, que restituísse as penas, que furtara: o que feito, ficou o miserável exposto à maior injúria, e nunca mais ligeiro voou para os desertos.

Não é isto, Senhores, o que succede hoje nesta Academia? Por decreto do generoso Leão, que nos preside, tem concorrido a êste Museu muitos, e engenhosos oradores, mais remontados nos vãos, do que a Águia, mais singulares no discurso, do que a Fênix; e compreendendo também ao Corvo êste decreto, faz o receio que seja sacrificio a mesma obediência, que em outras ocasiões fôra lisonja, com que a própria vontade se adulara; porque se encobrir os meus defeitos com as penas alheias, poderá [succeder], que sendo constrangido a restituí-las, fique manifesta a minha ignorância, e eu precisado a renovar entre tantos esplendores a infeliz tragédia de mal aconselhado Faetonte, e a imitar entre tantos Dédalos a Ícaro, a Márcias entre êstes Apolos. Absolvi-me pois de tão árduo, e rigoroso império, que nem a Zeuzis foi permitido [retrair] o Sol; também os Polidamantes, e os Encelados cederam ao pesado corpo do Ato, à soberba máquina do Cáucaso.

Mas já que os meus rogos não fazem na vossa humaníssima atenção mais movimento, que nos ouvidos de Ulisses o suave canto das Sereias, seja-me lícito preocupar a vossa censura com as mesmas palavras de Paulo, falando aos moradores de Corinto: **Insipiens factus sum, uos me coegistis**: Nem me digais depois o que o Cínico mordaz disse a certo homem, que se atreveu a discorrer prolixamente nas esferas, não sendo capaz de delinear um semi-círculo: **quam nuper e Caelo uenisti**: porque então vos redarguirei com o Grande Gregório: **boni auditores uerba non impugnant audita, sed credunt**.

Sacrificada pois nas aras do respeito a minha obediência, nenhum de vós pode ignorar a eleição do assunto, sôbre que hei de discorrer, porque o meu digníssimo antecessor [me] escusou esta fadiga não pequena, propondo na Conferência passada o mais heróico, que podia excogitar o seu agudo engenheiro, o mais sublime a que se podia elevar a sua profunda veneração, porque perguntava, qual está com mais estreito vínculo obrigado ao soberano presidio do nosso Excelentíssimo Protetor, se Goa, ou se a Bahia? A Ásia, ou a América? Aquela o adorou no campo valeroso Marte; esta o venera na [Cortina] Sapientíssimo Apolo: aquela o viu esgrimindo ferozmente a lança, esta o admira empunhando prudentemente o caduceu: aquela o imaginou banhado na Lagoa Estigia; esta o contempla exaurindo o suave

licor do Hipocrene. Finalmente aquela colocou os seus triunfos no templo de Palas; esta consagra os seus troféus nas aras de Minerva, e competindo, gloriosamente ambas fazem difficul-tosíssima a resolução da questão proposta.

Porém (murmure muito embora o Indo, brama enfurecido o Gânges) teu há de ser hoje o triunfo, [ó] Bahia venturosa. Tu hás de cantar a vitória, ó feliz América. Dilata pois êsse grande coração, que anima o portentoso corpo do teu âmbito, porque dentro em ti não cabe tanta glória, e para receber alegria tão extraordinária é pequeno o capacíssimo seio de tua dilata-da esfera. Êste dia deves contar-nos teus Fastos por mais célebre de todos, mais alegre ainda do que aquêle, em que renasceste como nôvo mundo no conhecimento do mundo antigo, que por tanto séculos, ou te ignorou, ou te esqueceu; porque então submergida na tua própria cegueira, e ignorância, que outra coisa era mais do que um caos horrendo, uma máquina rude, um corpo disforme, e uma confusão medonha? Mas hoje, renascendo de ti mesma, trocaste o arco pelo de Apolo (sic), as setas pelo caduceu, o penacho pelo louro, e o assovio pela fruta; e animada já com a superior luz da sabedoria começa a encher o mundo todo de novas suspensões, e esperanças.

Que suspensa! que pasmada estêve a Europa tôda com o teu descobrimento! Mas que admirada receberá hoje os preciosos frutos da tua Academia! Que soberba se jactava a Ásia com os gloriosos triunfos da tua espada! Mas que humilde a rendera hoje à tua pena. Não te acovardes ser de César aquela espada, que também é de César esta pena; e só desta pena podia ser vencida aquela espada. Do mesmo Sol são as luzes, com que brilha nascido no Oriente, e os raios, com que resplandesce exaltado no Zênite; mas sendo de um mesmo Planêta os resplendores, sendo de um mesmo Astro os luzimentos, é sem dúvida, que são mais ardentes os raios do Zênite, do que as luzes do Oriente: não poderia o Sol ser excedido de outra luz, que não fôsse do Sol; mas a si mesmo quando nascido pode exceder-se o Sol quando exaltado.

Mal poderia a Ásia nos gloriosos triunfos, que lhe conseguiu a espada do nosso Herói sofrer competências, ou excessos de outra pena, que não fôsse a sua; porém como o mesmo impulso, que então meneou a espada, move agora a pena, pode esta triunfar sem descrédito daquela. E por que se não entenda, que a América só pode vencer, calando-se a Ásia, levante a voz, e repita jactanciosa, e arrogante as grandes proezas, de que é devedora ao soberano objeto do problema.

Quase expirando estava a Ásia Portuguesa, esgotado todo aquêle generoso sangue, com que os antigos Lusitanos tinham

animado o grande Corpo daquele império, que enfraquecido por tôdas as partes, entre mortais desmaios, padecia as últimas disposições para cadáver. Já as nações Asiáticas ouviam sem terror o nome Lusitano, cuja espada sempre vencedora não era já temida, nem ao menos esperada. Pirateava o Angária sem resistência; represava o Melondi as nossas cáfilas; o [Arábio], feito árbitro da navegação, discorria orgulhoso pelos mares, roubando, destruindo, e assolando tudo, que encontrava. E o Canará soberbo, e arrogante dava leis àqueles mesmos, de quem as devia receber. Finalmente perdida a reputação das nossas armas, não havia bárbaro, inda o mais inerte e covarde, que sacudindo o jugo Português, não se atrevesse no tempo presente a vingar as afrontas recebidas nos antigos: [e] alcançando-se umas a outras as desgraças, não podiam os Portuguezes chorar as primeiras, sem que o seu pranto fôsse interrompido com o sentimento das segundas.

Este era o calamitoso sistema, em que se achava a Índia, quando na Augusta pessoa do Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses, incomparável Viso-rei daquele estado, lhe emanou uma nova luz, que desvanecendo as espessas trevas de tantos infortúnios começou a formar um claro dia de felicidades. Sabiam-se (sic) na Europa estas desgraças, que foram os interêsses, com que a Índia brindou ao nosso Excelentíssimo Viso-rei: e cuidou eu, que nunca se lhe mostrou a fortuna mais risonha, porque para os grandes Heróis a empresa mais [árdua é] lisonja mais aceita. Reputem a facilidade do triunfo por [fortuna grande]. [O]s corações de brios menos alentados, que a espada de Alexandre mais gloriosa fica, sendo mais intrincado o Gordiano. Esta é a razão, em que se funda o provérbio, que diz, que cada um é autor da sua fortuna: *Unusquisque faber est fortunæ suæ*: porque regulando-se as emprêsas pelo valor, é mais bem afortunada em consegui-las aquela, que é mais valente em cometê-las.

Porém conheceu a Índia, que ao invencível esforço do nosso Herói deveu as muitas, e grandes facilidades, que logrou em todo o tempo do seu govêrno, porque sabendo as nações Asiáticas, que era de César, a espada que se desembainhava contra elas e faltando-lhes escudo, proporcionado para rebater golpe tão valente, começaram tôdas a inquietar-se, e prevenir-se com recíprocas alianças, e socorros; como que se para o ardente impulso de raio fôra possível alguma resistência, por mais que o mêdo preocupe os corações humanos no fuzil do relâmpago, e no estrondo do trovão.

Mas que é isto, Ásia belicosa? Que nôvo susto te inquieta? Que receio te altera, e te perturba? Inquietou-se a Ásia, ainda

antes que a valerosa espada do nosso Herói descarregasse o fatal golpe, com que ameaçava àqueles bárbaros, porque éste é o privilégio de quem primeiro acomete o inimigo com a soberania do respeito, do que com a violência do golpe. Aquêlê generoso bruto, a quem a natureza, e o valor coroaram entre as feras, não necessita de fortaleza das garras para vencer, basta-lhe a majestade do rugido para triunfar; o congelado mêdo das outras feras é o primeiro troféu do seu valor.

Menos terrível aparece nas selvas Africanas o Leão, não se atemorizam tanto as feras com o formidável eco do seu rugido, quanto as nações Asiáticas se assustaram com a chegada do nosso Excelentíssimo Viso-Rei; bastou a presença para estrago, e para ruína excedeu o ameaço. Mas não pode a Ásia distinguir os triunfos, que deveu à soberania do seu respeito, e ao esforço do seu braço; porque emulando o nosso Herói o ueni, uidi, uici do primeiro César, logo depois de chegado abrasou com crua guerra as terras do domínio Canará por espaço de trinta léguas, que correm de Comutá até Mangalor, sem que a vigorosa resistência do inimigo fizesse outra coisa mais, que aumentar o crédito das nossas armas, de cuja fúria não escaparam as choupanas por humildes, nem as muralhas por soberbas: distinguindo-se [primeiro entre] as grandes proezas, que então obraram os Portuguezes, o assalto da fortaleza de Caliampor, executado com tanta ordem, e valentia, que em poucas horas, se viu reduzida a cinzas o propugnáculo mais forte daquele reino, cuja soberba lhe apressou a ruína; porque o estar mais perto de Júpiter é [talvez] disposição para parecer o maior estrago de seus raios. Semelhante destrôço experimentou Gocorna, e Merezam, nas quais não só foram os edifícios vil despôjo do voraz incêndio, mas também as inumeráveis riquezas, que a generosidade do nosso Herói desprezou, causando igual admiração àqueles bárbaros o valor do seu braço, e o desinterêsse do nosso ânimo, ambicioso só da glória de vencer.

Neste falso prelúdio dos seus triunfos mostrou o nosso Excelentíssimo Viso-Rei os generosos brios de seu alentado coração; porque além de ser notavelmente inferior ao do inimigo o poder, com que cometeu esta [facção], por outra circunstância se fez mais estimável, pois resgatou o estado de uma tirania dissimulada, mas infame, com que o dominava aquêlê bárbaro. Imaginavam indiscreta, ou maliciosamente os Portuguezes, que não podiam viver dela independentes: donde procedia, que nem os Viso-reis lhe pediam as parcas ânuas, que devia pagar, nem intentavam hostilidade alguma contra êle. Mas antes no regimento, que davam ao Capitão-Mor dos Cáfilas proi-

biam todo o rompimento, e mandavam que dissimulassem com êle as injúrias recebidas. Quem não vê, que o não pedir o tributo era um modo de pagar-lho? E quem ignora, que êste sofrimento era a mais vil, e infame servidão, que pode imaginar-se? Pois é certo, que sofrer a injúria é reconhecer o domínio.

Muitos anos haviam, (sic) que chorava a Índia esta desgraça, sem que nenhum dos Viso-reis anteatos (sic) se atrevesse a enxugar-lhe tão justificadas lágrimas. Mas suspende o pranto, ó Goa venturosa, que já tens um Aníbal Lusitano, que jurando nos altares da sua fidelidade, e sôbre esclarecido sangue, que seus preclarísimos Ascendentes derramaram por defender-te, há de livrar-te de sujeição tão indecorosa: porque mudando o covarde regimento em um decreto formidável, manda aos seus soldados, que pelejem a morrer, ou a vencer. Ó palavras dignas só do generoso espírito de nosso Herói! Nenhuma outra inscrição deve a Ásia gravar nos padrões, que erigir obsequiosa à memória do seu restaurador; porque nesta breve cláusula se compreende tudo quanto podiam dizer elegantemente os Túlios, e os Homeros. Nunca os Asiáticos ouviram vozes tão arrogantes aos Lusitanos Generais; mas em nenhum outro as poderiam ver com tanto valor desempenhadas, porque [caindo] o nosso Excelentíssimo Viso-rei no próprio esforço, a tudo quanto proferia a sua língua correspondia uma execução prontamente no seu braço.

Não pararam aqui os memoráveis triunfos, que a Ásia deveu ao nosso Herói, porque vencido o Canará, nenhuma nação se envergonhou de ser vencida; e quase com um só golpe castigou a sua espada indômita rebelião daqueles bárbaros. Não valeu ao Angária a cautela de reclusar-se dentro em seus mesmos portos, porque nêles os foi buscar o valor do nôvo Cipião, a quem os inimigos mais vizinhos não embaraçavam o acometimento dos remotos. Nenhuma coisa fêz mais gloriosa a fama dos Romanos, que a resolução de buscarem voluntários aos Cartagineses em África, quando parecia-lhes era necessário todo o poder, para resistirem obrigados ao furioso orgulho de Aníbal em Itália. Mas com quão maior razão deve o mundo todo admirar-se, de que o nosso Excelentíssimo Viso-Rei desprezando intrépito ao inimigo, que tinha presentemente fôsse acometer valeroso aos mais remotos, fortificados no terreno próprio.

Em Culabo, pôrto principal do Angária, foi duas vêzes destruído todo o poder naval daquela potência, fazendo-se mais gloriosa a própria vitória, pela circunstância, de que uma só fragata Portuguesa, por espaço de três dias sucessivos, sustentou os repetidos, e furiosos combates de cinco Palas, e treze Galvetas

inimigas, das quais recebeu mais de mil balas; e carregada com o precioso velocino da imortal glória, que tinha conseguido, com admiração de tôda a Ásia, se recolheu a Goa esta nova Argo, para ser consagrada à eternidade, e substituir no templo da fama o merecido lugar, que antigamente ocupara aquela, com que o Grande Pacheco defendeu a Cochim do imenso poder de Calicut.

Já destas primeiras tirava para si o Arábio a conseqüência, que experimentou bem infausta em Surrate, onde o alcançou a nossa espada, com tão grande estrago, que ainda hoje se conservam nas águas daquela enseada os sanguinolentos vestígios de tão célebre triunfo; perdendo o inimigo nesta batalha a sua Almirante, e mais de mil bárbaros a vida. Nem lhes mudou a fortuna de semblante quando intentaram tomar por entreprêsa a fortaleza da Aguada; porque declarando-se os elementos em nosso favor (que até êstes parece respeitavam o soberano império do nosso Excelentíssimo Viso-rei) nos tiraram das mãos a total vitória do inimigo, que já nos segurava a grande vigilância, e valor, com que eram esperados na Península. Mas nem os ventos coléricos, nem os mares furiosos puderam sofrer o grande atrevimento; com que êste bárbaro intentava ferir-nos na cabeça do estado, e conjurados contra êle os mesmos Céus submergiram oito das suas naus, deixando as que restavam da armada, para memoráveis troféus das nossas armas, e para que se verificasse nesta ocasião do nosso César o que do Romano cantou elegantemente o poeta.

Diuisum imperium cum Ioue Caesar habet.

Foram finalmente tantos, e tão gloriosos os triunfos, que as nossas armas conseguiram neste felicíssimo govêrno, não só das nações Asiáticas, mas também das Européias, destruindo no Canal de Peçlo uma só fragata Portuguêsa todo o formidável poder do Francês Benoc, assombro e terror daqueles mares, e arrasando na Ilha de Salsate a fortaleza dos Inglêses, que não contou Roma mais triunfos no feliz império de Augusto, e de Trajano, do que no vi-reinado do nosso Herói contou Goa: e assim como no tempo passado as desgraças, se numeravam no presente pelas horas de felicidades. Esquecidos estavam já os Indianos das incriveis proezas dos Gamás, Almeidas, Castros, e Albuquerque; e se a memória de alguma conservavam, era reputada entre elas por tradição fabulosa, pois viam tão degeneradas as ações dos Portuguêses. Mas à vista do que agora experimentavam, tudo se facilitava à sua cordialidade, porque nas presentes façanhas viam não só imitadas, mas ainda excedidas as proezas dos antigos, e no nosso Excelentíssimo Viso-rei renascidos os generosos espíritos de todos aquêles Heróis, cujos nomes repetirá eternamente a fama nos sonoros ecos do

seu clarim. Donde com maior razão deve a Ásia aproveitar ao nosso Excelentíssimo Protetor aquêle elevado conceito, que com superior impulso cantou o Poeta do seu Imperador Domiciano.

**Rerum certa saluas, terrarum gloria Caesar,
Sospite quo, Magnos credimus esse Deos.**

Tendes visto, Senhores, os grandes, e inumeráveis triunfos, que a Ásia Portuguêsa deveu ao nosso Excelentíssimo Viso-rei? Vêdes como Capitães, restituindo-lhe o domínio, o crédito, e a opulência? Ao primeiro Vasco deveu a Índia o seu descobrimento, quando os Asiáticos escassamente sabiam entesar o arco, e disparar a seta. Ao segundo porém deveu a sua restauração, estando já instruídos em tôda a disciplina militar; e quanto exceda esta segunda obrigação à primeira, creio que nenhum de vós ignorará, considerando a grande dificuldade, que sempre há em recuperar o perdido. Poderá Duacaleonte jactar-se de que deu vida às pedras: poderá gloriar-se Prometeu de que animou estátuas: mas nenhum há de dizer, que ressuscitou cadáveres. Para sustentar o edifício mais soberbo basta o arrimo de qualquer coluna, mas para o levantar depois de arrumado é necessário (sic) maior fôrça. Eu não sei, que dificuldade é esta, que em recuperar o perdido assim quebranta, e desanima o coração humano, quando havendo no mundo quem levantou sete maravilhas, ninguém louva quem ao menos uma delas restaurasse. Houve um Nino, para fundar a Monarquia dos Assírios, um Ciro a dos Persas, um Alexandre a dos Gregos, e um César a dos Romanos. Mas para as restaurar faltou o poder, o ânimo, a indústria, e a mesma temeridade se acovardou. Esta excelência reconhece a Índia no Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses, a que aclama por seu segundo fundador, para que conheça o mundo, que teve também Goa o seu Camilo.

Destas premissas, Senhores, forma a Ásia o argumento, com que intenta convencer a América; porque considerando ao nosso César com a espada em uma mão, e com a pena na outra, diz que são mais gloriosos os triunfos, que lhe conseguiu a sua espada, do que aquêles, que para a América adquiriu a sua pena; o que mostra na seguinte forma.

A maior glória da Monarquia consiste na sua duração, e como nas armas se estabeleça, e segure a perpetuidade do império, não se pode duvidar, que mais bem estabelecido, e consequentemente mais obrigado deixou o nosso Excelentíssimo Viso-rei o império Indiano, que o Brasilico. Bem conhecia esta

verdade Cipião Másica, quando propondo-se no Senado Romano a destruição de Cartago, respondeu, que convinha se conservasse; porque faltando aos Romanos, estimulados da soberba Africana, o exercício das armas, era inevitável a ruína da república. Esta mesma era a razão, porque César mandava, e pedia instantemente aos Senadores, e Cavalheiros Romanos, como consta das suas epístolas; que industriasse aos mancebos na arte militar. Ardia o coração d'êste grande Príncipe em generosos desejos de perpetuar o seu império, e com a longa experiência das Campanhas achou, que êste era o mais firme, e sólido fundamento, em que se sustenta o grande pêso de uma Monarquia: porisso não queria, que os Romanos dedicassem os anos juvenis a Minerva, senão a Palas.

Mas se reforça êste argumento com experiência. Faltou Aníbal a Cartago, e padeceu a última ruína. Faltou Alexandre à Grécia e começou a declinar a Monarquia, dividindo-se as Províncias entre Seleuco, Ptolomeu, Antígono, e Cassandro. Nunca Tróia seria abrasada, se vencera Heitor; nem os Lusitanos vencidos, se não morrera Viriato. Finalmente os mesmos Romanos devem confessar, que a covardia dos seus Imperadores, e a lassidão dos seus soldados lhes ocasionou a ruína, que Cipião prognosticou chorando sôbre as cinzas de Cartago. Acabaram-se os Fábios, Horácios, Cipiões, e os Césares, e com êles acabou também a glória, e majestade do império.

Não são menos eficazes as armas, para conservar os vassallos na obediência do Príncipe, são as que os fazem temido, e respeitado. Naturalmente amam os homens a liberdade própria, como diz o filósofo; e nenhuma coisa sentem mais, do que a sujeição. Aos Príncipes naturais obedecem como a Senhores, aos estranhos, como a tiranos, nome, com que os povos intitulavam antigamente os Reis. Sofrem o primeiro domínio, como vassalagem; resistem ao segundo, como cativo. De onde procede que só vivem obedientes, enquanto se sentem castigados; porisso os Romanos em tôdas as Províncias do seu domínio conservavam sempre exércitos consulares, com que rebater as contínuas rebeliões dos povos. Mas para que é buscar exemplos estranhos, se a mesma Índia é o mais claro espelho desta verdade. Suspendam-se as armas, e verá quantas nações adoraram a púrpura Lusitana; falte na nossa mão a espada, que logo na dos bárbaros faltará o tributo.

Finalmente diz a Ásia, que ela com as armas, em que a estabeleceu o nosso Herói, conseguiu no mundo mais glorioso nome: porque quem fêz calar todo êsse âmbito da terra à vista de Alexandre, se não a sua espada? quem levou o nome dos Romanos às regiões mais remotas, se não os seus Mários, Silas,

e Luculos? quem dilatou a potência dos Gregos se não os seus Mitiades, Péricles, e Chábrios? Que direito defende a liberdade das Repúblicas, se não o das armas? Quem faz observar as condições de paz, se não o mêdo da guerra? Aquela mesma Palas, que o mundo adorou por Deusa da Sabedoria, saiu da cabeça de Júpiter armada, prezando-se mais do capacete, que da Toga. Aquêlê Júpiter todo poderoso com o raio inculca a Majestade. Êsse Olimpo para defender-se, mais necessitou da officina de Vulcano, que do oráculo de Apolo.

Assim discorre a Ásia, persuadida que sendo tão manifestas, e concludentes as suas razões, há de empunhar hoje a palma, e cingir o Louro. Já se promete uma célebre vitória: mas que cedo se verá convencida pela América; a qual, para maior glória sua, nos mesmos argumentos, com que a Ásia se defende, estabelece o seu triunfo, que se não contenta com modo menos nobre de vencer.

Muitas obrigações, grandes benefícios deve a América, e com especialidade êsse famoso Empório da Bahia ao soberano presídio do nosso Excelentíssimo Viso-rei; porém como se faz impossível pelo seu número, e grandeza a ponderação de tôdas (ainda que a tenuidade do meu discurso não possa compreender, e discernir exatamente a heroicidade das suas ações, para eleger as que devem ser chamadas objeto do presente discurso) as circunstâncias desta illustre Academia me oferecem a mais proporcionada matéria na sua própria erecção.

Estabeleceu o nosso sempre memorável, e apetecido César, o império Asiático na potência das armas, e na eficácia das Letras o Americano; e mostrar como unicamente nesta ação se vincularam com maior vantagem tôdas as obrigações, de que a Ásia é devedora ao nosso Herói, não seria dificultoso a quem de Praxiteles aprendesse a abreviar Colossos. Mas conformando-me com o instituto Acadêmico, verei se posso reduzir a breve pintura de um mapa a dilatada redondeza de todo um mundo.

Benaventuradas chamou Platão aquelas Repúblicas, cujos governadores fôssem sábios, ou amantes da sabedoria, procurando com ardente zêlo o aumento das letras, e ciências. Ó incomparável felicidade da nossa América! pois mereceu ter um Viso-rei incansavelmente zeloso, de que floresça a doutrina, e exercício de tôdas as ciências. Admiravam-se os Romanos de que Pompeu, aquêlê famoso Capitão, que não soube ceder aos mais poderosos Príncipes do mundo, se esquecesse da gloriosa fama de seus triunfos, e desprezasse o festivo som das trombetas militares, só por lograr a conversação de Posidônio, insigne filósofo

daquela idade, a quem tratou familiarmente em sua casa, disposto todo o fausto, e pompa concernente à majestade de tão grande General.

Mas com quanto (sic) maior razão deve a nossa Bahia admirar-se, de que o seu ínclito Viso-rei tanto se esqueça, de que é aquêlê mesmo, cujo valor faz tributários os maiores Príncipes da Ásia, e despreze os reverentes aplausos, que o mundo todo lhe consagra, já por atender às eruditas conferências dos seus famosos Acadêmicos? Ó República rica, e mil vêzes bem-aventurada! Já te podes prometer uma duração eterna; já pode assegurar-te uma glória imortal no templo da memória.

Disse-vos que Platão chamara bem-aventurada aquêla República, cujos governadores exercitassem as Letras, e Ciências; e para que se compreenda melhor a proposição do Filósofo, e se conheça a inapreciável obrigação, que a América deve ao nosso Excelentíssimo Viso-rei, hei de ponderar-vos quanto mais depende das Letras, que das armas a conservação, e glória de uma Monarquia, e a consequência irrefragável destas premissas será a melhor decisão do problema.

A maior glória da Monarquia, como dizia em seu favor a Ásia, consiste na sua duração: a esta aspiraram sempre tôdas as nações, todos os Príncipes, e Capitães insignes, que as fundaram. E que meio mais proporcionado para estabelecer firmemente o império, que o exercício das Letras? Em tanto se conserva dominante, enquanto as armas são movidas, e governadas pela sabedoria: as Letras são a muralha mais segura, e uma Academia é o propugnáculo mais forte de qualquer República. Tanto reconheceram as nações do mundo, ainda as mais bárbaras, e feras, a necessidade, que têm as Monarquias desta fortificação, que escassamente se achará alguma, onde não florescessem antigamente, e floresçam ainda hoje Academias. Os mesmos Turcos, e Japões as conservaram; e entre os moradores da nossa América, reputados por mais bárbaros de tôdas as nações do mundo, houveram (sic) alguns, quais (sic) eram os Mexicanos, que dos mesmos Templos, em que idolatravam, faziam escolas, em que aprendiam, mostrando que é tão próprio do homem o adorar, como o saber.

Célebre entre tôdas as Academias do mundo foi a de Atenas, a qual deveu à Grécia o dilatado domínio do seu império, que só se conservou aquêlê tempo, que em Atenas floresceram as Letras; e apenas faltaram os sábios nas escolas, quando logo nas campanhas faltaram os Generais: por esta razão costumava dizer Henrique terceiro de Castela, que tão proveitosos foram para Atenas os doutos conselhos de Solon, como a valorosa es-

pada de Temístocles. Nem foi precisamente a falta de Alexandre a que fêz declinar a monarquia; a falta de segundo Aristóteles causou a de outro Alexandre. Mais com os preceitos, e máximas daquele insigne filósofo, que com os exércitos de seu Pai Felipe, saiu da Macedônia armado êste famoso Capitão: e como as Letras eram as suas armas principais, e seus conselheiros os sábios, que em tôda a vida o acompanharam, porisso triunfou dos Persas, e do mundo, que ao mesmo tempo, que se viu reduzido, se achou ensinado; porque êle instruiu aos Aracósios na agricultura, persuadiu aos Hircanos a veneração do matrimônio; com a sua doutrina se atribuíram os Persas de profanar o toro maternal, e os Sogdianos de matar os Reis: de maneira que se não pode distinguir se Alexandre saía a conquistar o mundo como filósofo, ou a ensiná-lo como Capitão. Não é logo de admirar, que declinasse a monarquia, pois lhe faltou um General, cujas emprêsas, e façanhas eram partos concebidos nos prudentes ditames da ciência.

Evidente confirmação desta verdade nos oferece Roma, cujos Capitães, e Imperadores, imitando a Rômulo seu primeiro fundador, e aluno de Gabias, foram sempre professôres das melhores artes, e ciências: certamente entenderam, que êste era o mais seguro fundamento do Império. Diga-o Numa, Sila, César, Augusto, Germânico, Cláudio, Trajano, e outros muitos que ainda hoje vivem a benefício das Letras. Tão vinculada se achava naqueles Heróis a sabedoria com as armas, que nenhum houve valeroso, que não fôsse sábio, nenhum entrou triunfante no Capitólio, que não tivesse já entrado discípulo no Ateneu. E se houve algum, que no templo de Marte escrevesse o seu nome, sem as Letras de Minerva, não foram os triunfos efeitos próprios do valor, mas graças incertas da fortuna; porque o valor desamparado do discurso é bastardo, acerta por êrro, e triunfa por acaso.

Esta certeza produziu nos Romanos um tão grande amor às ciências, que não satisfeitos com os muitos, e prodigiosos engenhos, que a fecunda árvore de Itália produzia, fora dela os procuravam, e êstes eram os engenheiros, que das regiões mais remotas chamava Roma, para a fortificarem. Quem visse a Catão Menor partir com uma solene embaixada para a Ásia, sem dúvida entenderia, que a conquista de algum reino, ou Província o abalara; mas como ficaria admirado, quando visse, que tôda esta fadiga, e diligência de Catão se ordenava a buscar a Atenodoro, excelente filósofo da doutrina estóica. Em Pérgamo vivia já nos últimos anos de sua vida êste sábio, que pertinazmente desprezou sempre o trato, e a amizade dos Príncipes, que a sollicitaram com instância. Mas resolveu-se a deixar a pátria, e

seguir Catão, que com esta prêsa tão ilustre se recolheu mais glorioso, e triunfante que Pompeu, e Luculo, que no mesmo tempo traziam a Roma os tributos das gentes e dos reinos, que conquistavam com as armas.

Esta foi a idade, em que Roma se pôde chamar benaventurada, pois então as Letras eram os espíritos, com que as suas armas se moviam; e degenerando pouco a pouco nos Romanos êste nobre exercício das ciências, ao mesmo passo afrontavam as armas desamparadas do espírito das Letras. Pouco importa que o braço, ao qual se atribui o esforço mova fortemente a lança, se lhe faltar a direção dos olhos, símbolo da sabedoria: nem saberá reparar o golpe, nem logrará o tiro; porisso os Mitileuses; quando possuíam o império do mar, proibiram a seus inimigos o exercício das ciências, concedendo-lhe (sic) livremente o uso das armas: não os temia armados, só os receavam sábios, porque conheciam que sem os ditames das Letras mal se podem menear as armas. Nunca pôde o valor de Aquiles — abrasar a Tróia, mas bastaram os estratagemas de Ulisses para a destruirem. O mesmo Júpiter não fulminara os raios, se não lhos ministrara a Águia; nem Palas sairia armada, se não fôra concebida no entendimento.

Finalmente a mesma Ásia, e êste é o mais eficaz argumento, confessa que à grande prudência do nosso Herói deveu os inumeráveis triunfos, que alcançou no seu felicíssimo govêrno: não se mudaram as armas, mudou-se o impulso. As suas máximas primeiro que as armas declaravam as vitórias, porque não era menos eficaz a sua língua, do que a sua espada; mas antes ficava esta ociosa, quando aquela conquistava. A Hércules êsse assombro do valor pintaram os Egípcios vestido ferozmente com a pele de um Leão, sustentando na mão direita a maça, na esquerda o arco, e saindo da bôca muitas correntes, com as quais prendia, e arrastava uma infinita multidão de homens: êste emblema animou Alciato com o seguinte lema: **eloquentia fortitudine praestantior**: mostrando desta sorte, que mais poderosas são as armas da eloquência, que as da fortaleza. Se os Egípcios quisessem responder ao problema proposto, e descrever em um adequado símbolo ao nosso Herói, não o poderiam descobrir mais genuíno. É a Língua instrumento da sabedoria, e são as armas instrumento do valor, aquela dada pela natureza, êste inventado pela indústria; e tantò mais poderoso o primeiro, que o segundo quanto é mais vigorosa, do que a arte a natureza: porisso Hércules vinculou maior número, e mais gloriosos troféus à eficácia da Língua, do que à fortaleza da maça. Dos brutos triunfou o braço, dos homens triunfou a Língua, para que se veja, que êste é o meio mais eficaz de reduzir os súditos a uma perpétua, e segura

obediência, pois são as palavras de um sábio fortíssimas cadeias, com que se cativam os racionais.

Esta certeza alcançou Pirro, quando disse, que mais cidades, e Províncias unira ao seu império com as orações de Cineas, que com as armas dos soldados. Nunca se movem as armas sem estrondo, jamais triunfam sem violência: e assim como a chuva, que vem acompanhada com o formidável ruído do trovão não fertiliza a terra, mas antes destrói as sementeiras, assim também as armas vencem destruindo, porque não chega a sua jurisdição a dominar os ânimos. Pelo contrário as letras triunfam, edificando, cativam com suavidade, e na dilatada esfera da vontade exercem o seu império, que porisso as correntes, que saiam da bôca do Hércules faziam prêsna nos corações dos homens. Com as armas triunfou na Ásia o nosso Hércules Lusitano, com as Letras triunfa na América: na Ásia com a espada, na América com a pena; e nesta gloriosa competência de triunfos seja a última decisão do problema aquela mesma sentença, que os Gregos [professaram contra] a fortaleza de Aias em favor da sabedoria de Ulisses.

**Mota manus Procerum, et quid facundia possit
Tunc potuist [...] fortisque uiri tulit arma
disertus.**

Já é tempo de dar-te o parabém, (sic) ó República Americana, **Res publica** benaventurada. Já te prognostico uma eterna duração, um domínio universal das gentes, e um soberbo simulacro no templo da immortalidade. Para os agoureiros vaticinarem os inumeráveis triunfos, que alcançou Hieron, bastou verem no alto da sua lança uma coruja, ave consagrada à Minerva, e jero-glífico (sic) da sabedoria; e que vitórias te não vaticinarei eu, vendo levantada entre as tuas fortalezas uma Academia, cujos mestres, e secretário são as cinco estrêlas, que influem benignamente no orbe Literário? Atraídas do ímã de teus estudos concorreram a ti tôdas as nações, e os saborosos frutos da tua Academia fundarão novamente o mundo, cansado já de produzir Homeros, e Demóstenes.

Pode Atenas, Roma, Hermópolis, e Alexandria prudente na duração; mas nenhum te preferiu nas ciências. Nelas foi acidente o preceder-te no tempo, em ti é natureza o excedê-las na doutrina: e suposto que a circunstância dos anos faça parecer que as imitaste, esta é a tua maior glória; porque como em ti se haviam (sic) de recopilar tôdas as artes, e ciências, que nelas floresceram, era necessário que tôdas te antecedessem na idade. Havia o Sol de recopilar em si tôdas as luzes, e foi produzido no quarto dia, existindo a luz já no primeiro. O ho-

mem, que foi um compêndio, e uma estampa de tôdas as criaturas, esperou para ser criado o sexto dia, quando já tôdas estavam produzidas. Não de outra sorte as mais Academias do mundo precederam-te no tempo, porque de tôdas havias (sic) de ser tu a estampa mais perfeita. Porém se hoje renascessem, só a ti imitariam, pois lhe faltou a glória de não seres tu o seu protótipo. Nem deves temer as injúrias do tempo, que tudo acabam, nem as emulações da inveja, que a nada perdoam; porque contra tôdas te previne a soberania, proteção de nosso Excelentíssimo Viso-rei, notificada à posteridade nesta divisa, ou inscrição: [...] **aris sum, noli me tangeret.**

Agora, Senhores, quisera eu me fôra lícito começar novamente a discorrer, porque me sucede o mesmo, que a Aristocles pintor famoso do seu tempo. Vendo êste primoroso artífice, que se chegava o têrmo de seus dias, instigado de uma vaidade cega, determinou fazer uma obra, na qual deixasse à posteridade uma viva recomendação do seu grande engenho, e singular destreza. E considerando muito tempo, que protótipo elegeria para a pintura, últimamente resolveu-se a retratar o Firmamento. Já o tinha perfeita, e distintamente delineado com todos os Astros, e Planêtas, que nêle brilham, e resplandescem, quando admirado de pintura tão maravilhosa, exclamou: **o mirificum opus!** Levantando porém os olhos ao Céu, para cotejar o retrato com o seu original, viu que fôra temerário o seu intento, e confessou corrido, que o mais sutil pincel era grosseiro para cópia tão perfeita, dizendo: **pulchriora latent.**

Isto mesmo me sucede hoje, ilustres Acadêmicos. Temerariamente intentei retratar as altas prendas, e excelências, que à maneira de flamantes Astros resplandescem no animado Céu do nosso Excelentíssimo Viso-rei. Porém cotejando a cópia com o seu original, quando antes tácitamente exclamava: **o mirificum opus!** agora me vejo obrigado a confessar que **pulchriora latent:** porque ainda não ponderei a inimitável constância do seu ânimo, que admirou esta Bahia, nos penetrantes golpes, com que o tentou várias vêzes a fortuna: a modéstia inalterável nas felicidades: a incompreensível capacidade para tôdas as emprêsas de importância, a qual conheceu tanto o Senhor Rei Dom Pedro Segundo de gloriosa memória (isto quisera eu reservar para os ouvidos de Júpter) que só dêle fiou os maiores negócios da Coroa, mandando-o em ocasião de guerra declarada a certa Côrte da Europa, onde residiu disfarçado todo aquêl tempo necessário para examinar os projetos da potência inimiga, dos quais dava individual notícia à Majestade defunta; e depois de recolhido felizmente a Lisboa, segunda vez foi mandado com o mesmo ministério: mas sendo presentido em certa

praça do inimigo (que não pode o Sol ocultar-se, inda que queira) com auxílio de um oficial de sua obrigação escapou do evidente perigo, que o ameaçava. Finalmente não ponderei ainda a estreita união, com que no nosso Herói se abraçam a clemência, e a justiça, a soberania, e a humanidade, a religião e a política.

Mas, Senhor, já que as angústias do tempo, e a imensa grandeza das preclaras virtudes de Vossa Excelência fazem impossível tôda a ponderação, seja o mais próprio elogio a sincera confissão de Aristocles:

pulchriora latent.

Disse.

Conferência de 12 de novembro
Ao Presidente

Foi nela Presidente o Reverendo Padre Doutor
Frei Ruperto de Jesus Monje Beneditino,
e lente atual de Teologia

Vt laudetur admodum Reuerendus et
Sapietissimus Doctor nostrae Academiae
Dignissimus Praeses, eius nomen
commendatur Rupertus e Iesu, quod
litterario anagrammate transpositum
uertitur in hoc lemma Tu iure es rupes,
Et sequenti aptatur

EPIGRAMMATI

India rixatur, bellax et America pugnat,
Quaenam obstricta magis Caesaris imperio?
Aris tela iacit; generosa Bahia resistit,
Praesidium rupis quaerit et ipsa tuae.
Tu iure es rupes, ualido impenetrabilis hosti,
Quam quia sublimem nullus adire potest.

Arcem rupe tua struxit sapientia fortem.
 Impetus hanc battuens redditur hostis hebes.
 Contra Asiam sola es uictrix, tutissima rupes,
 Gloria: qua Brasilis, palmaque semper erit.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Conferência 14.^a Em louvor do Muito Reverendo
 Presidente o Senhor Doutor Frei Ruperto de
 Jesus, Religioso Monje do Patriarca
 São Bento.

SONETO EXDRÚXULO

O Nosso Presidente científico,
 recreia em seu orar mui sublimático,
 por uma, e outra parte Problemático
 defende, a cada qual dando o honorífico:
 Discorrendo em um ponto tão magnífico
 exalou o suave do aromático,
 deixando o auditório quase extático,
 por ver nêle de Apolo o jeroglífico.
 No trato é dócil, comedido, e plácido,
 Versado nas histórias por doutíssimo,
 Como tal não se assusta, nem faz pálido;
 E por ser seu sujeito tão digníssimo,
 obedece ao mandato pronto, e rápido,
 de um César, em tudo esclarecido.

De Antônio Ribeiro da Costa.

Reuerendo admodum Doctor Fratri Ruperto de
 Iesu elegantissime in Academia Brasiliensi
 peroranti.

DISTICHON

Laudes cum dices praeclari Caesaris, omnes
 concipiunt celerente Iouis esse Aquilam.

[*Alberto Ferreira*]

Ao mesmo

SONETO

Quando a fama de César se confia,
de vosso engenho raro, se venera
cabalmente louvada, pois já era
de estilo tal o assunto profecia.

Celeste em vós e em César simpatia
pasmado o mundo todo considera
pois César tanta glória não tivera,
se Ruperto faltara neste dia.

Famoso César, nesta competência
agora mais que nunca o mundo clame;
e quando os seus elogios de vós ouve

Reconheça porém esta excelência
que tendo o grande César quem o aclame,
não tem Ruperto sábio quem o louve.

[*Alberto Ferreira*]

Ao mesmo outro

SONETO

Abra olhos a inveja, cegue a fama,
Feche asas a fama, voe a inveja
Porque a fama invejosa vos corteja,
Porque a inveja afamada vos aclama.

Em que uma feche os olhos, mais vos ama,
Em que outra corte as asas, vos deseja
Porque a fama nos ombros vos inveja,
Porque a inveja nas palmas vos afama.

Inda assim os abonos desconfiam,
Ombreando um as asas nos assombros,
Suspendendo outra, os olhos em as palmas;

Neste orador, ilustre ambas porfiam
Que só nasceram asas nossos ombros,
E só criaram olhos nossas almas.

Do Licenciado

Alberto Ferreira Franca (?)

Feito ao Muito Reverendo Padre Mestre e
Doutor Frei Ruperto de Jesus, Orador
digníssimo da Academia dêste Brasil.

SONETO

No moral, e político admirado
adonde mais vos excedeis duvido,
pois de um e outro igualmente competido
vos mostrais altamente equivocado.

O César muitas vêzes venerado (1)
na Índia, e mais na América luzido, (2)
por vós sendo esta vez esclarecido (3)
também por vós se aplaude acreditado.

Raio sois seu, que repetindo ensaios
que de esta vez de seu fulgor jocundo,
o dais brilhante ao mundo sem desmaios.

Que por ser raio em luzes sem segundo
se brilham pelo Sol no mundo os raios (4)
por vós também êste Sol brilha no mundo.

Do Licenciado Alberto Ferreira.

Ao Muito Reverendo Padre Mestre o Doutor
Frei Ruperto de Jesus digníssimo Presidente
da Academia.

DÉCIMAS

Devemos à natureza
no nascimento a igualdade:
em mim se avanta a idade
quanto em vós a sutileza.
Esta desigual grandeza
então pequena distância
é de admirar circunstância
a quem em discursos entre
dever nasceram de um ventre
a discrição e ignorância.

-
- (1) Antes, lê-se a palavra "Aquê" riscada.
(2) Antes, lê-se a palavra "também" riscada.
(3) Antes, lê-se a palavra "e" riscada.
(4) Antes, lê-se "e" riscado.

Mas a admiração não é
Ruperto isso para mim,
que logreis qual Benjamin
os créditos de José.
Eu porém com melhor fé
que seus irmãos, não invejo
as ditas que vos desejo,
antes com veras publico
nunca mais Plácido fico
que quando louvar vos vejo.

Lograi qual José perito
apesar da antipatia
os créditos na Bahia
que aquêlo logrou no Egito.
Por seu favor invicto
o exaltou de um Rei tirano,
vos firmareis mais ufano
tendo o favor peregrino,
de um quase Rei tão benigno,
de um Príncipe tão humano.

Sendo na Idade mais môço,
e duas vêzes Irmão,
a todos nossa oração
pareceu de Padre-nosso:
Se bem que afirmar vos posso,
a fizestes com tal traça,
que é razão conceito faça,
que a oração com bizzaria
não sendo da Ave-Maria,
sois muito cheia de Graça.

Vossos aplausos subidos,
sejam para mais louvados,
de mim menos publicados,
dos estranhos repetidos.
Que se o parentesco unidos,
nos tem em vínculo estreito,
dos dois formando um sujeito,
Louvar-vos já não me toca,
porque sempre em própria bôca,
o louvor fica suspeito.

De Frei Plácido de Santa Gertrudes.

Ao muito Científico Presidente o Reverendíssimo
Doutor Frei Ruperto de Jesus.

SONETO

Parta mudo um Ruperto, a Suma Alteza
Da Língua os torpes nos desembaraça,
E o que aquêlo, ficou devendo a graça,
Ficaste vós devendo a natureza.

Também outro Ruperto a fama preza,
Quem em ciências não teve a sorte escassa,
Ao qual avantajais com nova traça,
Na rara habilidade, e sutileza.

Se ao primeiro da língua nos apertos,
Excedeis, e ao segundo na eloquência:
São já vossos aplausos descobertos.

Alguém dirá, que Fênix na ciência
Das cinzas renasceis dos dois Rupertos,
E eu digo sois dos dois a quinta essência.

Do Acadêmico Infeliz
João de Brito e Lima.

Em louvor do Muito Erudito Presidente
o Senhor Reverendo Doutor Frei Ruperto
de Jesus etc.

DÉCIMAS

Meu discreto Presidente
não sei qual seja a razão
de que da vossa Oração
se não admirasse a gente.
Ela foi tão excelente
que a admiração se admirara
se neste Museu se achara:
Mas a razão não se ignora,
que admirara se não fôra,
como de vós se esperara.

Os Presidentes passados
perdem com razão o tino,

Ad Reuerendum admodum et praestantissimum
Doctorem Dominum fratrem Rupertum
de IESV huius Academiae Praesidentem

EPIGRAMMA

Vngula quadrupedis feriens in uertice Montis,
Fecit ibi quod fons largior esset aquis.
Clarior emanat de te fons rupis apertae
Vnde tibi nomen, clare Ruperte, tuum.
Quadrupedante uenit pulsu fons mixtus arenis,
Exit apertus aquis fons sine labe tuus.
Si quis quam de fonte bibit, fit doctus; at ipse
Dum bibis imbibis, et clarior inde fluis.
Si quis currit aquis, est tantum flumen aquarum.
Sed dum discurre diceris esse Mare.

Luís Canelo de Noronha.

Em louvor do Reverendíssimo e Religiosíssimo
Presidente o Doutor Frei Ruperto de JESUS
Monje do Patriarca São Bento.

SONETO

No deserto uma pedra tósca, e dura,
Para saciar o povo sequioso,
A violências do golpe misterioso,
Dilúvios brotou de água limpa, e pura.
Mais polida outra pedra, com brandura
Tocada, por aceno majestoso,
Apolíneo licor delicioso,
Brotou para apagar nossa segura.
A pedra lá, perene fonte fica,
Grande bem, que até ali estava encoberto:
Igualmente esta cá se comunica:
Nela um rico tesouro descoberto,
Muito claro o seu nome nos indica,
Porque ruper apertus é Ruperto.

Do Licenciado Jorge da Silva Pires.

In Laudem Reuerendi admodum Patris Fratris
Ruperti de IESV Doctoris Sapientissimi
mirifici perorantis

POEMA

Tolle caput superator ouans qui magna tulisti
Luartigera in frontem [saepe] trophaea tuam
Te furibunda quatit, premitque inuidia: at non
Sanguinolenta uirum praecipitare potest.
Iam iam tolle caput, pretiosa silentia clamant
Vt te nec melior, gratior ullus eat.
Huc fortem Alcidem clama in certamina, Docte,
Robore quod fuerat, mente Rupertus erit.
Claua, triumphalis per acuta pericula monstris,
Immortale sibi nomen in astra tulit:
At longe eximios peperit tibi sermo triumphos
Namque magis superas: Caesaris, atque tuos.
Nam breuis est numerus, noli pugnare duobus:
Ingentes turmas tu superare potes.
Caesaris alta canens populo scire facta dedisti,
Plus alii ut scribant, gratius haud poterunt.
Caesar, et Augustus Caesar conduntur in uno
Nomine, sed dispar laus ab utroque uenit;
Huius enim potius mandatum Caesaris altum,
Quod non ille prior fecit, utraque manu.
Magnus adest Caesar, Romano Caesare maior,
Isti uictrici plaudet uterque polus.
Hic doctus calamo, gladio stat ferreus ille;
Ast hostes minus est uincere, plus animos.
Si pluma, et gladio superator uincere certat
Ille tuam forti? fit manus ista duplex:
Dum tua dextra mouet pennam, mouet unica
[famam:
Dum mouet una duas, fit manus una duplex.
Haec manus est Aquilae, hac Caelo Iouis alta
[gubernat.
Sceptra; (refert Naso) Caesar in Vrbe Deus.
Iupiter, et Caesar, cum ipsum sit Numen, adaequat
Caesaris hanc cerebro prosiluit Aquilam.
Vnde modus grauior? Summi ni Caesaris ipsa?
Vnde Aquila ista foret? gratior inde manus?

Sceptra prope ista facit quaetot uult Caesaris; illa
 Diuisum imperium Caesaris esse putent.
 Sermo tibi palmam concinnat, terque debentur
 Esse manu tali pectore et ore fluens.
 Vt tibi nil desit Doctissime, Caesaris Orbe,
 Iure corona, caput laurut [ipsa], tuum.

Pascoal dos Santos.

[Assinatura com letra diferente].

In laudem eiusdem

EPIGRAMMA

Pallas, Iuno, Venus de te noua praelia tentant,
 Dummodo pro rostris fulmina uoce rotas.
 Donat opes tibi Iuno; Venus dat munera formae;
 Mulcet at ingenium docta Minerua tuum.
 Hic Venus erubuit te contemplata, Ruperte;
 Arguit hanc uanam dum tua forma, putem.
 Iuno etiam ieiuna tibi, me iudice; damnat
 Diuitias, animus cum tibi donet opes.
 Pallida, adest Pallas, tua dum sapientia fulget:
 Tantus ab eloquio stat tibi fronte decor?
 Est tua, quam Paridis, melior sententia: terna
 Numina ad arbitrium cum facis ire tuum.

Pascoal dos Santos.

[Assinatura com letra diferente].

In laudem eiusdem Sapientissimi Doctoris

EPIGRAMMA

Magnates inter rutilat ceu sanguine Caesar,
 Sic inter Doctos iste Rupertus adest.
 Maximam ab omnibus ut Caesar fert sanguine
 [famam,
 Sic palmam a Doctis iste Rupertus habet.

Pascoal dos Santos.

[Assinatura com letra diferente].

In Laudem reuerendi admodum Patris Fratis
Rupertus de IESV, Doctoris Sapientissimi
mirifice perorantis.

EPIGRAMMA

Cum tibi sit recte nomen Rupertus IESV,
Iam capitur toto nomen in orbe tuum.
Tam uerbis Populus studiosus annuit omnis,
Vt cadere ex uestro iudicat ore fauos.
Quae sermone tuo loqueris non miror: adesse
Senio nam Iesum nomine, et ore tibi.

Pascoal dos Santos.

In laudem Reuerendi admodum Patri Mestri, ac
Sapientissimo Doctoris Patri Fratri Ruperti
de IESU mirifice perorantis.

EPIGRAMMA

Tartareis ne quidem retulit se Tullius oris,
Letifer an simulat somnia uana sopor?
Fallimur haud equidem: dum tu Ruperte peroras,
Romani sileat gloria magna fori.
Publica saepe Cato decorauit Rostra; loquenti
At tibi praecipuo laurea iure Cadit.
Rethoris in morem linguae dum flumina soluis,
Fas est in laudes uelificare tuas.

Pascoal dos Santos.

[Assinatura com letra diferente]

Admodum Reuerendo Patri Mestri, ac
Sapientissimo Doctori Patri Fratri Ruperto
de IESU mirifice peroranti.

EPIGRAMMA

Cedite uernantis stellata rosaria Paesti,
Inter quae Chloris lucificare solet.
Pectora dum mulcet uerbis Rupertus in aula,
Quid nisi florentes protulit ore rosas?

Hanc igitur segetem cum funderit ille rosarum,
Plus simul ingenii cognita spina patet.

Pascoal dos Santos.

[Assinatura com letra diferente]

In laudem Sapientissimi Doctoris
Domini Fratris Ruperti.

EPIGRAMMA

Serta tibi in primis uictus iam [dicat Apollo],
Nescit quid rursus [praestat] ipse tibi.
Quod restat donat pulchro (1), certamine uictus,
Tanto igitur Phoebos donat habere lyram.

Do Acadêmico Inflamado.

João Alv'res Soares.

Religiosissimo, ac Ingeniosissimo Fratre Roberto
ex familia [erimitorum] S. Benedicti huius
Academiae Praesidi Emeritissimo.

EPIGRAMMA

Alter Apollo regit musas Helycone sacrato,
Dumque canit, pricus (sic) cedit Apollo, melos.
O res mira! uetus musarum cantica, ductor,
Deseris exanimis? quid mihi? maiora adest:
Cedere iura mihi (fateor) tantummodo fas est;
Perstat ubi maior debet abire minor.

[*Emanuel Nunes de Sousa*]

Aliud in eundem

EPIGRAMMA

Ingenio resonas, Doctor, modulamine tanti,
Hactenus ut fuerit par tibi nemo, reor.
Comprimis eloquio reliquos, deuincis et arte,
Nil, nisi, dum resonas, fundis ab ore, rosas.

(1) Sobre a sílaba final de "pulchro" há sinais de letras irreconstituíveis.

Ergo bina tibi debentur florea sarta:
Prima quidem meritis, arte secunda datur.

Emanuel Nunes de Sousa.

In Praesidis laudem

EPIGRAMMA

Emeritum clamat Brasilia laeta Magistrum
Esse, magisterio sat bene fausta tuo est.
Te quoque Brasiliae lucet pars Praeside namque
Lux tua, crede mihi, solis ad instar erit.
Clarior hinc fiet nobis tua gloria noster
Clarior hinc fiet sic tibi uerus amor.
Eloquio, saeculi decus admirabile nostri,
Ingenio, Phoenix unica semper auis.

*Reuerendus Pater Ioseph
Moreira Teles.*

Conferência de 12 de novembro

Primeiro Assunto

Foi o primeiro assunto o Estado do Brasil
contendendo com o da Índia sôbre qual deve
mais ao govêrno do Excelentíssimo
Senhor Vice-Rei Vasco Fernandes César
de Meneses

Ao 1.º assunto.

SONETO

Que é César Marte, e Apolo em tôda a parte,
Diz a Fama de um pólo ao outro pólo;
Mas no Brasil é mais que Marte, Apolo,
Quando na Índia mais que Apolo, Marte.

Vagando pelo mundo os dons reparte,
E das Musas, e Graças sempre ao colo
Correndo alegre a região de Eólo,
De Marte ensina as Leis, de Apolo a arte.

Melhor que Marte é Febo, pois lhe empresta
 Da Luz, e resplendor, a valentia
 Com que na esfera quinta êle se apresta.
 Faça pois do Brasil a bizzarria
 Como mais devedora a maior festa
 A quem guardou o melhor para a Bahia.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Ao assunto heróico.

SONETO

Sábios Mestres, Poetas eminentes,
 disputas temos hoje celebradas,
 a Índia, e a Bahia de obrigadas
 querem ser valerosas competentes;
 Argumentos a Índia convincentes
 dão de César as armas respeitadas,
 com seu favor as letras veneradas
 dão razões à Bahia concludentes.
 Duro fôra julgar questão tão forte,
 a não ser ó Bahia conhecida
 a vantagem, que tens para esta sorte;
 Pois se César à Índia enfraquecida
 deu nas armas reparos contra a morte,
 nas Letras te dá, honra, glória, e vida.

De Francisco Pinheiro Barreto
 Vigário da Igreja de São Pedro.

[DÉCIMA]

Senhor, se quem mais vos deve
 É hoje todo o argumento,
 A Índia tem vencimento,
 E é justo que a palma leve.
 A Bahia a dizer se atreve
 Que em dever não tem igual,
 Mas a Índia triunfal
 Assim se atreve a dizer:
 A Bahia deve o valer,
 A Índia deve o que val.

Francisco Xavier Caput.

Ao primeiro Assunto

SONETO

Por Marte, a Índia tôda vos venera,
 por Mercúrio, a Bahia vos conhece:
 maior glória à Bahia se oferece,
 que à Índia, nas vitórias que numerá.

Nas letras, o conselho se exagera,
 com êste, o Mundo, e a guerra se engrandece;
 e se esta alma, a Bahia vos merece,
 com mais obrigação se considera.

Pois se exaltaste, a um, e outro Estado,
 com vosso entendimento, e valentia,
 publiquem as ações do vosso agrado:

Que um Vice-Rei de tal soberania,
 bem merece, que seja venerado
 na Ásia Marte, Mercúrio na Bahia.

De Manuel de Mesquita Cardoso.

Conferência 14.º Assunto.

Quem deve mais ao Excelentíssimo Senhor
 Vice-Rei Vasco Fernandes César de Meneses,
 a Índia, ou a Bahia?

SONETO

Ao grande César deve a primazia
 a Índia, das proezas que há obrado,
 pois no presente tempo, e no passado,
 nela se não viu mais valentia:

Mas acho dever mais inda a Bahia,
 no agrado, e no amor que lhe há mostrado;
 sobretudo o que a tem mais exaltado,
 é esta tão ilustre Academia.

Logo pois, deve mais ao generoso
 César, de razão muito forçosa,
 que a Índia, onde foi tão valoroso:

Da Bahia fêz côrte populosa,
e como se lhe mostra afetuoso,
lhe deve mais, por mais sua mimosa.

De Antônio Ribeiro da Costa.

Conferência 14.^a. Ao mesmo Assunto.

SONETO

Com pesar vem a Índia de invejosa
pleitear com a Bahia, articulando
de preferência embargos, que provando
tem para a vencer razão forçosa.

Contraria a Bahia primorosa,
seu amor ser mais fino vem mostrando,
que mais deve ao grã César que está amando
do que a Índia, que insiste poderosa.

Para julgar-se sem desconfiança,
do pesar, e do amor a desavença,
o amor, e o pesar põem-se em balança:

Muito pesa o pesar, que é dor imensa,
mais o amor pesa mais, porisso alcança
apesar do pesar, por si sentença.

De Antônio Ribeiro da Costa.

Ao 1.^o assunto

ROMANCE

Expressar-se qual está,
ao César (que nas heróicas
ações, ainda é mais preclaro
do que os Césares de Roma.)

Digo outra vez, expressar-se
qual lhe está mais devedora,
Se a Índia, ou se a Bahia,
emprêsa é dificultosa.

Porque ambas tão obrigadas
lhe ficam, que é árdua coisa,
haver quem dúvida tal,
nunca bem discernir possa.

Porém como a tal assunto
deve estar a Musa pronta,
dêste caos imperceptível
portal labirinto rompa.

E já bem que tôscamente
comece pois, porque é força
que êste obséquio não falte,
a quem a sujeição sobra.

Para isto não de Euterpe,
nem de Hélio auxílio implora,
só o do mesmo César quer,
para assim ser mais ditosa.

Assim vós vi-Rei excelso,
que unis na egrégia pessoa,
com o sangue hereditário
a adquirida ciência própria.

Quando com feliz progresso,
na do Luso Atenas douta,
do seu laurel fugitivo,
Apolo vos deu Coroas.

Sendo ilustre pelos que
à sua prosápia famosa,
vincularam os cognomes
mais claros de tôda a Europa.

Digam a insular Britânia,
que dos Lencastres que a honram,
coas quinas de Portugal
uniram-se em vós as rosas.

Digam o sangue adquirido
das Coroas Espanholas,
pelo que fêz o emprêgo
naquela feira preciosa.

E confesse-o Marialva,
pois os seus Meneses lhe ornam
os Cesários apelidos
por timbre de suas glórias.

Tendo por realce o valor,
oriundo do que na costa
Tingitana, era o flagelo
de Lutero, e de Mafoma.

Daquele César primeiro,
cuja destra vencedora,
lhe grangeou a antonomásia
condigna as suas vitórias.

Mas se os predicados vossos
louvar pretende, e não ousa
a fama, pois se os exprime
nunca cabalmente os louva.

Que farei eu, quando tenho
para emprêsa tão custosa,
se aguçados os desejos,
sempre à minha veia tósca.

E nesta consternação
suspendo o louvor agora,
e estará com a inércia minha,
ilesa a modéstia vossa.

Só vosso auxílio pretendo,
para que a Musa que o invoca,
desde o Ártico até o Austro,
com admiração se ouça.

Alento pois Musa minha,
com tal patrocínio é fôrça,
se com pouca discrição,
com muita dita discorras.

É sem controvérsia que,
a região, que o Indo em ondas
de cristal, rápido inunda,
por três formidáveis bócas.

Com grato aplauso lhe deve,
o haver com ações Mavórseas,
dos seus passados Heróis
ressuscitados as memórias.

Ocasionando que delas
nunca ficasse saudosa,
pois êle com novos triunfos,
lhe fabricou novas glórias.

Pois no seu govêrno viu
sobre as ameias de Goa,
tremularem os troféus
por créditos das vitórias.

Tão plenamente vencidas,
que inda hoje ao som da solfa
da fama, que sempre as canta,
os inimigos as choram.

E porisso a mesma Índia
manifesta por saudosa,
que se o perdera de vista,
não o perdeu da memória.

Tanto, que a sua regência
apetece de ambiciosa,
pois à custa do inimigo
interessa a dita própria.

Isto pois lhe deve a Índia:
mais a Bahia que conta
na aritmética do amor
favores que não têm soma.

Que subgicível (sic) confessa;
que no seu govêrno goza
montes de prosperidades,
fortunas em grande cópia.

Pois qual o Príncipe Egípcio
tanto provido se mostra,
que com sustento do povo
até parece que sonha.

Suavizando com a clemência
a retidão de tal forma,
que sem prejuízo a justiça
exerce a misericórdia.

Porque perspicaz conhece
ser mais regular axioma,
que melhor castiga aquê
que piedoso mais perdoa.

Resoluto a que em defesa
sua, esteja sempre exposta
ainda, até derramar
do sangue a última gôta.

Sôbre tudo isto lhe deve
novos lustres, novas honras
nesta aula, adonde a poesia
se afina, e se apura a história.

Pois se a pacífica Astréia
a rege, pois se Belona
a domina, também faz
que a impere Minerva agora.

Dirigindo a Academia
que mètricamente doua,
a faz afronta de Coimbra,
sendo êmula de Lisboa.

Já entoa o noveno côro
nesta agora Atenas nova,
já a torrente da Castália.
com brando sussurro soa.

Já se ouve a voz de Mercúrio,
exprimida pelas bôcas,
dos mestres que doutos lêem,
dos Presidentes que oram.

Do que tudo ingênuamente
há resultâncias forçosas,
de lustres para a Bahia,
que ao César motivam glórias.

Com que se deu ter por Marte
a Índia tanto blasona,
a Bahia por Apolo
o tem, e por Marte o adora.

Por cuja ilação confiada
minha Musa afirma ousa
que a Bahia mais que a Índia
ao César é devedora.

Porém ela alegar pode,
que bem claro se comprova,
remunerar-lhe em afetos
tudo o que lhe deve em honras.

De Yerônimo Roiz de Crasto.

Ao primeiro Assunto.

SONETO

De flamígeros raios revestido
nasce o Sol, desterrando a noite escura:
respira com nova Alma a criatura
na posse dêste bem restituído.

Vós Vis-Rei sempre Augusto, e esclarecido,
concedeis à Bahia mais ventura
no viver imortal, que lhe segura
êste museu, de Apolo, enobrecido.

Se esforçado, na Índia, foste Marte
numerando feliz tanta vitória,
como repete a fama em tôda a parte:

Tu Bahia, hoje lôgras maior glória!
porque querendo César exaltar-te,
com as Letras te deu melhor memória.

De Jacinto Ferreira Feio de Faria.

Assunto Primeiro

Por haver sido Vice-Rei da Índia o Excelentíssimo
Senhor Vasco Fernandes César de Meneses e
atualmente nosso Preclaríssimo Vice-Rei
contende a América com a Ásia qual das duas
seja mais devedora ao mesmo Excelentíssimo
Senhor.

CANÇÃO REAL PANEGÍRICA

Ó Ásia, ó tu, que aspiras vangloriosa
a exaltar-te no sólio da Fortuna,
palmas, e louros enlaçando ufana;
nos que erige Troféus, glórias aderna
hoje América Altiva, e generosa,
que com raios de luz te desengana.
Elevada, sublime, e soberana,
não só te não consente a primazia,
mas com heróico zêlo
nem ainda te aceita em paralelo:
a pleito marcial te desafia,
da tua presunção hoje faz duelo,
porque se te animou César prestante,
hoje ilustra a Bahia
Justiceiro, Benévolo, e Triunfante.

Se por Berço do Sol, Reino da Aurora,
luzes dispendes, reverberas raios,
Pérolas choves, brilhas com Diamantes;
os teus Rubis, já hoje são desmaios,

a Aurora não se ri, mas triste chora,
tristes os Astros, tristes os semblantes.
A Lua, que ultrajada nos turbantes
sempre minguante foi, sempre eclipsada;
cintilando nos bárbaros alfanges,
entre ousadias cheia
já reluz, já se atreve, já campeia
contra as Lusas marítimas Falanges.
Se enquanto cobre o Céu, o Sol rodeia,
de César te exaltou o luzimento;
hoje no Indo, e Gânges
tudo é mágoa, terror, susto, e lamento.
Sei que foste Teatro da Justiça,
do valor, da abundância, e da clemência,
do Fausto, da grandeza, e Majestade,
da Sacra Religião, douta Prudência,
da Isenção, que despreza a vã cobiça;
e da sempre Real Benignidade.
Sei que com imortal Heroicidade
ao Persa declaraste tributário
do Sunda, e Queima Santo
e do pérfido Arábio foste espanto.
Fazendo a tanto rude Adversário
em fogo naufragar, arder em pranto,
e que o Angariá soberbo, e astuto
desse ao Régio Erário
transmutado em despojos o tributo.
Tantas Glórias imensas, não ignoro,
tanta dívida em ti, bem reconheço,
mas em mim, se adianta mais a Glória.
Não tem estimação, não sofre preço,
o grande influxo, o singular decôro,
que já dedico ao Templo da Memória.
Que Triunfo há maior, que igual Vitória
que possa competir com a Constância
de um Heróico cuidado;
para o doce da Paz feliz estado,
para a sempre plausível Abundância,
a tanto Benefício, a tanto Agrado!
Eu que sou o Brasil, já dêste modo
com segura arrogância,
a Ásia o digo, e ao Mundo todo.
Porventura lograste a nova Atenas
que me enobrece a mim, o Téspis culto
às Musas dedicado, e ao Parnaso?

Apesar do cruel bárbaro insulto
 restauradas em mim, hoje as Camenas
 Oriente fizeram dêste Ocaso.
 Feliz destino, glorioso acaso
 faz César, que na História ressuscitem,
 êsses Heróis sagrados,
 os Capitães prudentes, e esforçados;
 que as Musas liberais se facilitem,
 que a Fama atrói com sonoros brados.
 Assim, assim ó tu Ásia famosa
 deixa me felicitem,
 quanto mais obrigada, mais ditosa.

Canção detém a voz, suspende o vôo
 para tão alto Herói não tens alento;
 só os Clarins do Aplauso
 encher podem de assombro ao Firmamento.
 A Esplendor tanto, explique reverente
 do Sol o luzimento;
 no Ocaso, no Zênite, e no Oriente.

D.O.C.

O Acadêmico Nubiloso
Caetano de Brito e Figueiredo.

Assunto primeiro.

Qual mais deve ao Excelentíssimo Senhor Vice-Rei
 Goa, ou a Bahia.

SONETO

Lá onde em berços de Zafir Luzente
 a Aurora nasce, anima o Sol ao dia,
 a raios, [nôvo Sol] da valentia,
 ilustrastes de Goa, a altiva frente:

Mas hoje que na América florente
 a esfera amanhecestes da Bahia,
 nada menos brilhante se avalia,
 porque a luzes também fica valente.

Sendo pois tão iguais suas vitórias
 seus desempenhos são os que discretos
 fazem que avultem mais as nossas glórias:

Pois quanto de oblações vai a projetos,
deve Goa, o que estampa nas memórias,
a Bahia, o que imprime nos afetos.

Do Acadêmico Obsequioso.

[*Gonçalo Soares da Franca*]

Ao assunto heróico.

SONETO

Qual mais vos deve, quanto mais vos ama,
se pergunto a Bahia, escuto a Goa,
esta que vos perdeu, triste pregoa,
porque a haveis de deixar, ess'outra clama.

Indecisa, e sonora igual a fama
por ambas fala, por nenhuma entoa;
todo o levante nos suspiros voa,
o Ocaso todo nos temores brama.

Se porém menos fica endividada
aquela, que em finezas mais se apura,
a Bahia, Senhor, não deve nada.

Vêde pois qual mais paga vos segura,
se quem sente u'a perda, já passada,
se quem chora u'a ausência, inda futura?

Do Acadêmico Obsequioso.

[*Gonçalo Soares da Franca*]

Ao Assunto heróico.

ROMANCE

1

Inclito excelso Vis-Rei,
De cujas ações preclaras
São pequenos pregoeiros
Todos os clarins da fama.

2

Vós que do Sol nas mantilhas,
Ou seja nos berços d'alva
Deixastes ambos escuros
Por vossas proezas claras.

3

De quem conta o Oriente todo,
De quem publica tôd'Ásia
Que os louros, que ovante cinge
São ramas, que corta a espada.

4

Quando caducas no Estado
Aquelas florentes palmas,
Que murcharão nos Botelhos,
Reverdecirão nos Gamas.

5

A enxertos do vosso impulso,
Que agriculturas são d'alma,
Das esperanças despidas
Frondosas ressuscitaram.

6

Fazendo que as mais vizinhas,
E as Nações mais apartadas
A servir ao jugo dessem,
Rendessem antigas [parcas]

7

Já trocando em fogo as ondas,
Em mar de sangue as searas,
Onde por bôcas de bronzes
Gemiam línguas de chamas.

8

A cujo brado Tremante
De Dóris a azul campanha
Sete bôcas serrou o Nilo,
Prendeu o Indo três gargantas.

9

E a cujo som inda agora
Tôda a Índia em consonâncias
Quando entoa os seus triunfos
Os vossos encômios canta.

10

Tanto escreve agradecida,
Que em lâminas da lembrança,
Pois inda por vós suspira
Vossas imagens estampa.

11

Mas a Bahia, que grata
Se opõe a finezas tantas,
Publica que mais vos deve,
Suposto que mais vos ama.

12

Sem negar de Ásia as vitórias,
Diz que mais vitória alcança,
Pois lá triunfastes dos corpos,
E cá dominais nas almas.

13

Tanto acêrto da prudência,
Da piedade ações tão raras,
Sem que a justiça se ofenda,
Quando a penúria se ampara.

14

Ser benigno ao mesmo tempo,
E reto na mesma coisa,
Inclinar para o favor
Quando a inteireza não baixa.

15

Conciliar respeito, e agrado
Unindo nestas distâncias,
Que as oblações se agradeçam
Sem que se humilhem as aras.

16

Punir sem queixas delitos,
Ter os méritos sem ânsias,
Reverente à obediência,
E à Majestade adorada.

17

Ficando por tais motivos
O Brasil com ditas tantas,
Que o valor de uma Bahia
Muitas Índias não igualam.

18

Triunfos são de tal preço,
Vitórias são de tal marca,
Que é de crer obram afetos
Mais de que obraram as armas.

19

Porisso eternos espelhos,
 Presentindo a vossa falta,
 Para que sempre vos veja
 Nos corações vos prepara.

20

Julgai agora, Senhor,
 Pois tão bem pesais as causas,
 Se vos não deve a Bahia
 Mais do que Goa vos paga.

21

Que o que sente a minha Musa,
 Sem o subôrno da Pátria,
 É que, se vos chama Goa,
 A Bahia vos não larga.

Do Acadêmico Obsequioso.

[*Gonçalo Soares da Franca*]

Ao primeiro

SONETO

Igualmente felizes, e obrigadas
 a Índia, Goa, a América, a Bahia,
 ditosas de maior soberania,
 quanto sejam, contendem fortunadas:

Bem tôdas justamente aventuradas,
 devedoras altercam a porfia;
 qual merece, Senhor, a primazia,
 entre tôdas as mais avantajadas:

Mas como Sol, igual, claro, patente,
 para todos, no amparo, na pessoa,
 sois soberano, ó Príncipe excelente!

Não se pode julgar, qual leve a c'roa,
 pois gratas vos dedicam igualmente
 templo a Bahia, simulacro Goa.

S. C.

De Luís de Siqueira da Gama.

Ao 1.º

Prosopopéia da Bahia, e Goa.

GOA

De obrigações em concurso,
na prelação obsequiosa,
disputamos, Bahia,
tem de ser minha a vitória;

Feliz, porque eu a primeira
fui, que nos reinos da aurora,
de ser império, a ventura,
de César, tive famosa:

Tu Bahia, atualmente
a glória suma se gozas
de obedeceres, felice,
a sacra frente, que adoras;

Eu porém fui a primeira,
que a fortuna venturosa,
gozei, no desejo; instantes,
mas séculos, na memória;

Na precedência dos tempos,
eu sou a mais devedora:
como precedi na era,
devo preferir na c'roa:

Dos credores no concurso,
é dos Juristas axioma,
que a precedência nos tempos,
da prelação nas propostas;

Nesta pois, que disputamos
amantes, Bahia, nota
que deve ser minha a palma,
pois a justiça me sobra:

América, eu te precedo
nos triunfos, e nas honras,
que me deu o Herói sublime,
que tu me usurpas ditosa.

Êste pois, que vencimento,
no concurso d'altas glórias
meu era, como obrigadas
somos, fóssemos credoras;

Injusto será, que tu
a minha dívida força
fazendo, mais que violenta,
queiras obter possuidora!

Desiste logo, Bahia,
da pretensão extremosa,
de que te jactas felice,
de que opulenta blasonas;

Pois razão equivalente,
não considero, que possas
ter maior; com que desfaças
as minhas razões notórias.

BAHIA

Suspende Goa o discurso;
porque é razão também ouças
motivos, que multiplicam
da minha dívida a soma;

Se tu primeira gozaste
da ventura majestosa,
que hoje ilustra dignamente
nova a Lusitânia tôda!

Já se vê, que limitada
eres (sic) eclíptica pouca,
pera sólio seres claro,
dum Sol, de que Febo é sombra.

Por mim te deixou, ó Índia!
a grandeza sempre heróica
do Príncipe, que idolatro,
do Viso-Rei, que me doma;

Se te deu, Ásia, triunfos,
a mim, diz, que vitórias
não darão sempre invencíveis
tantas excelências Godas?

A ti conservou-te a vida,
quando a rebeldia Moura
precisou feudos pagasse,
que te negava, orgulhosa.

E a mim aumenta-me a vida
alma inspirando-me nova;
pois desvelado acautela,
que todo o Brasil socorra;

Nos acertos da prudência,
da justiça nas forçosas
execuções; que não devo
daquela balança as conchas?

Na temperança das penas,
e da milícia nas formas,
a seu valor, que não devem
as minhas províncias tôdas?

Desde êsse rio da Prata,
té o grande das Amazonas,
que obrigações lhe não devo,
de inumeráveis, sem conta?

Tudo isto, e mais devo ainda
à sacra mão poderosa,
do César, que me engrandece,
do Numa, que me acrisola:

Agora vê racionável,
e bem advertida Goa,
se na questão de obrigada,
me preferes contendora.

S. C.

De Luís de Siqueira da Gama.

A Bahia em competência com a Índia qual delas
é mais obrigada ao Excelentíssimo Senhor
Vice-Rei.

SONETO

Esse império da Índia dilatado,
Ao valor do Vis-Rei esclarecido
Deve ver-se, qual Fênix renascido
Das frias cinzas, do poder passado.

Em paralelo não, avantajado
Com aplauso contemplo repetido,
Muito mais, que ao valor, agradecido
Ao seu afeto, o Americano Estado.

Se do Vis-Rei em bélica porfia,
Vencendo seu valor qualquer projeto,
Dos ânimos rendeu a antipatia:

Mais do que a Índia a tão sublime objeto
 Publique obséquio máximo a Bahia;
 Porque mais, que o valor, merece o afeto.

[*João de Brito e Lima*]

Pelos mesmos consoantes ao mesmo assunto.

SONETO

Fêz o Império da Índia dilatado
 O Vis-Rei, e seu nome esclarecido,
 Para o futuro tempo renascido,
 Quanto extinguindo a glória do passado.

Com reverente culto avantajado,
 Deve sacrificar-se agradecido,
 E com júbilo sempre repetido
 Afetos publicar, aquêlé estado.

Mas se se opõem em grátula porfia,
 Sendo da Ásia, e da América o projeto
 Vencer da ingratição a antipatia:

Tem a Bahia a glória por objeto;
 Porque é glória maior para a Bahia,
 A dita merecer do seu afeto.

[*Idem*]

Ao mesmo Assunto.

SONETO

Da espada do Vis-Rei ao duro corte
 Ásia obrigada os créditos conserva,
 Se da ignorância a discrição preserva
 Na Bahia, lhe aumenta mais a sorte.

Reserva para a Índia, o valor forte
 Para a Bahia, a descrição reserva,
 Esta, sendo Palestra de Minerva,
 Se foi aquela, escolha de Mavorte.

Mais, que ao Vis-Rei valente nesta história,
 Ao Vis-Rei entendido, com portento
 Deve a Bahia a mais feliz memória.

Tendo neste Crisol do entendimento
Que proteja, se aumente a sua glória,
o nosso afeto, duplicado aumento!

[*Idem*]

Ao mesmo assunto.

SONETO

Em cultos sacrifícios da memória
Do que Senhor vos deve Indiano estado,
Sendo em aras do amor sacrificado
Sua gratulação fará notória.

Mas se a Bahia aplaude em nova história
As magníficas honras, que há logrado,
Quanto a favor julgar mais elevado
De mais agradecida terá a glória.

Se bem, que é mui difícil esta empresa,
Sendo para tão nobre sacrifício
Limitada oblação tôda a fineza:

E mais que obséquio, dá de ofensa indício;
Porque fôra menor vossa grandeza,
Se o grátulo igualara ao benefício.

Do Acadêmico Infeliz
João de Brito e Lima.

Julgando igual a obrigação que deve a Índia, e a
Bahia ao Excelentíssimo Senhor Vice-Rei.

SONETO

Foi a Índia por vós ressuscitada
Nos horrores do ócio submergida.
A Bahia também destes a vida
Em sombras da ignorância sepultada.

Com esta ação àquela comparada,
Com esta glória àquela competida,
Não foi por grande esta excedida,
Nem por suprema aquela avantajada.

Se em paralelo igual se considera
 Uma, e outra fineza, qual julgara
 Com mais obrigação, não me atrevera.

Porque qualquer, que a gratidão faltara,
 Ou menos obrigada parecera,
 Ou ao bem mais ingrata se mostrara.

Do mesmo Autor.

Ao primeiro Assunto

SONETO

Do Excelso Vice-Rei trata a Bahia,
 qual conselho de Atenas conhecido,
 confessando, a êste Herói esclarecido,
 as Letras; se o Oriente a valentia.

Nesta grande questão, nesta porfia,
 da Índia o Estado; e êste presumido:
 pretende cada um ser preferido;
 sendo claro o direito, como o dia:

Pois se a Índia o esforço, só decanta:
 no esforço se não deu nunca intervalo
 quando êste Estado, em Letras, se adianta.

E quando assim me explico, e menos falo,
 é o que a nossa Bahia mais levanta.
 pois digo, em seu louvor o que mais calo.

Por Manuel Ferreira da Luz

Vigário do Destêrro da Cidade.

Ao Excelentíssimo Senhor Vice-Rei. Sôbre o primeiro assunto.

SONETO

Em competência está a Terra Goa
 Com a tórrida Zona contendendo,
 Qual delas um Planêta mesmo tendo,
 Mais obrigada, e amante se pregoa.

E se do Gânges tanto a fama soa,
 Rendidas atenções estão devendo:
 Adorações a América rendendo
 Ao nosso alto Vis-Rei Sol nôvo entoa.

Lá foi Planêta, Sol, astro fulgente
 Na Gangética Terra, e berço Gôo
 Alto, sublime, celso, e sublimado.

Cá subindo a Zênite mais eminente,
 Marte está dando as luzes de Pirôo;
 E porisso o Brasil mais obrigado.

Frei Manoel de Santa Maria M. (?)

Ao Excelentíssimo Senhor Vice-Rei
 Sôbre o primeiro assunto.

SONETO

Ao valor Lusitano, Heróico peito
 Do nosso alto Vis-Rei César triunfante,
 Para os triunfos nada lhe é bastante,
 Para as finezas é o Mundo estreito.

Se os favores, que em Goa já tem feito
 Sinal de seu primor dão relevante,
 O que goza a Bahia cada instante
 Expressar não se podem no conceito.

Por esta obrigação compete Goa;
 O Brasil na contenda não desista
 De tal emulação, e emprêsa boa:

Porque em lide tão clara, e tão prevista,
 Como por todo o Mundo a fama entoa,
 Do Brasil fica Goa muito à vista.

Frei Manoel de Santa Maria etc.

Qual deve mais a Sua Excelência se a Índia,
 ou a Bahia?

SONETO

As Quinas ilustrastes, já no Oriente
 Do por vós vencedor Luso Estandarte;

Mas como para tudo tendes arte,
Introduzis as Musas no Ocidente.

Exaltais, como César, igualmente
Armas, e Letras n'ua, e noutra parte,
Da América nas Aulas nôvo Marte,
Se da Ásia nas Campanhas Presidente.

Ceda a Índia à Bahia a preferência,
Que se as Letras se deve a primazia, (1)
Não lhe pode tirar a preeminência.

Quanto pois têm as Letras de valia
Mais que as Armas, Senhor, sem competência,
A vossa proteção deve a Bahia.

De André de Figueiredo Mascarenhas.

Ao primeiro assunto

Quem mais deve ao Excelentíssimo Senhor Vice-Rei
a Índia ou a Bahia.

SONETO

Na Ásia se viu César Marte armado,
Se na América hoje é Sol luzente;
Ó que bem êste brilha no Ocidente
Quando fica o Oriente já ilustrado!

Ser Planêta em si mesmo equivocado
Se conhece no influxo diferente,
Pois inflama esforçado o ser ciente,
Se por sábio ilumina o ser Soldado.

Destas pois influências, que a Bahia
E a Índia por grandes considera,
Se pergunta qual logra a primazia?

Mas se é um êsse herói, que ambas fizera,
São iguais; pois é certo que as faria
Quem não deixa de ser, o que antes era.

De Luís Canelo de Noronha.

(1) *Cedant arma togae etc.*, citação ao lado do verso.

Qual vive mais obrigada ao Excelentíssimo Senhor
Vasco Fernandes César de Meneses a Índia
ou a Bahia.

SONETO

A trombeta da Fama a dois estados
Hoje em campo de Palas desafia,
Marte pela Índia sai; pela Bahia
Com passos corre Apolo agigantados.

Já contendendo os dois vice-reinados
Por um César de tal soberania,
Mostrando em letras, e armas valentia
Querem palmas levar mais obrigados.

Marte diz deve a César mil vitórias;
Diz Apolo dever-lhe enobrecido
Por Protetor das ciências cem mil glórias.

Mas por ambos o triunfo é repartido;
Pois se está lá qual Marte nas memórias,
Cá nas Letras qual Febo alto, e subido.

de Antônio de Oliveira.

[Assinatura com letra diferente]

Aos dois Estados, do Brasil, e da Índia sôbre qual
deve mais ao Excelentíssimo Senhor Vice-Rei
Vasco Fernandes César de Meneses.

SONETO

De Heróico assunto, Heróica competência
Tem da Índia, e Brasil os dois Estados
Sôbre qual sendo-lhe ambos obrigados
Deve mais, ou fêz mais Sua Excelência,

Do Invicto Senhor na alta Regência
Os dois vemos em tudo equivocados,
Porque foram por êle governados
Com valor, com justiça, e com prudência.

Logo se o do Brasil que em tudo o aclama
Traz o quanto lhe deve hoje a memória,
Mostre a Índia por êle o que se inflama.

Faça-se a obrigação dos dois notória,
 Recompense-lha a Índia em lhe dar fama,
 Porém pague-a o Brasil com lhe dar glória.

Por Anastácio Ayres de Penhafiel.

Ao assunto heróico, em que se trata, quem em mais
 obrigação esteja ao Excelentíssimo Senhor
 Vice-Rei Vasco Fernandes César de Meneses
 se a Índia ou a Bahia.

SONETO

Em douradas mantilhas, cintilante
 Nasce o Sol, nesse Oriente luminoso;
 Porém mais se acredita de lustroso,
 Quando ao maior Zênite, sobe radiante.

Então mais se reputa por flamante
 No brilhar, mais luzido, e mais pomposo,
 Porque em trono de luzes majestoso,
 Se coroa de raios rutilante.

Se o César Sol benigno, e Soberano,
 Lá no Oriente das Luzes logra a glória,
 De acedor a lembrança do Indiano:

Onde ostenta mais luz; razão notória:
 Faz, que todo êste Estado Americano,
 Grave em mármore mais grata memória.

Do Licenciado

Jorge da Silva Pires.

Ao mesmo Assunto, e pelos mesmos Consoantes.

SONETO

O Sol, que lá no Oriente, cintilante,
 Para luzir se ensaia luminoso,
 Quando ao alto Zênite chega lustroso,
 Então créditos logra de radiante.

Luziu na Índia o César Sol flamante,
 Nos primórdios de seu lustre pomposo,
 Mas na América trono majestoso,
 Constitui de raios rutilante.

Por Plâneta de influxo Soberano,
 Dos mais astros modêlo, lustre, e glória,
 Ainda hoje o reputa o Indiano:

Mas Estátuas por dívida notória,
 Promete todo o Estado Americano
 Consagrar-lhe no Templo da memória.

Do Licenciado

Jorge da Silva Pires.

Comparando a Índia com o Brasil no Govêrno do
 Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César
 de Meneses. Assunto heróico da presente
 Conferência.

SONETO

Os dois melhores climas apartados,
 Dois Orbes, dois Impérios estendidos,
 Pelo Rei mais Augusto possuídos,
 Pelo mais feliz César governados,

Serão sempre com glória comparados
 Sem excesso entre si só competidos
 No poder do Monarca engrandecidos,
 Nos ombros do vassalo sustentados.

Sustentar o Edifício Majestoso
 De dois Mundos, a face da fortuna
 Tem sido empenho forte, e generoso.

Sendo de tanta Máquina oportuna,
 O Rei grande, o Regente valoroso
 Um, Coroa da obra, outro Coluna.

O Acadêmico Vago

Sebastião da Rocha Pita.

Ao mesmo Assunto heróico, mostrando vantagens na
América pela posse.

SONETO

Vêm América, e Ásia a preferêcia,
Trazendo o fundamento da vitória
No Governo de um César tôda a glória,
No Mundo de um Vi-Rei tôda a excelência.

Porém nesta galharda competência
De uma parte há vantagem mui notória,
Pois Ásia o bem conserva na memória,
Quando América o logra na existência.

Entre ambas finalmente se conclui
Ser, por regra constante do direito
Melhor a condição de quem possui.

Êste Planêta deu a ambas respeito,
Mas se em uma influiu, e noutra influi,
Lá existe o sinal, e cá o efeito.

O Acadêmico Vago

Sebastião da Rocha Pita.

Primeiro assunto.

Quem está mais obrigada ao Excelentíssimo
Senhor Vice-Rei Vasco Fernandes César
de Meneses: se Goa ou se a Bahia.

Mostra-se natural, clara e facilmente, que a Bahia,
ou o Brasil está mais obrigado.

SONETO

Competência fatal Goa, e Bahia
Publicam generosamente opostas,
E sem dar pé atrás, nem voltar costas,
Cada uma pretende a primazia.

Goa diz, que ela teve a regalia
De vencer as nações mais contrapostas,

Quando em bélicas turmas bem dispostas
 O claro, heróico César a regia:

A Bahia lhe diz constantemente,
 Que o mesmo César sempre sublimado
 Em paz a manda, e rege de presente.

Pois se o presente é mais do que o passado,
 E a paz à guerra excede; está corrente,
 Que o Brasil deve ser mais obrigado.

Do Académico Inflamado

João Alv'res Soares.

Qualis debeat magis Excellentissimo Caesari India,
 cui praefuit, an Bahia, quae modo eum in
 deliciis habet Proregem?

EPIGRAMMA

Orbis Alexandri laudat uenerabile nomen,
 Belligeri poeni gloria uiuit adhuc.
 Sed quid Alexandri nomen? quid gloria poeni,
 Caesaris extat ubi nomen, es ipse simul.
 Mouerunt illi tantum Mauortia tela:
 Hic Martis praeter Palladis arma mouet.
 Comprimat antiquos ergo, sileat qui uetustas:
 Laudetur Caesar, Brasila terra, tibi.

[*Emanuel Nunes de Sousa*]

Aliud eidem

EPIGRAMMA

Indica nempe tibi multum debere fatetur,
 Tellus, sed debet Brasila multa magis.
 India te celebrem Mauortis uidit in aulis:
 Palladis, et Martis te tenet aula modo:
 Excelunt ergo Martem quo Palladis arma,
 Debet eo tellus Brasila nempe tibi.

Emanuel Nunes de Sousa.

Questão, em que se propõe, quem deva mais ao
Ilustríssimo, e Augustíssimo César, e Senhor
Vasco Fernandes Vice-Rei emeritíssimo da
Bahia, se a Índia, ou a Bahia.

DÉCIMA

Questão há na Academia
Se a César mais obrigada
Fôsse a Índia dilatada,
Se a douta, e a nobre Bahia.
Quanto o que me parecia,
Querendo as partes convir,
Que a Bahia hei de inferir;
Porque se lá reluzente
Foi como Sol no oriente
Cá como Sol no Nadir.

Emanuel Nunes de Sousa.

Bahiensem Metropolem plus Caesari debere, quam
Indiam concluditur, cum in illa arces condiderit.

EPIGRAMMA

Tecum, Brasilici caput insuperabile mundi,
Dissidium Eous non leue mundus init.
Palma tibi certa est, certa est tibi Laurea: lis est
In quonam Caesar largior orbe foret?
Ipsa quidem dubium dissolueret India, (si te
Caesarea ornatam cerneret arce,) tuum.
Nam tibi praesidiis opus est, non arcibus; hostem,
Nam satis, ut posses uincere. Caesar erat.

[Sem indicação de Autor]

Contendunt Bahia, Indiaque; et quae nam plus
Caesari debeat, inquirunt.

EPIGRAMMA

Praestiterit cuinam plus Vasquius, India quaerit:
Vna respondet uoce Bahia: mihi.
Lis nimium facilis, facilis contentio uestra est;
Pro qua soluenda uox satis una fuit.

[Sem indicação de Autor]

Plus Caesari Bahiensem Metropolim, [quam] Indiam
cum in illa maximum sub Caesare sit Literarum
incrementum debere concluditur.

EPIGRAMMA

Consubiit magnam tanto de Caesare litem
Nuper cum Brasilis Indica terra plagis.
Caesareis quaenam donis deuinctior esset,
Acciperet quaenam pluraue, pugna fuit.
Nunc erit argutae mens auscultanda Mineruae;
Hanc etenim litem soluere sola potest.
Construxit cunas tellus mihi Brasila Musae
Hic etiam tanti Caesaris arte uigent.
Iam litem dirimens, a tanto munera testor
Caesare Brasiliensium plura habuisse solum.
Vnum etenim munus tibi Vasquius, India, quando
Proregis munus uisus obire, dedit.
Brasiliaeque duplex quando Regisque, Iouisque,
(Cum daret in lucem Pallada,) munus obit.

[*Sem indicação de Autor*]

Concluditur plus Caesari Bahiensem debere
Metropolim, quam Indiam, cum in illa
maximum sit, regnante Caesare, literarum
incrementum.

EPIGRAMMA

India iam mille, et mille incrementa Bahía,
Te moderante, tulit, te moderante, tenet.
Cui tamen illarum consurgit gloria maior?
Hac in lite orbi uincere utrique datur.
Si causam quaeras, reddam: sub Caesare tanto
Ditior illa fuit, doctior ista manet.

[*Sem indicação de Autor*]

Plus Caesari Bahiam debere fatemur, quam Indiam,
cum ab illa famen Caesar expulerit.

ELOGIUM

Bahiensem Metropolim,
Mundi Brasilici caput,
Plus tibi debere
Fateri debemus,
Excellentissime Caesar.
Nec in aliam
Inclinare sententiam fas erat,
Ex hac postquam ciuitate famem
A te uidimus declinatam.
Alimentorum penuriam fames affert;
Nunc uero
Non exiguum laudibus tuis alimentum
Fames ipsa praestabit.
Et quamuis illa uacuitatem plerumque ferat,
Numquam tamen plenior habui calamum,
Quam cum de fame fit sermo.
Huic sane populo,
Euitata famis saeuitie,
Vitam contulisti.
Ex quo te merito
Veteres extollam supra Caesares;
Maxime supra Tiberium,
Tertium post Augustum Imperatorem.
Hic enim
Ipsos etiam nepotes
Fame perdidit:
Tu uero, praestantissime Caesar,
Ne tuos perderes,
Famem perdidisti.
Tiberium fames occidit;
Tu famem.
Illus fames infamem reddidit;
Tibi uero
Expulsa fames
Famam attulit immortalem.

[*Sem indicação de Autor*]

Conferência de 12 de novembro

Segundo Assunto

Foi o segundo assunto uma dama que tomando
o fresco em um jardim quando viu
pôr o Sol começou a chorar

Ao 2.º assunto.

ÍDILIO

Dizem que Anarda bela
A dar gala ao jardim fôra uma tarde;
E foi indústria nela,
Por fazer de seus donos lustroso alarde;
Porque sua presença
Dá os alentos melhores
Bem como de manhã, de tarde às flôres.

Cobrou nova alegria
Tôda desfeita em júbilo a floresta,
De ver naquele dia,
Que a aurora a visitou depois da sesta.
Prodígios são de Anarda,
Pois em favor de Flora
Quando o Sol se quer pôr, sai como aurora.

Mas tanto que o viu pôsto
Contam que magoada o sentiu tanto,
Que as flôres de seu rosto
Saúdosa regou com doce pranto.
Se em flôres chove a aurora,
Obrou bem, e era brio
Chovesse nas de casa o seu rocio.

Mas se do Sol entende
Que é digno sepulcro um oceano,
Nisto de que se ofende,
Para si tomar pode o desengano.
Ver um Sol submergido
Nas águas lhe faz mágoa
E não sente dois sóis, que afoga em água?

Se chora compassiva
 Pelo Sol, que ao ocaso uma vez corre,
 Para que é tão esquiva
 Com quem por ela tantas vêzes morre?
 Tome Anarda um conselho,
 Ou no seu pranto cesse,
 Ou empregue o seu pranto em quem o merece.

Dizem que antagonista
 Do Sol, por competi-lo em claridade,
 O quer ter sempre à vista
 Para dêle triunfar [com] majestade.
 Mas como êle lhe foge,
 Ao pranto se condena,
 Porque não ter quem vença, lhe dá pena.

Ó formosa heroína
 Nobre injúria de Palas, Juno, e Vênus,
 Beleza peregrina,
 Que a beleza do Sol faz luzir menos,
 Se assim Páris te vira,
 Não dissera que igualas,
 Mas que excedes a Vênus, Juno e Palas.

Porém (tornando ao pranto)
 Eu sei, por observar de Anarda o gênio,
 Se pôs a chorar tanto,
 Porque o Sol com os seus olhos é homogêneo;
 E vendo que êle expira,
 Teme com igual sorte,
 Que também para os seus pode haver morte.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Delia Ad fenestram sub occasum solis lacrimatur.

EPIGRAMMA

De Carlos de Azevedo.

Phoebus equos cum primus agit rediuius ab undis,
 Interius lacera Memnone [chor da luceat]
 Flebilis occiduum prospectat Delia Phoebum;
 Ille ciet cantus; elicit haec lacrimas.
 Vna, eadem risus, una est et causa doloris;
 Discruciat fato, quod fuit in pretio.

Ao mesmo intento

SONETO

Do mesmo autor.

Delia, gracioso esmalte de beleza,
 À janela cuidados divertia;
 Quando o Pai de Faetonte têrmo ao dia
 Põe por lei do Autor da natureza.

Eis que em líquidas sombras de tristeza,
 Que mais o claro dia escurecia,
 Delia os formosos olhos escondia
 Ou por tributo amor, ou por fineza.

Oh! condição humana, Oh! sorte dura
 Quem dos laços de amor se viu isento,
 Se tributos lhe paga à formosura?

Mas Tu, a quem amor no amargo acento
 Lições dita, aprende; que é cordura,
 Remir com menor mal maior tormento.

Ao assunto lírico

SONETO

E se aljofar, que viertes resentida,
 Tu piedad, Francelisa, desacata,
 pues quieres por un Sol, que a si se mata,
 a dos Soles sacar cruel la vida;

Com imbidia de verte más lusida
 muerese triste, en sombras se desata,
 que fuere de si Luz soberbia ingrata,
 no quedar a tu vista desmentida.

Más que importa, que muera compasivo
 si en el llanto, que viertes por el yerto
 adquiere presuncion de más altivo:

Pues hace tu piedad com noble acierto,
 se una Aurora le rio quando vivo,
 que otra Aurora le llore, quando muerto.

De Francisco Pinheiro Barreto.

Vigário da Igreja de São Pedro.

[ROMANCE]

Oração de novidade
sôbre os lamentos de Clori,
sem causar admiração
que hoje um retrato lhe forme.

Na cópia é justo também
alguma coisa se inove,
se passar de extravagância
dou que fazer aos censores.

Se parecer que vou fora
do assunto, a fôlha se dobre,
mas peço que até o finis
o romance não me estorvem.

Se pobre fôr de conceitos
cada qual faz o que pode,
que eu não costume pedir
esmolas inda que pobre.

Chora a môça quando vê
se retira o Sol ao pôr-se,
se o Sol foi êste, ou aquêle
a môça na cama o chore.

A testa é um campo de neve
onde Cupido se move
a encender as suas chamas,
e fulminar seus ardores.

De ouro o cabelo mais raro
imita ao Sol nos primores,
e são tão primos cabelos
que não há quem os desdoure.

Nas faces as maravilhas
há muito que estão de posse,
pois sôbre posse os Jasmins
com ricos Cravos se colhem.

O Nariz é um invento
de ventas mais superiores
onde o vento que respira
só a ser aroma sobe.

Se eu fizer morte à garganta,
não há de haver quem o glote,
pois só glosas de cristais
podem servir a tal mote.

Os peitos são duas piras
de pérolas mui conformes,
com dois rubis por remate
sendo de Jacintos cofres.

As mãos são dois pedacinhos
de aljôfar, e de tal sorte
que pelo mimo, e brandura
nelas um jasmim não sofre.

A cintura certamente
é da ordem das menores,
pois na regra de apertada
não vi mais estreita ordem.

Que direi do pé agora?
nada; nem isto se note;
porque pé que não faz ponto,
à interrogação responde.

Ora eu já ouvi dizer
que às vêzes a um pobre homem
do pé para a mão sucedem
os sucessos mais atrozes.

Porém nesta Dama os têrmos
os vejo trocados hoje,
pois só do pé para os olhos
vejo retratar a Clori.

Luzeiros são os seus olhos
sômente lá no horizonte,
pois nem nuvens, os eclipsam,
nem serafins os escondem.

Cada um é um dia claro,
e se um Sol de um dia é norte,
sendo dois dias seus olhos
vem a ter nêles dois Sóis,

A bôca qual noite escura
dizem que é, e tão enorme,
que já Pavao da bôca
a bôca cheia é seu nome.

Logo chorou com razão,
pois é justo em tais horrores,
que chorem olhos do dia
vendo-se em bôca da noite.

Francisco Xavier Caput.

Ao Segundo Assunto

ROMANCE

Ao Jardim chega Amariles,
dos jardins, o melhor mapa,
dando mates, às mais flôres;
pois ela é flor anomada:

Vai a divertir com Flora,
certo zêlo, que a maltrata;
porque entendida conhece,
que o mal divertido acaba.

E só semelhante fogo,
a Amariles abrasara;
pois é o que, abrasar, costuma,
belezas tão extremadas.

Vendo-a, o Sol, todo suspenso
para o ocaso faz marcha,
que como se vê rendido,
logo vai em retirada.

Acha-se o Sol, tão corrido,
que para longe se aparta
remédio, que só se aplica
a quem desprezado se acha.

Mas Amariles, de alegre,
logo em lágrimas desata
porque o gôsto mais intenso
só com chorar, se declara.

E se para o outro dia,
o desempenho, o Sol guarda,
e debalde porque agora
está Amariles armada;

Porque são tão poderosas
nas Mulheres, estas armas,
que se fere, o Sol, com raios,
elas com lágrimas matam.

Se com lágrimas a Aurora
do Sol festeja a chegada,
com lágrimas, Amariles,
festeja, do Sol a falta:

Que como o vê todo em sombras,
com muita razão se adianta,
para festejar, dois Sóis,
com Auroras duplicadas.

Mas que são pérolas, creio,
e não lágrimas que lança,
que conchas que valem tanto,
pérolas nunca choraram:

Ou disfarçados diamantes,
com luz, em tal abundância,
que os carbunc'los de Veneza,
não chegam a dar luz tanta.

Basta de pranto Amariles;
pois val mais a vossa graça,
que as pérolas, ou diamantes,
que os vossos dois Sóis criaram.

De Manuel de Mesquita Cardoso.

DÉCIMA

Se Clori bela chorara
quando o Sol visse nascer,
com propriedade a meu ver
a lua hoje lhe chamara:
Porém quando ela dispara
a chorar com tal canseira
pondo o Sol fim à carreira;
vendo nelas tais abalos
do Sol parando os cavalos
darei que é estréla boeira.

Do Careta das Sortes
André Carvalho.

Uma Senhora, que estando em um Jardim
ao fresco, vendo pôr-se o Sol, se pôs
a chorar.

SONETO

Se como Josué o Sol mandasse
esta Dama, e o seu poder tivesse,
ordenara, que então se não pusesse,
para que sua ausência não chorasse:

Se o Profeta Isaias lhe ofertasse
como a El-Rei Ezequias, se quisesse
que andasse o Sol ou que retrocedesse,
havia de escolher que ali parasse:

No jardim desejava-lhe assistisse,
porque se foi, o pranto ali começa,
com pesar de que então se lhe encobrisse.

E se admira, que o Sol com tanta pressa,
não tendo já uma lança, inda a ferisse
com a lança, que o peito lhe atravessa.

de Antônio Ribeiro da Costa.

Ao 2.º Assunto

DÉCIMAS

A um jardim saiu Isbela;
e as flôres que ali se acharam,
por Amaltéia a adoraram,
imaginando ser ela.
Apareceu pois tão bela,
ostentou tantos fulgores,
que a sua vista com temores,
perdendo seu arrebol,
se escondeu o mesmo Sol,
com admiração das flôres.

Do Sol ocultar-se a Aurora
todos os dias se vê,
mas da Aurora o Sol, só é
maravilha vista agora

com razão Isbela chora,
vendo ao Sol todo rendido
haver amante seguido
a Dane, e Castália bela
e que agora corra dela
sem cuidar que é decorrido.

Mas disso o fêz com temor;
e de Isbela a luz oculta,
por ver que dela resulta
outra de esplendor maior:
chora Isbela, e se é de amor
que tenha ao Sol que não goza,
pois a deixa desgostosa,
fique coisa averiguada,
não chorar por desdenhada
e só chorar por saudosa.

Nem disso chorou, que amar
ela ao Sol não é de crer,
antes êle pela ver
se havia de enamorar:
chorou para derramar
como preciosos favores,
os aljofrados licores
no jardim, pois não se ignora,
que coas lágrimas da Aurora
é que têm alento as flôres.

de Yerônimo Roiz de Crasto.

Ao Segundo Assunto

ROMANCE

Para aplacar o calor
ao Jardim, saiu galharda
Belisa, que Almas rendendo,
era dos incêndios causa.

Assombro da gentileza,
e de tais prendas dotada;
que a existir em outro tempo,
a Maçã de ouro, lograra:

Sem que fôsse necessária
para as três levar a palma
competir em formosura,
porque nenhuma a igualara.

Esta mesma primazia,
as flôres lhe confessaram,
lançando-se a seus pés, tôdas,
quando Belisa passava.

Tendo vencido na terra,
quanto atraiu sua graça
quis lograr maior triunfo
presumida, e soberana:

Armada de bizzarria
ao Sol, apresentou batalha;
mas êle sem resistir
logo recolheu as Armas,

Confessando reverente,
das luzes, êste Monarca,
que é grosseria ofender
os melindres de uma dama.

Belisa feita senhora
absoluta da Campanha,
chorou excessivamente
do Sol esta retirada;

Porque um peito generoso,
só se satisfaz, e agrada
de uma resistência forte,
de uma grande contumácia:

Mostrando, como esforçado,
que só vitórias alcança,
quem triunfa do valor,
quem Martes rende, e avassala;

Porque o valor, e firmeza,
que mostra a parte contrária,
da vitória, é todo o lustre,
da fadiga, a maior gala.

Ou choraria; porque
como Aurora anunciava
melhor dia, nos seus sóis,
que com mais raios brilharam.

Porém cuidado, que chorou
 mais sentida, que picada,
 querendo desta maneira
 fazer suave a desgraça;

Porque iguais, ao mesmo tempo
 cada um vitória canta;
 se o vencedor do vencido,
 êste de quem o maltrata.

Reconcentrai êste pranto,
 e não queirais inumana,
 ofender dois sóis tão belos;
 por querer, de um só, vingança.

De Jacinto Ferreira Feio de Faria.

A uma Dama, que estando em um Jardim,
 porque se pôs o Sol, se pôs a chorar.

SONETO

Dando às flôres alento, flor do Prado,
 que ao contacto do pé produz verdores,
 espalha a gentil Cintia os resplendores,
 em florido jardim, do belo agrado.

Quando o Sol de corrido, ou de afrontado
 vencido retirando seus fulgores,
 (porque à falta do Sol choram as flôres)
 deixou de Célia o rosto, Astro nevado.

Eu vendo que trocava inadvertida
 por um Sol Luminar, dois Luminares,
 por tão pequena Luz, Luz tão crescida,

Se da ausência do Sol são os pesares,
 como fazeis, lhe disse, enternecida
 que naufraguem dois sóis dentro em dois mares?

Do Acadêmico Obsequioso.

[*Gonçalo Soares da Franca*]

Ao assunto lírico

DÉCIMAS

Cloris, não sei resolver
nesse jardim, em que estais
se Aurora, alentos lhe dais,
se o fazeis, Sol, florescer;
mas creio, vendo verter
na ausência dêsse farol
tanto líquido arrebol,
que são forçosos primores
chorar a Aurora entre as flôres
quando vê ausente o Sol.

Porém se o pranto da Aurora
é riso, que o dia alenta,
como quando o Sol se ausenta
então é que Cloris chora?
Só quem vossa vista ignora
põe objeções tão comuas, (sic)
que a advertir nas luzes suas
dirá que bem chorais, pois
quem tem por olhos tais sóis
também logra Auroras duas.

Como em vossos resplendores
mate aos mais Planêtas dais,
quando êles se assombram mais,
então mostrais mais fulgores;
Ó que discretos primores
mostrais nos vossos pesares,
pois por serem singulares
fazeis com vantagens sumas,
que se entra um Sol nas espumas,
de dois Sóis saiam dois mares.

Mas se o Sol se põe inerte,
vossa vista o não atende,
pois vista, a que o Sol ofende,
essa é que o pranto verte;
tanto pesar se concerta;
não ponhais na luz antolhos,
deixai para mim os abrolhos,
pois perdido em gôlfo tanto,

é bem que só verta o pranto
quem cegou a vossos olhos.

Do Acadêmico Obsequioso.

[*Gonçalo Soares da Franca*]

Ao 2.º

SONETO

Obsequioso se o Sol, Fili adorada,
melhor porque gozeis do sôpro leve
d'uma aura doce, em túmulos de neve
a esconder corre a luz mais abrasada?

Como, senhora, em lágrimas banhada
a vossa piedade lhe prescreve
d'aljôfar mausoléu, que pira breve
há de servir ao Sol urna argentada?

Por vós morto de amôres se procura,
que brando sopra Zéfiro, que inspira
às flôres gala, vida à formosura?

Não choreis, Fili, não; porque me admira,
que sintais, corra o Sol à sepultura,
quando lhe construis no pranto a pira.

S.C.

Do Ocupado.

[*Luís de Siqueira da Gama*]

Ao Segundo [assunto]

ROMANCE

Permiti, Clori discreta,
que se admire o meu reparo,
ver d'uma causa nascidos,
efeitos tão encontrados;

Desceis formosa ao jardim
para dares vida ao campo;
e vejo tristes exéquias,
que estais sentida chorando;

Ao jardim desceis radiante
para na extensão do vasto
âmbito, gozáreis bela,
do Zéfiro os sopros brandos;

E lágrimas derramais?
porque amante o Sol preclaro,
a esconder corre nas águas
os incêndios de seus raios?

Na sua o Sol maior fôrça,
é tão intenso, e tão sacro,
que nem de si mesmo pode
ser vencedor, nem prostrado;

A maior fôrça do Sol,
é no Zênite, não no Ocaso;
de tarde a campo saistes,
e fugiu o Sol de fraco;

Venceu um Sol, outro Sol,
pois da luz no anfiteatro
o esplendor absorve sempre,
que é maior ao menor raio:

Mas chorais, Clori, Senhora,
quando a palma, e os aplausos,
vos consagra o Sol cativo
dêsses olhos, como escravo?

Da novidade o pretexto,
que o não discorra, declaro;
pois ninguém viu ao Sol pôsto,
que vertesse a Aurora pranto;

Na manhã, na madrugada
vemos, que a filha do bravo
Passante as tardanças chora,
com que o Sol chega a seus braços;

Mas chorar na tarde a Aurora,
é coisa digna de espanto!
Se assim chorais as finezas,
sentireis, como, os enganos?

Transformais em pesar fero,
cultos, que o Sol namorado
vos tributa; de que Clície
zelos chora, sente agravos?

Sois, Clori, Eliada amante,
que Faeton lamentando
no Eridano, monumento
construis ao môço ousado?

Não temeis, que o pesar triste,
que é poderoso tirano,
transforme em álamo negro,
d'um jasmim o tenro, o branco?

Como pois, como meu bem,
esperdiçais tão baratos,
êsses de pérolas fios,
que são da beleza erários?

Direis; que se ausenta o Sol,
e que do jardim os quadros
estão em bôcas abertos,
rocios pedindo aos astros:

Direis; que sempre ao Sol pôsto
os jasmíns, a rosa, os cravos,
pelo líquido da rega,
rendem tributo ao olfato.

Que assim é, Clori, conheço;
mas também, senhora, alcanço,
que a fonte, que rega as flôres
sem registro, e intervalos;

Ponde pois registro à fonte,
aos rios fechai o passo;
porque bem já dêsses olhos,
tem bebido assaz os prados.

S.C.

Do Ocupado.

[Luís de Siqueira da Gama]

Uma Dama que tomando o fresco em um jardim
vendo recolher-se o Sol, chorou.

OITAVAS

1

Demandando os cristais de Tetis fria,
Se [desenhava] em coche de escarlata,
O Planêta que o círculo do dia
Com pálido crepúsculo remata.
Alterou-se a Cerúlea Monarquia,
E para se acostar, de fina prata,
E coral esmaltado, um leito teve,
De safira colchões, lençóis de neve.

2

Neste tempo se achava divertindo
Laura, num verde quadro passeando,
Em que Amaltéia a cornucópia abrindo,
Diversas flôres ia derramando
Que de Menon a mãe chorando, e rindo
De pérolas as ia matizando
Desejando tanta dita, que as melhora,
Ao pranto, ou riso, da divina Aurora.

3

A copa de uns jasmims, que com primores
Teceu a Primavera em dossel breve
Ocupou, parecendo em suas côres
Em um Céu de esmeralda, astros de neve.
No sólio, derramadas várias flôres,
Que a seu império tributária teve,
De alcatifa lhe servem, cujo ornato
Pasma da vista foi, glória do olfato.

4

Laura buscava o fresco na espessura
Do florido jardim, donde formosa
Entre as flôres mais célebres procura
De Imperatriz, os créditos à Rosa.
Donde o Zéfiro em branda compostura
Movendo as flôres da estação formosa,
Em cada sôpro, que volante gira,
Suavidades exala, âmbar respira.

5

Donde uma fonte na florida fralda
 Em giros se despenha peregrina,
 Formando (qual de Creta) na esmeralda
 Labirinto gentil de prata fina.
 E antes, que lave de Netuno a espalda
 As flôres pela margem cristalina
 (Que em transparentes círculos realça)
 Os coturnos lhe beija, os pés lhe calça.

6

Neste cândido espelho da espessura,
 (Que com molduras de esmeralda rica
 Formou a natureza) em que a luz pura
 De Faetonte reflexos multiplica:
 Compondo estava Laura a formosura,
 Que sem alinhos mais composta fica,
 Pois deve a natureza mais desvélo,
 Sem afeite o gentil, sem arte o belo.

7

Vendo Laura que ao mar se despenhara
 Dessa Fênix Celeste, a ardente pira,
 Qual se rosa abrasada o Sol deixara
 Ansiosa chora, lânguida suspira.
 De a ver a fonte assim seus cristais para,
 O Zéfiro de servi-la, não respira,
 Bem, que aumentar pudera o seu tormento
 Correntes ao cristal, fúrias ao vento.

8

Lamentava do Sol amarga ausência,
 Porque com êle, posta em desafio,
 Igual solicitava a competência,
 Que fraco lhe negava em seu desvio.
 Conhecendo, que faz a resistência
 Dá crédito ao valor, alento ao brio,
 Que sem oposição qualquer vitória
 O triunfo aniquila, ofusca a glória.

9

Formosa, e liberal nação presente
Ostenta Laura bela, seus primores,
Devendo de seus olhos a corrente,
As rosas mais carmin, mais gala as flôres.
Já não temem de Febo o raio ardente
Tendo de Laura os cândidos favores,
E entre opaco vapor a bela Aurora
Nem da terra se ri, nem no Céu chora.

10

Para vencer ao Sol nestes ensejos,
Sem mais armas, que as lágrimas se atreve,
E depondo as que vibram de seus raios
Moveu (para prender) raios de neve.
Certos serão os pálidos desmaios,
Que a luz do claro Apolo agora teve,
Se intentar outra vez, com Laura bela,
Competir atrevido, e chorar ela.

11

Que lágrimas derrame não se ignora,
Antes por infalível se supunha,
Que era como chorar a bela Aurora,
Depois, que de Faetonte a luz se punha.
Das lágrimas (ou pérolas), que chora,
Serviu êste jardim de testemunha,
As quais Flora gentil, libar se atreve,
Em copos de carmin, taças de neve.

12

As flôres refrescar Laura chorando
Desacêrto não foi em tanta mágoa,
Que quando nos cristais foi Febo entrando
Se costuma lançar nas flôres água.
Oposta enfim aos raios, que vibrando
Contra as flôres estava a ardente frágua,
Em fio tanta neve derretida,
Deu desmaios ao Sol, às flôres vida.

13

Intentavam de Febo os resplendores,
 Dar as flôres, que Laura tem no rosto,
 Com seus raios de igníferos ardores,
 (Por se vingar) flamígero desgosto.
 Ela então por que vivam tantas flôres,
 Para glória de Abril, de Maio gôsto,
 (Com a sentida mágoa a que se entrega)
 Do seu rosto gentil, as flôres rega.

14

Não foi só natural a morte fera,
 Que deu o Ocaso à luz de Febo clara,
 Pois por certo se tem se não morrera,
 Que de ver-se vencido, se matara.
 A fortuna (se bem se considera)
 Mais liberal foi nesta ação, que avara,
 Que antecipar-se na desgraça a morte,
 Se desdita parece, é feliz sorte.

15

Bem quisera não ter os arrebatos
 Da Fênix, êsse raio transparente,
 E que traspasse a esfera negros lutos
 Por sua infausta morte, eternamente.
 Que se há de ver de Laura mal enxutos
 Os olhos outras vêzes, mais contente
 Por tentar não morrer, de os ver tão belos,
 De uma vez acabara, por não vê-los.

16

Se quando nasce o Rei da quarta esfera
 A Aurora matutina no Céu chora:
 Que muito, que ao morrer (com pena fera)
 Tanto aljôfar gentil, lance outra Aurora.
 Bem, que se uma com outra se pondera
 (Pôsto, que ambas tão belas,) não se ignora,
 Que há de por mais formosa, e peregrina,
 A de ter de vencer a matutina.

17

Que se pérolas essa derramando
Da Celeste morada a porta abrindo;
As desta no chão valem mais chorando
Que quantas lança a outra no Céu rindo.
E delas o jardim participando
Tão suaves as flôres vão abrindo,
Que ostentando no seu verdor alarde,
São mais, que na manhã, lindas na tarde.

18

Ao ar, e à terra em luzido desvélo
Dispensa (dando inveja ao Sol, e Aurora)
Laura, um rico tesouro no cabelo,
E outro gentil nas pérolas que chora.
E quando pelo rosto faz movê-lo
O vento, donde tanto aljôfar mora,
Fica formado um singular tesouro,
De pérolas gentis, em fios de ouro.

19

Do valor destas pérolas tão belas
Perante o Sol denunciou a Aurora,
Dando por testemunhas as estrélas,
Do espólio que exp'rimenta indigno agora.
E sendo mal afeitas suas orelhas
Com mais justo motivo a triste chora
Lembrada da sentença (em seus pesares)
Que subornado deu, por Vênus Páris.

20

Das lágrimas de Laura peregrinas
Fêz o Louro Planêta tanto caso,
Que os olhos nestas águas cristalinas,
(Que em outras) ter quisera o seu Ocaso.
Pôsto, que o mundo sentiria as ruínas
Aumentando das trevas mais o prazo,
Pois só por não deixar tal companhia
Larga a noite fizera, breve o dia.

21

Difícil reconhece o Sol a emprêsa,
E porisso de Laura foge à vista;
Que às lágrimas gentil de uma beleza
Não há peito de bronze que resista.
São armas, que forjou a natureza
Para vencer de amor qualquer conquista.
Chora Laura, e chorando claro estava,
Que havia de vencer, porque chorava.

Do Acadêmico Infeliz

João de Brito e Lima.

Uma Dama que tomando o fresco em um jardim
vendo pôr-se o Sol chorou.

ROMANCE

Entra em um jardim florido
Sílvia, donde por lisonja
alegres a recebê-la
sairam as flôres tôdas.

Bem que de invejosas muitas,
e não poucas de vergonha
dos seus verdes gabinetes
não quiseram sair fora.

Essa Imperatriz do prado,
trajando purpúreas roupas,
para lhe entregar o Cetro
humilde a seus pés se prostra.

Não faltou neste cortejo
(Com tôda a luzida pompa)
o príncipe de Arrochela,
vestido de berne em fôlha.

A beijar-lhe a mão também
veio a açucena mimosa,
que na nevada aparência
parece, que se equivoca.

Chega enfiado o jasmim,
que quando a clara mão toca
se foi (vendendo-se excedido)
desta vida para a outra.

Logo soou no jardim
um descante de violas,
donde o Cravo não faltava
às Consonâncias da Solfa.

Aumentando esta harmonia
uma fonte tão canora,
que Cítara de Cristal
com vozes de prata entoa.

As mosquetas diligentes
cargas lhe deram de aromas
repetidas na fragrância
com balas de almícar tôdas.

O pé de um Álamo ocupa
donde a primavera forma,
para trono da beleza
um docel da sua copa.

Donde da flor da chusma
teve Sílvia, se se nota,
em fragrantos sacrifícios
as adorações de Flora.

Para recrear a Sílvia
o Zéfiro brando sopra,
já nas flôres lisonjeiro,
já pacífico nas fôlhas.

Quando o príncipe de Delos
precipitado se arroja,
desde o tálamo de nácar
para o túmulo de aljôfar.

Sílvia, que no Ocaso o via
(qual se no Oriente fôra)
por dar a Aurora essa pena
às vêzes de Aurora toma.

Porisso já se não ri
nos Céus, nem no campo chora,
cuidando, que às flôres dava
nisso um pique de raivosa.

Porém achou-se enganada,
 porque na neve que solta
 dos olhos Sílvia, se alenta,
 do prado a florida pompa.

Da competência com Sílvia
 sentida se mostra a Aurora,
 porque sempre a competência
 consigo traz a discórdia.

Não chora Sílvia porque
 a Luz de Febo se ponha,
 se não porque já não tem
 com quem competências corra.

O Sol, que chorando a viu
 desejou mais que [nascido,]
 ver seu Ocaso nas águas
 que Sílvia dos olhos brota.

Porém vendo que enfadada
 esta dita não lhe outorga
 as boas noites a deixa
 em latim, que tanto [monta].

Muito mais dizer podia
 mas por que sem taxa corra
 êste romance, não posso
 da taxa das vinte coplas.

Do Acadêmico Infeliz
João de Brito e Lima.

Ao Segundo Assunto

SONETO

É mui próprio, o amor, no semelhante,
 e de razão ser bem correspondido,
 pois se observam as Leis de agradecido,
 e se apuram os créditos de amante.

Porém como, essas flôres, inconstante
 se vê correr, em lágrimas, perdido
 teu amor, a êsse ser, quando ofendido:
 Cada um dos teus deixa a cada instante.

Serena, Filís pois, essa fineza
 que ao fresco jardim está contravertendo
 e aos sóis que: ao Sol excedem na beleza.

Pois se o Sol, nesses mares, recolhendo
a pompa, os teus se eclipsam de tristeza,
morra um Sol: e não fiquem três morrendo.

Manuel Ferreira da Luz

Vigário do Destêrro da Cidade.

[Assinatura com letra diferente]

Ao Segundo Assunto

SONETOS

Se dois Sóis sentem, Filis quando choras
esse Sol, por instantes recolhido,
não chores, pois em ambos sumido
te fica o mesmo Sol que tanto adoras:

Se dêsse Sol chorando, te namoras,
cada um dêsses teus fique ofendido;
pois se abate, na pompa de luzido;
por Sóis, que tu convertes em Auroras.

Mas se os Sóis de teus olhos são nascidos,
da essência dêsse Sol que vês banhando,
se os treslados nadar devem unidos:

E se estão já seus raios profundando,
fiquem teus Sóis em prantos repetidos;
e nêles ao seu Sol sigam nadando.

O Planêta que, ao grande firmamento,
dá luzes, que [acendem] do criado
as trevas, e põem tudo em puro agrado,
se influi no seu mesmo luzimento:

Prove o mar, com razão, o pensamento:
em que o Sol de seus raios namorado,
se vê como em espelho figurado
com luzes, com poder, e acatamento.

Filis que dois Sóis tem resplandecentes,
mares lhes faz com lágrimas de gôsto;
que aos Sóis espelhos são correspondentes:

È o seu pranto que julgam de desgôsto
os espelhos aumenta, nas correntes,
não nasce de ver, Filis, o Sol pôsto.

Se o Sol nesses teus sóis pôs luzimento,
comunicando a luz a seus treslados,
não foi para [lhes verem obrigados]
à pensão do eclipse e sentimento:

Assim Filis é injusto êsse tormento,
e fiquem não chorando aliviados
os teus sóis, para lares só criados,
ainda quando o Sol deixa o firmamento:

Mas chora que os teus sóis tão singulares,
e brilhas quando choras, vendo a ausência
do Sol que se recolhe nesses mares:

Pois se são os teus sóis, da sua essência,
as águas que derramas exemplares;
os recolhem por mares da influência.

Por Manuel Ferreira da Luz:

Vigário do Destêrro da Cidade.

Ao Segundo Assunto

ROMANCE

Um grande extremo, em Belisa,
neste jardim vejo agora,
em chorar, do Sol, a ausência;
buscando o fresco na sombra.

Êste enigmático modo:
bem claramente nos mostra,
que, de sombras, não quer nada
quem sente, quando as encontra.

E que é certo, que Belisa
buscou ao Sol nesta hora,
para arder com mais veemência
quando seus raios se afogam.

Porque os ardores, do peito,
dando chamas vigorosas,
tanto a seus raios excedem;
que em lágrimas desafogam.

Muito próprio no extremo,
que efeitos contrários obra,
como o fogo mais voraz;
que correntes de água solta.

E se busca no jardim
recreação, busque embora
que as demonstrações, não cedem
incentivos de mais fôrça.

Porque o peito que padece
por uma causa amorosa
pôsto não cubra finezas,
tem segrêdo, que lhe sobra.

As flôres buscou Belisa
com razão industriosa,
porque morrendo de amôres:
lhe repetissem coroas.

Pois no sossobro das águas,
se vê inflamar, tão penosa,
que não sei, se é a água fogo;
se é puro fogo, a água tôda.

Sei que a oficina do peito,
respirando-a melindrosa,
quando só lágrimas verte,
arde o peito, mais que Tróia.

Mais que o Sol, que com seus raios,
refrigerado nas ondas,
vem a acabar, como nasce
banhado na mesma Aurora.

Mas que o Sol, que antes das luzes,
tem prevenção tão sonora,
que músicas elevadas,
entre penas, lhe dão glórias.

Sendo, tão incomparável,
o Sol no tempo que goza,
que, em alívios, se recreia;
quando Belisa mais chora.

Que estas lágrimas de amor,
se têm causa que magoa,
destilam o coração,
quando, em ânsias, se renovam.

Assombro da mesma Fênix,
 que renascendo ditosa,
 feliz vive, sempre em penas;
 se de amor Belisa morta.

Manuel Ferreira da Luz

Vigário do Destêrro da Cidade.

[Assinatura com letra diferente]

A uma Senhora que saindo a um jardim a tomar
 o fresco, vendo que se lhe recolhia o Sol
 se pôs a chorar.

SILVA JOCO-SÉRIA

Ora graças a Apolo, e às Musas tôdas,
 Porque em têrmos que implicam
 Inda hoje se quer me comunicam
 O furor com que agora
 Ja me empenho a tratar desta Senhora,
 Para que antes que mais seu pranto cresça
 Dela me compadeça
 Se quer com diverti-la,
 Com perguntá-la, e ouvi-la
 Falar por vários modos,
 Sendo que não sei se ela fala a todos,
 Porque do Sol na ausência
 Tem tomado o chorar por penitência
 Feita a enchentes da pena
 Pelo Sol lacrimosa Madalena,
 Como que se lhe fôra já preciso
 Ver o Sol que no dia do juízo
 Chorará todo o mundo a infausto indício
 Revestido de saco, e de cilício;
 Ou porque tudo fale;
 Fôra a Eva do nosso triste vale
 Que exposta do mundo às inclemências
 Do Sol chora as ausências,
 E porque neste mar tormenta corre
 Chora o Sol quando nasce e quando morre.
 Por mostrar que é capaz com bom sentido
 De o chorar muito antes de nascido,
 Porque noites, e dias

Pelo Sol está feita um Jeremias,
E de sorte que estando o Sol já fora
Pelo Sol chora tanto que inda chora,
Para que do Sol faça desistência
Só depois de acabada a Conferência
Que desejo que pouco se demore
Por que o pranto suspenda, e mais não chore,
Pois tanto mais lhe lembram o Sol quanto
Em suspiros flutua, e afoga em pranto.

Ora menina, ao pranto fazei pausa,
E não choreis sem causa,
Pois novidade sei que não foi Flora
Nas ausências do Sol chorar a Aurora,
Para dar nessas pérolas melhores
De um jardim nôvo alento, e vida às flôres,
Enquanto unido a si sem embaraços,
O Sol não torna a ver pôsto em seus braços.

Mas chorai muito embora, minha bela,
Porque sou eu aquêle, e vós aquela
Que ambos fazemos gôsto
De chorar o motivo de um desgôsto;
Vós do Sol o retiro,
E eu pelo Sol suspiro,
Para que quando a vós vos favoreça,
De mim se não esqueça
Já que se que dos Astros na regência
Sem o favorecer por Excelência.

Bendigo eu que implica
O chorar pelo Sol, pois minha rica,
Se é que o Sol vos encalma,
E do Sol, ao jardim desceis com calma,
Já que o ar do calor vos não refresca,
Recolhendo-se o Sol ficáis mais fresca,
E se o calor intenso vos molesta,
Não sueis pelos olhos, pela testa
Suai Flora, pois sobra a todo um rio
Para lenço o traquete de um navio,
Que com virtude escassa
Se não fôr de cambrai, será de cassa.

Mas se o Sol com efeito se retira
Permite-me que o pletro encoste, e a Lira,
Pois não é de razão que aqui me afoite

A entrar pela Silva, e pela noite,
 Porque é uma intrincada, outra mui feia,
 E eu não sei fazer versos à candeia,
 Se quereis que outros faça desta laia
 Esperai pelo dia, e que o Sol saia,
 Pois da noite funesta em triste urna
 Soube só cantar bem a ave noturna,
 E eu por não cantar mal bem é que fuja
 De cantar pôsto o Sol, como coruja.

De Frei Avertano de Santa Maria.

Ao 2.º Assunto Lírico

DÉCIMA

Quem acode que se alaga
 o jardim rico de Flora
 pois tanto pelo Sol chora
 que entre lágrimas naufraga:
 Carranquinhas como praga
 faz ao Sol de infindas trombas,
 Ou lá, menina, tu zombas?
 Chama ao Sol para esgotá-lo
 já que tu para alagá-lo
 tens nos olhos duas bombas.

De Frei Avertano de Santa Maria.

Uma dama, que entrando em um jardim, se pôs
 a chorar, porque se punha o Sol.

SONETO

Num jardim, onde plantas mil florescem,
 Não deixa Nise a Flora, que se exalte,
 Mas água de seus olhos faz, que salte,
 Vendo que já do monte as sombras desce.
 Não dêem as esmeraldas, que umedecem,
 Ó Nise, vossos olhos branco esmalte,
 Pois que importa que um Sol ao prado falte,
 Se dois nos vossos olhos lhe amanhecem?

Mas se a pompa aos Abris um Sol descora,
Qual poriam dois Sóis a gala aos Maios
A não terem nas águas a melhora?

Chorais pois, porque alentem os desmaios
Vossos olhos com lágrimas de Aurora,
Quanto ao prado do Sol marchitam raios.

De André de Figueiredo Mascarenhas.

Ao segundo assunto

EPIGRAMMA

Femina quaedam hilaris recreari tendit in hortum;
Se tamen abscondit Phoebus, et illa gemit.
Iamque fugit Lunam Phoebus; quis uiderit
[umquam?
Prodigium rarum; raraque luna simul.
Desine iam lacrimas; se abscondit, ut ipsa [...] res;
Nam cum sole simul luna nitere nequit.
Cur radios condit Phoebus? cur femina luget?
Ista dolet miserans; horret et ille pudens.

De Luís Teixeira de Mendonça.

Andava uma Senhora em um jardim divertindo,
e vendo que o Sol se ausentava pôs-se a chorar.

DÉCIMAS

Saiu Filis cuidadosa
A um Jardim por [recatar-se]
De cristal vê borrifar-se
A bonina, o cravo, a rosa.
Então Filis amorosa
Vendo o Sol se retirava,
Que era a flor que mais buscava,
Lança a mão a uma corrente
Por borrifar docemente,
Ou prender quem se ausentava.

2

Busca, o Sol; mas quando olhou
Que já não viu quem buscava
Tôda aflita lamentava
A tristeza em que se achou.

Mas vendo que lhe deixou
 No peito um retrato ardente,
 Chora então raivosamente
 Para o retrato apagar
 De quem se atreve a ausentar
 De quem ama firmemente.

de Antônio de Oliveira.

[Assinatura com letra diferente]

Ao Assunto Lírico, em que se propôs uma Dama,
 que saindo a divertir-se, porque se punha
 o Sol, chorou.

CANÇÃO

Belisa, aquela Dama, que em primores,
 em capricho, feição, e bizzarria,
 gala, pico, donaire, e formosura,
 delícia era da Côrte, alma das flôres;
 reduzida hoje a tal hipocondria,
 que chega a frenesi, passa a loucura,
 alheia da [brandura]
 com que a todos tratava:
 sem alinhô, uma Dama, que inculcava,
 em grande quantidade,
 alinhos para tôda esta Cidade,
 nos motiva desmaio,
 por ver, que o bem do mal, foi sempre ensaio.

Deseja a triste Dama, em mal tão forte,
 pôr têrmo à mesma vida, que a lastima,
 que viver de um tormento continuado,
 é sofrer repetida a mesma morte;
 já não preza, o viver, em mais estima
 o morrer, não lhe dá nenhum cuidado;
 só se queixa do fado,
 pois permite severo,
 (diz coitada) que aquêlê ingrato, e fero
 de Lisardo (ah infame!)
 em seu deslustre, queira, estime, e ame
 quem tão mal lho merece,
 deixando a quem por êle só fenece.

Assim queixosa, parte, sem demora,
 a buscar no retiro o lenitivo:
 a tempo, que o Monarca luminoso,

o pranto, que verteu a bela Aurora,
enxugar pretendia compassivo,
desfazendo, com luzes, o horroroso
ornato pavoroso,
com que a noite sombria,
triste aparece, quando morre o dia.
No Campo se recosta,
tendo debaixo a mão da face posta,
e meia divertida,
já vai tornando em si de amortecida.

Menos inquieta, já mais sossegada,
contempla, como o Sol, dourando os montes,
nos mostra de seus raios a luz pura,
sendo dia, o que foi noite passada;
divisa de encarnado os horizontes,
matizada de aljôfar a verdura;
é tudo formosura,
e com tão nôvo alento,
tudo é festa, prazer, contentamento,
que a tristeza fenece,
e o luto, vindo o Sol, desaparece,
tendo em glória trocado,
o Céu, o monte, o Campo, o Vale, o prado.

Escuta, como alegre passarinho,
sacudindo as peninhas, vem cantando.
Aqui vê divertido o pegureiro
no rebanho que guarda. O cordeirinho,
ali dando mil voltas vem saltando,
e parece que voa, por ligeiro:
reconhece primeiro
no vistoso das [flôres]
grata estância de Flora, que em primores,
certo, que é mais formosa,
que os pensiles, que a Cípria Deusa goza;
e já do seu tormento,
pouco, a pouco, vai tendo esquecimento.

Mas, oh triste pensão da humana sorte!
quão pouco ao desgraçado dura a glória!
Sendo desta os extremos, sentimento,
iminente do prazer, o pesar forte:
Mal Belisa admitia na memória,
um quase nada de contentamento
entre o divertimento,
com que estava admirando

do mundo a variedade, se não quando,
de tropel, novamente,
dão sôbre ela os pesares de repente,
com grande covardia,
porque tão juntos vêm de companhia.

Foi o caso, que enquanto assim ocupava
divertida os sentidos; Febo ardente
em coche de cristal, tendo girado
os orbes do universo, se deitava
no regaço de Tétis, que no Poente
por leito se lhe tinha preparado.
E porque desmaiado,
e quase amortecido,
viu Belisa o Planêta mais luzido,
em lágrimas desfeita,
sente a tão fero golpe estar sujeita
a mesma Majestade,
por decreto fatal da [imensidade].

Não pode não conter o pranto amargo.
Mas que muito que chore a bela Aurora
na morte do Senhor da quarta esfera,
se quando torna em si do cruel letargo,
e renasce luzido outra vez chora,
pois com salva de lágrimas o espera.
E assim quem de antes era
se acha outra vez Belisa.
Oh! com quanta razão, agora frisa
o Conselho prudente,
que bem deve abraçar todo o vivente,
foge à glória do mundo,
que é caduca, e te leva ao mais profundo.

Canção não vás medrosa
por ver que não te igualas
às mais ricas canções, em ornato, e galas;
antes fantasiosa,
entra neste Congresso, ilustre, e nobre;
que como és parto de um talento pobre,
se mostrará mais grato,
vendo que vais despida de aparato.

Do Licenciado

Jorge da Silva Pires.

Ao Assunto Lírico, em que se trata de uma Dama
que saindo a divertir-se, se pôs a chorar, quando
viu que se metia o Sol.

DÉCIMAS

Nova por certo bem rara,
trago, Senhores, do trinque,
não sou menino, que brinque,
falo verdade mui clara:
assim Deus, me deparara,
no fim u'a boa morte
como ontem encontrei a sorte,
de ver bôca noite a Aurora,
com melindres de Senhora,
feita Dama de alto porte.

Fiz de longe meu reparo,
de estar em lugar tão êrmo,
uma beleza estafêrmo,
solitária, e sem amparo.
Assombro, e prodígio raro,
(lhe digo) Vênus divina,
que fazeis nesta campina?
mas já vejo, estais perdida,
pois creio por minha vida,
sois no País peregrina.

Se acaso entrar no povoado,
é todo o vosso desenho,
vinde, que eu não me detenho,
segundo venho cansado.
Segui-me, que à fé de honrado,
farei boa companhia,
que não sou mais para guia;
mas ela tôda tapada,
depois de me ouvir a nada,
do que disse se movia.

Reparo, então, mais curioso;
e vejo com grande espanto,
um Jeremias de manto,
um Heráclito choroso.
Fiquei todo pavoroso,
mui sentido, e magoado,
na verdade, e com cuidado
pretendo saber a causa,

de ver lágrimas sem pausa
num Serafim encarnado.

Não vê, me diz soluçando,
entre lamentos fatais,
triste gemidos, e ais,
de pena, quase expirando;
que o Planêta, a cujo mando,
Piroes, e Flegon flamante
roda o coche de diamante;
destituído dos raios,
padeceu mortais desmaios
de calor febricitante?

Pois por estar o Sol pôsto,
recolhido, e agasalhado,
quando, como me há contado,
já caminhava indisposto,
mostra tão grande desgosto?
tão copiosamente chora?
bem mostra que vem de fora
menina, que cá na Côrte,
se governa de outra sorte,
vem com a noite melhor hora.

As Damas cá da Cidade,
só de noite têm valia,
em casa, estão todo o dia,
mas Sol pôsto, em quantidade,
sai delas imensidade
por becos, travessas, cantos,
e não são os pobres tantos,
ao Sábado em casas pias,
quantas, de noite as harpias,
de quimões, chapéus, e mantos.

Não chore, pois, que isso é teima
chorar por causa tão leve;
e se outra causa não teve,
digo, que tem linda fleima.
Por pouco o seu sangue queima,
se maldiz, e se amofina;
que se hoje minha menina,
chora só porque anoitece,
amanhã porque amanhece,
será a Aurora matutina.

Do Licenciado
Jorge da Silva Pires.

Uma Dama chorando por ver ao Sol pôr-se no Ocaso.
Assunto lírico da presente conferência.

SONETO

Vendo Filis, buscar na undosa prata
Sepulcro o Sol aos Raios que afugenta,
Os Cristais do Jazigo lhe acrescenta
Nos Mares que dos olhos lhe desata.
Em doces prantos, em distância ingrata,
Acha no Sol o mesmo que lamenta
Quando a Fábio na luz lhe representa,
Quando a ausência em retiros lhe retrata.
Se na ausência cruel, no Amor constante,
Das Espécias que guarda, e do que sente
Acha Fílis objeto semelhante.
Chore, contemple, e veja fielmente
Na beleza do Sol cópias do Amante,
Nos retiros do Sol mágoas do Ausente.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita.

Uma Dama chorando por ver ao Sol pôr-se no Ocaso.
Assunto lírico da presente conferência.

SONETO

Ia o Sol, já do ardor que reverbera
A sepultar nas Ondas os fervores
Vendo em Filis com belos esplendores
Campearem dois Sóis em breve Esfera.
Quando Filis com prantos lhe pondera
Em paracismo horrível os fulgores,
Néle respeitos foram os horrores,
E nela a compaixão foi só Quimera.
Se o Sol, nos Sóis de Filis desfalece
Como lhe chora Filis os desmaios?
Quando os seus luzimentos desvanece,
Pois não fará de luz o Sol ensaios
Se Filis com os olhos o escurece,
Ou lhe apaga com lágrimas os Raios.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita.

Assunto segundo

Estando uma dama tomando o fresco em um jardim, vendo pôr-se o Sol, se pôs ela a chorar.

SONETO

Entre as flôres a flor da formosura,
Cloris digo, tomava o fresco brando,
E vendo ao claro Febo agonizando,
Ricas pérolas brota de ternura:

Mas se Cloris não chora a desventura,
Que a desdenhada Clície está chorando,
Como sente que o Sol vá retirando
A seus olhos a luz na sepultura?

Ó que a razão é clara nesta emprêsa,
Porque se a semelhança aqui concorre
De ser Cloris também Sol na beleza,

Compassiva, e discreta assim discorre:
Se o Sol paga pensões à natureza,
Chore um Sol quando vê, que outro Sol morre.

Do Acadêmico Inflamado

João Alv'res Soares.

Puellae, quae dum ambulat in horto inter flores
animum ut a curis leuaret, occidente sole in
lacrimas soluitur.

EPIGRAMMA

Tendis ad occiduas donec Sol igneus oras,
Cloris cur fundis fluminis instar aquas?
Dum latet, aurorae, Phoebus, lacrimantur ocelli;
Nescit enim uerus uiuere solus amor.
Solis amans cloris: merito dum conditur umbris
Ergo gemit cloris plorat et ipsa simul.

[*Emanuel Nunes de Sousa*]

Aliud eidem

EPIGRAMMA

Crescunt donec abest Phoebus, floresque uirescunt:

Cur ergo ploras, si rosa pulchra uires?

Ignis amor uerus quouis uiolentior, igne est

Si calor ergo fugit, nempe peribit amor.

Quo modo non lacrimas fundam dum conditur

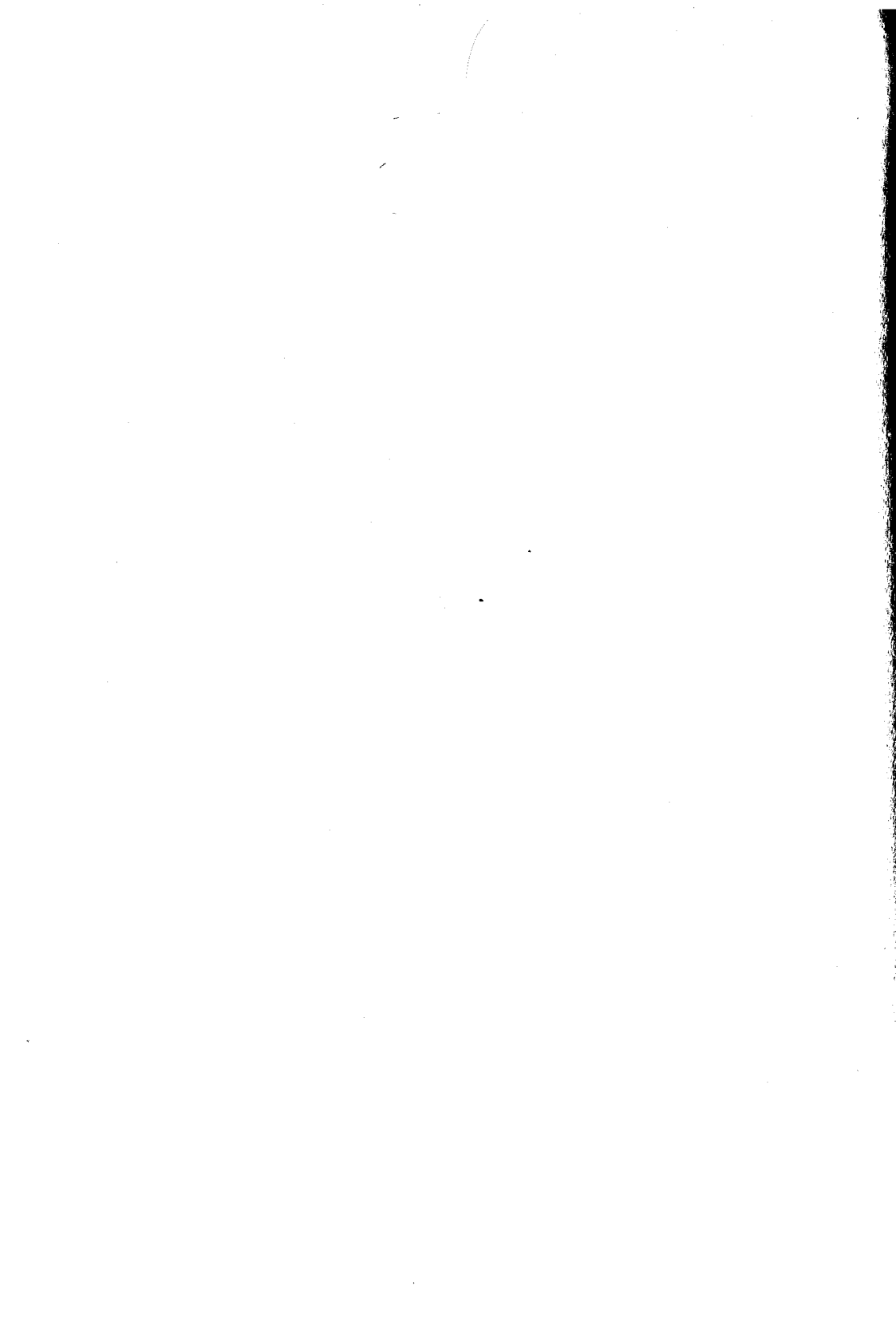
[umbris

Dum reliquae uiuant, si mihi funus adest.

Emanuel Nunes de Sousa.



ÍNDICE



ÍNDICE

Págs.

10.ª CONFERENCIA

[ASSUNTO] Conferência 10.ª de setembro de 1724. O Reverendo Doutor João Borges de Barros.	
— Oração que disse na Academia dos Esquecidos no dia dez de setembro de 1724 o Doutor João Borges de Barros, Cura confirmado da Sé da Bahia, e Chanceler da Relação Eclesiástica	7
[ASSUNTO] Ao Presidente. Em louvor do Presidente [...] O Reverendo Doutor João Borges de Barros [...]	21
— Ao muito Reverendo Senhor Desembargador João Borges de Barros. Décima, [José da Cunha Cardoso]	21
— Ao muito Reverendo Padre o Doutor João Borges de Barros, [...], Epigrama, Salvador Pizarro de Carvalho e Albuquerque	21
— Ao muito Reverendo Padre Doutor, e Desembargador Eclesiástico João Borges de Barros [...], Epigrama, Salvador Pizarro de Carvalho e Albuquerque	22
— Ao muito Reverendo Padre Doutor, e Desembargador Eclesiástico João Borges de Barros [...], Epigrama, Salvador Pizarro de Carvalho e Albuquerque	22
— Ao muito Reverendo Senhor Doutor o Padre João Borges de Barros [...], Epigrama, Salvador Pizarro de Carvalho e Albuquerque	23
— Reverendíssimo, ac ingeniosissimo Praesidi, Epigramma, João Borges de Barros	23
— Assunto. Em louvor do Muito Reverendo Presidente o Senhor Doutor João Borges de Barros [...], Soneto, Antônio Ribeiro da Costa	24
— Ao mesmo Presidente pelo mesmo autor, Soneto, [Antônio Ribeiro da Costa]	24
— Ao muito Reverendo Senhor João Borges de Barros [...], Soneto [Caetano de Brito Figueiredo]	25
— Reuerendo admodum Doctori Ioanni Borges de Barros, [...], Epigramma, Pater Stephanus Ribeiro Guimarães	26
— Ao muito Reverendo Doutor João Borges de Barros, [...], Soneto, Padre Estêvão Ribeiro Guimarães	26
— Ao Douto Presidente Reverendo Doutor Senhor João Borges de Barros, Soneto, Belisário de Lerma	27
— Ao Presidente, Soneto, João de Barbosa e Lima	27
— Em louvor do muito Reverendo Presidente o Doutor João Borges de Barros, Décima, Francisco Pires Longarito	28
— Ao muito Reverendo Senhor Doutor João Borges de Barros, [...], Décima, Manuel Ferreira da Luz	28
— Ao Reverendo Presidente o Doutor João Borges de Barros [...], Décimas, Frei Avertano de Santa Maria	29
— Ad Doctorem ac Dominum Reuerendissimum Patrem Ioannem	

	Págs.
Borges de Barros, [...] Epigramma, Luís Canelo de Noronha	30
— Sapientissimo Praesidi Academiae Domino Doctori Ioanni Borges de Barros, Epigramma, Antônio de Oliveira	31
— Ad Doctissimum Praesidem, Epigramma, Frei Davi dos Reis	31
— Reuerendissimo, et Sapientissimo Domino Ioanni Borges de Barros [...], Epigramma, Pater Iosephus Moreira Teles	31
[ASSUNTO] Conferência de 10 de setembro. Foi o primeiro assunto um problema: aonde teve mais glória Trajano, se na vitória que alcançou, cujo triunfo não chegou a lograr, por se lhe antecipar a morte, ou se na sua estátua, em que ostentou obséquios Adriano, a quem o Senado adjudicara o triunfo	32
— Ao primeiro Assunto, Soneto, [José da Cunha Cardoso]	32
— Ao assunto heróico, Soneto, Francisco Pinheiro Barreto	32
— Ao primeiro Assunto, Soneto, Manuel de Mesquita Cardoso	33
— Ao primeiro Assunto, Soneto, Jacinto Ferreira Feio de Faria	33
— Ao primeiro Assunto, Décima, Jacinto Ferreira Feio de Faria	34
— Ao primeiro Assunto, Soneto, [Caetano de Brito e Figueiredo]	34
— Assunto Heróico: onde mais glorioso Trajano, [...] Soneto, [Gonçalo Soares da Franca]	35
— Ao primeiro Assunto, Soneto, pela segunda parte, João de Barbosa e Lima	35
— Mostra-se que foi maior glória para Trajano alcançar a vitória [...], Soneto, [João de Brito e Lima]	36
— Mostra-se pelo contrário que a maior glória de Trajano na vitória que alcançou foi a estátua que lhe erigiu Adriano por seu triunfo, Soneto, João de Brito e Lima	37
— Ao primeiro Assunto, Soneto, Manuel Ferreira da Luz	37
— Mostra-se, que maior glória teve Trajano [...], Soneto, André de Figueiredo Mascarenhas	38
— Qual foi maior glória a Trajano vencer, e não lograr o triunfo porque morreu, ou triunfar depois de morto? Soneto, Antônio de Oliveira	38
— Qual foi maior glória para Trajano, [...] Silva jocosa, Anastácio Ayres de Penhafiel	39
— Alcançou Trajano uma vitória, [...] Soneto, Sebastião da Rocha Pita	41
— Traianus, ab hostibus obtenta uictoria, [...], Epigramma, [S.I.A.]	41
— Traianus, Romanorum Praeclarissimus Imperator, [...], Epigramma, [S.I.A.]	42
— Traianus, Romanorum Praestantissimus Imperator, [...], Epigramma, [S.I.A.]	42
— Ad Traianum, [...] Epigramma, [S.I.A.]	43
— Ad Traianum per obitum in effigie sua triumphantem, Elogium, [S.I.A.]	43
[ASSUNTO] Conferência décima de 10 de setembro. Foi o segundo Assunto uma senhora, que perdendo um grande bem, cuida muito em se esquecer do bem perdido	44
— A quem procurava esquecer-se de um grande sentimento, Romance, Severino de Adova e Avilhaneda	44
— Ao segundo Assunto, Soneto, Manuel de Mesquita Cardoso	46
— A uma senhora que perdendo um grande bem, buscava meios de se esquecer do bem perdido, Soneto, Antônio Ribeiro da Costa	47

	Págs.
— Ao Segundo Assunto, Soneto, Jacinto Ferreira Feio de Faria	47
— Ao Segundo Assunto, Soneto, [Caetano de Brito e Figueiredo]	48
— Assunto lírico: a uma Dama que perdendo um grande bem, se lembrava muito de se esquecer dêle, Soneto, [Gonçalo Soares da Franca]	48
— Ao Segundo Assunto, Décima, João de Barbosa e Lima	49
— A uma Senhora que perdendo um grande bem cuida muito em se esquecer do bem perdido, Silva joco-séria, João de Brito e Lima	49
— A uma Senhora que perdendo um grande bem cuida muito em se esquecer do bem perdido, Décimas, João de Brito e Lima	51
— Ao Segundo Assunto, Soneto, Manuel Ferreira da Luz	52
— A uma dama, que procurando esquecer-se de um bem, que perdera, o encomendava à memória, Epigramma, André de Figueiredo Mascarenhas	53
— Ad Assumptum Lyricum, Epigramma, Luís Canelo de Noronha	53
— A uma Senhora, que perdendo um bem cuidava em descuidá-lo, Décima, Antônio de Oliveira	54
— A uma Senhora que perdendo um grande bem trazia muito na memória esquecer-se do bem perdido, Silva Jocosá, Anastácio Ayres de Penhafeil	54
— A uma Senhora que na perda de um grande bem, trazia atualmente na lembrança o esquecer-se dêle, Soneto, Jorge da Silva [Pires]	57
— Perdendo uma Senhora um grande bem, [...], Soneto, Sebastião da Rocha Pita	57
— Ao 2.º, Soneto, De dois engenhos, ambos da mesma terra, e do mesmo nome, [S.I.A.]	58

CONFERENCIA 11.*

[ASSUNTO] Conferência 11 de 24 de setembro em que presidiu o Reverendo Cônego Inácio de Azevedo	
[ORAÇÃO:] Conferência 11 de 24 de setembro em que presidiu o Reverendo Cônego Inácio de Azevedo, Inácio de Azevedo	61
[ASSUNTO] Conferência 11 de 24 de setembro. Foi nela presidente o Reverendo Cônego Doutor Inácio de Azevedo, Desembargador que foi da Relação Eclesiástica e Vigário geral dêste arcebispado	67
— Laudatur sapientissimus Praeses et Canonicus doctoralis Dominus Ignatius de Azevedo hoc Epigrammate, [José da Cunha Cardoso]	67
— Ao Sapientíssimo Orador o Muito Reverendo Cônego Doutor Inácio de Azevedo, Décima, Francisco Xavier Caput	68
— Em louvor do Muito Reverendo Presidente o Senhor Doutor Inácio de Azevedo Cônego Doutor da Sé da Bahia, Soneto, [Antônio Ribeiro da Costa]	68
— Ao mesmo, Décima, Antônio Ribeiro da Costa	69
— Em louvor do mesmo Reverendo Presidente, Soneto, Clemente de Souza [Provavelmente Antônio Ribeiro da Costa]	69
— Reuerendo admōdum Doctori Ignatio de Azevedo, [...], Epigramma, Pater Stephanus Ribeiro Guimarães	70
— Reuerendissimo Sapientissimoque Domino Ignatio de Azevedo [...], Epigramma, Emanuel Nunes Leal	70
— Ao Reverendo Presidente, o Senhor Doutor Inácio de Azevedo,	

	Págs.
Cônego Doutral, Oitava, Belisário da Lerma	71
— Ao Muito Reverendo Senhor Doutor Inácio de Azevedo Presidente da Academia, Décima, Manuel Ferreira da Luz	71
— Sapientíssimo Doctori Ignatio de Azevedo, Epigramma, Antônio de Oliveira	71
— Ad Laudem Praesidentis, Epigramma, Carolus Teixeira Pinto	72
— Em Louvor do Eruditíssimo Presidente o Muito Reverendo Cônego Inácio de Azevedo, Décima, Jorge da Silva Pires	72
— Reuerendíssimo Doctori, Doctissimo Praesidi Ignatio de Azevedo [...] allegoriam uotum, Padre Ioseph Moreira Teles	73
— Elogium, [Padre Ioseph Moreira Teles]	73
— Ad eundem Epigramma, Padre Ioseph Moreira Teles	74
[ASSUNTO] Conferência 11 de 24 de setembro. Foi o primeiro assunto, o valor e zêlo, com que o Excelentíssimo Senhor Vice-Rei Vasco Fernandes César de Meneses acudiu pessoalmente a apagar o incêndio, que já estava ateado nas paredes, e teto da Casa e oficina da pólvora, em que se achavam mais de 400 barris dela	74
— Ao primeiro Assunto, Sonêto, [José da Cunha Cardoso]	74
— Ao primeiro Assunto, Romance heróico, [José da Cunha Cardoso]	75
— Em louvor da generosa ação que fêz o Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses, [...] Epílogo, Antônio de Freitas do Amaral	77
— Ao Assunto Heróico, Sonêto, Francisco Pinheiro Barreto	77
— Oitavas, Francisco Xavier Caput	78
— Ao primeiro Assunto, Sonêto, Manuel de Mesquita Cardoso	79
— Ao primeiro Assunto, Sonêto, Hierônimo Roiz de Crasto	80
[ASSUNTO] Ao fogo da Casa da oficina da Pólvora, e zêlo com que acudiu a êle o Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses, Vice-Rei, e Capitão General de Mar, e Terra do Estado do Brasil, Sonêto, Antônio Ribeiro da Costa	80
— Ao primeiro Assunto, Sonêto, Jacinto Ferreira Felo de Faria	81
— Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses [...] que desprezando a um grande, e evidente perigo, acudiu [...] a apagar o fogo que se havia ateado na Casa da pólvora [...], Assunto Primeiro, Sonêto, Caetano de Brito e Figueiredo	81
— Ao Fracasso, que prometia o fogo que se ateou na Casa da pólvora [...], Canção, [Gonçalo Soares da Franca]	82
— Ao primeiro. Elogio, Luis de Siqueira da Gama	84
— Ao primeiro Assunto, Sonêto, João de Barbosa e Lima	91
— Ao primeiro Assunto, Sonêto, [João de Brito e Lima]	91
— Sonêto, [João de Brito e Lima]	92
— Sonêto, João de Brito e Lima	92
— Ao primeiro Assunto, Sonêto, Manuel Ferreira da Luz	93
— Ao valor com que o Excelentíssimo Senhor Vice-Rei desprezou a vida [...], Sonêto, Frei Avertano de Santa Maria	93
— A prontidão, e presteza, com que o Excelentíssimo Senhor Vice-Rei, sem atender ao risco, acudiu em pessoa ao fogo, que na casa da pólvora se ateara, Sonêto, André de Figueiredo Mascarenhas	94
— A presteza com que o Excelentíssimo Senhor Vice-Rei acudiu ao fogo, [...], Sonêto, João de Figueiredo Mascarenhas	95
— Ao 1.º Assunto, Sonêto, Luis Canelo de Noronha	95
— Ao valor com que Sua Excelência foi acudir ao fogo [...],	

	Págs.
Sonêto, Antônio de Oliveira	96
— Ao primeiro Assunto, [...], Sonêto, Feliciano de Palmeye	96
— Ao valor com que o Excelentíssimo Senhor Vice-Rei [...], Silva, Anastácio Ayres de Penhafiel	97
— Pegando fogo na Casa em que se fabrica a pólvora, [...], Tercetos, Sebastião da Rocha Pita	98
— Ao Assunto Heróico da presente Academia, com u'a introdução joco-séria, Silva, Paulo da Silva Sarmento	101
— Ao Assunto Heróico, Sonêto, Joseph de Oliveira Serpa	103
— Excellentissimus Dominus Vascus Fernandes Caesar [...], Epi- gramma, [S.I.A.]	103
— Excellentissimus Dominus Vascus Fernandes Caesar [...], Epi- gramma, [S.I.A.]	104
— Excellentissimus Dominus Vascus Fernandes Caesar [...], Epi- gramma, [S.I.A.]	104
— Excellentissimus Dominus Vascus Fernandes Caesar [...], Epi- gramma, [S.I.A.]	105
— Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses [...] Encomiastichon, [S.I.A.]	105
[ASSUNTO] Foi o segundo assunto uma dama que chegando à janela a ver o seu amante, com os raios do Sol o não pôde ver	114
— Ao segundo assunto, Décimas, [José da Cunha Cardoso]	114
— Ao Segundo, Seguidilhas, Frei Avertano	115
— Ao assunto lírico, Silva, Irmão Boticário de São Bento	119
— Ao segundo. Romance jocoso. Francisco Xavier Caput	120
— Ao segundo assunto, Sonêto, Manuel de Mesquita Cardoso	123
— Assunto, A uma Dama que se pôs à janela para ver o seu amante, e o Sol lhe deu no rosto, que a cegou, e o não pôde ver, Sonêto, Antônio Ribeiro da Costa	123
— Ao Segundo Assunto, Sonêto, Jacinto Ferreira Feio de Faria	124
— Cíntia chegando à sua janela [para ver a Fábio] [...], Assunto segundo, Sonêto, [Caetano de Brito e Figueiredo]	124
— A uma Dama que chegando à janela [...], Sonêto, [Gonçalo Soares da Franca]	125
— Ao segundo Assunto, Silva joco-séria, Belisário da Lerma	126
— Ao segundo assunto, Sonêto, João de Barbosa e Lima	126
— Ao segundo, Silva joco-séria, João de Brito e Lima	127
— Ao segundo, Décimas, João de Brito e Lima	129
— Ao Segundo Assunto, Sonêto, Manuel Ferreira da Luz	131
— A Cíntia que saindo à janela [...], Décimas, Frei Avertano de Santa Maria	132
— A uma dama, que querendo ver a seu amante [...], Epigramma, André de Figueiredo Mascarenhas	133
— Chega Cíntia à janela [...], Décima, Antônio de Oliveira	133
— Décima, Feliciano de Palmeys	134
— A Cíntia que chegando à janela para ver a seu amante [...], Silva, Anastácio Ayres de Penhafiel	134
— A Cíntia que chegando à janela para ver seu amante [...], Décima, Anastácio Ayres de Penhafiel	136
— A uma Dama, que desejosa de ver o seu amante [...], Sonêto joco-sério, Jorge da Silva Pires	137
— Chegando uma Dama à janela para ver ao seu amante [...], Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	138
— Ao segundo assunto, Sonêto, Francisco Álvares Seixas	138

	Págs.
— Ao segundo assunto, Sonêto, Antônio de Araújo e Silva	139
— Segundo Assunto. A uma Dama que querendo ver a seu amante [...], Sonêto, Padre José Luís de Sousa	139

CONFERENCIA 12.^a

[ASSUNTO] Conferência 12 de 8 de outubro. I.M.I.	143
— Oração Acadêmica na Academia dos Esquecidos. Disse-a João Alvres Soares: sendo a primeira vez, que se achou nas Conferências. Na presença do Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses, Vice-Rei e Capitão General de Mar, e Terra do Estado do Brasil. Em 8 de outubro de 1724	143
— In laudem Sapientissimi Praesidis Domini Ioannis Alvares Soares, Distichon, [José da Cunha Cardoso]	152
— Em louvor do muito Reverendo Presidente o Senhor Doutor João Alvares S. da Franca, Sonêto, Antônio Ribeiro da Costa	152
— Em louvor do Reverendo Senhor Presidente, Sonêto, Hierônimo Roiz de Crasto	153
— Ao Reverendo Presidente o Senhor João Alvares Soares, Décima, [Gonçalo Soares da Franca]	153
— Ao mesmo Presidente, Sonêto, [Francisco Pires Longarito]	154
— Mote. Ser poeta, entre poetas, [Francisco Pires Longarito]	154
— Outra, Francisco Pires Longarito	155
— Ao muito Reverendo Doutor o Senhor João Alvares Soares, Décima, Manoel Ferreira da Luz	155
— Ao muito Reverendo Senhor João Alvares Soares, presidindo na presente Academia, Sonêto, Anônimo. [João de Figueiredo Mascarenhas]	155
— Ao Muito Reverendo Padre João Alvares Soares, Meritíssimo Presidente desta Academia, Sonêto, Luís Canelo de Noronha	156
— Em louvor do Reverendíssimo Presidente o Doutor João Alvares Soares, Sonêto, Jorge da Silva Pires	157
— Em louvor do Reverendíssimo Presidente o Doutor João Alvares Soares, Décima, Jorge da Silva Pires	157
— Ao muito Reverendo Padre o Senhor Acadêmico João Alvares Soares, [...], Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	158
— Ao Presidente, Sonêto, Ioseph de Oliveira Serpa	158
— In Reuerendissimi Praesidis encomium, Epigramma, Padre Ioseph Luis de Sousa	159
[ASSUNTO] Conferência de 8 de outubro. Foi o primeiro assunto: quem cala vence	159
— Ad primum argumentum. Epigramma, [José da Cunha Cardoso]	159
— Ao primeiro assunto, Silva, Hierônimo Soares de Alcovia	159
— Ao primeiro Assunto, Sonêto, Manoel de Mesquita Cardoso	162
— Assunto. Quem cala vence, [Antônio Ribeiro da Costa]	163
— Ao primeiro Assunto, Sonêto, Jacinto Ferreira Feio de Faria	164
— Assunto primeiro. Quem cala vence, Sonêto, [Caetano de Brito e Figueiredo]	165
— Quem cala vence, Sonêto, [Gonçalo Soares da Franca]	165
— Ao primeiro assunto, Quem cala vence, Silva joco-séria, Belisário da Lerma	166
— Quem cala vence. Assunto Acadêmico, Sonêto, [João de Brito e Lima]	167
— Ao mesmo assunto, Sonêto, João de Brito e Lima	168

	Págu.
— Ao primeiro Assunto, Sonêto, Manoel Ferreira da Luz	168
— Ao Heróico Assunto [...] Silva joco-séria, Francisco Pires Longarito	169
— Ao primeiro assunto, Silva, João da Rocha Maciel	172
— Quem cala vence, Sonêto jocoso, Frei Avertano de Santa Maria	174
— Ao primeiro assunto, Décimas, Frei Avertano de Santa Maria	174
— Quem cala vence, Distichon, André de Figueiredo Mascarenhas	175
— Ao primeiro assunto, Quem cala vence, Sonêto, Luís Canelo de Noronha	175
— Quem cala vence, Sonêto, Antônio de Oliveira	176
— Quem cala vence, Sonêto jocoso, Anastácio Ayres de Penhafeil	176
— Quem cala vence. Assunto heróico da presente conferência, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	177
— Ao primeiro assunto, Silva, Bento Salgado	177
— Ad unum argumentum, Victoria in silentio, Epigramma, João Alv'res Soares	180
— Ad unum argumentum, Elogium, [S.I.A.]	180
— Vincit, qui tacet: nobile est praesentis Academiae argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	181
— Vincit, qui tacet, nobile est praesentis Academiae argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	181
— Vincit, qui tacet, nobile est hodiernae Academiae argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	182
— Vincit, qui tacet, Nobile est praesentis Academiae argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	182
— Ao primeiro, Sonêto, [S.I.A.]	182
[2.º ASSUNTO] Conferência 12 de 8 de outubro. Foi o segundo assunto. Dizem que amor com amor se paga; e o mais certo é que amor com amor se apaga	
— Ad secundum argumentum, Epigramma, [José da Cunha Cardoso]	183
— Em louvor do Senhor Frei Avertano de Santa Maria [...], Décimas, Irmão Andador da Venerável ordem 3.ª do Carmo	183
— Ao assunto lírico, Silva, Irmão [...] Boticário de São Bento	185
— Amor com amor se paga/ [é o] assunto; hoje assento/ tratar da paga de Adônias/ nas inclinações de Vênus,/ Francisco Xavier Caput	187
— Ao segundo Assunto, Décima, Manoel de Mesquita Cardoso	189
— Amor com amor se paga, ou apaga, Décima, Antônio Ribeiro da Costa	189
— Ao Segundo Assunto, Décimas, Jacinto Ferreira Feio de Faria	190
— Um amor com outro se paga mas melhor se apaga, Sonêto, [Gonçalo Soares da Franca]	190
— Amor com amor se paga ou foi melhor dizer-se amor com amor se apaga, assunto lírico acadêmico, Décimas, João de Brito e Lima	191
— Ao segundo assunto, Romance, Manoel Ferreira da Luz	192
— Ao segundo assunto, Sonêto, Frei Avertano de Santa Maria	194
— Amor com amor se paga, mas o certo é que amor com amor se apaga, Silva jocosa, Frei Avertano de Santa Maria	194
— Amor com amor se apaga, Sonêto, André de Figueiredo Masca-	

	Págs.
renhas	198
— Em despique do Muito Reverendo Frei Advertano de Santa Maria contra o Senhor boticário do São Bento conforme o 2.º Assunto; que é Amor com Amor se paga, Silva joco-séria, João Gomes Mênico	199
— Ad 2um assumptum, Epigramma, Luís Canelo de Noronha.	202
— Ao segundo assunto, Um Amor com outro se paga, ou se apaga, Sonêto, Luís Canelo de Noronha	202
— Amor com amor se paga, e o mais certo é, que amor com amor se apaga, Décimas, Antônio de Oliveira	203
— Amor com Amor se paga, e Amor com Amor se apaga. Assunto lírico da presente conferência, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	203
— Amor com amor se paga, e Amor com Amor se apaga, Assunto lírico da presente conferência, Romance, Sebastião da Rocha Pita	204
— Ao Segundo Assunto, Silva joco-séria, Bento Salgado	205
— Ao segundo assunto: Um amor com outro se paga, [João Teixeira]	207
— Outra, João Teixeira	207
— Ao segundo assunto: Um amor co'outro se paga, Décima João Teixeira	208
— Ao segundo assunto: Um amor com outro se apaga, Sonêto, Padre Luís Teixeira	208
— Sendo o assunto amor com amor se paga e com amor se apaga, Silva, Antônio Viegas	209
— Ad 2um argumentum, Epigramma, [S. I. A.]	213

CONFERENCIA 13.ª

[ORAÇÃO] Oração Acadêmica, que a 22 de outubro de 1724 em dia dos anos de Sua Majestade, que Deus guarde, na Sala Real do Palácio, governando este Estado do Brasil o Excelentíssimo Senhor Vice-Rei Vasco Fernandes César de Meneses, disse o Doutor João Calmon, Chantre da Sé da Bahia, Protonotário Apostólico de Sua Santidade, Desembargador da Relação Eclesiástica, Juiz dos Casamentos, comissário do Santo Officio, e da Bula da Santa Cruzada	217
— Praestantissimus praeses nostrae Academiae Dominus Doctor Ioannes Calmon in Bahiensi chori sede Praefectus laudatur hoc Epigrammate, [José da Cunha Cardoso]	232
— Reverendíssimo Senhor Presidente, Décima, Francisco Pinheiro Barreto	232
— Ao muito Reverendo Chantre o Senhor João Calmon Presidente da presente Academia, Décima heróica, Pero Botelho Caldeira	233
— Reuerendo admodum Bahiensis Sedis Chori Praefecto Doctori Ioanni Calmon, [...], Epigramma, Iosephus Pereira de Carvalho	233
— Ao Reverendíssimo Senhor Doutor Presidente, Redondilhas, Jacinto Ferreira Feio de Faria	234
— Ao Muito Reverendo Doutor o Senhor João Calmon de Almeida, [...], Sonêto, [Caetano de Brito e Figueiredo]	235
— Reuerendíssimo Sapientissimoque Domini Ioanni Calmon [...], Epigramma, Emanuel Nunes Leal	235
— Ao muito Reverendo Chantre o Senhor João Calmon [...], ([Epigramma], Luís Teixeira de Mendonça	236
— Admodum Reuerendo [...] Ioannem Calmon, Epigramma, Io-	

	Págs.
sephus Ayres Nonfortius	236
— Ad Reuerendum admodum Dominum Ioannem Calmon, [...], Epigramma, Luis Canelo de Noronha	236
— Sapientissimo Domino Doctori Ioanni Calmon [...], Epigramma, Antonius de Oliveira	237
— Em louvor do Reverendíssimo Presidente o Doutor João Calmon, Décima, Jorge da Silva Pires	237
— Ao muito Reverendo Chantre o Senhor João Calmon [...], Sonétó, Sebastião da Rocha Pita	238
— Ao muito Reverendo Senhor Doutor o Padre João Calmon, [...], Epigramma, Acenso da Rocha	238
— Outro joco-sério, [Acenso da Rocha]	239
— Em louvor do Senhor Presidente o Reverendíssimo Chantre e Doutor João Calmon de Almeida, Sonétó, João Al'vres Soares	239
— Admodum Reuerendo Patri Doctori Ioanni Calmon [...], Epigramma, Constantino da Rocha e Sousa	240
— In Praesidis Laudem, Epigramma Encomiasticon, Ioseph Moreira Teles	240
— Ao Muito Reverendo Chantre o Senhor João Calmon presidindo nesta Conferência de 22 de outubro, Décima, Anônimo	241
— Reverendíssimo Presidente, [Sonétó], Idiota do Carmelo	241
— Em louvor do Reverendo Chantre Presidente o Doutor João Calmon, Sonétó, [S.I.A.]	242
[1.º ASSUNTO] Conferência de 22 de outubro. Foi o primeiro assunto celebrar os anos de Sua Majestade que Deus guarde	242
— Ao primeiro assunto. Sonétó, [José da Cunha Cardoso]	242
— Ao assunto heróico, Sonétó, Francisco Pinheiro Barreto	243
— [Sonétó], Francisco Xavier Caput	243
— Ao primeiro Assunto, Sonétó, Manoel de Mesquita Cardoso	244
— Ad Regium Assumptum, Encomiastice, Emmanuelis Ferreira de Carvalho	244
— Augustissimi Regis Ioannis V Natalitio 22 octobris, Epigramma, [Antônio Ribeiro da Costa]	248
— Assunto. Ao dia de 22 de outubro em que nasceu o nosso Sereníssimo Rei, e Senhor, Dom João V, Sonétó, Antônio Ribeiro da Costa	248
— Ao primeiro assunto, Romance, Yerônimo Roiz de Crasto	249
— Ao primeiro assunto, Sonétó, Jacinto Ferreira Feio de Faria	250
— A El-Rei Nosso Senhor no fausto, alegre dia dos seus anos, Sonétó, Manoel Caetano de Brito e Figueiredo	251
— Aos anos de El-Rei Nosso Senhor, que hoje festeja a Bahia, Sonétó, [Gonçalo Soares da Franca]	251
— Ao primeiro, Sonétó, [Luis de Siqueira da Gama]	252
— Sonétó, João de Brito e Lima	253
— Aos anos de El-Rei Nosso Senhor, Sonétó, Frei Avertano de Santa Maria	253
— Aos felizes, e faustos anos de El-Rei Nosso Senhor, Sonétó, André de Figueiredo Mascarenhas	254
— Ad augustissimum Annuersarium Serenissimi Regis nostri Ioannis V, Epigramma, Luis Canelo de Noronha	254
— Ao Muito alto, e Poderoso Senhor Rei de Portugal Dom João o Quinto. No dia em que fêz os seus anos, Sonétó, Antônio de Oliveira	255
— Serenissimo, ac Potentissimo Lusitaniae Regi Ioanni [...], Epi-	

	Págs.
gramma, Ioseph de Passos	255
— Ao mesmo argumento, Sonêto, [Ioseph de Passos]	256
— Fazendo anos Sua Majestade, que Deus guarde [...], Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	256
— Fazendo anos Sua Majestade, que Deus guarde, [...], Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	257
— Primeiro Assunto, Celebra os anos do Nosso Augustíssimo Monarca o Senhor Rei Dom João o V, Canção, João Alv'es Soares	257
— In laudem serenissimi Rex Ioan V e Sophia matre Nati, Elogium [S.I.A.]	259
— Serenissimo Augustissimoque Regi Ioanni V [...], Epigramma, [S.I.A.]	261
— Serenissimo Augustissimoque Regi Ioanni V [...], Epigramma, [S.I.A.]	261
— Felicissimo, Augustissimi Lusitaniae Regis [...], Elogium, [S.I.A.]	262
— Ad Serenissimum Dominum Ioanem Quintum [...], Epigramma, [S.I.A.]	263
— Natalem diem sortitur Serenissimus Lusitaniae Rex, Dominus Ioannes Quintus, [...] Elogium, [S.I.A.]	263
— Ad Serenissimum Lusitaniae Regem Dominum Ioannem Quintum, [...], Epigramma, [S.I.A.]	264
— Qua die nascitur Serenissimus Lusitaniae Rex, Dominus Ioannes Quintus, [...], Epigrama, [S.I.A.]	265
— Em louvor dos anos da suprema Majestade do nosso soberano [...], Sonêto, [S.I.A.]	265
[2.º ASSUNTO] Conferência de 22 de outubro. Foi o segundo assunto uma açucena	266
— Ao segundo assunto, Redondilhas, [José da Cunha Cardoso] ...	266
— Ao assunto lírico, Romance, Francisco Pinheiro Barreto	268
— Ao segundo Assunto, Sonêto, Pero Botelho Caldeira	270
— [Oitava], Francisco Xavier Caput	270
— Ao segundo Assunto, Décima, Manuel de Mesquita Cardoso ...	271
— Descrever uma Açucena, Sonêto, Antônio Ribeiro da Costa ...	271
— Décima, André Cravalho	272
— Ao Segundo Assunto, Décimas, Jacinto Ferreira Feio de Faria	272
— Ao Segundo Assunto, Sonêto, Caetano de Brito e Figueiredo ..	273
— Ao Segundo, Sonêto, [Luís de Siqueira da Gama]	273
— Décimas, João de Brito e Lima	274
— Na descrição de uma Açucena, Silva joco-séria, Frei Avertano de Santa Maria	275
— Descrição da Açucena, Pelos dez Predicamentos, Romance, André de Figueiredo Mascarenhas	277
— Descreve-se a Açucena, Décimas, Antônio de Oliveira	279
— Na descrição de uma açucena, Silva, Anastácio Ayres de Penhafiel	280
— Ao Segundo Assunto, em que se manda descrever uma Açucena, Sonêto, Jorge da Silva Pires	282
— A uma Açucena. Assunto lírico da presente conferência, Décimas, Sebastião da Rocha Pita	283
— Descrição de uma Açucena. Assunto lírico da presente conferência, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	284
— Ao segundo assunto, Sonêto, Jaques Draques Baques	285

CONFERENCIA 14.^a

[ORAÇÃO] Em 12 de novembro de 1724 conf. ^a 14. Discurso Acadêmico Recitado na Academia Brasílica pelo Doutor Frei Ruperto de Jesus e Sousa. Monje de São Bento	289
[ASSUNTO] Conferência 14. ^a em 5 de novembro aliás em 12. Foi nela Presidente o Reverendo Padre Doutor Frei Ruperto de Jesus Monje Beneditino, e lente atual de Teologia	304
— Ut laudetur admodum Reuerendus et Sapientissimus Doctor [...] Rupertus e Jesu, [...], Epigrammati, [José da Cunha Cardoso]	304
— Conferência 14. ^a . Em louvor do Muito Reverendo Presidente o Senhor Doutor Frei Ruperto de Jesus, Religioso Monje do Patriarca São Bento, Sonêto exdrúxulo, Antônio Ribeiro da Costa	305
— Reuerendo [...] Ruperto de IESV, Distichon, [Alberto Ferreira]	305
— Ao mesmo, Sonêto, [Alberto Ferreira]	306
— Ao mesmo outro, Sonêto, Alberto Ferreira Franca	306
— Feito ao Muito Reverendo Padre Mestre e Doutor Ruperto de Jesus, sonêto, [...], Alberto Ferreira	307
— Ao Muito Reverendo Padre Mestre o Doutor Frei Ruperto de Jesus digníssimo Presidente da Academia, Décimas, Frei Plácido de Santa Gertrudes	307
— Ao muito Científico Presidente o Reverendo Doutor Frei Ruperto de Jesus, Sonêto, João de Brito e Lima	309
— Em louvor do Muito Erudito Presidente o Senhor Reverendo Doutor Frei Ruperto de Jesus etc., Décimas, João de Brito e Lima	309
— Ao Muito Reverendo Doutor Presidente Frei Ruperto Monje do Patriarca São Bento, Décima, Frei Avertano de Santa Maria	311
— Ad Reuerendum admodum [...] Fratrem Rupertum de IESU [...], Epigrama, Luís Canelo de Noronha	312
— Em louvor do Reverendíssimo e Religiosíssimo Presidente o Doutor Frei Ruperto de IESUS [...], Sonêto, Jorge da Silva Pires	312
— In Laudem Reuerendi [...] Patris Fratris Rupertí de IESU [...], Poema, Pascoal dos Santos	313
— In laudem eiusdem, Epigrama, Pascoal dos Santos	314
— In laudem eiusdem Sapientissimi Doctoris, Epigramma, Pascoal dos Santos	314
— In laudem Reuerendi admodum Patris Fratris Rupertí de IESU, [...], Epigrama, Pascoal dos Santos	315
— In laudem Reuerendi admodum Patri Mestri, [...], Fratri Rupertí de IESU [...], Epigramma, Pascoal dos Santos	315
— Admodum Reuerendo Patri [...] Fratri Ruperto de IESU, [...], Epigramma, Pascoal dos Santos	315
— In laudem Sapientissimi Doctoris Domini Fratris Rupertí, Epigramma, João Alv'es Soares	316
— Religiosíssimo, ac Ingeniosíssimo Fratre Roberto [...], Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa]	316
— Aliud in eundem, Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa	316
— In Praesidis laudem, Epigramma, Pater Ioseph Moreira Teles	317
[1. ^o ASSUNTO] Conferência 14. ^a de 5 de novembro aliás em 12. Foi o primeiro assunto o Estado do Brasil contendendo com o da Índia sobre qual deve mais ao governo do Excelentíssimo Senhor Vice-Rei Vasco Fernandes César de Meneses: se Goa ou se a Bahia	317
— Ao 1. ^o assunto, Sonêto, [José da Cunha Cardoso]	317
— Ao assunto heróico, Sonêto, Francisco Pinheiro Barreto	318

	Págs.
— [Décima], Francisco Xaxier Caput	318
— Ao primeiro Assunto, Sonêto, Manuel de Mesquita Cardoso	319
— Conferência 14. ^a . Assunto. Quem deve mais ao Excelentíssimo Senhor Vice-Rei Vasco Fernandes César de Menezes, a Índia ou a Bahia? Sonêto, Antônio Ribeiro da Costa	319
— Conferência 14. ^a . Ao mesmo assunto, Sonêto, Antônio Ribeiro da Costa	320
— Ao 1. ^o assunto, Romance, Yerônimo Roiz de Crastro	320
— Ao primeiro Assunto, Sonêto, Jacinto Ferreira Feio de Faria	324
— Assunto primeiro. Por haver sido Vice-Rei da Índia o Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Menezes [...], Canção Real Panegírica, Caetano de Brito e Figueiredo	325
— Assunto primeiro. Qual mais deve ao Excelentíssimo Senhor Vice-Rei Goa, ou a Bahia, Sonêto, [Gonçalo Soares de França]	327
— Ao assunto heróico, Sonêto, [Gonçalo Soares da França]	328
— Ao assunto heróico, Romance, [Gonçalo Soares da França]	328
— Ao 1. ^o , Sonêto, Luís de Siqueira da Gama	331
— Ao 1. ^o Prosopopéia da Bahia, e Goa, Luís de Siqueira da Gama,	332
— A Bahia em competência com a Índia qual delas é mais obrigada ao Excelentíssimo Senhor Vice-Rei, Sonêto, [João de Brito e Lima].	334
— Pelos mesmos consoantes ao mesmo assunto, Sonêto, [João de Brito e Lima].	335
— Ao mesmo Assunto, Sonêto, [João de Brito e Lima].	335
— Ao mesmo Assunto, Sonêto, João de Brito e Lima.	336
— Julgando igual a obrigação que deve a Índia, e a Bahia ao Excelentíssimo Senhor Vice-Rei, Sonêto, [João de Brito e Lima].	336
— Ao primeiro assunto, Sonêto, Manuel Ferreira da Luz.	337
— Ao Excelentíssimo Senhor Vice-Rei. Sôbre o primeiro assunto, Sonêto, Frei Manuel de Santa Maria	337
— Ao Excelentíssimo Senhor Vice-Rei. Sôbre o primeiro assunto, Sonêto, Frei Manuel de Santa Maria.	338
— Qual deve mais a Sua Excelência se a Índia, ou a Bahia? Sonêto, André de Figueiredo Mascarenhas.	338
— Ao primeiro assunto. Quem mais deve ao Excelentíssimo Senhor Vice-Rei a Índia ou a Bahia, Sonêto, Luís Canelo de Noronha.	339
— Qual vive mais obrigada ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Menezes a Índia ou a Bahia, Sonêto, Antônio de Oliveira.	340
— Aos dois Estados, do Brasil, e da Índia sôbre qual deve mais ao Excelentíssimo Senhor Vice-Rei Vasco Fernandes César de Menezes, Sonêto, Anastácio Ayres de Penhafeil.	340
— Ao assunto heróico, em que se trata, quem em mais obrigação esteja ao Excelentíssimo Senhor Vice-Rei Vasco Fernandes César de Menezes se a Índia ou a Bahia, Sonêto, Jorge da Silva Pires	341
— Ao mesmo assunto, e pelos mesmos Consoantes, Sonêto, Jorge da Silva Pires.	341
— Comparando a Índia com o Brasil no Govêrno do Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Menezes. Assunto heróico da presente Conferência, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	342
— Ao mesmo Assunto heróico, mostrando vantagens na América pela posse, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	343
— Mostra-se natural, clara e fâcilmente, que a Bahia, ou o Brasil está mais obrigado, Sonêto, João Alv'es Soares	343

— Qualis debeat magis Excelentissimo Caesari India, cui praefuit, an Bahía, quae modo eum in deliciis habet Proregem? Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa]	344
— Aliud eidem, Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa	344
— Questão, em que se propõe, quem deva mais ao Ilustríssimo, e Augustíssimo César, e Senhor Vasco Fernandes Vice-Rei emeritíssimo da Bahía, se a Índia ou a Bahía, Décima, Emanuel Nunes de Sousa	345
— Bahiensem Metropolem plus Caesari debere, quam Indiam concluditur, cum in illa arces condideret, Epigramma, [S. I. A.]	345
— Contendunt Bahía, Indiaque; et quae nam plus Caesari debeat, inquirunt, Epigramma, [S. I. A.]	345
— Plus Caesari Bahiensem Metropolim, [quam] Indiam cum in illa maximum sub Caesare sit Literarum incrementum debere concluditur, Epigramma, [S. I. A.]	346
— Concluditur plus Caesari Bahiensem debere Metropolim, quam Indiam, cum in illa maximum sit, regnante Caesare, literarum incrementum, Epigramma, [S. I. A.]	346
— Plus Caesari Bahiam debere fatemur, quam Indiam, cum ab illa famen Caesar expulerit, Elogium, [S. I. A.]	347
[2.º ASSUNTO] Conferência 14.ª de 5 de novembro aliás em 12. Foi o segundo assunto uma dama que tomando o fresco em um jardim quando viu pôr o Sol começou a chorar	348
— Ao 2.º assunto, Idílio, [José da Cunha Cardoso]	348
— Delia Ad funestram sub occasum solis lacrimatur, Epigramma, Carlos de Azevedo.	349
— Ao mesmo intento, Soneto, [Carlos de Azevedo]	350
— Ao assunto lírico, Soneto, Francisco Pinheiro Barreto	350
— [Romance], Francisco Xavier Caput	351
— Ao Segundo Assunto, Romance, Manuel de Mesquita Cardoso	353
— Décima, André Carvalho	354
— Conferência 14.ª. Assunto. Uma Senhora, que estando em um Jardim ao fresco, vendo pôr-se o Sol, se pôs a chorar, Soneto Antônio Ribeiro da Costa	355
— Ao 2.º Assunto, Décimas, Yerônimo Roiz de Crasto	355
— Ao Segundo Assunto, Romance, Jacinto Ferreira Feio de Faria	356
— Uma Dama, que estando em um Jardim, porque se pôs o Sol, se pôs a chorar, Soneto, [Gonçalo Soares da Franca]	358
— Ao assunto lírico, Décimas, [Gonçalo Soares da Franca]	359
— Ao 2.º, Soneto, [Luís de Siqueira da Gama]	360
— Ao Segundo [assunto], Romance, [Luís de Siqueira da Gama]	360
— Uma Dama que tomando o fresco em um jardim vendo recolher-se o Sol, chorou, Oitavas, João de Brito e Lima	363
— Uma Dama que tomando o fresco em um jardim vendo pôr-se o Sol chorou, Romance, João de Brito e Lima	368
— Ao Segundo Assunto, Soneto, Manuel Ferreira da Luz	370
— Ao Segundo assunto, Sonetos, Manuel Ferreira da Luz	371
— Ao Segundo assunto, Romance, Manuel Ferreira da Luz	372
— A uma Senhora que saindo a um jardim a tomar o fresco, vendo que se lhe recolhia o Sol se pôs a chorar, Silva joco-séria, Frei Avertano de Santa Maria	374
— Ao 2.º Assunto Lírico, Décima, Frei Avertano de Santa Maria	376
— Uma dama, que entrando em um jardim, se pôs a chorar, porque se punha o Sol, Soneto, André de Figueiredo Mascarenhas	376
— Ao segundo assunto, Epigramma, Luís Teixeira de Mendonça	377
— Andava uma Senhora em um jardim divertindo, e vendo que o Sol se ausentava pôs-se a chorar, Décimas, Antônio de Oliveira	377

— Ao Assunto Lírico, em que se propôs uma Dama, que saindo a divertir-se, porque se punha o Sol, chorou, Canção, Jorge da Silva Pires.	378
— Ao Assunto Lírico, em que se trata de uma Dama que saindo a divertir-se, se pôs a chorar, quando viu que se metia o Sol, Décimas, Jorge da Silva Pires	381
— Uma Dama chorando por ver ao Sol pôr-se no Ocaso. Assunto lírico da presente conferência, Soneto, Sebastião da Rocha Pita	383
— Uma Dama chorando por ver ao Sol pôr-se no Ocaso. Assunto lírico da presente conferência, Soneto, Sebastião da Rocha Pita	383
— Estando uma dama tomando o fresco em um jardim, vendo pôr-se o Sol, se pôs ela a chorar, Soneto, João Alv'es Soares	384
— Puellae, quae dum ambulat in horto inter flores animum ut a curis leuaret, occidente sole in lacrimas soluitur, Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa]	384
— Aliud eidem, Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa	385

GOVÉRNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

*Terminou-se a impressão dêste livro
aos 30 de novembro de 1970, na Imprensa
Oficial do Estado, para a Comissão Esta-
dual de Literatura, do Conselho Estadual
de Cultura, da Secretaria de Cultura,
Esportes e Turismo.*







GOVÉRNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

IMPrensa OFICIAL DO ESTADO

SÃO PAULO — BRASIL

1970